BENEDITO INÁCIO RIBEIRO JUNIOR

PARA ALÉM DA HETERONORMATIVIDADE:
uma análise dos eunucos representados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d. C.)

Assis
2016

BENEDITO INÁCIO RIBEIRO JÚNIOR

PARA ALÉM DA HETERONORMATIVIDADE: uma análise dos eunucos representados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d.C.)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – UNESP para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Data da Aprovação: 24/03/2016

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente: PROFA. DRA. ANDREA LÚCIA DORINI DE OLIVEIRA CARVALHO ROSSI - UNESP/Assis

Membros: PROFA. DRA. LOURDES MADALENA GAZARINI CONDE FEITOSA - USC/Bauru

PROF. DR. NELSON DE PAIVA BONDIOLI - UFES/Vitória

BENEDITO INÁCIO RIBEIRO JUNIOR

PARA ALÉM DA HETERONORMATIVIDADE:
uma análise dos eunucos representados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d. C.)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP – Universidade Estadual Paulista - para a obtenção do título de Mestre em História. (Área do conhecimento: História e Sociedade).

Orientadora: Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi.

Assis
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

R484p

Ribeiro Junior, Benedito Inácio
Para além da heteronormatividade: uma análise dos eunucos representados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d. C.) / Benedito Inácio Ribeiro Junior. Assis, 2016.
189 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientadora: Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira C. Rossi

1.Eunucos. 2. Teoria *queer*. 3. Análise do discurso. 4. Literatura latina. 5. Roma - História - Império, 30 A.C.-476 D.C. I. Título.

CDD 937.06

Dedico esta dissertação à minha mãe Irene,
inspiração não só para este trabalho, mas para a minha
vida, minhas lutas e meus sonhos.

"Eu sou um homem tão sozinho
mas brilhas no que sou
e o meu caminho e o seu caminho
é um nem vais nem vou.
Meninos, ondas, becos, mãe
e só porque não estás
és para mim e nada mais
na boca das manhãs.
Sou triste, quase um bicho triste
e brilhas mesmo assim
eu canto, grito, corro, rio
e nunca chego a ti."

Mãe, Caetano Veloso.

"Eu sei que ela nunca compreendeu
os meus motivos de sair de lá,
mas ela sabe que depois que cresce
O filho vira passarinho e quer voar.
Eu bem queria continuar ali,
Mas o destino quis me contrariar
e olhar de minha mãe na porta
eu deixei chorando a me abençoar."

No dia em que saí de casa, Joel Marques.

AGRADECIMENTOS

Falar, ensinar e escrever sobre História tornou-se para mim algo íntimo e apaixonante, desde o meu ingresso no curso de História da Unesp-Assis, em 2009. Mais do que isso, nesses últimos setes anos a história e a História, parafraseando François Hartog, tornaram-se para mim a questão de uma vida. Logo, sinto a necessidade de apontar, de início, que a universidade pública efetivamente causou em mim uma transformação política, subjetiva e social. Sair do pequeno Sítio São Thomé, em Campos Novos Paulista, terra pela qual eu guardo imenso carinho - ainda como *gay* enrustido, com pensamento profundamente ligado às questões religiosas e de direita, o filho caçula de pais que quase não tiveram educação formal e com quatro irmãos que ainda não tinham acesso ao ensino superior - e adentrar a faculdade, a pós-graduação e desenvolver um estágio de pesquisa na Inglaterra, não só me fez escrever este texto, mas também é sinal de que barreiras sociais, políticas e de classe foram transgredidas. Ao longo desse percurso que me atravessou e transbordou em mim novas formas de pensar e viver, eu fiz algumas dívidas que, apesar de não haver dinheiro que as pague, preciso aqui mencionar.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha família, que me garantiu o sustento e o apoio financeiro para que eu me formasse naquilo que eu escolhi como ofício: o ensino e a pesquisa em História. Mesmo tendo pouquíssimos anos de instrução (institucionalizada) meu pai, Benedito, e minha mãe, Irene, financiaram minha formação, acreditaram, rezaram, se angustiaram com o filho morando "longe" e com isso formaram, para o bem ou para o mal, um historiador. Hoje, já não tendo mais a presença física de meu pai, espero que este trabalho possa ser um muito obrigado. Também agradeço à Mãe Ica que, ao lado dos meus pais, me educou, dedicando sua vida ao cuidado de mim e de tantos outros. Aos meus irmãos Cirineu, Sidnei, Simão e João, que suaram suas camisas e investiram em mim coisas que não reservaram nem para si próprios. Seria impossível concluir esta dissertação sem a doação deles. Às minhas cunhadas Tânia, Bruna e Angelita, sempre solícitas e amigas quando precisei. Nenhuma dessas letras aqui impressas seria realidade se eu não contasse com o apoio financeiro, afetivo e, especialmente, amoroso de todos vocês.

Agradeço à minha amiga, confidente, companheira e, nas horas vagas, orientadora, Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi. Seus ensinamentos

transbordaram a relação de orientando-orientadora, permitindo que eu me construísse também como ser humano. Partilhamos, desde a iniciação científica, saberes, alegrias, angústias, gargalhadas, fofocas. Obrigado por me ensinar a caminhar nessa oficina de feitiçaria chamada História e, principalmente, por despertar em mim o gosto pela (marginalizada) História Antiga. Obrigado por compreender minhas alucinações e crises e por ter confiado mais em mim do que eu mesmo. É fundamental ter pessoas como você em nossas vidas e carrego você num cantinho bem alegre e afetuoso do meu coração.

Agradeço ao professor Renato Pinto que gentilmente me apontou caminhos no exame de qualificação. À professora Lourdes Conde Feitosa que vem dialogando comigo desde a iniciação científica, participou da análise do meu projeto ainda nas aulas da pós-graduação, da minha banca de qualificação e agora se dispôs a colaborar com a defesa desta dissertação. As sugestões de ambos acompanharam este texto até o fim, sempre ali pertinho, junto aos outros montes de papeis. Agradeço especialmente ao Dr. Nelson de Paiva Bondioli, que também leu meus textos, sugeriu inúmeras ideias valiosas, revisou os meus escritos em inglês no Brasil e na Inglaterra e fofocou sobre todos e mais um pouco; além de ter integrado a minha banca de defesa, contribuindo com críticas, sugestões e provocações.Também agradeço à amiga Dra. Amanda Giacon Parra, pela a ajuda, leituras, conversas, gargalhadas e pelo delicioso aceite de participar da banca da minha defesa, mesmo não tendo isso sido possível. Sou grato, da mesma forma, ao Dr. Fernando Cândido, amigo que desde a graduação me ajudou debatendo minhas ideias e desejos, sorrindo e arrasando comigo. Devo a ele a ideia desta dissertação. Muito obrigado por este presente, pela amizade e pelas desterritorializações. Derrube todos os forninhos aí em Florianópolis!

Sou muitíssimo grato ao professor Christopher Lyall Whitton, por ter me recebido em Cambridge, ter me aberto as portas do Emmanuel College, pelas pertinentes sugestões à minha pesquisa, pelas correções do meu inglês escrito e falado e pelos ensinamentos sobre a vida e a academia britânicas. Thank you so much! Devo mencionar aqui também a professora Caroline Vout, por ter dedicado um pouco do seu tempo para discutir e colaborar com a minha pesquisa.

Alguns professores e funcionários da Unesp-Assis foram muito gentis comigo durante estes anos. A professora Cláudia Valéria Penavel Binato, me ajudou com as aulas de latim desde a graduação; Áureo Busetto, pelas aulas na graduação e na pós, pelo olhar crítico e ironia que colaboram tanto para minha formação; Zélia lopes da

Silva, pelas aulas e conversas arretadas; Célia Reis Camargo, sempre carinhosa e solícita em relação às minhas dúvidas e desejos. Agradeço de modo especial à professora Karina Anhezini, que tanto nas aulas de Teoria na graduação como nas conversas informais me ensinou a caminhar melhor pela História, pela vida e pelos afetos. Também sou grato aos funcionários da biblioteca da FCL-Assis: Áureo, Ana Paula, Helô e Ana Cláudia. Especialmente, agradeço à Clarice e Regina, pelas incontáveis vezes que me ajudaram, e à Zazá, pelos cafés quentinhos e deliciosos que me mantiveram acordado nos últimos anos. As conversas com essas três mulheres, no Departamento de História, deixaram essa jornada muito mais leve.

Aos integrantes do Núcleo de Estudos Antigos e Medievais – Unesp-Assis/CNPq (NEAM), que sempre me ajudaram com intensas e divertidas discussões. Em especial à Isadoro Buono, Danielli Mennitti, Ariane Peinado, Milena Tarzia, Lahís Moreno e Flávio Vernaschi. Minhas tardes de terceira-feira nunca serão as mesmas sem vocês.

Ao meu amor José Antônio Barbosa, pelo incondicional apoio. Pelas leituras, sugestões e correções. Pelas músicas que cantou, pelas viagens que fez comigo, pelos sorrisos que sempre conseguiu tirar de mim nas horas de mais desespero e menos glamour. Agradeço pela paciência, compreensão, amizade, companhia e por ser um pai maravilhoso para nossas filhas (Pagu, Tarsila, Belinha, Adelaide e pequenina ainda sem nome).

Aos meus amigos, Viviane Suzano Martinhão, Juliane Ng, Láisa Freitas, Vinícius Masts(u)naga Braz, Flávia de Azevedo, Angélica Martins, Arielle Barbosa, João Batista Firmino e Fábio Morelli. Apesar dos intensos laços que construí em Assis, estes foram de longe os mais fortes e os mais felizes. Ari, com seu humor e sua misticidade, ajudou-me a encarar minha vida com mais leveza e cuidado, atravessando-me com um amor muito único. Angel, minha "piriguete" favorita, minha irmã de perambulações pela Unesp-Assis, companheira feminista de bares, festas, alegrias, tristezas e congressos. Ao Morelli, pelos intensos papos sobre gênero e sexualidade, pelos glamourosos carões e coreografias que estrelamos por aí. Vivi, Trava-Mãe, pelos ensinamentos *babadeiros*, trocas de ideias LGBT e acadêmicas; em especial agradeço pelos nossos papos e afetos trocados nos quatro meses que estive em Cambridge, os quais tornaram minha viagem muito mais feliz e menos solitária. Ju, pela sobriedade e sorriso sempre solícito. João, agradeço pelos *drinks*, cafés e almoços feitos com tanto carinho e que me ajudaram a seguir na empreitada desta dissertação, assim como nossas

conversas. À Flávia, pelas intensas discussões, por me acompanhar nessa vida de capricorniano que não é nada fácil e me fazer mais forte. Obrigado por aceitar morar comigo durante o mestrado e por me amar mesmo quando me odiava. Ao Vini, meu amor, minha paixão, pelas vezes que me acordou para poder ir à faculdade me dedicar aos meus estudos, pelas intermináveis discussões pós-estruturalistas, pelas conversas sobre *boys*, pelas noites falando de vestidos e *bafões*. Obrigado pelos desfiles, pelas performances, pelo amor, carinho e compreensão. À Láisa, minha irmã de alma, que se casou e se separou de mim nas horas propícias, pelos atravessamentos que enfrentou comigo, pelas tristezas que carregou comigo e, principalmente, pelas alegrias e gargalhadas nas quais mergulhou comigo. Agradeço por não me abandonar, agradeço às infinitas madrugadas que discutimos nossos amores, nossas vidas, nossos desamores, nossos medos. Muito do que você disse naquele sofá está impresso nestas linhas que se seguem e no meu coração. Agradeço muito a todos vocês, por me aceitarem, por me (des)construírem, por me fazerem feliz. Amo vocês!

Nos corredores e salas do departamento de História vivi amizades que levarei para outros caminhos: Daniel Azevedo, Natália Sobral, Camila Bueno, Priscila Sales, Wellington Amarante, Danilo Bezerra, Mírian Garrido, Vanessa Pironato. Seus sorrisos e papos tornaram tudo isso mais fácil. Em especial, agradeço à Anelize Vergara, pelas conversas, pelas sugestões, pela leitura dos meus textos e a ajuda com o meu inglês. Seu carinho e seu brilho de diva sempre foram inspiração para mim. Também lembro especialmente a minha amiga Kassiana Braga, que não mediu esforços (e chutes!) para enfrentar este mundão machista e me encheu de alegria com inúmeras conversas sobre feminismo, política, literatura e sobre as nossas próprias dissertações. Também lembro aqui os meus amigos da Revista Faces da História, revista que ajudei a fundar e que muito me ensinou.

À família Becker, de São Pedro do Turvo: seu Alcides, dona Benedicta e Luiz Henrique me acolheram em sua adorável casa quando comecei a dar aulas no ensino básico e no comecinho do mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelos treze meses de bolsa que possibilitaram o início desta dissertação. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo nº 2013/26304-6), pelos onze últimos meses de bolsa e por ter me concedido a Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE, processo nº 2015/00869-2) que permitiu que eu ficasse quatro meses pesquisando na University of Cambridge, UK. A dedicação exclusiva possibilitada por

essas duas agências de fomento foram imprescindíveis para o bom andamento da pesquisa e para a construção deste texto.

Se eu me esqueci de alguém, que me perdoe. Se alguém se sentir incluído nestas linhas, fique à vontade. Muito obrigado a todos pelo incentivo e carinho.

Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências.

Michel Foucault, *Microfísica do poder*, 1979, p. 27.

RIBEIRO JUNIOR, Benedito Inácio. **Para além da heteronormatividade: uma análise dos eunucos representados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d. C).** 2016. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2016.

RESUMO

Este trabalho pretende refletir sobre algumas noções de gênero, sexo, sexualidade e corpo na Antiguidade Clássica Romana, tomando como objeto as representações dos corpos de alguns eunucos. Para isso, elegeu-se o *corpus* documental compreendido entre os anos 80 e 121 d. C., composto pelas obras *Epigramas*, de Marcial; *Silvas*, de Estácio e *A vida dos doze césares*, especificamente a biografia de Nero, de Suetônio. Com o apoio teórico dos estudos *queer* e de gênero, buscou-se analisar as experiências corporais, sexuais e identitárias dos sacerdotes castrados de Cibele, os *galli*; do eunuco Earino, menino que mantinha relações afetivas e sexuais com o imperador Domiciano e sua esposa e; por fim, do eunuco Esporo, escravo a quem Nero castra para fazer dele sua esposa. Por meio da abordagem metodológica da análise crítica do discurso, as fontes foram analisadas em três dimensões: seus modos de produção, distribuição e consumo; seus aspectos enquanto textos literários; e as representações dos eunucos já citados. Desse modo, por mais diversas que podiam ser as imagens construídas pelos autores, as fontes buscaram construir ideais de homem e mulher a partir da abjeção e desqualificação das experiências vividas pelos eunucos, usando a dissidência de seus corpos em relação a tais ideais para a manutenção de masculinidades e feminilidades sob o Principado Romano. Espera-se que o estudo contribua para desestabilizar a memória cristalizada pela heteronormatividade, demonstrando que a heterossexualidade, assim como qualquer outra manifestação das sexualidades, não é natural, mas também é histórica, atravessada por porosidades e forjada à custa de exclusões, negociações e opressões.

Palavras-chave: Eunucos. Estudos *queer*. Análise de discurso. Literatura latina. História do Império Romano.

RIBEIRO JUNIOR, Benedito Inácio. **Beyond heteronormativity: an analysis of the eunuchs represented by Statius, Martial and Suetonius (Rome, 80-121 AD)** 2016. 189 f. Dissertation (Master in History) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2016.

ABSTRACT

The present work aims at assessing notions of gender, sex/sexuality and body in Roman Antiquity, through the analysis of the representations of the eunuchs' bodies. To achieve this purpose, it was analysed a documentary *corpus* written between 80 and 121 d. C., composed of *Epigrams*, by Martial; the *Silvae*, by Statius; and the *Life of Caesars*, specifically Nero's biography, by Suetonius. Based on the theoretical approach of queer and gender studies, the present research analyses the bodily, sexual and identitary experiences of the castrated priests of Cybele - the *galli* -; of Earinus, an eunuch boy who kept affective and sexual relations with the Emperor Domitian and his wife; Sporus, an eunuch slave whom Nero ordered to castrate so that he could to take him as his wife. Through the methodological approach of critical discourse analysis, the sources were assessed in three dimensions: their modes of production, distribution and consumption; its aspects as literary texts and the aforementioned representations of the eunuchs. It was concluded from the study that, however different they could seem to be, the images constructed by the classical authors sought to create and maintain ideals of manhood and womanhood through the abjection and disqualification of the experiences of the eunuchs, using the dissent regarding their bodies to maintain masculinities and femininities under the Roman Principate. It is expected that the study will contribute with the destabilization of the memory crystallized by centuries of heteronormativity, by demonstrating that heterosexuality, as well as any other manifestation of sexualities, is not natural, but, in fact, historical, crossed by porosities and forged at the expense of exclusions, negotiations and oppressions.

Key-words: eunuchs; queer studies; discourse analysis; Latin literature and History of Rome.

SUMÁRIO

Introdução 15

Capítulo 1 32

1.1 Gênero, sexualidade e História: das lutas políticas aos embates acadêmico-científicos 34

1.1.1 Mulher(es), gênero e sexualidade 36

1.1.2 "É possível modificar as relações de gênero modificando somente as mulheres?" 48

1.1.3 Por uma história dos corpos e dos sujeitos anômalos: os estudos *queer* 54

1.2 Fronteiras e diálogos: embates disciplinares e metodológicos entre História e Literatura 60

1.2.1 A História e a Literatura entre os antigos e os modernos 60

1.2.2 As décadas de 1960 e 1970: os historiadores e o debate sobre a linguagem 64

1.2.3 O conceito de representação e a literatura como fonte para a escrita da história 67

Capítulo 2 72

2.1 Estácio, Marcial e Suetônio: vidas, relações, obras e gêneros 76

2.1.1 Estácio e as *Silvas* 78

2.1.2 Marcial e os *Epigramas* 88

2.1.3 Suetônio e As vidas dos doze césares 98

2.2 Plínio, o Jovem: a grande peça do mosaico literário romano 106

Capítulo 3 121

3.1 Um estranho mutilado dentro de casa: o culto de Átis e Cibele 123

3.2 Os *galli*: religião, gênero, identidades e experiências corporais 128

3.3 Entre os céus e a terra: representações de Earino nos poemas de Marcial e Estácio 140

3.4 Gênero e casamento entre homens: o caso de Nero e Esporo 160

Conclusão 171

Referências 177

Introdução

INTRODUÇÃO

As questões referentes ao corpo, ao sexo e à sexualidade conheceram diferentes preocupações, expectativas, lugares, experiências e representações nas mais diversas culturas e temporalidades. Do mesmo modo, dependendo da época e da sociedade, conheceram diferentes relações com os poderes e os saberes.[1] Nos últimos anos, especialmente depois da década de 1980, os saberes institucionalizados (aqueles produzidos na universidade, como a Medicina, o Direito e as Ciências Humanas) têm dedicado grande parte de seus esforços para compreender estas questões e, por consequência, formular outras.

Esta dissertação se insere nesse lugar acadêmico, histórico e social de preocupação com as formas de saber e de poder que perpassam nossas concepções e experiências corporais, sexuais e de gênero. Especificamente, este trabalho pretende expor um estudo sistemático dos discursos que materializavam os corpos e os sexos dos romanos dos I e II séculos por meio da representação dos eunucos encontrada nas obras *Silvae*, de Estácio; *Epigramatta*, de Marcial; e *De uita Caesarum*, de Suetônio.[2] Para isso, esta introdução apresentará a pesquisa, como ela surge, seus principais objetivos, sua fundamentação teórica e metodológica e algumas das discussões que foram possíveis de se levantar durante o processo de estudo e elaboração deste texto.

O presente estudo surge do desejo de compreender como os romanos construíram-se como sujeitos corporificados, como esses corpos recebiam níveis de

---

[1] Sem dúvida, quem melhor elucidou pioneiramente tais relações foi Michel Foucault, especificamentenos três volumes da sua *História da sexualidade* (1988, 1984 e 1985). Interrompida durante a escrita do que viria a ser o quarto tomo, devido a morte do filósofo em 1984, esta obra tornou-se a referência para inúmeros trabalhos em torno do tema, em diversos lugares do mundo. Nesta dissertação, a obra foucaultiana ocupa um lugar central nas reflexões que virão a seguir.

[2] Foram usadas duas versões em latim das *Silvae*: a primeira uma compilação (1990) e a segunda a compilação e a tradução da *Loeb Classical Library* (2003). Recorreu-se, também, à tradução para o inglês de Betty Rose Nagle (2004) editada pela *Bloomington*. Já *Epigrammatta* foi analisada a partir da versão em português lusitano das Edições 70, traduzida pela equipe de Cristina Rocha Pimentel. Em latim, foram estudadas duas versões: a primeira, da *Loeb Classical Library* (1993a; 1993b; 1993c), traduzidas para o inglês por D.R. Shackleton Bailey; e, a segunda, da *Les Belles Letres Societé d'Édition* (1961a, 1961b). Por fim, *De uita Caesarum* foi analisada pela versão em português brasileiro da Editora Athena (1959), traduzida por Safady-Garibaldi, comparando-a com as versões latinas da *Loeb Classical Library* (1998), traduzida para o inglês por J. C. Rolfe e da *Les Belles Letres Societé d'Édition* (1954, 1957a, 1957b), com texto estabelecido por Henri Ailloud. Aqui foram nomeadas em latim as obras que servirão de fonte para este estudo para que se tome conhecimento de sua grafia em latim. As versões em língua portuguesa que usamos para esta pesquisa traduzem *Epigramatta* como *Epigramas* e *De uita caesarum* como *As vidas dos doze césares*. Já as versões em língua inglesa das *Silvae* traduziram seu título como *The* Silvae *of Statius*.Contudo, cabe explicar que durante o trabalho mencionaremos somente os nomes das fontes em português, para padronizá-los e tornar a leitura mais acessível e fluída. O título da obra de Estácio será citado pela sua tradução em português: *Silvas*.

atenção, problematização e cuidados diferentes dos nossos e, o que mais nos interessa aqui, entre os próprios romanos. Parte-se, obviamente, do pressuposto de que o corpo é histórico, ou melhor, historicizável. O principal objetivo então é entender como os corpos romanos eram discursivamente construídos na documentação escolhida como fonte. Assim, a principal pergunta que atravessa toda esta dissertação é: que peso os corpos dos eunucos recebiam dentro de uma economia discursiva que localiza determinados corpos/sujeitos dentro de parâmetros tidos como normais e outros corpos/sujeitos em territórios abjetos? Essa pergunta, como pretendemos esclarecer ao longo do estudo e, especialmente, no primeiro capítulo, emergiu por meio do contato com as teorias de gênero e sexualidade discutidas pela perspectiva *queer*, principalmente pelas contundentes reflexões da filósofa feminista estadunidense Judith Butler (2001, 2003, 2004, 2014).

Essas discussões - intrinsecamente arraigadas aos movimentos sociais feminista e LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis),[3] que fizeram uma ampla frente de luta política na segunda metade do século XX para a dissolução de hierarquias sociais baseadas nas diferenças de gênero e orientação sexual e, também, para democratização do conhecimento – estão bastante em voga na atualidade e o Brasil possui uma grande produção intelectual baseada nelas. O campo tradicionalmente denominado de História Antiga, seja em nível nacional ou não, não passou ileso a tais questões. Em novembro de 2002, por exemplo, acontecia no Rio de Janeiro o *XII Ciclo de Debates em História Antiga: Olhares do Corpo*, reunindo historiadores, antropólogos e especialistas em literatura interessados na reflexão sobre o tema.[4] Já no ano de 2003 é lançada uma obra contemplando algumas discussões surgidas no evento e na sua introdução os organizadores afirmam:

> Olhar para o corpo é procurar decifrar uma outra linguagem que fale da sociedade, de sua dinâmica, de seus conflitos e de suas mazelas. Um dos desafios do historiador da Antiguidade é indagar, pesquisar, criticar e fazer nascer a História Antiga do diálogo entre o antigo e o

[3] Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis. Ultimamente, tem-se adotado a sigla ALGBTTIQ, que englobaria uma diversidade maior de identidades sexuais e de gênero (assexuados, lésbicas, gays, transgêneros/transexuais, travestis, intersex e queer). Embora seja mais abrangente, acreditamos que nenhuma sigla poderia dar conta de compreender a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero de indivíduos dissidentes da norma heterossexual. Assim, optamos pelo uso da primeira sigla no decorrer desta dissertação. Para uma discussão mais aprofundada, ver FACCHINI, 2005.

[4] Evento realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), organizado pelo Laboratório de História Antiga (LHiA) e pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS). O evento teve caráter interdisciplinar, sendo publicadas algumas de suas mesas, conferências e comunicações em BUSTAMANTE; LESSA; THEML, 2003.

> moderno, ou, se preferir, entre antigos e modernos. (BUSTAMANTE, LESSA e THEML, 2003).

A partir de tal afirmação, vê-se a necessidade de indagar-se sobre nosso próprio presente, como nos relacionamos hoje com as questões referentes ao corpo. Logo, entender como os corpos dos eunucos foram representados nos I e II séculos é também enfrentar e habitar um espaço de experiência contemporâneo e criar, em diálogo com o passado, novos horizontes de expectativa onde os corpos e sujeitos possam experimentar outras formas de existir, mais democráticas e mais felizes.[5] Nessa esteira, a própria produção desta dissertação é passível de questionamentos: como pode contribuir para tal debate uma dissertação escrita quase vinte séculos depois desses acontecimentos representados nas fontes? E mais: por que ainda tratar do corpo e não de política ou economia? Qual é a necessidade de (re)escrever a História antiga de Roma no ano de 2016 numa cidade(zinha) do interior do estado de São Paulo? E, se quisermos levar a frente a velha e corriqueira ideia de que a pesquisa e o ensino de História implicam um comprometimento ético, social e político, de que forma o presente trabalho perseguirá esses ideais? Essas perguntas suscitadas a partir do excerto acima, diretas, simples (ou não), podem parecer desnecessárias e fastidiosas, porém, é importante destacar, elas conduzem todas as reflexões que virão a seguir. Mas, além disso, tais perguntas questionam a própria legitimidade do saber histórico, sua produção, seus usos e sua (má) distribuição.

Longe de responder definitivamente tais interrogações, o presente trabalho pretende refletir sobre elas, estabelecer respostas efêmeras às incertezas que se colocam ou deveriam se colocar no dia a dia de qualquer pesquisador, seja ele[6] historiador ou não. Acredita-se que compartilhar as angústias percorridas nestes últimos três anos (inclui-se aqui a preparação para o processo seletivo e a escrita do projeto para ingressar no Programa de Pós-graduação) para a construção deste texto é tão importante quanto

---

[5] As reflexões em torno das noções de espaço de experiência e horizonte de expectativas foram inspiradas pela leitura de KOSELLECK, 2006, especialmente da página 305 à página 327.

[6] Aqui se vê as armadilhas e as questões que as normas de gênero impõem à linguagem. O uso do masculino para a homogeinização quando palavras e pronomes se referem a indivíduos de ambos os sexos ou gêneros expõe a invisibilidade feminina nos textos que utilizam a norma padrão da língua portuguesa. Há trabalhos que preferem utilizar as formas terminadas pelas desinências gramaticais que indicam os dois gêneros (ele/a) ou que se valem de outras letras, como o *x* (*elx*). Ainda há aqueles, como Joana Maria Pedro e Rachel Soihet, que informam: "[...] contrariando a gramática da língua portuguesa, usaremos os plurais no feminino quando incluírem palavras masculinas e femininas. Fazemos isto para apontar a contingência das regras gramaticais, que estabelecem o masculino como o plural e o universal." (2007, p. 296). Neste estudo, o autor grafou as palavras sempre com a desinência masculina, para tornar a leitura mais fácil e límpida; entretanto, está consciente das deficiências de tal escolha.

apresentar seus resultados. Dar ao leitor a oportunidade de adentrar também ao *atelier* do historiador,[7] deixá-lo brincar um pouco na sua caixa de ferramentas e se envolver nas intempéries que enfrenta, parece ser um bom começo para qualquer trabalho intelectual, pois este também só é possível por meio de sensações, experiências, imaginação e angústias. Então, para iniciar este trabalho, a introdução foi dividida em duas partes: a primeira exporá algumas reflexões sobre os métodos e os fundamentos teóricos usados na pesquisa. A segunda elencará as discussões historiográficas que já trabalharam com o objeto de estudo aqui explorado: os eunucos.

Sendo assim, em primeiro lugar, dois esclarecimentos são necessários: um de ordem metodológica e outro de ordem teórica. Julgamos que os dois estão conectados, mas, para melhor defini-los, trabalhar-se-á neste momento com a discussão metodológica e, mais adiante, a teórica.

Pensando exatamente nesse diálogo entre os modernos e os antigos, esta dissertação não pode negar que é o nosso presente que delimita as nossas escolhas, nossa postura diante das fontes, nosso engajamento social e, consequentemente, a corrente historiográfica a qual nos filiamos. Por outro lado, já que aqui pretendemos o diálogo e não o monólogo, não se deve suprimir as vozes que emergem do *corpus* documental em favor das demandas atuais, mas sim abrir possibilidades de análise dessas vozes, permitindo que elas sejam reconhecidas no seu tempo. O fruto desse diálogo é uma (re)escrita do passado romano, e não a recuperação dele. Para que esse diálogo possa acontecer, recorreu-se ao semiólogo Umberto Eco (1997), que pensou em alguns parâmetros para análise de textos. Ele não oferece um método exato ou uma "receita" para fazer um bom e confiável estudo, mas estabelece alguns critérios que possam funcionar como balizas de leitura. Isso não quer dizer que podemos pensar livremente sobre a documentação em questão (monólogo), pois o historiador "não estaria autorizado a dizer que a mensagem [de Estácio, Marcial e Suetônio] pode significar qualquer coisa" (ECO, 1997, p. 50).

Desse modo, para Eco a *intentio auctoris* (a intenção do autor; no nosso caso, dos autores) não seria pré-textual, como se fosse possível encontrá-la fora do texto, além de que a interpretação não poderia se reduzir a isso; mas ela ainda funciona como uma

---

[7] Feliz expressão usada por Durval Muniz de Albuquerque Junior, em metáfora usada para pensar a escrita da história nos dias atuais. Para ter contato com o texto para lá de inspirador, acessar o blog da Revista Tempo Presente, disponível em http://tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4973:o-tecelao-dos-tempos-o-historiador-como-artesao-das-temporalidades&catid=36&Itemid=127.

baliza para a *intentio lectoris* (a intenção do leitor, aqui nesta pesquisa, o mestrando). Ou seja, tentou-se durante a pesquisa entender as pretensões, concepções e discursos de Estácio, Marcial e Suetônio e seus grupos socais acerca dos eunucos *quando*[8] escreveram, respectivamente, as *Silvas*, *Epigramas* e *As vidas dos doze césares*. O que não pode ser deixado de mencionar, ainda como quer Eco, é que "depois" de uma interpretação ainda "sobra" a obra, ainda sobra aquilo que se constitui como *intentio operis* (intenção da obra, ou melhor, o texto ainda permanecerá "em aberto"), podendo ser analisado por outro indivíduo que produzirá outra interpretação, esta que pode desestabilizar qualquer interpretação prévia.

Com tais considerações em mente, buscando o diálogo entre os antigos e os nós, e para não correr o risco disso se tornar um monólogo dos modernos sobre os antigos, buscou-se auxílio na *análise crítica de discurso* (daqui em diante referida somente pela sigla ACD) para o estudo das fontes escolhidas, especificamente as proposições de Normam Fairclough (2001). Antes de mais nada, cabe tecer algumas considerações sobre o que consideramos discurso.

Devemos entender, no que tange propriamente às proposições de Fairclough, que ele partiu das noções foucaultianas sobre o discurso, porém ampliou seu campo de análise e articulou três noções para instrumentalizar a leitura e interpretação dele. A isso se deterá com mais afinco o segundo capítulo. Agora cabe ressaltar que Fairclough entende o discurso como prática social que constrói sujeitos, objetos e conceitos:

> Ao usar o termo 'discurso', proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais […] o discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação (2001, p. 90).

E ainda,

> O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação

[8] Destacou-se a palavra *quando* com a intenção de frisar o caráter histórico deste trabalho e não semiótico.Entende-se que o que se faz aqui é historicizar a experiência dos autores e seus discursos sobre as experiências dos eunucos a partir de um olhar teorica e metodologicamente orientado. Para a concepção de História presente na pesquisa e na escrita desta dissertação, ver REIS, 2010, em especial o excerto: "A história anda na contramão da filosofia, da ciência, da religião e do senso comum. Estes procuram uma verdade fora do tempo, protegem seus resultados com enorme cuidado, [...] se dirigem ao atemporal, à teoria sistemática, ao absoluto, ao agora eterno do mito. O historiador faz o caminho inverso. Ele pulveriza, dissolve, desintegra, em durações múltiplas e incompatíveis, as suas 'verdades'. A história busca a verdade no tempo e não fora dele." (REIS, 2010, p. 25).

> do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (2001, p. 91).

Com isso, Fairclough defende que o discurso constrói as identidades sociais e as posições de sujeito, as relações sociais entre as pessoas e os sistemas de pensamento e crença. É elaborada assim o que autor denominou de *concepção tridimensional do discurso*, subdividindo a análise em três etapas: *a prática social* (relações humanas de construção e significação do mundo), *a prática discursiva* (produção, distribuição e consumo de discursos escritos ou falados) e *o texto* (escrito ou falado, uma forma específica de apresentação dos discursos).

Então, a análise dos textos antigos aqui apontados se dará da seguinte forma: 1) estudo das relações sociais e culturais, instituições, ideologias e hegemonias que compõem a vida social dos autores; 2) as maneiras pelas quais estes textos foram produzidos, distribuídos e consumidos, procurando entender, como quer Fairclough, a intertextualidade e a historicidade inerentes a esses processos; e, finalmente, 3) analisar os textos propriamente ditos, buscando compreender suas especificidades e estruturas, não visando a reconstituição dos significados que teriam sido ali empregados, mas compreendendo o texto como uma gama de sentidos diversos, sobrepostos, contraditórios, aberto a múltiplas leituras e que o sentido depende não só da construção do texto, mas também de suas interpretações. O estudo não compreenderá estes três aspectos como um esquema, mas como diretrizes que possibilitam a interpretação das fontes. Acredita-se que o estudo do *corpus* documental por meio da ACD permitirá reconstruir a malha discursiva que normalizava os corpos dos eunucos romanos no recorte temporal estabelecido para a pesquisa: os séculos I e II, mais especificamente entre os anos de 80 e 121 d.C.

Este recorte temporal foi escolhido porque, como apontado logo acima, a ACD propõe o estudo dos discursos desde a sua criação, passando pela circulação e recepção dos mesmo. Como se verá no segundo capítulo, as obras de Estácio, Suetônio e Marcial foram escritas e publicadas entre os nos 80 e 121. Contudo, torna-se clara a impossibilidade de fazer um recorte exato para a distribuição e o consumo das fontes, uma vez que elas estão sendo usados neste momento, na feitura desta dissertação. Assim, fixou-se a data de 121, pois foi o ano em que a última obra aqui analisada, *As vidas dos doze césares*, foi publicada.

O segundo esclarecimento necessário é em relação ao ferramental teórico ao qual recorreu-se para inspirar esta leitura, para recortar o objeto e, consequentemente,

escrever este texto. Trata-se da *Queer Theory*. Devido à diversidade de representações sobre eunucos contida nas obras, acredita-se que elas tenham um potencial de relativizar e questionar concepções sobre o passado romano construídas por uma cultura e uma historiografia heteronormativas. Deslocar as hierarquias constituídas pelo poder heteronormativo é um dos principais focos dos estudos *queer*. No primeiro capítulo discutiremos melhor o que entendemos por estudos *queer*.

Por enquanto, para que se evite confusões ou mal entendidos, é necessário apenas esclarecer que quando usarmos aqui o termo *hetenormatividade* tem-se em mente as reflexões de Judith Butler, que o define como uma grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados, usando-o também para caracterizar o modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero. Dessa maneira a figura do eunuco surge nesta pesquisa como uma aposta política para desorganizar a estrutura binária dos gêneros - estrutura esta cristalizada na memória de sujeitos comuns e pesquisadores - desarticulando a noção de naturalidade da heterossexualidade, que se sustenta somente dentro das relações de poder e saber criadas pela heteronormatividade.

Com Michel Foucault (1988) percebemos que a própria sexualidade possui sua historicidade, que ela é um dispositivo que foi produzido na modernidade, com conceitos, discursos e elementos bastante específicos, não possuindo valor epistemológico para sociedades anteriores aos séculos XVIII e XIX. Segundo Thomas Lacqueur (2001), desde o II século a.C até o início da modernidade persistiu uma visão médica de que havia apenas um sexo anatômico, mesmo havendo dois corpos: interpretava-se que a mulher possuía um pênis invertido, mal formado, que ficaria dentro do corpo; os ovários equivaliam aos testículos e somente no século XIX é que se pensa num termo próprio para designá-los em contraposição aos testículos (LAQUEUR, 2001). De acordo com Gert Hekma (1995), o conceito de homossexual, definindo um indivíduo com uma identidade, desejo e práticas sexuais próprias só emerge em 1869. Assim sendo, não é possível pensar em sexualidade dos romanos nos séculos I e II, nem tampouco em homo ou heterossexualidade.

Logo, quando aqui se propõe um combate à heteronormatividade - entendida como um regime que regula corpos, gêneros e desejos, naturalizando o sujeito heterossexual e taxando como anormal qualquer indivíduo que escape a esse regime (homossexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *drag-queens/kings*, assexuados e demais formas que os desejos e a sexualidades possam assumir) - não se afirma que os

romanos eram heteronormativos, pois suas concepções acerca do corpo e do sexo eram muito diferentes das nossas, mas sim que nossas interpretações sobre o passado romano tendem a ser heteronormativas. Propõe-se um olhar e uma metodologia *queer*, procurando vislumbrar diversidades e multiplicidades de existências na sociedade romana. Extinguir da análise histórica o olhar naturalizante sobre heterossexualidade é um dos intentos da dissertação, pois, como defendem Karina Croucher (2005) e Renato Pinto (2011), a preocupação dos estudos *queer* não é "homossexualizar" o passado ou difundir discursos de intolerância à heterossexualidade, mas sim problematizar qualquer concepção heteronormativa em relação ao passado. Assim, o ataque deve ser à heterossexualidade como regime político e como pressuposto para estudo do passado e não enquanto prática social/sexual.

Se quisermos ir mais longe, podemos tomar Júlio César como exemplo. Até hoje evocado como ideal de virilidade para as sociedades ocidentais, César possui uma representação bem diversa quando biografado por Suetônio, autor que figura entre as fontes da pesquisa aqui desenvolvida. Mesmo que Suetônio tenha empregado um tom jocoso ao escrever e que seus escritos tiveram intenções políticas específicas, ainda podemos nos perguntar como um general e conquistador romano pode ser representado como amante de outros homens, se prostituindo e até mesmo recebendo apelidos que desqualificavam seu *status* de homem viril e masculinidade?

> Calo, igualmente, os discursos de Dolabela e de Cúrio pai, nos quais Dolabela lhe chama "rival da rainha, a prancha inferior da liteira real" e Cúrio "escudo de Nicomedes" e "a prostituta da Bitínia". Deixo ainda passar em silêncio os éditos de Bibulo, em que este tratava publicamente que o seu colega de "rainha da Bitínia, que, depois de haver amado um rei, amava agora a realeza". Foi nesse mesmo tempo que, segundo Marco Bruto, um certo Otávio, cujo desconcerto mental lhe permitia falar livremente, no meio de uma concorridíssima assembleia, chamou a Pompeu "rei" e ao saudar César tratou-o de "rainha". Caio Mêmio reprochou-o por ter, junto com outros mimos, oferecido a Nicomedes a copa e o vinho num grande festim a que compareceram vários argentários romanos, cujos nomes menciona. Cícero, não contente em ter escrito em algumas cartas que César havia sido conduzido por satélites ao dormitório real, que se deitara numa cama de ouro, vestido de púrpura e que o descendente de Vênus prostituíra, na Bitínia, a flor de sua juventude, assim o apostrofou um dia em que César pleiteava a causa de Nisa, filha de Nicomedes, e revivescia os benefícios que recebera de toda parte do rei: "Deixa tudo isso, te suplico! Sabemos bem o que ele te deu e o que tu próprio lhe deste". Finalmente, por ocasião do seu triunfo das Gálias, os seus soldados, entre outras canções com que se divertiam ao acompanhar o carro do vencedor, chegaram a cantar, até, estes versos corriqueiríssimos: *César subjugou as Gálias. Nicomedes subjugou*

> *César. César agora triunfa, porque subjugou as Gálias. Entretanto, Nicomedes, que subjugou César, não triunfa.* (SUETÔNIO. *Jul.* 52).[9]

O general romano ainda é representado como adúltero nos dizeres entoados pelos seus próprios soldados durante o triunfo da Gálias: "Romanos, guardai vossas mulheres: nós conduzimos o calvo adúltero. O ouro que dissipastes em concubinatos nas Gálias, foi aqui que o tomaste de empréstimo!" (*Jul.*).[10] Suetônio também afirma que César teria se envolvido sexual e afetivamente com algumas rainhas por interesses políticos e não cansou de esbanjar ofertando-lhe presentes, festas e viagens. Podemos citar o caso de Enoé, rainha da Mauritânia, e o de Cleópatra, rainha do Egito.

Não obstante, igualmente cabe perguntar como que, apesar de tudo isso, Júlio César recebeu triunfos e glórias do povo romano? Suetônio nos permite visualizar uma sociedade romana muito mais fluída que as categorias homo ou heterossexual podem indicar. Por isso, eleger o ferramental teórico-metodológico dos estudos *queer* pode ser mais proveitoso para a análise que aqui se propõe.

Reinhart Koselleck (2006), ao refletir sobre os conceitos usados na escrita da história, faz uma separação do trabalho do historiador: num primeiro momento o historiador trabalharia com os fatos já articulados na linguagem das fontes, ou seja, analisa conceitos e noções já existentes e usados pela comunidade linguística do passado e, num momento posterior, o historiador reconstruiria os fatos a partir das fontes, se valendo de categorias e conceitos científicos, utilizados pela comunidade linguística do presente.

> Sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade e, sobretudo, não pode haver unidade de ação política. Por outro lado, os conceitos fundamentam-se em sistemas político-sociais que são, de longe, mais complexos do que faz supor sua compreensão como comunidades linguísticas organizadas sobre determinados conceitos-chave. Uma

---

[9] *"Praetereo acotiones Dolabellae et Curionis patris, in quibus eum Dolabella "paelicem reginae", spondam interiorem regiae lecticae", at Curio "stabulum Nicomedis" et "Bithynicum fornicem" dicunt.Missa etiam facio edicta Bibuli, quibus proscripsit collegam suum "Bithynicam reginam, eique antea regem fuisse cordi, nunc esse regnum." Quo tempore, ut Marcus Brutus refert, Octauius etiam quidam, ualitudine mentis liberius dicax, conuentu maximo, cum Pompeium"regem" appellasset, ipsum "reginam" salutauit. Sed C. Memmius etiam ad cyathum ei Nicomedistetisse obicit, cum reliquis exoletis, pleno conuiuio, accubantibus nonnullis urbicis negotiaribus, quorum refert nomina. Cicero uero, non contentus in quibusdam epistulis scripsisse a satellitibus eum in cubiculum regiumeductum in aureo lecto ueste purpurea decubuisse floremque aetatis a Venere orti in Bithynia contaminanti: "Remoue", inquit, "istaec, oro te, quando notum est, et quid ille tibi et quid illi tute dederis". Gallico denique triumpho milites eius inter cetera carmina, qualia currum prosequentes ioculariter canunt, etiam illud uulgatissimum pronuntiauerunt: Gallias Caesar subegit, Nicomedes Caesarem: Ecce Caesar nunc triumohat qui subegit Gallias, Nicomedes non triumphat qui subegit Caesarum.*"

[10] "*Vrnabi, seruate uxores: moechum caluom adducimus; Aurum in Gllia effutuisti, hic sumpsisti mutuum*."

> "sociedade" e seus "conceitos" encontram-se em uma realização de polarização que caracteriza também as disciplinas históricas a eles associados. (KOSELLECK, 2006, p. 98).

Tendo em mente estas colocações, faz-se agora uma breve reflexão acerca de alguns conceitos antigos e, depois, com o conceito de *heteronormatividade* a partir das considerações de Koselleck. Os dois primeiros são conceitos centrais para o desenvolvimento da pesquisa: *corpo* e *eunuco*.

Na sociedade romana imperial, segundo Pedro Paulo Abreu Funari (2003), o corpo passa a ser um elemento importante nas representações literárias, arquitetônicas e parietais devido a processos de valorização do indivíduo e do individualismo ocorridos pelo impacto causado pelas expansões territoriais, colonizações e pelo fim do regime republicano (século I a.C.).

Mas o vocábulo corpo, em latim *corpus*, tem suas raízes em momento anterior. Já no grego, língua que influenciou em demasia a literatura e o vocabulário latinos, havia uma separação entre o corpo em sua materialidade, *soma*, e a alma, *to demas*. Interessante é notar que o vocábulo *soma* gerou o conceito de "registro" ou representação, *somatídzo* (FUNARI, 2003). No que tange ao latim, *corpus* significa a materialidade do corpo e também se opõe ao *animus* ou *anima* que podem significar alma/espírito. Se nos debruçarmos sobre o sânscrito e o védico, línguas que formam o latim falado no Império e influenciam a construção do vocábulo *corpus*, vemos que a palavra pode se relacionar à ação e ao fazer, uma vez que a tradução literal de *klip* (sânscrito) é fazer, e de *krpa* (védico) é forma, corpo ou beleza. Ainda segundo Funari, também é importante levar em conta que *corpus* pode significar também um conjunto de livros (*corpus ominis romani iuris*), um grupo de pessoas ou uma corporação (*corpus fabrorum et nauiculorum*), ou a parte principal de algo (*corpus orationis enervatur*) (FUNARI, 2003).

Assim, percebemos que corpo/*corpus* pode significar tanto a materialidade quanto a representação de tal materialidade. Podemos considerar que essas concepções estão presentes na raiz das interpretações do corpo na sociedade greco-romana.

Tido o cuidado de mapear algumas das formas que o vocábulo assumia em Roma, é hora de entrarmos na discussão do conceito *eunuco*, o qual julgamos mais problemático. De acordo com a versão on-line do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o vocábulo pode ter sete significados:

> Eunuco (grego *eunoûkhos,-ou*): S*ubstantivo masculino* 1. Guardião castrado de um harém. 2. [Figurado] Homem estéril ou impotente para

> o coito. 3. [História] Ministro, valido (em certos países asiáticos). *Adjetivo* 4. Que foi castrado. 5. [Figurado] Estéril; impotente. 6. [Figurado] Inútil. 7. Botânica] Diz-se da flor que não tem gineceu nem estame. (DICIONÁRIO..., s/d, s/p, grifos do autor).

Nesta dissertação, o significado que mais interessa é o quarto: "que foi castrado". Porém, esse significado e esse vocábulo moderno é incapaz de compreender a diversidade de experiências corporais representadas na documentação. Toma-se, a título de exemplo, algumas expressões que Marcial (1961a, 1961b) usa para representar os indivíduos que se castravam: *spado*, *Corybante*, *gallus eras*, *Attis*, *galle*, *Baetice galle*, *gallus*, *semiuiro Cybeles*, *exciduntque*, *spadone*, *concubino Celaenaeo*, *matris entheae Gallus*. A versão portuguesa usada nesta dissertação traduz, respectivamente, essas expressões como *castrado*, *coribante*, *eunuco*, *Átis*, *arúspice galo*, *castrado*, *galo Bético*, *galo*, *sacerdotes efeminados de Cibele*, *castra* [do verbo castrar], *eunuco frouxo*, *amante de Celenas*, *Galo castrado*. Com tais exemplos, sem nem mesmo recorrer aos termos usados por Suetônio e Estácio, é possível verificar a complexidade de se usar e escolher um único conceito que possa representar o que queremos.

Assinala-se, então, que o termo moderno eunuco usado aqui nessa dissertação é simplesmente uma forma de sintetizar a ideia de castração de um indivíduo que anatomicamente pode ser reconhecido como homem/macho e socialmente como masculino. Essa castração poderia se dar por diversos motivos: religiosos, como no caso dos sacerdotes do culto de Cibele; ligados a relações de poder e opressão, como o escravo que Nero força a castração contra sua vontade; afetivos, como no caso do garoto Earinus que Domiciano desejou castrar para continuar mantendo relações homoafetivas com ele. Também não há como definir, até mesmo pelo fato das fontes não carregarem esses dados, de que forma essa castração ocorria em todos os casos, se somente os testículos, somente o pênis ou os dois órgãos.

Por mais problemático que possa parecer, entende-se que não é possível estudar qualquer passado sem empregarmos categorias que são modernas, arbitrárias e até mesmo anacrônicas. Se olharmos novamente para Marcial, vemos que termos mais comuns como *escravo* e *esposa* recebem também diferentes denominações no latim: o termo *escravo* é encontrado em seus epigramas como *puer* e como *servus*. Já os vocábulos *uxorem* e *coniunx* são traduzidos como *esposa*. Desse modo, não vemos outra maneira de trabalhar com o termo, mas usando-o de forma crítica e consciente de suas implicações.

Com as devidas ressalvas feitas sobre os conceitos antigos, pode-se retomar o conceito de *heteronormatividade*, pois Koselleck (2006) também ajuda na compreensão de sua escolha. Ele faz parte do aparato teórico-metodológico da pesquisa, ou seja, da linguagem científica em que o estudo se apoia para escrever a história, efetuando a segunda etapa do trabalho do historiador, quando este cria diálogos entre as comunidades linguísticas do passado e do presente.

Com tais esclarecimentos, passa-se à segunda parte desta introdução, que permitirá fazer uma breve reflexão do panorama atual dos estudos sobre os eunucos na sociedade romana. Nesse sentido, cabe arrolar as obras que embasam as reflexões e as proposições que percorrerão esta pesquisa.

Craig Arthur Williams é um dos pesquisadores que, em parte, se dedica à análise das representações de alguns eunucos ao fazer um denso estudo sobre as ideologias de masculinidade na antiguidade romana. Atento aos apontamentos dos estudos *queer*, entende que os corpos dos eunucos são usados como exemplos para manter o *status quo* da virilidade do homem romano, colocando-os como o mais extremo limite da não-masculinidade (WILLIAMS, 2010). Dessa forma, faz uma ampla seleção de fontes que representam os eunucos e a forma como assumem seus papéis sociais na sociedade romana. Eles são Earino e Esporo, eunucos que, respectivamente, mantiveram estreitas relações com imperadores Domiciano e Nero; escravos que são emasculados; eunucos comprados por preços altíssimos; homens castrados pertencentes à corte de Cleópatra; os *galli*, sacerdotes castrados para o serviço da deusa Cibele. Enfim, Williams demonstra a diversidade de eunucos encontrados em Roma entre os séculos II a.C. e II d.C. Como já apontado, o autor se atenta para o fato deles serem utilizados para comparar e elaborar o masculino em Roma, tornando-se também parte da identidade dos romanos, uma vez que seus corpos castrados habitam a fronteira entre o corpo feminino e o masculino, ajudando a definir que lugares sociais caberiam a homens e mulheres.

Fazendo um estudo de caso, Leslie Charles Murison (2004) analisou a legislação de Nerva, imperador entre 96 e 98 d.C, por meio da documentação de Dión Cássio. Seu trabalho preocupa-se mais com a análise do governo de Nerva do que propriamente com o que a documentação pode fornecer sobre os eunucos. Porém, ele se torna útil para pensar o nosso objeto, pois expõe como Nerva proíbe a castração de homens em todo o território romano. Isso já teria ocorrido com Domiciano, imperador entre 81 e 96 d.C., que também proibira que qualquer emasculação fosse feita nos limites do império, junto de outras reformas feitas em seu governo:

> Introduziu muitas inovações nos usos triviais. Suprimiu as espórtulas públicas, restabeleceu o costume repastos regulares. Às quatro antigas facções do circo, ajuntou mais duas, vestidas de ouro e púrpura. Vedou o teatro aos histriões e não lhes permitiu o exercício de sua arte a não ser nas casas particulares. Proibiu a castração de homens. Baixou o preço dos eunucos ainda existentes no mercado de escravos. (SUETÔNIO, Dom.7.1).[11]

Essa informação é preciosa, uma vez que nos mostra que havia uma preocupação do estado romano com a castração de seus homens e, ainda, essa proibição nos indica que essas práticas deveriam ser correntes e criavam resistência às normatizações impostas pelo próprio estado, já que houve a necessidade de reiterar sua proibição.

Ao analisar o aumento da castração de homens tanto na Grécia como em Roma, Walter Stevenson levanta a seguinte questão: como reconstruir uma imagem clara da sexualidade no mundo greco-romano, se esta inclui a imagem "estranha" dos eunucos? (STEVENSON, 1995). Ele sugere a análise dos sacerdotes do culto de Cibele, dos eunucos representados em Catulo, Quintiliano, Marcial, Juvenal, entre outros, e os coloca em comparação com o patriarcado romano e o poder do *pater familias*. Entende que, nestas condições, o eunuco se torna um ser "desviante", "estranho" à norma social de virilidade e fertilidade masculinas. Mas o eunuco, para Stevenson, também não é mulher. Como diz o autor, essa ambiguidade dos eunucos tem o poder de desafiar os pressupostos comuns sobre o patriarcado e os valores greco-romanos. Ao concluir, o autor não coloca um ponto final à sua questão, pelo contrário, ele elabora uma segunda: será que não está na hora de repensar as construções tradicionais de gênero para a antiguidade? Essa questão é emprestada à esta pesquisa e será trabalhada no decorrer do estudo aqui exposto.

De acordo com o historiador americano Mathew Kuefler (2001), que desenvolveu um minucioso estudo sobre os eunucos da Antiguidade Tardia, esses sujeitos têm o potencial de questionar e confundir as noções de divisão absoluta entre masculino e feminino. Apesar de seu recorte não compreender o período que nossa pesquisa contempla, suas colocações embasam nossas reflexões. Esses corpos causavam um mal-estar à ideia de sexo ou diferença sexual, bem como desordem na relação entre masculinidade, virtude e privilégio social, além de que suas identidades sexuais não poderiam ser facilmente definidas, uma vez que suas genitálias eram amputadas. Assim

[11] "Multa etiam in communi rerum usu nouauit: sportulas publicas sustulit reuocata rectarum cenarum consuetudine; duas circensibus gregum factiones aurati purpureique panni ad quattuor pristinasaddidit; interdixit histrionibus scaenam, intra domum quidem exercendi artem iure concesso, castrati mares uetuit; apadonum, qui residui apud mangones erant, pretia moderatus est."

sendo, é possível também questionar, por meio dos eunucos, o primado do sexo anatômico como definição e construção das identidades sexuais e de gênero em Roma.

Amanda Giacon Parra (2010) faz estudo das religiões de origem estrangeira que estão presentes em Roma no século I e II d. C. Ao analisar o culto da deusa Cibele por meio dos epigramas de Marcial, elabora um perfil dos sacerdotes ali presentes, os *galli.* A autora observa que em alguns momentos, como é recorrente na maior parte das análises, a imagem dos eunucos serve para desqualificar certos homens romanos, sendo aproximados da característica de efeminação que decorreria da castração. Além disso, vê-se que na documentação epigramática os eunucos são desvalidos de sua potencialidade erótica e afetiva, sem contar o descrédito quanto ao seu caráter, sendo associados a adjetivos como "frouxos", "castigados", "desregrados".

Em sua tese de doutoramento, Renato Pinto (2011) analisa as repercussões da publicação, em 2002, de um relatório arqueológico sobre a descoberta, na região hoje conhecida como Inglaterra, de um esqueleto masculino que poderia ter sido de um *gallo*. Seus objetivos, não só com análise dos eunucos, mas também de homens e mulheres, são de rever ideologias de gênero na Roma Antiga, dialogando também com alguns dos pressupostos dos estuidos *queer*. Ao ser encontrado, o esqueleto foi considerado de um corpo feminino por estar enterrado com pulseiras, brincos, presilhas e outros acessórios tipicamente associadas às mulheres da Bretanha Romana. Porém, alguns exames apuraram que teria pertencido a um homem. Logo, não só no espaço científico, mas igualmente na mídia e no senso comum, a descoberta causou diversas confusões nas interpretações sobre o esqueleto. A partir disso, as ideologias modernas sobre as identidades sexuais e de gênero entram no jogo interpretativo, sendo que as primeiras associações foram feitas à travestilidade, uma identidade de gênero criada bem recentemente. Ao citarem a possibilidade de ser um sacerdote do culto de Cibele, as associações transportaram-se para a figura também moderna dos/das transexuais. Mas Pinto não descarta a possibilidade destes esqueletos serem de homens que, por viverem numa sociedade patriarcal, desejassem entrar no culto de Cibele para poder viver suas identidades sexuais e de gênero. As concepções de Pinto servem aos intuitos da nossa investigação, uma vez que elas tentam fugir a aspectos normativos que ainda perpassam as visões sobre a antiguidade romana.

A partir dessas informações, entendemos que o eunuco tem potencial para revitalizar a discussão de gênero na sociedade romana antiga, principalmente se

abordado do ponto de vista dos estudos *queer*. No decorrer desta dissertação, pretende-se tornar isso claro.

* * *

Depois dessas discussões, finalmente apresentamos a estrutura desta dissertação. No primeiro capítulo discutir-se-ão as concepções teóricas que embasaram o estudo. Isso é necessário, pois tornará claras as posturas epistemológicas adotadas, bem como os passos teórico-metodológicos percorridos para efetuar a pesquisa. Desse modo, primeiramente se discorrerá sobre como algumas mudanças na concepção de saber e de sujeito possibilitaram uma determinada escrita da história diferente daquela que vinha sendo feita até a primeira metade do século XX. Serão expostos os principais nortes teóricos da pesquisa: o capítulo debruçar-se-á sobre as teorias de gênero e sexualidade, bem como sobre os estudos *queer*. Conceituar tais noções se faz necessário a fim de conferir maior clareza ao texto, situando a pesquisa dentro de suas balizas metodológicas. Num segundo momento, o primeiro capítulo discorrerá sobre as questões referentes aos embates entre os campos da História e da Literatura, bem como a possibilidade de utilizar material literário para a pesquisa na área de História, já que nosso *corpus* documental é composto por três obras dessa natureza.

O segundo capítulo, também divido em duas seções, se volta para o estudo do mundo romano. Ele perseguirá dois passos da ACD, a saber: a análise das práticas sociais e das práticas discursivas que permitiram a escrita das fontes. A primeira seção tratará dos autores, suas biografias, suas obras, os gêneros aos quais se dedicaram e de apontamentos acerca das *Silvas*, dos *Epigramas* e d'*As vidas dos doze césares*. A segunda seção traz uma discussão mediada por textos antigos e seus comentadores que buscará analisar o contexto romano de produções literárias a partir das interlocuções de Estácio, Marcial e Suetônio com Plínio, o Jovem. Entende-se que Plínio é um personagem chave para compreender as possíveis relações entre os três autores-fonte e, da mesma maneira, como os seus pares e, especialmente, as elites[12] romanas dos I e II séculos d.C. receberam os escritos aqui analisados.

[12] O termo *elite* será usado diversas vezes nesta dissertação e também é amplamente usado na bibliografia consultada sendo, portanto, necessário defini-las melhor. A bibliografia citada também atribui diferentes significados e não há um consenso sobre o que tal conceito contempla. Dessa maneira, emprestamos as reflexões de Nelson de Paiva Bondioli, 2014, em específico as páginas 14-17. Bondioli afirma que a sociedade romana, seja ela moradora da cidade ou das demais localidades

O terceiro capítulo se ocupará da análise dos textos antigos. Nesse capítulo, tentou-se reconstruir as maneiras pelas quais as fontes normatizaram os corpos dos eunucos e entrecruzar esses dados com o que a historiografia produziu acerca do tema. Divido em quatro seções, o último capítulo versará sobre a história de Átis e Cibele na primeira delas, com o intuito de entender as possíveis conexões entre o casal mitológico e as representações dos outros eunucos. Já a segunda seção se ocupará dos *galli* de Cibele representados por Marcial, enquanto que a terceira se debruçará sobre o relacionamento entre Domiciano e o garoto castrado Earino narrado por Estácio e Marcial. Por fim, a quarta seção discutirá o relato do casamento entre Nero e o eunuco Esporo.

---

do império, "[...] era baseada em relações de desigualdade entre seus membros, a partir dos diferentes *status* existentes, fossem eles de natureza jurídica (ex: cidadãos, colonos, latinos), social (ex: libertos, mulheres, prostitutas) ou mesmo religiosa (ex: privilégios e direitos especiais a sacerdotes como *flamen dialis*, pontífices e augures)." (BONDIOLI, 2014, p. 15) Com isso, primeiramente defendemos que o conceito de elite representa um grupo social que possuía privilégios em relação aos demais grupos sociais romanos e que o primeiro se valia de relações de poder para mantê-los. Isso não significa dizer que esse grupo social dominante era homogêneo e que dentro dele próprio não havia conflito de interesses, diversidade de visões de mundo e outras relações poder. Em segundo lugar, esse poder exercido pode ser entendido como uma concentração de poder político, econômico e intelectual, diferentemente do restante da população que o vivenciava de forma micro e mais dissolvida. Enfim, concluímos assinalando que "[...] não atribuímos a ele [grupo social definido como elite] o monopólio da ação social ou do poder da sociedade, de mesma sorte não observamos as massas enquanto destituídas de poder e carentes (ou desejosos) de proteção ou da ação dessa elite, mas indicamos apenas que o exercício desses poderes se dava com maior visibilidade e abrangência pelos membros dessa elite. Neste sentido, clarificamos que quando falarmos de elite romana, quase sempre isto poderá ser tomado enquanto um sinônimo para o grupo que formava a elite dentro da cidade de Roma." (BONDIOLI, 2014, p. 17).

Capítulo 1

CAPÍTULO 1
Percursos teórico-metodológicos: gênero e sexualidade, História e Literatura

> É preciso mudar a representação do passado para ser capaz de mudar o mundo. O passado não está lá e o 'mundo social' aqui, separados. [...] Não se faz mudança no presente sem um (re)discurso sobre o passado.
>
> José Carlos Reis, *Revista Emblemas*, 2006, s.p.

> Então Joana compreendia subitamente que na sucessão encontrava-se o máximo de beleza, que o movimento explicava a forma - era tão alto e puro gritar: o movimento explica a forma! - e na sucessão também encontrava a dor porque o corpo era mais lento que o movimento de continuidade ininterrupta. A imaginação apreendia e possuía o futuro do presente, enquanto o corpo restava no começo do caminho, vivendo em outro ritmo, cego à experiência do espírito... através dessas percepções - por meio delas Joana fazia existir alguma coisa - ela se comunicava a uma alegria suficiente em si mesma.
>
> Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, 1943, p. 44.

Este capítulo, embora pareça desconectado dos outros dois, teve função imprescindível para o desenvolvimento do estudo que será exposto. Ele foi dividido em duas seções diferentes: na primeira, apresenta-se reflexões acerca dos estudos sobre gênero e sexualidade e suas relações com os estudos históricos. Na segunda seção, serão tecidas algumas considerações sobre História e Literatura.

No decorrer da pesquisa, buscou-se amparo teórico nos estudos de gênero e de sexualidade, em especial no que se tem denominado ultimamente como teoria *queer*. Assim, para que se acompanhe tal percurso, aqui se tratará do ferramental teórico-metodológico que inspirou este trabalho. Espera-se, também, que este capítulo guie seus futuros leitores, de forma que aqueles que tomarem contato com o texto final da dissertação possam se localizar nas referências teóricas aqui citadas, além de propiciar a tais leitores um breve contato com os estudos de gênero e sexualidade. Já a segunda seção dissertará sobre os debates travados entre os campos da História e da Literatura, sendo ressaltado como essas discussões questionaram e, ao mesmo tempo, aprimoraram as formas de se pesquisar e de se escrever a História. Refletir-se-á também sobre a

possibilidade de escrita da História por meio de fontes literárias e os cuidados metodológicos que devem acompanhar uma pesquisa executada com esse material.

Desse modo, pretende-se localizar teórica e metodologicamente os leitores, expô-los às discussões que permitiram a elaboração desta dissertação. Julga-se que isso possibilitará um contato mais crítico com o material apresentado no segundo e no terceiro capítulo.

1.1 Gênero, sexualidade e História: das lutas políticas aos embates acadêmico-científicos

Nos últimos anos acompanhou-se não só na História, mas em todas as Ciências Humanas, um crescimento nos estudos sobre os gêneros e as sexualidades. Isto se deveu, sem dúvidas, à luta empreendida por movimentos sociais nas últimas décadas (como o feminista e o LGBT) que buscam maior representação política e igualdade de direitos, desarticulando discursos discriminatórios. Nesse sentido, a academia também é afetada por tais desdobramentos, abrindo-se para pensar a causa e os efeitos dessas opressões, afetando, por sua vez e mesmo que de forma reduzida, o mundo social. Historicizar práticas sexuais, identidades de gênero e corpos tornou-se efetivamente necessário para compreender os processos temporais que envolviam tais questões. Levando-se em conta as afirmações que Marc Bloch fazia em meados do século XX, entende-se que o historiador deve estar atento ao seu presente e aos embates em que ele está imerso, que a produção historiográfica deve partir da vida presente, dialogar com as vidas passadas e retornar ao presente, servindo aos seres viventes aqui (BLOCH, 2001). Desse modo, torna-se importante compreender como o sexo é diferentemente representado, pensado e praticado por diversas sociedades espalhadas por inúmeros espaços geográficos e temporais. Pode-se pensar que ele também é uma prática social e discursiva construída cultural e historicamente, podendo assim contribuir para a quebra de tabus e preconceitos, tanto no meio político-social, quanto no meio acadêmico-científico, abrigando a possibilidade de desestabilizar discursos opressores e discriminatórios.

A partir dessas reflexões, formulam-se questões sobre o nosso presente, buscando entender e desconstruir discursos e práticas misóginas, machistas e homofóbicas que ainda permeiam nossa sociedade e nosso cotidiano. Segundo o *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012*, foram noticiados 315

homicídios de cidadãos LGBTs por práticas homofóbicas somente no referido ano. É interessante (e triste) observar que, segundo o mesmo relatório, até mesmo pessoas que se auto-identificavam como heterossexuais sofreram violência de cunho homofóbico por apresentar características que se desviem do comportamento heterossexual. Se aliarmos tais dados a outras categorias, como as de raça/cor, percebemos que 40,55% das pessoas que foram vítimas de violência homofóbica se autodenominaram negras. Ainda é importante destacar que esses dados não correspondem "à totalidade das violências ocorridas cotidianamente contra LGBT, infelizmente muito mais numerosas do que aquelas que chegam ao conhecimento do poder público" (BRASIL, 2013, p. 18). Tal realidade é indignante e desumana. Esses indivíduos foram violentados não por um ato de discriminação qualquer, mas por práticas de ódio contra indivíduos dissidentes do desejo heterossexual ou das identidades sexuais e de gênero tidas como normais/naturais (homem/mulher, masculino/feminino). Aqui, nesta dissertação, entendemos que isso é causado por um regime chamado de heteronormatividade ou heterossexualidade compulsória. Julgamos importante elucidar de onde parte tal conceituação.

Conforme já expomos na introdução, o conceito de heteronormatividade remete à grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são tomados como naturais. Judith Butler também o usa para caracterizar o modelo discursivo e epistemológico hegemônico para o estudo do gênero e para reconhecer indivíduos: a forma como compreendemos, no âmbito acadêmico-científico ou no senso comum, os seres humanos enquanto homens e mulheres, machos e fêmeas, homossexuais ou heterossexuais (BUTLER, 2003).

> Para os corpos serem coerentes e fazerem sentido […] é necessário um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade (BUTLER, 2003, p. 261).[13]

Ou seja:

> […] entender o mundo, os indivíduos, o passado em termos de gênero é conferir uma identidade minimamente estável ao modelo oposicional masculino-feminino, sendo que a base para tal identificação acaba sendo o sexo anatômico. Assim, sexo e gênero confundem-se num ciclo de reificação que é possibilitado por uma visão de mundo e um conhecimento calcados no pressuposto de uma

[13] Para elaborar o conceito de *heteronormatividade*,Butler também recorre ao conceito *heterossexualidade compulsória*.Suas principais interlocutoras para essa construção são Monique Wittig e Adriane Rich. Para mais informações, ver BUTLER, 2003, p. 261, nota 6.

> heterossexualidade natural ou a-histórica. (RIBEIRO JUNIOR, 2014, p. 77).

Percebe-se a necessidade de não só buscar políticas públicas que possam transformar tal quadro, mas entender que, por vezes, a própria produção acadêmico-científica carece refletir sobre tais questões e, quando possível, propor ideias para resolvê-las. Para Guacira Lopes Louro, se existem tensões socioculturais que cercam as sexualidades, suas manifestações e relações, é dever da comunidade científica e dos poderes públicos não tratá-las somente como problemas individuais, mas como questões pertinentes a toda a sociedade (LOURO, 2007).

É devido aos estudos de gênero e, ultimamente, aos estudos *queer* que se tem repensado não só a História, mas o mundo em que vivemos de uma forma mais democrática em relação às questões da sexualidade. Para que fique mais claro, serão apresentadas algumas considerações sobre esses dois campos teóricos (estudos de gênero e estudos *queer*) que em larga escala se cruzam e dialogam, mas também apresentam diferenças fundamentais.

1.1.1 Mulher(es), gênero e sexualidade

Com a influência de ideias pós-estruturalistas, a partir da segunda metade do século XX, é possível reconhecer a heterogeneidade dos sujeitos e sociedades e os estudos sobre as identidades ganham complexidade (FUNARI, FEITOSA & SILVA, 2003). Isso pode ser definido, principalmente, pela dissolução da ideia moderna de sujeito que concebia o ser humano como indivíduo, portador de uma identidade única e indivisível. Esse processo que deu caráter individualista às subjetividades pode ser pensado, de acordo com os argumentos de Stuart Hall (2011), como resultado do Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, movimentos que levaram o ser humano para o centro das preocupações (científicas, sociais, literárias) e estabeleceu a razão como principal condutora das ações humanas. Para Hall, René Descartes (1596-1650) pode ser considerado uma figura central nessa configuração, pois:

> No centro da mente ele "colocou" o sujeito individual, constituído por sua capacidade para raciocinar e pensar. "*Cogito, ergo sum*" era a palavra de ordem para Descartes: "*Penso*, logo existo" (ênfase minha). Desde então, esta concepção do sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, tem sido conhecida como o "sujeito cartesiano" (HALL, 2011, p. 27, grifos do autor).

Tal noção de identidade/sujeito foi sendo rompida, gradativamente, por cinco grandes transformações nas Ciências Humanas, sendo elas: 1) a disseminação do pensamento marxista que explicou os homens não como agentes autônomos da história, mas condicionados às questões materiais e aos modos de produção de cada tempo; 2) a afirmação de Sigmund Freud (1856-1939), de que o inconsciente produziria nossos desejos, identidades e sexualidades por processos simbólicos e psíquicos que estariam fora da tutela da razão, bem como a tese de Jacques Lacan (1901-1981) que apontava para uma identidade não plena/completa em si, mas possibilitada a partir daquilo que faltava ao sujeito; 3) a explicação de que os indivíduos somente conseguiriam produzir significados se posicionando no interior das regras de uma língua e que esta nunca é individual, mas inerentemente social, que foi elaborada por Ferdinand Saussure (1957-1913) e levada à frente até o ponto de não mais entendermos o significado ou a identidade como estáveis ou fechados; 4) a genealogia do sujeito moderno desenvolvida por Michel Foucault (1926-1984) que escancarou a atuação dos poderes disciplinares que mantinham as ações dos sujeitos sob estrita vigilância e controle, agindo tanto no nível social (regulação da espécie humana ou de grandes populações) quanto no nível individual e do corpo (induzindo o sujeito à individualização e sexualização da sua existência); 5) o impacto do feminismo, enquanto crítica teórica e movimento social, que contestou, no bojo dos movimentos sociais da década de 1960 (*gays*, negros, antibelicistas, anticapitalistas e contraculturais), a brutal exclusão e subjugação das mulheres. Vale ressaltar que nesses cinco pontos de transformação elencados, as questões referentes às mulheres, ao sexo/sexualidade, ao feminismo tiveram uma ampla contribuição para o redimensionamento das identidades e do descentramento do sujeito.[14]

As modificações ocorridas nesses campos de estudos e na própria concepção de saber e identidade não se deram somente num âmbito particular ou numa área de estudos específica da História. É nesse bojo que a obra de Michel Foucault ganha destaque no interior das Ciências Humanas e desenvolve, sobretudo na História, um deslocamento das certezas até então consolidadas pelas filosofias da história, pelo marxismo, pelo historicismo alemão e pelo estruturalismo linguístico e antropológico. Nesse sentido,

[14] Todas as informações sobre o descentramento do sujeito moderno/racional foram encontradas em HALL, 2011, p. 34-46.

> […] Foucault chama a atenção para a materialização do discurso, fruto de uma construção social, com suas próprias regras, normas, saberes e poderes […] o conhecimento é efeito de práticas discursivas que não são neutras, mas que enfatizam relações de poder e práticas disciplinares. Por isso, o documento histórico escrito não deve ser considerado como uma fonte detentora de verdades absolutas e imparciais, tornando-se necessária uma análise externa de seu discurso, ou seja, quem fala, de onde fala e por que fala. (FEITOSA, 2000, p. 237)

Como escreve Lourdes Conde Feitosa, nesse contexto, a própria produção do conhecimento histórico sofre transformações e passa a ser pensada como um discurso subjetivo e político, sendo ele mesmo também histórico (FEITOSA, 2003). Em outras palavras, percebeu-se que a figura do historiador não era tão neutra assim, que por mais que se cercasse de todos os cuidados metodológicos necessários, não poderia esquivar-se de escolhas, recortes, modelos interpretativos. A figura do historiador não poderia sobrevoar a história (passada, acontecida) para escrever a História (disciplina). Sua posição estaria mais atrelada aos jogos de poderes e saberes de uma comunidade e/ou instituição que o legitimam do que propriamente uma ciência pura e verdadeira (FOUCAULT, 1987; CERTEAU, 2010[15]). Da mesma maneira, foi dissolvida a concepção de continuidade, devedora das filosofias da história e da sua construção da noção de progresso, dando a ideia de que a humanidade marcharia em sua totalidade para um fim, seja esse fim o Estado no idealismo hegeliano, ou para o comunismo, no finalismo marxista. Com isso, a história e a História são pulverizadas em temporalidades múltiplas, contraditórias, atravessadas umas pelas outras. Em vez de pensar *a história*, passa-se a pensar *as histórias*. As histórias escolhidas não poderiam mais serem plenas, pois a ideia de uma história completa, fechada, esperando para ser desvelada pelo olhar do historiador foi também dissolvida com essas discussões. (CHARTIER, 1990; 2002). É o fim das leituras totalizantes e "é justamente este rompimento com a História universalizante que conduz ao tema gênero" (FEITOSA, 2000, p. 239). Abre-se então espaço na academia para discutir não só a exclusão de mulheres do saber histórico, mas também a de homossexuais e de outros sujeitos de sexualidades e identidades marginalizadas.

Tendo em vista esse breve histórico sobre a produção do conhecimento histórico e as mutações nas concepções de saber, pode-se compreender melhor como os estudos

---

[15] Os trabalhos de Michel de Certeau que contribuíram para repensar o saber histórico serão melhor trabalhados na segunda seção deste capítulo.

sobre as mulheres e, depois, os de gênero e sexualidade tomaram forma e possibilitaram a complexificação dos estudos identitários, sociais e históricos.

Assim, a história das mulheres surge em torno dessas discussões, nas quais se percebe que o sujeito universal, racional e humanista, era representado quase que unicamente pelo homem e pelo masculino. Margareth Rago (1998) explica esse fenômeno como derivado do movimento humanista, já citado aqui, que tirou Deus do centro de nossas preocupações e colocou o homem/masculino, numa espécie de endeusamento da figura masculina em relação à mulher. Ao perceber a colossal exclusão das mulheres da história surge a preocupação, em especial das historiadoras feministas, de se historiar as experiências femininas, para entender sua opressão e sujeição. Com isso, as décadas de 1960 e 1970 passam a procurar explicações históricas para a situação de opressão vivida no presente, entender os arranjos sociais, políticos, culturais e econômicos que tornaram a mulher subordinada às mais diversas relações de poder. Uma breve contextualização desse período é necessária neste momento, pois, como defende Joan Scott, não se deve narrar o processo de constituição do campo de estudo da história das mulheres de maneira simplista ou linear, mas sim como "[...] um relato mais complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da história." (SCOTT, 1992, p. 65).

A obra *Gênero e história: homens, mulheres e prática histórica*, da historiadora norte-americana Bonnie Smith (2003), é crucial para entendermos como a própria constituição do campo historiográfico se deu a partir das relações de gênero. Mesmo já havendo no século XIX mulheres que gozaram de sucesso acadêmico na Inglaterra e nos Estados Unidos, a maioria das mulheres que se dedicavam a escrever a história nessa época era relegada aos espaços domésticos e informais, privadas das associações institucionais e profissionais das quais os homens já gozavam (SMITH, 2003). À essas mulheres, muitas vezes romancistas além de historiadoras, eram dados adjetivos de amadoras. Essas atividades que envolveram os historiadores e historiadoras dos oitocentos são um exemplo de como a formação das ciências tem suas raízes bem fincadas nas situações de opressão derivadas das relações de gênero.

> Eles [historiadores profissionais] também praticavam a história mais privadamente em casa, arregimentando mães, esposas, filhos, cunhadas, primas e outros parentes do sexo feminino para o trabalho de pesquisa, arquivamento, editoração e até mesmo da própria escrita. Todos os créditos iam para o autor homem. (SMITH, 2003, p. 32).

É importante ressaltar que, antes mesmo de historiadoras/es começarem a discutir tais temas de exclusão do feminino, outras intelectuais já se dedicavam a contestar o lugar (ou a falta dele) destinado às mulheres na escrita da história. De acordo com Gisele Ambrósio Gomes (2010), já em 1929 a escritora inglesa Virginia Woolf denunciava a ausência da mulher na historiografia e seu caráter eminentemente masculino. Em 1949, Simone de Beauvoir publicaria *O segundo sexo,* no qual ataca a pretensão objetivista e de neutralidade da História, mostrando que os homens detiveram na maioria das vezes o poder de falar sobre as mulheres e que, também, a escrita da história excluiu boa parte delas (1970, v. I; 1967, v. II).

Para Scott (1992), houve um movimento na segunda metade do século XX para inserção das mulheres nas narrativas historiográficas, sendo dividido em três etapas: a da luta política, da história especializada e da análise conceitual. Esse movimento levou o feminismo ao estudo das mulheres e do estudo das mulheres ao estudo das relações de gênero.

A primeira fase pode ser compreendida como a década de 1960, na qual o campo teve sua origem e se buscou explicações sobre opressão e para ação; época também em que a historiografia buscou heroínas no passado, na tentativa de carregar as experiências passadas das mulheres com personagens importantes. Vemos aí surgir as figuras de Cleópatra e Lívia, por exemplo, como mulheres à frente da cena política, atuando e não somente sendo citadas como mãe ou esposas. Nesse contexto, há uma clara conexão entre a militância política e a intelectualidade.

A segunda fase se deu na década de 1970 e foi caracterizada pela maior entrada das mulheres na universidade tanto como alunas quanto como professoras (RAGO, 1998), o que permitiu que mais mulheres reivindicassem seu lugar profissional na sociedade. A história das mulheres efervesce e ganha energia própria e busca-se a documentação de todos os aspectos da vida das mulheres no passado. Porém, essa solidificação do campo traz um relativo distanciamento da política (SCOTT, 1992).

Por fim, a última fase pensada por Scott cobre a década de 1980, em que houve um desvio da história das mulheres para a história das relações gênero e o rompimento definitivo com a política. É claro que isso não significa que todos os trabalhos daí em diante deixaram de ter a preocupação com a militância feminista pela emancipação da mulher, mas que tal rompimento possibilitou a legitimação do espaço próprio para estudo das mulheres, já que *gênero* passa a ser visto como um conceito neutro, sem as características ideológicas do feminismo (SCOTT, 1992).

Cabe aqui nos determos um pouco mais da década de 1980 e relacioná-la também com a de 1990, já que no Brasil foi somente nessa última década que os estudos sobre as mulheres começaram a trabalhar com a categoria de gênero. Nesse período, há uma grande contribuição para a consolidação da categoria vinda das:

> […] pós-estruturalistas, com Derrida e Foucault à frente, dissolvendo os sujeitos e apontando para a *dimensão relacional* da nova categoria […] as marxistas, procurando integrar rapidamente a nova categoria em seu sistema de pensamento, sempre muito preocupadas em garantir o lugar outrora hegemônico e agora compartilhado do conceito de classe. Era como se nos dissessem: 'tudo bem, pensaremos as relações sexuais, mas desde que respeitemos que a divisão social é mais importante do que a sexual'. E, finalmente, acenavam as psicólogas, com suas propostas e interpretações, mais ligadas às questões da maternidade e da crítica ao patriarcado. (RAGO, 1998, p. 90, grifos da autora).

No Brasil e no exterior, o chamado feminismo ortodoxo encontrou dificuldade em lidar com as transformações sofridas pelo estudo das mulheres e, principalmente em abandonar a ideia de identidade feminina, pois perderiam a força da agenda pública e política das mulheres (RAGO, 1998).

Um exemplo que se tornou um clássico da escrita da história das mulheres é a coleção *História das mulheres no Ocidente*, organizada por Georges Duby e Michelle Perrot, contando com cinco volumes e publicada originalmente com o título de *L´Histoire des femmes en Occident de l´Antiquité à nos jours*, em 1990.

> Essa obra teve também publicações em alemão, inglês, coreano, espanhol, japonês, italiano e holandês, além de outros idiomas. Tornou-se, portanto, uma referência internacional, imitada em vários países, os quais passaram, também, a publicar obras de História das Mulheres de cunho nacional. (PEDRO, 2003, p. 509).

No Brasil a coleção gozou sucesso e em 1997 Mary del Priore organiza *História das mulheres no Brasil*, obra de um único volume e que se tornou referência para a área. Em 2012 é lançada a *Nova História das Mulheres no Brasil*, dessa vez sob a organização de Joana Maria Pedro e Carla Bassanezi Pinsky[16]. Na obra organizada por Duby e Perrot, o que mais nos interessa nela é o seu primeiro volume, dirigido por Pauline Schmitt Pantel (1991). Nele são discutidos os mais variados temas sobre a vida das mulheres na Antiguidade greco-romana, como o direito, a religião, a filosofia, o casamento, o corpo e a família. Na última parte, Pantel se questiona sobre a nova categoria que na época aparecia nos estudos sobre as mulheres na antiguidade, a

[16] Para uma visão geral do quadro de publicações no Brasil sobre a história das mulheres até o ano de 2010, consultar o artigo de Gisele Ambrósio Gomes: GOMES, 2010.

categoria de *gênero*. Até onde ela poderia abarcar as experiências das mulheres? O uso indiscriminado do termo, sem as devidas especificações traria contribuições para a escrita da história das mulheres? Haveria uma despolitização dos estudos das mulheres levando em conta tais "novidades"? A autora defende que *gênero* deveria ser usado com cuidado, no sentido dado por Joan Scott (PANTEL, 1991). Discutiremos logo adiante o conceito de gênero defendido por Scott.

A obra brasileira que, em nossa opinião, melhor reuniu as discussões em torno da história das mulheres na antiguidade foi *Amor, desejo e poder na antiguidade: relações de gênero e representações do feminino* (FUNARI, FEITOSA e SILVA, 2003). Como o próprio título já denuncia, as discussões de gênero já estão amplamente abordadas em alguns de seus capítulos. Porém, a obra também traz reflexões que não se fundamentam nas teorias de gênero e mesmo assim trabalham com a categoria mulher, o que nos permite arrolá-la como pertencente às duas formas de compreender passado. Nesse trabalho, são contempladas às sociedades grega e romana, mas também o Egito e a Mesopotâmia.

Logo, passamos a trabalhar com a categoria *mulheres* (no plural) e não mais *mulher* (singular): cada tempo, cada cultura, cada sociedade cria diferentes modelos, condutas e representações do feminino. Desses embates em torno da história da mulher, das mulheres e os diversos outros adjetivos/recortes/identidades que poderiam acompanhar o termo *mulher* (tais como negra, lésbica, transexual, pobre, oriental, europeia, burguesa, alfabetizada) surgem as teorias de gênero. Estas implicam uma perspectiva culturalista, ou seja, entendem a ordem cultural como modeladora de homens e mulheres, quebrando com o determinismo biológico ainda em voga em muitos estudos, não apenas sobre as mulheres, mas também sobre os homossexuais. O questionamento desses paradigmas levou à desnaturalização das identidades sexuais, o que possibilitou o aprimoramento teórico-metodológico da História enquanto disciplina (FUNARI, FEITOSA & SILVA, 2003).

Entendemos, como defende Scott (2010), que a maior diferença entre os estudos das mulheres e os estudos de gênero está no fato de que a segunda área propôs não lidar com as categorias homem e mulher como estáveis, neutras ou evidentes em si mesmas. Em outras palavras, as teorias de gênero tomaram as categorias homem e mulher, interrogaram-nas e historicizaram-nas.

Joan W. Scott sistematiza o conceito de gênero e articula um claro ferramental metodológico para trabalhar com as noções de masculino e feminino. No seu mais

conhecido artigo e também essencial para a formação do campo de estudos de gênero, Scott defende que não se faz mais uma História somente das mulheres, pois "[...] qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens" (SCOTT, 1995, p. 4). A partir disso, é necessário também levar em conta a fabricação do masculino e do feminino, uma vez que:

> [...] o termo 'gênero' também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas [...], o 'termo' gênero torna-se uma forma particular de indicar 'construções culturais' – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres [...]. 'Gênero' é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p. 4).

Em 2010, relendo seus trabalhos e formas pelas quais ele foi apropriado pelo mundo, Scott publica um artigo que o próprio título sugere o estado atual dos estudos de gênero: *Gender: still a useful category of analysis?*.[17] Nesse artigo, critica o movimento de meados da década de 1990 em diante, ocorrido principalmente nos Estados Unidos, no qual o termo gênero parecia teria perdido sua postura crítica, às vezes sendo tomado apenas como um termo do léxico feminista. Scott argumenta que isso pode ter acontecido pelo fato do conceito de gênero tornar-se somente a descrição e não a interrogação das categorias homem/mulher, masculino/feminino. Ao concluir, a historiadora responde à pergunta feita no título de seu trabalho, afirma que o uso do termo *gênero* ainda é útil se levar em consideração seu potencial crítico, se for tomado com uma ferramenta de desconstrução e para pensar como os significados dos sexos são estabelecidos, transformados e reconstruídos em cada tempo e/ou sociedade.

Como se notou, o processo de constituição do campo de estudos de gênero esteve intimamente imbricado com os estudos sobre as mulheres e com o movimento feminista. Até ser alçado ao patamar de conceito científico, o termo gênero passou por diversos debates. Hoje já é possível vislumbrar um lugar estabelecido dos estudos de gênero, no Brasil e no exterior, com diversas publicações, eventos, simpósios, programas de pós-graduação nas mais diversas áreas das Ciências Humanas e das Artes e até mesmo em campos como o da Enfermagem, da Educação Física, da Obstetrícia e

[17] *"Gênero: ainda uma categoria útil de análise?"* Todas as traduções de línguas estrangeiras para o português realizadas nesta dissertação, quando não indicado o contrário, foram feitas pelo autor deste texto.

da Medicina.[18] Por isso, cabe ainda afirmar esse processo da construção da categoria analítica de gênero teve diversas recepções e até hoje não podemos firmar um único significado para ela ou um único modo de trabalho historiográfico a partir dela. Além disso, houve e ainda há resistências para trabalhar o novo conceito. Pensamos que a maior delas é de ordem teórica e epistemológica: mesmo já se vivendo as décadas finais do século XX, a historiografia ainda se mostrava presa a uma concepção hegeliana do processo histórico:

> Inseridos nessas imagens preliminares de superficialidade e profundidade, de verdade com gênero versus verdade universal, o metafórico e o real são obstáculos históricos aos quais temos dados pouca atenção, porque automaticamente favorecemos a 'profundidade' de nosso conhecimento e esperamos apresentar relatos 'reais' e uma 'verdade universal'. (SMITH, 2003, p. 18).

A desconstrução da sexualidade como fator unicamente fisiológico abriu caminho para que a militância política pudesse desarticular os jogos de poder que cercam os discursos dominantes (tais como o patriarcado e a heteronormatividade) e entendesse que ela é culturalmente determinada e pode ser historicamente localizada. A partir disso, a História também percebe a necessidade de um estudo efetivo da sexualidade, criando métodos, modelos interpretativos e hipóteses para tal, desconstruindo velhos recortes e atribuindo temporalidades diversas para as experiências sexuais e corporais. Como argumenta Feitosa (2008a, p. 128)

> A análise da sexualidade integra a historicidade do corpo, do que pode ser definido por erógeno, das prescrições estabelecidas à prática sexual e de suas emoções, evidenciando variados sentidos de acordo com os valores socialmente construídos em grupos, tempos e espaços históricos estabelecidos.

Desnaturalizada pelas contundentes colocações de Michel Foucault nos três volumes de sua obra *História da Sexualidade* (FOUCAULT, 1988; 1984; 1985), a sexualidade passa a integrar também a agenda dos estudos de gênero. Nos deteremos agora nas contribuições foucaultianas acerca da sexualidade.

Entendemos que Foucault

> […] representa um grande salto epistemológico para pensar a sexualidade, pois interpretará esta como um discurso que foi

[18] Se tomarmos, a título de exemplo, os anais eletrônicos do *Fazendo Gênero 10–Desfaios atuais do feminismo*, ocorrido em 2013 na UFSC-Forianópolis, maior seminário latino-americano para discussão do assunto, veremos a variedade de temas e abordagens, nas mais diversas áreas do conhecimento. Ver: FAZENDO GÊNERO 10: desafios atuais dos feminismos. **Anais eletrônicos.** Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/site/anaiscomplementares. Consultado em: 28/01/2015, às 00h21min.

> produzido pela modernidade e que atinge seu auge no século XIX. Ao tentar entender como nos tornamos sujeitos sexuados e como o sexo tornou-se objeto de preocupação moral no ocidente, Foucault observa que a sexualidade é apreendida na modernidade por uma série de saberes, sendo enunciada em vários discursos: a medicina, a psicanálise, o direito, etc. (RIBEIRO JR, 2012, p. 5).

No primeiro volume (FOUCAULT, 1988), o filósofo francês descarta a hipótese repressiva, na qual acreditava-se que haveria uma sexualidade original, livre, quase pura que fosse sendo acobertada por poderes que a reprimiram, principalmente pelos valores morais cristãos. Para argumentar contra tal hipótese, Foucault elabora um conceito de poder que enfatiza a função produtora que ele tem, suas conexões com os saberes e com a formação da subjetividade (FOUCAULT, 1979; 1988).[19] É importante ressaltar também que não podemos firmar um único sentido para o que ele acreditava ser o poder, já que tal conceito perpassa todas as suas obras e vai se modificando com o tempo. Nesta esteira, a formação da sexualidade enquanto um dispositivo histórico é exatamente o inverso de uma repressão, é a ascensão de um modelo discursivo que, através dos séculos, nos faz falar sobre o sexo, preocupar-nos com suas questões (FOUCAULT, 1988). Seja pela confissão cristã, seja pela sessão no consultório psicanalítico, os mecanismos de poder da sexualidade têm feito com que pensemos que haveria uma verdade sobre o sexo que precisava ser desvelada, dita, inscrita e enunciada, tratando-o com algo escondido, reprimido.

Desconstruída a forma de conceber o sexo na modernidade, Foucault recua até a Antiguidade para entender como é que os gregos, os romanos e os primeiros cristãos criaram formas de agir sobre si mesmos, seus corpos, sexualidades e subjetividades. Em *O uso dos prazeres* (FOUCAULT, 1984), segundo volume publicado, a Grécia do século IV a.C. é analisada a partir de fontes literárias é exposto a maneira como o sexo se tornou objeto de uma preocupação moral já neste período. Por exemplo, já é possível ver aí as primeiras inquietações que envolviam as relações sexuais entre homens, comum nas práticas pederásticas gregas. Estas nunca chegaram a ser proibidas, mas tornaram-se foco problematizações médicas e filosóficas, que já aconselhavam algumas

[19] Para uma visão mais completa do conceito de poder em Michel Foucault ver FOUCAULT, 1979; especialmente: "O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir." (FOUCAULT, 1986, p. 23).

formas de se fazer um bom uso dos prazeres: a austeridade sexual e o controle dos desejos já se faziam presentes.

Avançando para os séculos I e II da era cristã, Foucault argumenta no terceiro e último volume publicado da *História da Sexualidade – O cuidado de si* (FOUCAULT, 1985) – como os romanos criaram para o sujeito um cuidado de si, onde as pessoas desenvolveriam sobre si próprias focos de atenção, resultando no que chamou de uma estética de conduta consigo mesmo, ou cultura de si.[20] Tomemos novamente o exemplo das relações homoeróticas: o autor entende que também não houve nesse período uma proibição, mas sim uma mudança de foco, na qual deixa de existir uma preocupação filosófica com o amor pelos rapazes, voltando agora os olhares para o casamento e a relação conjugal (FOUCAULT, 1985). Com isso, compreende-se que a preocupação não era com o amor que se nutria pelo mesmo sexo, mas que se desenvolve para o cidadão romano – uma vez que a documentação usada por Foucault é novamente literária e escrita por e para homens aristocráticos – um controle sobre si e sobre os outros (tanto no âmbito matrimonial e amoroso como no âmbito político) e que estaria relacionado também a sua posição de controle sexual.[21] A imbricação dos papéis sociais com a conduta sexual daria ao cidadão a necessidade de atividade nas relações sexuais, sejam elas com suas esposas, seus escravos ou prostitutas. Haveria um certo isomorfismo entre a relação sexual e a organização político-social romana. Por isso, trata-se mais de uma questão de *status* e legitimidade o que garantiria a identidade do homem romano enquanto homem. Sendo livre, poderia servir-se de suas esposas, escravos/as e prostitutos/as e obter deles prazeres, desde que nunca assumisse o papel de passivo (FOUCAULT, 1985).

Mesmo que as interpretações foucaultianas sobre os modos de como os antigos criavam-se enquanto sujeitos sexuados sejam vistas como rígidas para o nosso tempo e até mesmo ultrapassadas (tornaremos mais claras essas críticas na próxima subseção), é importante frisar que as suas contribuições para a historicização da sexualidade embasaram diversas pesquisas e estudos. Fazendo uma genealogia dos processos de sexualização, Foucault não procurou a origem ou a natureza de nossas identidades ou

---

[20] Essa discussão também pode ser vista em RIBEIRO JR, 2012. Esse texto foi escrito pelo mestrando enquanto era graduando e desenvolvia a pesquisa em nível de iniciação científica intitulada *Representações do homoerotismo em Roma: uma análise do Satyricon de Petrônio (século I d. C.)*, financiado pela FAPESP (processo nº 2012/00245-0) sob orientação da Dra. Andrea Lucia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi.

[21] Para uma discussão mais aprofundada desses posicionamentos de Michel Foucault conferir FEITOSA, 2008b. p. 79-92.

dos nossos desejos sexuais, mas defendeu que até mesmo os elementos que julgamos mais estáticos, naturais e dados são mutáveis se sujeitados às variações temporais, aos emaranhados discursivos, às dobras do poder e da linguagem. Resumindo, como fez Thomas Laqueur (2001) acerca das considerações de Michel Foucault, não há nada de essencial no sexo e nada de natural na carne, mas a sexualidade é uma das maneiras de se moldar o *self* e essas maneiras são historicamente especificáveis. Não há uma identidade, saber ou poder que possa permanecer estável, a-histórico; nem um dado anatômico, físico ou instinto que não possua historicidade. As colocações de Foucault se tornarão a pedra angular dos estudos *queer*, sobretudo nas proposições de Judith Butler. Mais adiante discutiremos tais relações.

Podemos também aqui elencar as contribuições do já citado Thomas Laqueur em sua obra *Inventando sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud* (2001). Como já apontamos na introdução, a principal tese que Laqueur defende é de que até a modernidade existiu uma concepção médica de que haveria um único sexo, apesar de existir diferenciações de gênero em todas as sociedades por ele estudadas: "Quanto mais examino os registros históricos, menos clara se torna a divisão sexual; quanto mais o corpo existia como o fundamento do sexo, menos sólidos se tornavam as fronteiras" (LAQUEUR, 2001, p. 9). Laqueur deixa claro, entretanto, que essa concepção encontrou resistências e que por certos momentos não foi hegemônica.

Quando o autor aborda a antiguidade, ele reúne um amplo material textual para pensar como este período entendeu e vivenciou o sexo: nele é possível ver a análise de escritos médicos de Galeno, Pólux, Hipócrates, mas também filosóficos, como os de Aristóteles. Thomas Laqueur defende que o modelo geral de compreensão dos corpos na antiguidade se baseava primeiramente em noções como quente e frio e que os corpos masculino e feminino faziam parte de uma mesma matéria e organicidade. Nesse sentido a digestão, a reprodução, o alimento, o sangue e o sêmen são pertencentes a uma mesma economia geral de fluidos conduzidos pelo calor. Devido ao fato do homem ser mais quente que a mulher, segundo as visões de Aristóteles e Galeno, o seu sangue poderia se tornar uma espécie de sangue mais puro, portador da vida, que seria o sêmen. Já a mulher, por ser mais fria, não conseguiria gerar a semente que portava a vida e por isso só a recebia. Mas vejamos que a genitália não é levada em consideração como parâmetro de diferenciação ou, ao menos, ela não tinha a primazia para tal diferenciação, pois a mulher também possuía os mesmos elementos fisiológicos que o homem: pelo excesso de sangue no corpo, a mulher transformaria esse em gordura,

assim como também o homem. A mulher ainda poderia dar vazão ao excesso de sangue pela menstruação ou pelo leite. Até mesmo as relações homoeróticas poderiam ser explicadas por esse excesso de sangue comum a homens e a mulheres: quando o homem não podia expelir pelo sêmen, suor ou gordura, o sangue se alocaria no ânus, enquanto que na mulher na vagina; dessa forma, procurariam o prazer entre iguais (LAQUEUR, 2001).

Os órgãos ocupavam também lugar nessa relação isomórfica entre homens e mulheres. Por exemplo, quando os médicos antigos estudavam o útero, não o definiam como algo exclusivo da mulher, mas sim como um órgão retentor, assim como o estômago e o intestino. A ideia de Galeno de que as mulheres seriam homens invertidos, com órgãos que tinham as mesmas funções, apenas se localizavam, em alguns casos, em espaços diferentes do corpo, toma forma nesse contexto médico e filosófico. Mas o pênis equivaleria à vagina e os ovários seriam os testículos femininos. Na medicina de Pólux e Solanus, "[...] parte interna da vagina desenvolveu-se em volta do colo do útero com o prepúcio dos machos desenvolve-se em volta da glande. […] a vagina e estruturas externas eram imaginadas como uma pele gigante do pênis interior feminino." (LAQUEUR, 2001, p. 49).

Para Thomas Laqueur, a visão aristotélica de que a diferença não estava na forma, mas sim na matéria que constituía homens e mulheres, permaneceu da antiguidade ao Renascimento, reforçada por intelectuais ligados à Igreja durante a Idade Média. Até mesmo no século XIX é possível médicos defendendo a ideia de sexo único. O trabalho de Laqueur é rico em ilustrações criadas pela medicina, em especial os anatomistas, que mostram essas concepções circulando até depois dos cadáveres serem abertos.

Entendemos, pois, com essas informações sobre os trabalhos de Foucault e Laqueur, que os historiadores puderam ter acesso à uma maneira própria de lidar com as questões do sexo e da sexualidade, retirando-as do âmbito da biologia.

1.1.2 "É possível modificar as relações de gênero modificando somente as mulheres?" [22]

Quase que invariavelmente, os estudos de gênero, apesar de se constituírem como um campo diferente dos estudos sobre as mulheres, seu objeto de estudo foi quase

[22] Questão levantada por Durval Muniz de Albuquerque Júnior em seu texto *Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças.* Ver, na lista de referências, ALBUQUERQUE JR, 2010.

somente a mulher. Isso pode ser justificado pela exigência em se pensar a condição das mulheres que, apesar das transformações promovidas pelo movimento feminista, ainda estão condicionadas à relações de poder e submissão. Outro motivo é a resistência de estudiosas ligadas aos movimentos de libertação das mulheres em aderir à categoria de gênero, entendendo que esta privilegiaria também o masculino como objeto de estudo, deixando novamente de lado a escrita da história das mulheres, entendendo que seria esse o "verdadeiro" dever de uma história feminista.

Em relação à antiguidade, a categoria gênero permitiu lidar com as relações de poder e subjetivação que formavam as ideias de homem e mulher, masculino e feminino. Gênero, logo, trouxe à baila a construção social e histórica do masculino, mostrando que, se as relações de dominação que subjugavam as mulheres precisavam ser desnaturalizadas, o lugar que o dominante ocupava (o homem, o masculino) também necessitava de historicização e desnaturalização. Teceremos algumas considerações agora de como a masculinidade vem sendo desconstruída nos estudos sobre a sociedade romana.

Os primeiros escritores que se dedicaram a pensar com afinco a sexualidade romana, de acordo com Feitosa, nas décadas de 1960 e 1970 se pautariam numa visão weberiana da sociedade romana na qual seria aceito um modelo homogêneo de cultura, no qual ainda utilizavam as categorias *homem* e *mulher* como universais e a-históricas ou trans-históricas (FEITOSA, 2008b). Destacam-se os nomes de Juan Galán, P. Quignard e Jean-Noël Robert. Estes se inserem na historiografia que tradicionalmente que dividiu a história romana em três grandes momentos: 1) a Roma arcaica, aldeã e pobre, que se caracterizaria pela austeridade, o apego à moral e às virtudes; 2) a Roma expansionista: conquistadora e rica, caminhando por perder-se em perversões e 3) a Roma imperial marcada pelo luxo, pelo vício e pela devassidão de costumes (FEITOSA, 2008b).[23]

Nessas décadas, a masculinidade era comumente vista de forma homogênea. A frase de Sêneca "A passividade é crime para os livres, fatalidade para o servo e obrigação para o liberto" [24] (SÊNECA apud FEITOSA, 2008a, p. 132) orientava a maior parte das interpretações sobre o que era ser homem na sociedade romana. Tal visão permanece em Veyne que, apesar de dinamizar tais olhares sobre a questão, persiste na

[23] Essas considerações já foram trabalhadas pelo autor desta dissertação e essas reflexões aqui expostas também podem ser encontradas em RIBEIRO JR, 2012.

[24] *"Impudicitia in ingenuo crimen est, in servo necessitas, in liberto officium."*

dicotomia ativo-passivo para explicar não só as relações de gênero em Roma, mas também as relações sociais (VEYNE, 1990; 2008). Para este modelo, cabia ao homem ser ativo nas relações sexuais, não importando quem fizesse o papel de passivo (escravo, mulher, liberto), sempre penetrando e nunca sendo penetrado. Também nas relações sociais, o homem deveria mostrar controle sobre si mesmo e sobre os outros, administrando sua *domus* ou a *urbs.* Nessa concepção, os valores tradicionais, calcados no *mos maiorum*, eram lidos como se regulamentassem toda a sociedade. Segundo Grimal (1984, p. 67-68):

> Quando um romano, ainda no tempo do império, fala de *virtus* (a palavra da qual deriva 'virtude' e que significa, propriamente, a qualidade de ser um homem, *vir*) refere-se menos à conformidade com valores abstractos do que à afirmação em acto , da qualidade viril por excelência, ao domínio de si – atribuindo, não sem desdém, à fraqueza feminina, a *impotenti sui*, a incapacidade de dominar a natureza.

Vê-se, nesse sentido, a construção do masculino perpassada pela relação entre a atividade e a passividade, na tensão entre o controle e o descontrole. Isso é problemático por dicotomizar uma questão que pode ser muito mais complexa. A começar, como argumenta Pinto (2011), isso pode nos levar a pensar o passivo como submisso e cristalizado na posição de inferioridade, sem possibilidade operante ou de prazer na relação sexual.

No campo historiográfico brasileiro podemos citar a atuação Lourdes Conde Feitosa como uma das principais pesquisadoras que trabalham para diversificar as visões construídas sobre a sexualidade romana: vale-se das teorias de gênero, das fontes literárias e arqueológicas para questionar os preceitos de austeridade e virilidade masculinas, bem como oposição dicotômica dos conceitos de atividade e passividade para o homem romano (1994; 2005; 2008a; 2008b).

Ao estudar obras literárias de Ovídio e Petrônio, ambas datadas do primeiro século, Feitosa relativiza os papéis sociais atribuídos ao homem romano, confrontando as visões de Veyne e Foucault que atribuem ao homem os aspectos de virilidade e a posição de comando, afirmando que no campo amoroso isso se daria de forma mais complexa e, por vezes, contraditória (FEITOSA, 1994). Uma vez que estes autores se apoiam em uma documentação bastante elitista que privilegia os ideais da aristocracia e que também deseja assegurar para si um modelo de conduta e, consequentemente, uma identidade; deixam escapar o que a literatura pode representar. Feitosa não nega que entre a elite buscava-se um ideal de masculinidade e não-passividade, mas que até

mesmo Petrônio narra, no *Satyricon*, possibilidades de haver práticas de homoerotismo passivo nesse grupo social.

Em um artigo publicado juntamente com Renata Senna Garraffoni, Feitosa defende o uso de categorias mais flexíveis que possam dar conta da complexidade de experiências no passado romano. Analisando o uso dos termos *digntas* e *infamia* na documentação literária e epigráfica, as autoras enfatizam a diversidade da masculinidade nos discursos tanto ditos elitizados quanto comuns ou cotidianos. Para os textos literários, como os de Cícero, percebe-se que duas atitudes delimitam a identidade do ser homem: deveriam ser respeitadas a integridade física do *ingenuus*, bem como a impenetrabilidade do seu corpo (FEITOSA; GARRAFFONI, 2010). Entretanto, quando as autoras tomam por fontes inscrições parietais da cidade de Pompeia, percebem que tais modelos de atividade e virilidade são bastante contraditórios e, no máximo, podem buscar um ideal para cidadãos, o que não abrangeria as outras camadas da sociedade. Na obra que resultou do seu doutorado, Feitosa também trabalhou com a documentação arqueológica e afirmou:

> Da análise das inscrições amorosas, pude inferir que o conceito de masculinidade tida como insígnia da autoridade e poder, cede espaço para um perfil de masculino que se constrói em conformidade com o feminino: uma concórdia estabelecida entre aqueles que compartilhavam trabalhos, sortes, infortúnios e explorações. Realidade muito distante daquela aristocrática e de seus valores e julgamentos, que não devem ser pacificamente aceitos e transpostos como legítimos aos demais grupos sociais. (FEITOSA, 2005, p. 130).

Percebemos, desse modo, que há também uma história da construção do homem enquanto ser dominante e sinônimo de autoridade. A tese de doutoramento de Renato Pinto também coloca o masculino em perspectiva histórica, olhando-o como uma categoria que se transforma de acordo com as variações culturais e sociais, bem como é fruto de diferentes usos ao longo do tempo (PINTO, 2011). Assim, não pode-se sugerir que havia 'o homem' romano, mas que os modelos de existência, subjetividade e masculinidade são variados.

> Não há nenhum padrão universal 'natural' que conecte o conceito da palavra 'homem' ao 'masculino'. Isto não quer dizer que não haja nenhum tipo de associação cultural ou que ela seja arbitrária. Porém, tais ligamentos são discursivos. Eles se fundamentam no contexto histórico particular e nos tropos linguísticos, para que as conexões sejam legitimadas e apresentadas como reais. Da mesma forma, o masculino e o feminino se relacionam nas experiências vividas e pelos significados que os corpos recebem e produzem. Há ambiguidades e contradições constantes nas construções dos discursos que dão gênero aos seres humanos. (PINTO, 2011, p. 159-160).

Jogar luzes sobre a descontinuidade da identidade masculina, como acima trabalhado, se relaciona com esforços para desconstruir discursos misóginos e homófobos. É sabido que foi no século o século XIX que se construiu a homossexualidade como patologia, bem como as suas noções de perversão (HEKMA, 1995). No caso específico da Inglaterra moderna, Pinto demonstra como houve um entrelaçamento dos discursos imperialistas com as ideologias de gênero, momento em que os discursos modernos buscaram na antiguidade romana relatos que provassem que a falta de virilidade de seus homens teria causado a ruína do império romano, fortalecendo a ideia de que a dureza e a virilidade deveriam ser atributos inerentes aos jovens e aos homens ingleses se quisessem construir e manter o seu próprio império (PINTO, 2011). Isso traz à baila a questão dos usos do passado, atitude inerente a qualquer trabalho histórico, permitindo ver que manusear uma fonte antiga, mesmo com todos os cuidados metodológicos necessários, sempre é um trabalho que conecta as nossas visões de mundo, ideologias e relações de poder com as experiências do passado.

Um estudo importante da década de 1990 foi recentemente revisto e reeditado. Trata-se do trabalho de Craig Arthur Williams. Neste, o autor investiga as ideologias sobre a masculinidade em Roma, entre os séculos II a.C. e II d.C., focando nas relações sexuais entre homens, entendendo masculino como um produto cultural e não somente um dado biológico (WILLIAMS, 2010). Faz também um interessante uso dos termos *homossexual* e *heterossexual*: emprega-os propositalmente para evidenciar suas especificidades históricas e expor sua inadequação no tratamento de práticas e representações romanas. Valendo-se também da teoria *queer*, entende os gêneros como performance e busca entender como ele funciona na regulação das experiências sexuais entre os romanos.

Suas hipóteses são bastante relevantes para a pesquisa aqui desenvolvida e seus resultados apontam para o paradigma instaurado pela dicotomia ativo-passivo,[25] porém prefere usar os termos *insertive* (insertivo) e *receptive* (receptivo) para não entender somente um dos participantes da relação sexual como subjugado pelo ato sexual; mas somente para se referir ao papel ocupado em tais atos (WILLIAMS, 2010, p. 258). Analisa também a oposição entre os nascidos livres ou cidadãos e os demais romanos que protege o ideal da integridade do próprio homem romano; bem como a distinção

[25] Modelo que ficou amplamente conhecido com as obras de Michel Foucault e Paul Veyne. Ver, na lista de referências FOUCAULT, 1984; 1985 e VEYNE, 1990; 2008.

das noções masculinidade e feminilidade. Mas o mais relevante em seu estudo é a seguinte conclusão: desejar outro homem, amar outro homem não era motivo para rotular e tampouco ridicularizar um homem romano, mas sim a descaracterização da virilidade, que não era somente causada por assumir o papel de receptor numa relação sexual e sim poderia ser atacada pelo modo do homem andar, se vestir, comer e falar (WILLIAMS, 2010, p. 263-266). Enfim, Williams argumenta que o modelo de masculino prevaleceu quase o mesmo nos quatro séculos por ele estudados e também admite que é possível pensar outras formas de estudar o masculino em Roma (2010, p. 260-262). Para o autor, é mais frutífero analisar as performatividades de gênero (masculinidade/feminilidade) do que simplesmente encarar as questões referentes aos homens como naturais ou fixas.

Terminamos esta subseção acreditando termos mostrado que os estudos de gênero e sexualidade contribuíram para a relativização dos papeis masculinos romanos. Expomos, por fim, mais um dos motivos pelos quais acreditamos que se desenvolveu em maior escala o campo de estudos das mulheres do que o dos homens: pelo local de opressão ao qual as mulheres foram e ainda são sujeitadas. Expliquemos melhor. Assim como já mostramos com Rago (1998) e Hall (2011), quando ocorre o processo no qual a explicação e o estudo do mundo, da sociedade e dos fenômenos se deslocam da religião cristã para o pensamento racional, o homem é colocado como sujeito do conhecimento, como aquele especula, investiga. À mulher resta o local apenas de objeto a ser pesquisado, dito. Essa relação, acreditamos, não significa que a mulher passa a figurar como objeto em todas as ciências, mas é que a elas é negado o papel de produtoras da ciência. A História só fará isso tardiamente, dando história às mulheres somente quando elas exigiram e lutaram por isso. Assim, de acordo com Thomas Laqueur (2001) o homem tornou-se o centro, o padrão, o comum, enquanto a mulher, sua sexualidade e seu corpo tornaram-se os objetos instáveis; suas identidades eram sempre descritas pelos saberes como estraçalhadas e dúbias. As feministas tornaram isso absurdamente evidente. O “alguém” é sempre o masculino, o universal é sempre o homem. Uma vez que o homem, produtor do saber moderno, colocou-se nessa posição de evidência, como aquilo que existia em si e não havia dúvidas sobre isso, “provavelmente não é possível escrever a história do corpo do homem e seus prazeres porque o registro histórico foi criado em uma tradição cultural onde essa história não era necessária.”, escreve Laqueur (2001, p. 33). Aqui discordamos de Laqueur, pois, para nós, justamente por isso é preciso escrever a história do homem; exatamente por ocupar esse lugar no

conhecimento moderno, já hoje bastante desconstruído, é que há a necessidade de mostrar que ele também é histórico. Não propomos aqui que voltemos a endeusar os homens, no estilo positivista e historicista de meados do século XIX e inícios do XX, buscando biografias exemplares, grandes nomes políticos. É preciso escrever a história dos homens assim como fizemos com a das mulheres, para mostrar o quão diverso, instável e incoerente é ser homem. Historicizar o masculino, o macho, o homem, o *uir* romano é explicar que ele tem gênero, tem sexo e que isso é mutável e por vezes contraditório. É escancarar sua fabricação histórica enquanto ser social, sexual, animal. Reduzir o Homem a pó, para poder construir outras possibilidades de ser homem. Se Joan Scott (1992) afirmou que a história das mulheres é inevitavelmente um campo político, afirmamos que também do homem o é.

1.1.3 Por uma história dos corpos e dos sujeitos anômalos: os estudos *queer.*

A partir das transformações nas relações de poder e saber que foram narradas até aqui inúmeros estudos foram desenvolvidos acerca de tais temas. Até hoje é possível perceber a utilidade desses trabalhos, seu rigor metodológico e sua busca por uma sociedade com mais respeito às diferenças e com maior garantia de direitos. Porém, além de todo esse elenco de contribuições, atualmente também temos à disposição as recentes reflexões da *Teoria Queer*. Tal teoria dialoga muito proximamente com os estudos de gênero e consideramos que pode ser pensada não como um campo à parte, mas inserida nas epistemologias de gênero. É sobre isso que tratará o este último tópico desta seção.

Assim como os estudos de gênero acima apontados, a Teoria *Queer* também tem sua base nos movimentos sociais. Ao longo dos anos 1980, há fissuras dentro do próprio movimento homossexual, uma vez que alguns grupos por ele englobados criticavam suas propostas e lutas políticas, acusando-as de afirmar e privilegiar valores da classe média branca (SPARGO, 2006, p. 29). Logo essas diferenças internas acabaram minando o ideal de uma identidade *gay* ou lésbica, o que já havia acontecido com o movimento e os estudos feministas, como acima exposto. A expressão *queer*, antes usada em discursos homofóbicos para taxar como esquisito ou estranho as diversas manifestações identitárias da homossexualidade, é tomada pelos integrantes do movimento *gay* que não se identificavam com as propostas do mesmo, como uma forma de subverter e questionar sua hierarquia. Ser *queer*, então, era habitar as margens e não

desejar integrar o centro. A expressão, nas palavras de Spargo (2006, p. 35), "significava mais sensual, mais transgressor, uma demonstração deliberada de diferença que não queria ser assimilada ou tolerada [...] uma diferença que visava incomodar o *status quo*". É nos Estados Unidos que, na virada da década de 1980 para a de 1990 que o *queer* ganhou *status* de teoria e tornou-se novo campo de estudos para compreender a diversidade da sexualidade humana. Desse modo, tal teoria:

> quer ser mais abrangente e abarcar outras entidades marginalizadas da sociologia e da teoria cultural pós-modernista. A palavra queer, nesse contexto, quer representar tudo aquilo que escapa da homogeneização, da normalização de nossos conceitos modernos do que são as práticas sociais dos gêneros e das sexualidades (CERQUEIRA; PINTO, 2011, p. 12).

A filósofa estadunidense Judith Butler pode ser considerada uma das precursoras da teoria *queer* e talvez seja a autora mais acessada para se trabalhar com o tema. Como já se expôs, a obra de Butler é fundamental para a construção desta dissertação e, para que essa influência se torne clara, trabalharemos a partir de agora com dois conceitos que formam a espinha dorsal de suas proposições: *performance* e *desidentificação*.

Inspirada nos estudos foucaultianos, Butler inverterá a proposta dos estudos gênero: em vez de o gênero ser uma construção sociocultural sobre um sexo fisiológico, proposta presente em Joan Scott (1992; 1995), é o próprio gênero que constrói o sexo e dá a ele materialidade dentro de um discurso ou cultura específicos, uma vez que não existiria um sexo pré-discursivo, anterior à linguagem ou à cultura (BUTLER, 2001). Assim, gênero é pensado como *performance*, nos possibilitando entender como o discurso heteronormativo organiza não somente a nossa sociedade, mas também nossa sexualidade, nosso corpos e nosso próprio desejo.

Deste modo, num olhar *queer* existiria a performatividade de gênero, não haveria um gênero em si ou não seria possível que alguém pertencesse a este ou aquele gênero. Isto significa que existe uma ordem cultural que produz efeitos de coerência e continuidade entre sexo, gênero e sexualidade, criando também a ideia fictícia de um sujeito unitário, indiviso (BUTLER, 2003). No entender de Guacira Lopes Louro, essa perspectiva leva a crer que o sexo (macho ou fêmea) induziria a um determinado gênero (masculino ou feminino) e este, por seu turno, condicionaria uma forma de sexualidade (o desejo heterossexual) (LOURO, 2008). Essa lógica só produz sentido dentro de postulados binários, criando identidades diretamente opostas (homem-mulher, masculino-feminino) que se apoiam numa matriz de pensamento que exige uma

heterossexualidade estável e, portanto, natural (BUTLER, 2003, p. 45). Logo, gênero como categoria de análise não seria algo frutífero para a articulação da luta política, uma vez que ela colabora para a manutenção da heteronormatividade, que produz corpos, sujeitos e desejos. Sobre isso, afirma Butler (2003, p. 25):

> O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos […] o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a 'natureza sexuada' ou 'um sexo natural' é produzido e estabelecido como 'pré-discursivo', anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.

Os estudos *queer*, assim como os estudos de gênero, propõe mais que uma teoria ou um modo de ler o mundo e produzir conhecimento; eles são também apostas políticas. De acordo com esta proposta, também já elucidado anteriormente, não se considera gênero como construto cultural sobre um sexo anatômico, mas gênero é entendido como performance, como normas regulatórias que produzem e materializam corpos dentro de uma lógica binária, oposicional e heteronormativa. Nas palavras de Butler, "estes esquemas regulatórios não são estruturas intemporais, mas critérios historicamente revisáveis que produzem e submetem os corpos que pesam" (2001, p. 168).

A partir disso, Butler (2014) defende que o gênero não é alguma coisa que alguém possui, guarda dentro si ou algo assumido por uma interdição ou trauma (uma concepção da psicanálise, sobretudo na sua vertente lacaniana), nem tampouco seria possível alguém pertencer a um determinado gênero. Gênero é a própria norma que produz sujeitos de gênero, não é possível reconhecer um corpo ou alguém se nosso olhar não estiver enviesado pelo aparato das regulações de gênero. O sujeito humano só emerge a partir do momento no qual é possível reconhecer nele um sexo, um gênero, uma orientação sexual. Feitosa e Rago (2008) apontam que as noções de identidade que ganharam força no século XIX se ligaram intrinsecamente aos postulados biológicos em voga naquele momento. Isso denuncia como que na própria noção de ser, na explicação do indivíduo a sexualidade ganhou centralidade. Na modernidade, mais do que qualquer outro tempo, ser humano, ser homem ou mulher, significa, antes de tudo, ser sujeito do sexo e do gênero.

Nesse sentido, tais esquemas e normas materializam o esquema sexo/gênero/desejo em corpos e lhe dá o efeito de naturalidade, de fisiologia e extra-

discursividade. São estas normas também que tornam esses corpos passíveis de reconhecimento e inteligibilidade somente dentro desta lógica de gênero (homem-mulher, masculino-feminino), caracterizando-os como corpos que importam/pesam. Se este sexo possui sua historicidade e discursividade, logo ele não existe em si, mas ele se dá pela construção do sujeito, como Foucault já havia definido (1988; 19845; 1985). Para isso, como qualquer outra forma de criação de identidades, o sujeito sexuado só emerge por meio de forças de exclusão e de repúdio, criando exteriores/territórios para aqueles que não são sujeitos de uma sexualidade inteligível. É aqui que entra o segundo conceito pensado por Judith Butler: *desidentificação* (BUTLER, 2001).

A aposta de Butler é justamente nestes corpos que são materializados como abjeção da norma heterossexual, que burlam e, ao mesmo tempo, são o limite das identidades sexuais, denunciando a discursividade e as fissuras da performatividade de gênero (BUTLER, 2003; 2001). Sugerimos então, seguindo essas observações que os eunucos, por ocuparem este exterior de abjeção do esquema masculino/homem-feminino/mulher, podem desestabilizá-lo. Se nossas fontes confirmarem que os corpos dos eunucos não pertencem a nenhum dos polos (macho ou fêmea), mas se justamente ocupam o entre-lugar, os corpos dos eunucos são indispensáveis para desidentificar as normas regulatórias pelas quais a diferença sexual é materializada na sociedade romana.

Em suma, com o conceito de *desidentificação, a* Teoria *Queer* defende que não existiria homem ou mulher, masculino ou feminino em si, de forma dada e esperando a análise do historiador para ser compreendida, mas efeitos de naturalização de corpos, processos discursivos que criam identidades sexuais e de gênero. O estudo dos eunucos contribuirá, desta forma, para a desestabilização das visões heteronormativas muito frequentes sobre o passado romano.

É importante arrolar aqui as inquietantes observações que Marta Lamas (2000) fez às proposições de Butler. Para Lamas, Butler tem êxito em considerar tanto os elementos sociais quanto psíquicos na construção dos gêneros, mas sua falha está em não "transmitir a complexidade da aquisição de gênero pelos corpos sexuados em uma cultura" (LAMAS, p. 17). Lamas critica também a noção de *performance* como atuação do próprio indivíduo sobre si mesmo e sobre seu corpo, pois, dialogando com as colocações de Pierre Bourdieu, acredita que deve-se apostar numa ação e numa luta simbólica coletivas. Mas em momento algum foi descartado por Butler a ação coletiva para a desconstrução das normas e regulações de gênero. Na introdução de *Problemas de gênero* (2003) isso fica claro quando Judith Butler entende a luta por uma sociedade

mais democrática só é possível por meio de incessantes associações e conexões de diversas pautas.

Outro aspecto interessante da reflexão de Marta Lamas é quando ela recorre ao conceito de *habitus* que, para Bourdieu, são "sistemas perduráveis e transferíveis de esquemas de percepção, apreciação e ação, resultantes da instituição do social nos corpos" (BOURDIEU *apud* LAMAS, 2000, p. 20). Partindo disso, Lamas entende que a "desgenerização" da cultura não desconstruiria os *habitus* seculares que inculcam o masculino e o feminino no inconsciente e nos corpos; assim, a aposta na desidentificação seria improdutiva. Mas, nós defendemos que a proposta de desidentificação é expor as contingências que formam nossas concepções atuais acerca do gênero e as relações de poder decorrentes daí (BUTLER, 2014). Por fim, entender gênero como performance é compreender que a regulação de gênero exerce a fabricação dos corpos como algo natural. Isso serve melhor aos nossos objetivos, uma vez que não haveria um corpo neutro para atuação do social ou para a assunção da diferença sexual - para Butler (2003, 2014), essa seria uma concepção da psicanálise lacaniana -, mas que esse corpo só é passível de reconhecimento, nomeação, materialização e sexualização a partir do social.

Pensamos então que o conceito de gênero assim como foi elaborado pelos estudos *queer* permite olhar para as experiências corporais marginalizadas, como acreditamos ser o caso do eunucos.

> […] novas teorias culturais, como a *Queer Theory*, reconhecem a importância dos estudos de gênero e das múltiplas manifestações de sexualidade […] Os estudos históricos e arqueológicos precisam chamar nossa atenção para essas diferenças entre presente e passado, para as descontinuidades, para as diversidades de gênero e de sexualidades, e para a necessidade de fugirmos das homogeneizações, dos discursos autoritários e preconceituosos, muitas vezes justificados e propagados no nosso meio acadêmico atual. (PINTO, 2011, p. 59-60).

Para Fernando Cândido da Silva (2011), estudar os eunucos é uma proposta *queer* que pode contribuir tanto para os estudos antigos quanto para o nosso presente: seus corpos habitam o entre-lugar, não são corpos machos, nem corpos fêmeos; eles podem desmantelar a dicotomia natural do sexo e a matriz heterossexual ou de uma heterossexualidade compulsória, como quer Butler. Os eunucos são a margem que fixa o limite do que é ser homem ou ser mulher, denunciando as ordens que regulam os corpos e dão a eles materialidade dentro de uma perspectiva de gênero, ajudando a

desestabilizar noções essencialistas que ainda permeiam nossa sociedade. Como observa Silva (2011, p. 18), esta seria uma proposta de escrita da história sensível às urgências da atualidade, pois "[...] a heterossexualidade, em sua forma compulsória, é que deve ser desmantelada se visamos uma abordagem transformadora do presente e de nossa historiografia".

* * *

Espera-se ter mostrado nesta seção que o feminismo, para além da libertação e emancipação da mulher, colaborou para uma reforma epistemológica no seio das Ciências Humanas. O movimento de mulheres postulou não só uma preocupação com a escrita da História, inexistente, mas forçou o pensamento ocidental a reconsiderar o lugar da mulher na sociedade e na ciência. Concordamos que o feminismo:

> […] questionou a clássica distinção entre o 'dentro' e o 'fora', o 'privado' e o 'público'. O *slogan* do feminismo era: 'o pessoal é político'. Ele abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc. Ele também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas). Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da *posição* social das mulheres expandiu-se para incluir a *formação* das identidades sexuais e de gênero. O feminismo questionou a noção de que homens e mulheres eram parte da mesma identidade, a 'Humanidade', substituindo-a pela questão da diferença sexual. (HALL, 2011, p. 45-46, grifos do autor).

O movimento LGBT também entra nessa seara com o questionamento dos valores familiares, mas sua maior contribuição pode ser pensada na crítica da heterossexualidade como regime político e de regulação dos corpos e desejos. Como exposto, o movimento LGBT dos últimos anos também contribuiu para a dissolução das hegemonias dentro dele próprio e buscou representações mais democráticas das experiências marginalizadas.

Podemos concluir que os estudos *queer* se localizam nesse entre-lugar: o questionamento das identidades de gênero e sexo e a subversão dos valores heterossexuais. Logo, os estudos *queer* têm um pé no movimento feminista e outro no movimento LGBT. Assim como o feminismo já havia propiciado um embate ao patriarcado, ao machismo e às desigualdades sociais derivadas das questões sexuais e de gênero, expondo que a própria ideia de ciência e história esteve intimamente ligada à

tais questões; a teoria *queer* tem se comprometido a desconstruir qualquer ideia que naturalize identidades e afirma que ainda nosso olhar cotidiano e cientifico é informado por valores heteronormativos.

1.2 Fronteiras e diálogos: embates disciplinares e metodológicos entre História e Literatura[26]

A literatura se tornou uma ferramenta importante para o estudo das sociedades e para os estudos históricos. No caso da antiguidade ela sempre figurou como uma fonte profícua para escrever a sua história, devido ao fato de que na maioria dos casos as narrativas literárias eram o único material disponível para isso. Pensar a sociedade romana, ou qualquer outra, exige também pensar sobre o que ela imaginou seu mundo e como o representou, de que forma esse imaginado se relacionou com outros processos sociais; os lugares que seus autores e leitores ocuparam; que intenções os autores tinham ao publicar e como distribuíram suas obras; como os leitores receberam as mesmas. Como se vê, esse assunto pode abrir um leque enorme de questões sobre o passado. Mas nem sempre foi assim. A postura dos historiadores diante da narrativa literária mudou ao longo do tempo, pois tal postura também tem sua historicidade e foi atravessada por inúmeros debates.

Nesta seção, pretende-se expor algumas das principais reflexões sobre as tensões e os diálogos feitos entre História e Literatura, bem como os posicionamentos que os historiadores tomaram diante deles. Teceremos também nesta seção algumas considerações sobre o conceito de representação, sobretudo na sua vertente chartiana, o qual julgamos central para o trabalho desenvolvido nesta dissertação. Finalmente, refletiremos sobre as questões que envolvem escolher um documento literário como fonte.

1.2.1 A História e a Literatura entre os antigos e os modernos

Essa temática já demandou muita discussão e vários debates acalorados em diversas épocas. Se é na modernidade que os campos da História e da Literatura conhecem uma tentativa de separação abismal, devido ao processo de cientificação da

[26] A discussão apresentada aqui neste tópico é uma versão expandida das discussões presentes no artigo *Literatura clássica, escrita da história e teoria* queer*: um olhar sobre os eunucos (Roma, 80-121 d. C.)*, que será publicado na 12ª edição da revista *Ars Historica*, sediada no Rio de Janeiro e editada pelo corpo discente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). A publicação está prevista para o primeiro semestre de 2016.

primeira, desde a antiguidade podemos observar momentos em que estes campos já pretende trilhar caminhos separados (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 46-48). Antônio Celso Ferreira afirma que a Grécia antiga já tinha criado obstáculos quase intransponíveis entre história e poesia. Para ele, na obra *Poética*, Aristóteles considerava que a poesia seria mais filosófica, possuindo mais elevação e universalidade por falar de verdades possíveis e desejáveis; já a história trataria de coisas particulares, acontecidas, não universais (FERREIRA, 1995, p. 39-40).

Já antes de Aristóteles, podemos observar tal discussão em Heródoto e Tucídides. Segundo François Hartog, a História já desconfiava daquilo que não podia ver ou investigar (HARTOG, 2011). Se a História como narrativa é criada no Oriente, a Grécia inventa a figura do historiador, como Heródoto de Halicarnasso. Enquanto na epopeia - gênero que tinha por função preservar do esquecimento a memória dos heróis helenos e suas aventuras fantásticas - o aedo seria inspirado e via diretamente pelos olhos da Musa; para Heródoto não restava outra alternativa a não ser a investigação para compilar e escrever a história da pólis grega. O primeiro era o porta-voz da Musa, enquanto o segundo recorria à escrita (HARTOG, 2011). Vemos aí já uma das primeiras tentativas de separar a História das narrações míticas.

Com Tucídides esse papel da História se solidifica ainda mais, uma vez que ele entende não ser mais sua função somente a escrita, mas a perpetuação de uma memória, dando aos futuros homens instrumentos de inteligibilidade para o seu presente. Seria necessário redigir os fatos com maior exatidão possível, podendo recorrer somente aos seus próprios olhos e ouvidos (HARTOG, 2007, p. 62-64). Para Albuquerque Jr, tais mudanças no narrar das histórias demonstram uma luta contra o mito e a lenda, tirando-os do campo da realidade, tornando tal realidade seca e dura: a Grécia nos aponta que fora da razão há perigo e que a poesia e o pensamento trágico devem ocupar um lugar específico, a Literatura (ALBUQUERQUE JR, 2007).

Nessa esteira, podemos vislumbrar no século XIX um outro momento em que vários esforços procuraram distanciar a narrativa histórica das demais formas de narrativa. Isso se deveu ao movimento de formação da ciência moderna, inspirada pelos ideais racionalistas e evolutivos que perpassavam as formas de conhecimento na Europa desde o século XVI, atingindo seu auge no século XIX. Para ser mais específico, se Heródoto é considerado o pai da História na antiguidade, na modernidade quem ocupa tal lugar é Leopold von Ranke, ao lançar as bases da História científica com um método

próprio, como uma disciplina autônoma, em contraposição às filosofias da história e também à Literatura e à memória. François Hartog observa que dessa forma a história embasa-se no modelo das ciências naturais e prefere o domínio da ciência em detrimento do campo das artes (HARTOG, 2011, p. 174). Albuquerque Jr entende esse processo como o momento em que a História refirma seu pacto com a realidade, sendo seu papel a busca da verdade pelo método, transformando-se em ciência. A Literatura será então totalmente proibida de falar da realidade (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 48).

Hartog aponta Fustel de Coulanges e Jules Michelet como expoentes dessa forma de pensar e escrever a História. Michelet, por exemplo,

> [...] na sequência de Tucídides, ele é uma mestre de verdade, enquanto a história é busca (*zetesis*) da verdade: ao mesmo tempo, inquérito e investigação judicial que, na sequência de procedimentos bem definidos em que a autópsia (o fato de ver por si mesmo) desempenha o principal papel, deve levar a 'ver claramente', ou seja, transcrever o real […] além de dizer as coisas como elas aconteceram, importa dizer as próprias coisas (HARTOG, 2011, p. 164).

Percebe-se que no XIX a História assume literalmente essa função de dizer o real. O relato do historiador era visto como exemplo de neutralidade e as fontes eram consideradas quase como uma lente cristalina para as realidades passadas. Aqui cabem algumas considerações sobre a noção de documento em finais do século XIX.

Nesse momento, segundo Leandro Karnal e Flávia Tatsch (2009), a Escola Metódica circunscreve o debate sobre a documentação usada na escrita da história em torno da autenticidade do texto e a fonte escrita fora considerada a fonte por excelência. Nesse contexto de formação e consolidação dos Estados nacionais, a busca pelas origens tornou-se a principal objetivo dos historiadores. Dessa maneira é fácil entender o porquê a ideia de que todo documento é passível de falsificação e a incessante busca por métodos que garantissem a autenticidade das fontes tornou-se quase uma obsessão. O século XIX é o século da História, momento em que a disciplina se formou nos moldes das modernas Ciências Humanas, e também é o século do documento, no qual o arquivamento passa a ser atrelado ao poder do Estado (KARNAL; TATSCH, 2009, p. 18-20).

Em *Introduction aux études historique*, Charles Victor Langlois e Charles Seignobos defiram foi um catalisador para o que se denominou História positivista, metódica, cientificista, factual e tradicional (SALIBA, 2009). Tal manual foi extremamente demonizado pela *École des Annales* e, como tal movimento

historiográfico gozou de uma ampla divulgação tanto na Europa como na América, inclusive e de maneira bastante forte no Brasil, até hoje encontra-se resistência ao dito manual metódico. Mas Elias Thomé Saliba (2009) faz duas colocações acerca dele que pode jogar outras luzes sobre suas contribuições à historiografia: 1) havia momentos incerteza nas noções metódicas, também não se tratava somente de uma história estritamente política e em alguns momentos considerava que o relato histórico resultaria também de uma construção do historiador; 2) havia, realmente, exagero nas operações críticas para reconhecimento da autenticidade do documento. Mesmo a crítica documental tendo nascido no ambiente cartesiano da primeira metade do século XVII, o manual de Langlois e Seignobos fez o documento a parte central do processo inteiro de pesquisa (SALIBA, 2009). Com todas essas preocupações em torno dos documentos de Estado, não havia espaço para levar em consideração a literatura como fonte.

Se no século XIX passa a ser responsável pela verdade, relegando novamente a Literatura ao irreal e fantasioso, a História adentra o século XX sob os debates das Ciências Sociais. Para os historiadores reunidos em torno da revista *Annales*, a missão é tornar a história cada vez mais científica, rompendo com a história-narrativa, a história dos eventos e das batalhas, ou seja, a história dos metódicos. Na década de 1930, Lucien Febvre propõe uma história que lidasse com fatos, sem aproximá-la do romance, da ficção, que buscasse explicar os grupos sociais e não mais o indivíduo. A história-problema dos *Annales*, que deveria formular perguntas, hipóteses, construir modelos e lidar com conjunturas sociais, contrapõe-se ao que ela mesmo denominou como história-narrativa, aquela história que apenas narraria o que aconteceu, relataria o acontecimento, importando-se com o indivíduo, o particular e o comezinho (BURKE, 1992; DOSSE, 1992). Hartog considera *La Méditerranée*, de Fernand Braudel, a obra que mais conseguiu expor as ideias dessa "nova História" (HARTOG, 2011).

Albuquerque Jr complementa essa discussão, afirmando que os *Annales* procuraram uma história totalizante, fugindo do eventual, operando com as estruturas e negando ser uma filosofia da história. Assim como pensavam os iluministas, os *Annales* procuraram problematizar a longa duração, os costumes, as mentalidades (ALBUQUERQUE JR, 2007). A história-problema, porém, não se questionava sobre os problemas da escrita da História, da sua composição enquanto construção textual e linguística. Assim, ao criticarem a narrativa e a ficção e renunciá-las, os *Annales* e também a história moderna como um todo não pensam a questão da narrativa enquanto

tal, apenas expulsando-a para um outro campo numa tentativa de somente deixá-la distante, sem recorrer a formais efetivas de diálogo (HARTOG, 2011).

1.2.2 As décadas de 1960 e 1970: os historiadores e o debate sobre a linguagem

Até então a História defendeu-se das investidas da Literatura. Mas as décadas de 60 e 70 do século XX vão trazer uma reconfiguração a essa seara, sendo talvez o momento em que este debate foi mais acalorado. Pensar a narrativa nesse período tornou-se crucial para o conhecimento histórico, contribuindo para sua revisão teórico-metodológica e colocando uma tensão epistemológica para os historiadores: a possibilidade de representação do passado pela História (FERREIRA, 1995; HARLAN, 2000). Na verdade, isso se deveu ao que se convencionou chamar de *virada linguística*. Tal movimento foi crucial para as transformações no saber histórico:

> Afinal, a idéia de que a linguagem *constitui* aquilo que pretende apenas *descrever*, como defenderam alguns de seus teóricos [Roland Barthes, Jacques Derrida, Michel Foucault, Keith Jenkins, Alun Munslow e Hayden White] implica em mudanças nos níveis mais básicos do ofício do historiador. (TELLES, 2011, p. 1, grifos do autor).

Até a década de 1970, se manifestavam fortemente a história serial e das mentalidades, preocupadas com processos econômicos e com as longas durações, dedicada às conjunturas, praticadas em larga escala pelos historiadores reunidos em torno da revista *Annales.* Neste cenário, o estruturalismo linguístico, representado pelas reflexões de Ferdinand Saussure, que entendia a linguagem como articuladora da realidade, mas ainda pensava o significado como algo estável e fechado, leva a linguagem para o centro do debate em todas as Humanidades (ALBUQUERQUE JR, 2007; FERREIRA, 1995; HARLAN, 2000).

Segundo David Harlan, o já efervescente campo dos estudos da linguagem na década de 1960 é também abalado pelas críticas do pós-estruturalismo, que pretendia romper com as concepções saussureanas supracitadas. Jacques Derrida e Roland Barthes apontam para uma linguagem que seria instável, defendendo que não haveria um significante transcendente, autoexplicativo (HARLAN, 2000). Michel Foucault, com *As palavras e as coisas*, também pensou uma forma de conhecimento pós-estruturalista, pois, além de diversas outras contribuições com esse trabalho, percebeu a linguagem como portadora espessura própria, ou, como bem definiu Albuquerque Jr (2007, p. 91), “a coisa entre as coisas”.

A História não ficaria imune a toda essa problemática surgida em torno da linguagem. Se desde os gregos se tentou criar fronteiras entre ela própria e a literatura, questionando sua possibilidade de dizer sobre o real, o verdadeiro, no *linguistic turn* é a Literatura e a Linguística que põem em xeque a capacidade da História dizer o que realmente aconteceu. O próprio Barthes faz esse exercício em sua obra *O rumor da língua* (1988). Especificamente no capítulo *O discurso da História*, ao indagar a História pelo viés linguístico desconstrói a ideia de realidade da narrativa histórica, afirmando que ela possui na verdade um efeito de realidade. Isso se dá porque o historiador se ausenta enquanto narrador e usa o tempo pretérito, dando a aparência da história contar-se sozinha. A ideia de Barthes é que o próprio passado adquire uma existência linguística ao ser narrado pelo historiador (FERREIRA, 1995).

Mas é na década de 1970, com as obras de Hayden White e de Michel de Certeau, que a linguagem passa a estar definitivamente no centro das preocupações históricas. Em *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX* (WHITE, 1992). Partindo da retórica e da teoria literária para investigar o que ele denominou de poética histórica, analisa as obra de Lules Michelet, Leopold von Ranke, Alexis de Tocqueville, Jacob Burckhardt, Karl Marx, Friederich Nietzsche e Benedetto Croce e afirma que elas podem também ser consideradas narrativas assim como os textos dos romancistas do mesmo período. A partir disso ele formula a ideia de estilos historiográficos, ou seja, os modos de composição próprios de cada historiador ou corrente historiográfica: "Em minha opinião, um estilo historiográfico representa uma *combinação* particular de modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica." (WHITE, 1992, p. 43. Grifos do autor). O quadro abaixo ilustra os modos com os quais o historiador compõe sua obra, entendido por Hayden White como as afinidades eletivas entre os vários modos elaboração do enredo, de argumentação e implicação ideológica de qualquer obra de historiografia.

Modo de elaboração do enredo	*Modo de Argumentação*	*Modo de Implicação Ideológica*
Romanesco Trágico Cômico Satírico	Formista Mecanicista Organicista Contextualista	Anarquista Radical Conservador Liberal

Figura 1: Hayden White. Quadro das afinidades eletivas. 1992.

A partir desses doze estilos, entrecruzando-os da forma que melhor lhe convir, o historiador teceria seu objeto, seu problema, seus argumentos e suas conclusões. O trabalho do historiador seria então o de:

> […] construir um protocolo linguístico, preenchido com as dimensões léxicas, gramaticais, sintáticas e semânticas, por meio do qual irá caracterizar o campo, e os elementos nele contidos, *nos seus próprios termos* (e não nos termos em que vêm rotulados nos documentos) e assim prepará-los para a explicação e representação que posteriormente oferecerá deles em sua narrativa. (WHITE, 1992, p. 39. Grifos do autor).

Para Ferreira, White não chega a desqualificar o conhecimento histórico, mas defende que não só a História, mas toda forma de conhecimento tem elementos de imaginação e ficção (FERREIRA, 1995).

Já Michel de Certeau, no seminal capítulo *A operação historiográfica* de sua obra *A escrita da História* (2010, p. 65-119), é reticente em relação aos posicionamentos de Hayden White, mas também afirma o caráter narrativo da História. Dividindo em três etapas o processo de escrita da história, de Certeau elabora uma resposta que até hoje perdura nas questões referentes ao trabalho historiográfico e sua relação com a narrativa.

A primeira etapa seria um *lugar social* de onde a história é produzida, lugar onde se hospeda o historiador, seja como profissão ou uma instituição (CERTEAU, 2010). Desse modo, o grupo, o meio, o lugar fabricaria não só a História, mas também o historiador: as leis do meio, a comunidade de pares, organizada por uma profissão com suas hierarquias, articula suas normas, os protocolos e o tipo de recrutamento e reconhecimento do que seria um historiador e uma obra historiográfica. *A prática* seria a segunda etapa, ocupando-se das técnicas usadas para reconstruir o passado: é o trabalho de procura, seleção e análise dos dados. Essa mediação pela técnica é o que garante que a História pose para a foto ao lado da ciência, é essa exigência de um método de interpretação que aproxima a História do modelo científico. Isso se daria quando o historiador recolhe o material (suas fontes) e o reorganiza; seleciona os restos do passado (uma carta, por exemplo), os retira de sua função "original" (uma carta que teria sido escrita com a função de comunicar algo a alguém), os redistribui e faz deles outra coisa para a qual não foi previamente destinada (a história) (CERTEAU, 2010). Por fim, *a escrita* é a ultima etapa do trabalho do historiador: é ela que conduz da prática científica ao texto que divulgará a pesquisa. É por meio de uma literatura que o historiador organiza os acontecimentos e constrói, produz e representa os fatos. Essa

elaboração exige o domínio de uma forma de narrar, organizando os sentidos, pois "o texto propõe *ao mesmo tempo* o preenchimento do sentido e sua condição; ele os liga e nivela na expansão do discurso" (CERTEAU, 2010, p. 104. Grifos do autor).

Podemos pensar, por meio destas breves considerações, que de Certeau coloca a História num entre-lugar, dependendo tanto de uma prática científica quanto de uma prática narrativa. O que diferenciaria, para de Certeau, a Literatura da História seria então a auto-exigência que esta última faz quando "[…] se articula com *um lugar social* da operação científica e quando institucional e tecnicamente [está] ligada a uma *prática do desvio* [conversão dos restos passados em história] com relação aos modelos culturais ou teóricos contemporâneos." (CERTEAU, 2010, p. 93, grifos do autor).

1.2.3 O conceito de representação e a literatura como fonte para a escrita da história

Como se apontou, as discussões sobre os campos de conhecimento História e Literatura se perpetuou através dos séculos, possuindo diversas faces. Porém, um dos temas mais discutidos é a possibilidade das obras literárias figurarem como documentação histórica. Esse movimento de questionamento do estatuto do saber histórico vem acompanhado também de uma discussão sobre a própria possibilidade de conhecer, de falar em nome de uma ciência. Logo após o término da Segunda Grande Guerra vê-se a derrocada do modelo ciência racionalista (ALBUQUERQUE JR, 2007). O pensamento do filósofo francês Michel Foucault contribuiu para esse quadro, colocando nossas formas de conhecer o mundo e nossas certezas "à beira da falésia" (CHARTIER, 2002, p. 7).[27]

Roger Chartier considera que essas discussões geradas pelo pós-estruturalismo, pelo pensamento foucaultiano, pelas obras de Hayden White e Michel de Certeau resultam numa crise de inteligibilidade histórica sentida, sobretudo, a partir de finais da década 1970 e durante toda a década de 1980. Chartier faz algumas ressalvas em relação a essa noção de crise nas Ciências Humanas, muitas vezes anunciada, mas nem sempre descrita ou especificada (CHARTIER, 1991). Como já apontado acima, o abandono de recortes clássicos e da quantificação, o questionamento de noções como *mentalidades*, *cultura popular* e *classe social*, dos modelos de interpretação (marxista, estruturalista,

[27] Definição dada por Michel de Certeau ao trabalho de Michel Foucault. Chartier, ao pensar as questões atuais nas quais o campo historiográfico está emaranhado, intitula uma de suas obras com essa expressão. Ver, na lista de referências, CHARTIER, 2002.

demográfico) colaboraram para tal crise. Pode ser acrescido a isso o crescimento dos profissionais e das publicações na área de História, o desmantelamento da unidade de grandes tradições historiográficas (CHARTIER, 2002). Para tentar dialogar com essa conjuntura, tentando também fugir às formulações próprias do período pós-virada linguística nas quais há uma redução do mundo social a uma pura construção discursiva e da linguagem, Chartier propõe a utilização da noção de *representação.*

Interpretando o conceito de cultura como práticas de grupos ou comunidades, ele sugere para o seu estudo o conceito de *representação*. Este, por sua vez, é entendido como "algo" presente que permite ver "algo" ausente. Chartier afirma que a representação é capaz de mostrar as lutas de diferentes grupos sociais pelo espaço simbólico, bem como a forma que cada grupo vê o mundo que o cerca. Noutras palavras, ao representar se representar determinada realidade também se "cria" certa realidade para o mundo no qual está imerso (CHARTIER, 1990).

> Mais do que o conceito de mentalidade, ela [a noção de representação] permite articular três modalidades da relação com o mundo social: o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construídas pelos diferentes grupos; as práticas visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; as formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais 'representantes' (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetua a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23).

Para a abordagem discursiva, especialmente a ACD, trabalhar com diferentes gêneros literários não é um problema, mesmo que exija bastante cuidado. Craig Arthur Williams (2010) argumenta que um estudo que combina diferentes fontes visa muito mais do compreender com um gênero ou tipo de texto representa algo ou alguém. O estudo da literatura em suas diversas formas busca entender com determinado objeto emerge nas preocupações de uma sociedade, como um discurso pode surgir em locais, textos e linguagens diferentes e constituir maneiras de entender e viver o mundo. Assim, a ACD aliada ao conceito de representação como definido por Chartier permitirá buscar de que forma os romanos puderam interpretar e normatizar suas experiências corporais, o que não quer dizer que tal análise poderá extrair fatos, verdades ou a realidade nos textos.

Ainda sobre isso, entendemos que:

> A complexa relação entre representação e realidade é central para este tipo de investigação. Os termos são contestáveis e, obviamente, não estritamente antitéticos. Realidade e representação se interpenetram: por um lado, à experiência individual pode somente ser dado

> significado público através da mediação da representação linguística e visual; por outro lado, representações são representações de alguma coisa e são entendidas como tais por aqueles que as criam e as disseminam. Ainda assim, a oposição tem sua utilidade analítica, permitindo-nos focar o contraste entre as experiências vividas de homens reais (por exemplo, que em um certo dia um homem penetrou outro analmente) e o retrato linguístico ou visual dessas experiências, sejam reais ou imaginadas (por exemplo: a fofoca relatada por um historiador no sentido de que um certo homem tinha sido penetrado na sua juventude; uma poesia amorosa na qual o personagem proclama seu amor a um jovem homem; ou um grafite cruamente proclamando que alguém realiza *fellatio*) [...] Nós temos somente as representações; embora haja momentos em que temos um rápido vislumbre de realidades que podem ou não se harmonizarem com ela, em geral as realidades estão perdidas para nós. (WILLIAMS, 2010, p. 9-10. Tradução nossa).[28]

Também concordamos com Tim Whitmarsh (2009) que defende uma constante troca entre os pesquisadores de ambas as áreas, uma vez que cada uma possui sua particularidade e não podem dar conta sozinhas das experiências humanas:

> No entanto, por causa da grande limitação de nossas evidências, lidar com textos literários é inevitável. […] os historiadores, eu devo argumentar, têm muito a ganhar se envolvendo com questões de interpretação levantadas pelos textos literários – assim como, por outro lado, cabe aos estudantes de literatura localizar seus textos em um cenário histórico. O impasse entre leituras "literárias" de textos, focadas nos aspectos estéticos e formais (alusão, narratologia e assim por diante), e "históricas" (enfatizando pontos de contato com o mundo contemporâneo de um texto) é improdutivo. (WHITMARSH, 2009, p. 79, tradução nossa).[29]

Dessa forma, nesta dissertação levaremos em conta as considerações de Antônio Celso Ferreira (2009) sobre o trabalho do historiador que se debruça sobre fontes

---

[28] "Central to this kind of inquiry is the complex relationship between representation and reality. The terms are contested and obviously not strictly antithetical. Reality and representation interpenetrate: on the one hand, individual experience can only be given public meaning through the mediation of linguistic and visual representation; on the other, representations are representations of something and are understood as such by those who create and disseminate them. Still, the opposition has its analytical utility, allowing us to focus on the contrast between the lived experiences of real men (for example, that on a certain day one man anally penetrated another) and the linguistic or visual portrayal of those experiences, whether real or imagined (for example: gossip reported by a historian to the effect that a certain man had been penetrated in his youth; love poetry in which the persona proclaims his love for a young man; or graffiti crudely proclaiming that someone performs *fellatio*) [...] We only have the representations; although there are moments in which we get a fleeting glimpse at realities that may or may not harmonize with them, in general the realities are lost to us."

[29] "Nevertheless, because of the sheer weighting of our evidence, dealing with literary texts is an inevitability. [...] historians, I shall argue, stand to gain much from engaging with the issues of interpretation raised by literary texts –just as, conversely, it behooves literary students to locate their texts in a historical landscape. The stand-off between "literary" readings of texts, focusing upon aesthetic and formal aspects (allusion, narratology, and so forth), and "historicism" (emphasizing points of contact with a text's contemporary world) is unproductive."

literárias. Ferreira defende que a literatura como ficção pode levar seus leitores a universos imaginários, deslocando-o da sua vivência cotidiana, árdua e seca. O autor não compreende a literatura como a documentação da realidade, mas sim como a transfiguração da realidade: ela trata de elementos que podem ser reais ou não, mas está sempre enraizada na sociedade, na cultura, no espaço e no tempo que a produziu. Logo, essa imaginação ou ficção não está relacionada à mentira ou falsificação, mas sim a formas de linguagens e construções simbólicas sobre a realidade, que diferem da ciência, da filosofia, do jornalismo.

Com isso, Ferreira também defende que o trabalho do historiador com esse tipo de fonte deve considerar que os diversos gêneros literários estão intrinsecamente relacionados às condições sociais e históricas que determinam a escrita e as sensibilidades do público leitor, suas maneiras de ler. Ambas variam historicamente também de acordo com os suportes (voz, manuscrito, digital). Antes deve-se delimitar o problema e verificar se o texto literário permite a verificação e análise de tal problema. Por fim, são sugeridas diversas questões que emprestaremos à pesquisa e que poderemos discuti-las no segundo capítulo:

> Pode-se partir de perguntas elementares tais como: quem eram os escritores selecionados para a pesquisa, como se relacionavam entre os letrados e com outros segmentos sociais da sua época? Que papeis a literatura e as artes desempenhavam então? Em que realidade social, polítca, econômica e cultural eles viviam, como e porque se lançaram à criação ficcional? Dentre as disponíveis em seu tempo, a que formas de construção narrativa se lançaram e por que? Que significados atribuíram à literatura e que significados históricos podem ser lidos em suas obras? Que representação do mundo social eles criaram? Que desejos, angústias, utopias e frustrações eles expressaram e o que isso tinha a ver com a vida coletiva da época? Que funções seus livros desempenharam na sociedade? Que funções seus livros desempenharam na sociedade, como circularam, foram lidos ou apropriados? (FERREIRA, 2009, p. 80).

No caso da documentação eleita para análise dos corpos dos eunucos, se levarmos em conta as considerações de Roger Chartier feitas na subseção anterior, ela não descreve exatamente a realidade da vida romana, mas no máximo construiu representações de tal realidade, de suas práticas culturais, bem como das experiências dos eunucos percebidas pelos autores naquele determinado período. Amanda Giacon Parra aponta que as contribuições de Chartier permitem entender "[...] a literatura como uma representação do real, com dimensões ideológicas, ou seja, como um discurso" (2010, p. 57).

* * *

O percurso realizado nesta segunda seção buscou expor, mesmo que de maneira concisa, as atuais configurações das relações que os estudos históricos mantêm com a narrativa literária. A partir das considerações feitas ao longo desta seção, conclui-se que pensar a História como ciência só foi possível pela separação radical entre fato e ficção e, como consequência de tal separação, das operações criadas para análise dos documentos. Afastar-se da Literatura e da narrativa foi o que possibilitou o aprimoramento metodológico da História e que ela atingisse o status de ciência. Porém, mesmo negligenciando isso em alguns casos (como no século XIX e até meados do XX), a História nunca conheceu um período em que não fosse expressa por uma narrativa, seja a do aedo ou a de Heródoto, seja a de Jules Michelet, a de Langlois e Seignobos ou a de Michel de Certeau. O historiador *narra* uma *história* consultando arquivos e documentos. Ele esculpe um monumento, "[...] o dado não é dado, mas recriado pelo especialista em História" (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 63).

Estamos numa encruzilhada que, apesar de tensa e às vezes angustiante, pode ser muito produtiva e renovadora do saber histórico. Pensamos junto com Albuquerque Jr (2007) que a narrativa histórica nunca poderá ter a liberdade da narrativa de ficção e nem poderá se distanciar do fato que é uma narrativa e, nessa condição, o historiador é um fraseador, que brinca com as palavras, que não as dão sentidos únicos, que estabelece histórias que são efêmeras e somente possíveis por meio de uma literatura conduzida por métodos. Por que o medo, a recusa das questões colocadas pela literatura? Se a história já dialogou com Psicologia, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Economia, por que não com a Literatura? (ALBUQUERQUE JR, 2007). Acreditamos que mais do que fronteiras, é tempo de diálogos, até porque o saber histórico não sobrevoa a História, não pode reconstruí-la fora do seu próprio momento histórico. Logo, esta dissertação, seja por sua postura historiográfica, seja por seu *corpus* documental, seja pelo tempo no qual emerge, ela está condicionada a habitar as margens da arte e da ciência.

Capítulo 2

CAPÍTULO 2
As fontes e seus autores: entre práticas sociais e discursivas

> […] qualquer que seja o substantivo que associemos ao adjetivo 'romano' (mundo romano, homem romano...) o resultado é sempre o mesmo: construímos uma categoria abstrata e totalizante e, por isso mesmo, parcial.
>
> Andrea Giardina. O homem romano, 1992, p. 8.

Tendo feito no primeiro capítulo uma digressão para expor o ferramental teórico-metodológico no qual a pesquisa se fundamenta, agora o segundo capítulo se propõe a refletir sobre o mundo antigo, especificamente sobre a sociedade romana de finais do primeiro e inícios do segundo século. Aqui se tratará especificamente das fontes e seus contextos de produção; as vidas dos seus autores, bem como as relações de poder e os sistemas de conhecimento e crença que os atravessavam. O principal objetivo é dar conta, neste capítulo, de duas etapas sugeridas por Norman Fairclough (2001) para análise crítica de discurso: o estudo das práticas sociais e das práticas discursivas que permitiram a escrita das fontes, sua distribuição e seu consumo.

Para Fairclough, a prática social se constitui basicamente por *ideologias* e *hegemonias.* As primeiras devem ser entendidas como construções e significações da realidade, contribuindo para a produção, reprodução, transformação das relações de dominação. Já as segundas se caracterizam pela "[...] construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento." (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122). Tanto as *ideologias* quanto as *hegemonias* serão aqui trabalhadas de forma conjunta, uma vez que julgamos difícil separar na escritura deste texto o que socialmente era imbricado: as relações de poder e as formas de conhecimento sobre as coisas e o mundo e de que forma isso se manifestava na vida dos autores e nas suas obras.

Antes, é necessário fazer uma ressalva em relação ao termo *ideologia*, já que o mesmo é usado em diversas áreas do saber e pode assumir significados muito diferentes dentro delas. Sendo assim, seu uso é bastante delicado e para nós assume um significado específico. Conforme disse Michel Foucault (1979, p. 7):

> A noção de ideologia me parece dificilmente utilizável por três razões. A primeira é que, queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade. [...] Segundo inconveniente: refere-se necessariamente a alguma coisa como o

> sujeito. Enfim, a ideologia está em posição secundária com relação a alguma coisa que deve funcionar para ela como infra-estrutura ou determinação econômica, material, etc. Por estas três razões creio que é uma noção que não deve ser utilizada sem precauções.

Assim, nesta dissertação, a categoria de *ideologia*, além de receber as definições de Fairclough, também partilha dos receios foucaultianos. Com isso, três considerações devem ser levadas em conta para a análise das ideologias que perpassavam as experiências dos três autores romanos: 1) a ideologia tem existência material em práticas e instituições; 2) a ideologia interpela e constitui os sujeitos (FAIRCLOUGH, 2001) e, por fim; 3) não nos interessa aqui a divisão entre o que um discurso poderia revelar de verdadeiro e o que poderia revelar de não-verdadeiro, o que nos levaria à investigação de uma espécie de real que seria mascarado por ideologias, "[...] mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos" (FOUCAULT, 1979, p. 7).

Ainda sobre as ideologias que compõem a prática social, julgamos, como quer Fairclough (2001), que não é possível ler as ideologias nos textos como algo explícito ou evidente, mas elas estão nas estruturas, nas ordens do discurso que serão analisadas por meio dos textos. Também não podemos pressupor que as pessoas têm consciência das dimensões ideológicas de suas práticas, uma vez que os sujeitos são posicionados ideologicamente num determinado discurso. Nessa esteira, defendemos que todos os discursos são ideológicos. Isso não significa que os sujeitos são passivos em relação às ideologias, mas eles também podem agir criativamente em relação às práticas e ideologias às quais ele está exposto, pois isso é histórico e depende das condições sociais e das relações de dominação e de poder nas quais estão imersos.

Esclarecido o que entendemos por ideologia, passemos à categoria de *hegemonia*. Fairclough (2001), inspirado nas concepções foucaultianas e gramscianas de poder, considera a ordem do discurso como uma faceta tanto dos equilíbrios como das contradições da hegemonia e as práticas discursivas como também facetas das lutas hegemônicas que podem transformar as ordens de discursos. Nesse sentido, as relações de poder que permeavam as experiências de Estácio, Marcial e Suetônio são concebidas como jogos sociais que permitiam a inserção deles em grupos sociais, que permitiram que eles se apropriassem de discursos e os reproduzissem, os negassem, os transformassem e transbordassem suas margens. Enfim, as relações de poder ou as hegemonias permitiram que o que os três autores escrevessem o que escreveram sobre os corpos dos eunucos, não somente no sentido de regulação ou repressão, mas também

no sentido de empoderamento. As hegemonias, então, exigem também transgressão e cruzamento de fronteiras, combinação de velhos elementos e convenções com novos; exploração de situações proibidas.

Por fim, para nossa análise dos textos antigos no terceiro capítulo ser melhor conduzida, estudaremos aqui também a prática discursiva, concebida por Fairclough (2001) como a investigação da *produção, distribuição* e *consumo* dos textos. A prática discursiva, assim como a prática social, varia de acordo com fatores sociais, com os recursos disponíveis pelos sujeitos. Logo, é necessário tecer conexões entre a natureza dos processos discursivos com os processos sociais. Pensando dessa maneira, acreditamos que um não está condicionado ao outro: não é texto que explica o contexto e nem o contexto que determina o texto. As noções de Fairclough nos fazem avançar para além dessa dicotomia, percebendo tanto as práticas sociais quanto discursivas como dialéticas, sendo esses processos de difícil separação. É sensato pensar então que a reconstrução tanto do contexto como das representações de um texto dependem das relações que estabelecem entre si e que a prática da interpretação dessas relações tem um peso importantíssimo sobre o resultado das análises.

Um conceito importante para o estudo das práticas discursivas na formulação da ACD é o de *intertextualidade*: recorrendo às concepções de Mikhail Bakhtin, Fairclough defende que "a intertextualidade é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente" (2001, p. 114). Assim, o estudo da *produção* acentua a historicidade dos textos, vê a maneira como eles são acréscimos às cadeias de comunicação verbal e escrita existentes; devendo observar os textos prévios aos quais os textos analisados respondem e quais vão responder a eles. A *distribuição* dos textos deve ser pesquisada para explorar as redes pelas quais eles se movimentam, no que os textos vão se transformando e como chegam até os seus receptores. Finalmente, a análise do *consumo* dos textos nos aproxima da interpretação que os contemporâneos da obra fizeram dela, quem eram esses intérpretes e a quais grupos sociais pertenciam (FAIRCLOUGH, 2001).

Desse modo, para tentar dar conta das proposições aqui feitas, o presente capítulo também foi dividido em duas seções. Na primeira trabalharemos basicamente algumas características biográficas dos autores, as relações pessoais e sociais nas quais eles estavam imersos; com as quais queriam ou precisavam dialogar; as instituições que

frequentavam e que podiam transitar ou não. Também nessa seção apresentaremos as fontes escolhidas para este estudo, refletiremos sobre os processos de escrita, divulgação, distribuição, recepção, consumo e transformação delas. Espera-se, com isso, tratar os textos antigos aqui analisados como prática discursiva. A segunda seção, por sua vez, terá como objetivo refletir e expor as relações entre nossos três autores-fonte com Plínio, o Jovem. Dada a notória proeminência deste no campo literário, intelectual, filosófico e político, bem como suas influentes relações de amizade e patronagem que se deram no final do primeiro e no início do segundo século, ele torna-se peça chave para entender a prática discursiva e literária daqueles, especialmente o consumo de seus escritos pela elite romana. Dessa forma, acreditamos que os discursos de Estácio, Marcial e Suetônio serão também investigados como uma prática social, como produtos de relações de poder e saber/conhecimento/crença e, ao mesmo tempo, como produtores de tais relações.

2.1 Estácio, Marcial e Suetônio: vidas, relações, obras e gêneros

Decidimos começar apresentando os autores, com uma breve reflexão sobre seus dados biográficos, a formação que tiveram e os temas e gêneros literários aos quais se dedicaram, bem como expor as informações necessárias sobre as fontes que serão analisadas no terceiro capítulo.

Assim, pela especificidade de nossas fontes, trabalharemos aqui com o contexto literário de fins do primeiro e início do segundo século da era comum. Tradicionalmente, a literatura latina é dividida em quatro períodos: o período primitivo (do século VII a. C. até cerca do ano 240 a.C.) que compreende desde as primeiras inscrições encontradas em língua latina até os primeiros textos escritos em latim. O período helenístico (240 a. C.-81 a.C.), que é caracterizado pelo desenvolvimento da poesia épica e dramática, período também em que os escritores latinos exercitaram e experimentaram a escrita em diversas formas e a Grécia tornou-se o modelo para os autores romanos. Esse período se encerra com o primeiro pronunciamento de Cícero. O terceiro período, a era clássica (que compreende os anos entre 81 a.C e 68 d. C.), a qual conta com a figura de Cícero como o exemplo de orador e escritor, e também cobre o período de Augusto, quando a poesia conhece o seu apogeu e é colocada a serviço da política. Durante o principado julio-claudiano (14 a.C- 68 d. C) a literatura latina e seus autores transborbam as fronteiras de Roma e se espalham por todo o império. Por fim, o

último período ficou conhecido como pós-clássico (68-476 d. C). Neste, segue-se o avanço da retórica, história, prosa científica, epistolografia, poesia e, mais tarde, a literatura cristã, com dimensões morais e teológicas (CARDOSO, 2003; CARLO, 1976; LEONI, 1961).

Entretanto, essa divisão, como qualquer outra, é extremamente arbitrária, além de ser intimamente ligada com a história política ou a eventos políticos que não necessariamente representam rupturas para a escrita literária. Se levarmos tal divisão em conta, Estácio, Marcial e Suetônio e suas obras se inserem no período pós-clássico. Porém, para nossa análise, mais interessa como esses escritores e suas obras se interrelacionam e não traçar planos ou esquemas fechados que possam compreender suas igualdades e diferenças. Nesse sentido, vemos que os três autores podem se relacionar de diferentes formas dentro de uma malha discursiva e que as divisões por gênero, temas ou período permite uma interpretação menos complexa da sociedade romana e das imagens representadas em suas obras.

Para Bruce Gibson (2005), os três autores podem ser localizados em uma rede de relações intelectuais e clientelistas que envolve os escritores contemporâneos à dinastia Flaviana[30] e por ela protegidos e os escritores ligados aos três primeiros imperadores da dinastia Antonina[31] (Nerva, Trajano e Adriano). Ainda de acordo com Gibson, é importante observar que Plínio, o Jovem ocupava um lugar central nessas redes de escritores. Conforme indica Mario Citroni *et. al.* (2006), Plínio também protegeu Suetônio enquanto ele vivia em Roma, o que rendeu ao segundo alguns títulos e importantes relações na corte do imperador Adriano. Descreveremos melhor a posição de Plínio nesse contexto literário e histórico na segunda seção deste capítulo.

É necessário também apontar, como elucidaram Paratore (1983)[32] e Citroni *et al* (2006) e como pretende-se evidenciar na primeira seção deste capítulo, que a cidade de Roma no I e II séculos era um destino muito comum para aqueles que ambicionavam trabalhar e sobreviver como escritores. Nesse período, o apreço pela poesia por parte

---

30 Dinastia que esteve no centro do poder político romano entre os anos de 69 e 96 d. C, composta por Vespasiano, imperador de 69 a 79; Tito, que governou entre 79 e 81; e Domiciano, que esteve no trono do ano de 81 até 96.

31 Dinastia que foi iniciada por Nerva em 96 d. C. e teve seu fim após a morte do imperador Cômodo, em 192 d. C.

32 A obra de Paratore que usamos aqui deve ser lida com cautela. Suas visões acerca da literatura e dos autores são ultrapassadas e, por vezes, preconceituosas. Expressões como *decadência, sociedades evoluídas, literaturas mundanas, malignidade*, *licenciosidade*, entre outras, são usadas para descrever os autores e as obras à quais se refere. Utilizamos sua obra pela incontável quantidade de informações biográficas e sobre as obras dos três autores aqui estudados e outros escritores que lhes eram contemporâneos.

dos moradores da capital do império romano trazia aos escritores provinciais a oportunidade de tornar a escrita de versos uma profissão, recitando-os em festas e ocasiões promovidas em casas ilustres, recebendo pelo trabalho logo após o término do festim ou da celebração. Os romanos mostravam um interesse bastante grande nas composições literárias e os novos modos de vida da velha e da nova elite imperial, propiciados pelas anexações territoriais ocorridas desde o século III a. C, deram a Roma um ar de cidade de todas as culturas, onde se viam diversos artistas, escritores, comerciantes, escultores vindos das províncias em busca de novas condições de vida (VEYNE, 1990; BOYLE, 2003). É no bojo dessa efervescência cultural e dessas redes e locais de sociabilidade que nossos três autores estão imersos e isso afetará inexoravelmente suas escrituras, muito mais no caso de Estácio e Marcial do que de Suetônio, como será esclarecido adiante.

Desse modo, com o intuito de facilitar a identificação de datas que julgamos importantes conhecer, assim como facilitar as conexões entre as vidas dos três autores, desenvolvemos o quadro abaixo. As datas com asteriscos (*) são incertas, o traço (-) que divide as datas significa que o acontecimento ocorreu entre os anos citados e as barras (/) informam que o acontecimento se deu num ou no outro ano dos dois informados.

	Nascimento	**Vida em Roma**	**Escrita/publicação das obras**	**Morte**
Estácio	40-50	69-96	92-95	96
Marcial	39	64-98*	80-102/104	102/104
Suetônio	69	69-141*	119-121	141*

Figura 2: Quadro com dados biográficos de Estácio, Marcial e Suetônio.

2.1.1 Estácio e as *Silvas*

Começando por Públio Papínio Estácio (*Publius Papinius Statius*), as informações que se dispõem sobre o seu nascimento são raras e incertas. Entretanto Ettore Paratore (1983), Paul Harvey (1998), Maria Helena Ureña Prieto (2006) e Mário Citroni *et al* (2006) concordam que ele tenha nascido durante década de 40 d. C, na cidade de Nápoles, onde ainda se fazia viva uma grande tradição grega na literatura e na filosofia, o que imprimiu em Estácio fortes traços da cultura, dos gêneros literários e da intelectualidade gregas. Faleceu provavelmente em 96, em Roma, com desejos de retornar à sua terra natal (CITRONI, 2006), mas Paratore (1983) defende que ele tenha

falecido em Nápoles, num ano incerto da última década do século I, quando escrevia sua última e inacabada obra, a *Aquileida*.

Não possuímos qualquer informação sobre a sua mãe, já sobre o seu pai é necessário fazer algumas considerações, uma vez que ele contribuiu muito para a formação de Estácio e é citado até mesmo em algumas de suas obras, como as *Silvas* (LOEB, 2003). Seu pai era professor, poeta e gramático e, por ser especialista nas tradições literárias greco-latinas, educou-o num exigente programa de poetas gregos e em técnicas de composição poética. Para Citroni *et al* (2006, p. 862), a influência do pai sobre a carreira de Estácio vai além disso, pois, sendo também um escritor "de poemas sobre acontecimentos contemporâneos, como a vitória dos Flávios na guerra civil de 69 e a erupção do Vesúvio em 79", participou de inúmeros certames literários e recebia "prêmios e recompensas nos concursos de poesia e oratória grega que aconteciam em diversas cidades da Grécia e do mundo helenizado". Isso marcará, como recorda Betty Rose Nagle (2004), a maneira de Estácio compor seus poemas, somando a eles a vivacidade e a eloquência usadas nos concursos e competições das quais participou com seu pai. Depois de se mudar para Roma, Estácio venceu o concurso de poesia nas *Augustalia*[33] de Nápoles, por volta de 78 d. C, e, provavelmente em 90, recebeu o prêmio de melhor poema em um concurso nos jogos *Albanos,*[34] promovidos por Domiciano em Alba. Nessa ocasião, apresentou um poema que celebrava as campanhas militares de Domiciano na Germânia e na Dácia. Em 94 d. C. perde a competição Capitolina, o que o teria deixado muito triste (CITRONI *et al*, 2006; HARVEY, 1998).

É também depois de mudar-se para Roma, evento ocorrido por volta de 69 d. C., que Estácio assume a poesia como profissão. Sobrevivendo do que escrevia, levava uma vida modesta como poeta-cliente: escrevia seus poemas para homens ricos em troca de favores, proteção, jantares e hospitalidade. É possível que ele tenha possuído algum patrimônio familiar e uma pequena propriedade. Juvenal, no entanto, em uma de suas sátiras, afirma que o poeta passou fome e precisou vender pequenos livros para encenações pantomimas para sobreviver, mesmo suas leituras públicas da *Tebaida* fazendo sucesso onde quer que elas acontecessem (CITRONI *et al*, 2006).

Na capital do império, Estácio teria saído do anonimato quando compôs, antes de 83 d. C., o poema *Agave*, escrito como necrólogo para a morte do ator Páris, amante

33 Jogos e concursos quadrienais, inspirados nos moldes gregos e instituídos por Augusto.

34 Instituídos em 86 por Domiciano na *uilla* imperial de Alba. Eram concursos anuais nos quais a literatura ocupava o lugar central e eram exibidos com o intuito de gerar grande impacto no público.

da imperatriz Domícia. Em sua sétima sátira, Juvenal afirma que foi tal fato que lhe proporcionou uma boa remuneração e o começo da sua carreira de recitação de poemas em jantares ilustres (JUVENAL 7.14-19 *apud* PARATORE, 1983). Ainda para Paratore, o que facilitou sua entrada nesses círculos ilustres e ampliou suas relações pessoais foi o casamento com uma mulher de família abastada, Cláudia, viúva de um músico. Paul Harvey (1998) anota que Estácio não teve filhos com Cláudia, mas adotou uma criança de nome desconhecido para nós. Nas *Silvas,* o poeta narra, com comovente tristeza, a morte de tal filho adotado.

Quando se aventura pela escrita da poesia épica, escrevendo a *Tebaida* - entre 79 e 91 d.C., dividida em doze livros, uma média de um livro por ano - e a *Aquileida* - provavelmente iniciada em 95 d.C. e interrompida no seu segundo volume devido a morte do poeta (CITRONI *et al*, 2006) -, Estácio tem à sua disposição uma grande tradição da épica latina, iniciada pelo grego Lívio Andrônico, atingindo seu apogeu com a *Eneida* de Virgílio (MOTA, 2002).

Lívio Andrônico tem sua data de nascimento indeterminada, mas sua morte pode ter ocorrido provavelmente em 200 a.C. Era natural de Tarento, na Grécia e é considerado por Mário Citroni *et al* (2006) como o primeiro poeta latino. A vida teatral em Tarento era bastante agitada, o que possibilitou ao poeta exercer as funções de dramaturgo e ator. De acordo com Cícero, teria ido para Roma em 209 a. C, prisioneiro da Segunda Guerra Púnica (CITRONI *et al*, 2006). Sua entrada na poesia épica latina deveu-se à primeira tradução da *Odisseia* para o latim, na qual tentou impregná-la tanto com elementos estilísticos quanto com vocábulos inteiramente romanos. Também foi responsável pela transposição do teatro grego para a cultura dramatúrgica romana, fixando os traços fundamentais do que viria a ser o teatro latino: o metro, a língua e o estilo (CITRONI *et al*, 2006).

Já Virgílio foi perpetuado em uma tradição de leituras e releituras que atravessaram até a Idade Média e o consagram como grande poeta épico romano. Nascido em Andes, província da Gália em 70 a. C., foi educado às custas de seu pai em gramática e retórica em Cremona, Milão e, por último, em Roma. Sua carreira como poeta foi rodeada de pessoas importantes que o protegeram e acompanharam a escrita de seus trabalhos, como Mecenas, Asínio Polião, ligado a Marco Antônio e seu partidário político, e até mesmo o imperador Augusto e sua família. Depois da escrita e publicação das *Bucólicas* (aproximadamente entre 42 e 38 a. C.), poemas compostos em hexâmetros que tratavam do ambiente pastoril; e das *Geórgicas* (escritas entre 38 e 29 a.

C.), publicadas em quatro livros em forma de poemas didáticos que narravam temas agrícolas e da vida dos camponeses (CITRONI *et al*, 2006); Públio Virgílio Marão escreve a sua mais famosa obra, a *Eneida* (composta entre 29 e 19 a. C.), um poema épico com caráter patriótico[35] dividido em doze livros que narra "[...] a história de Eneias, o herói mítico troiano, fundador da estirpe romana e da dinastia Júlia, desde a destruição de Troia até à chegada ao Lácio e à guerra vitoriosa que o herói teve de sustentar contra as populações itálicas." (CITRONI *et al*, 2006, p. 476). Virgílio morreu em Brindes, em 19 a. C.

Esta breve exposição é útil para introduzir o assunto da poesia épica, uma tradição construída em um contato muito próximo e constante com os modelos gregos (MOTA, 2002), gênero ao qual Estácio se dedicou. Tal exposição é necessária porque, como ensina Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. IX), "o estudo de uma literatura, portanto, deve ser precedido de uma coleta de informações sobre a época em que ela nasceu e floresceu."

Voltando a Estácio, o primeiro de seus poemas foi a *Tebaida*, escrita entre 79 e 91 d. C., sendo que a cada ano era publicado um de seus doze livros (HARVEY, 1998). No estilo da *Eneida*, Estácio se dedicou a narrar a disputa pelo trono de Tebas entre os irmãos Eteócles e Polinices, e a guerra que disso decorreu. Apesar de ser impossível identificar com exatidão as fontes das quais Estácio se serviu para escrevê-la, pode se elencar aqui alguns poemas épicos gregos da época arcaica, várias tragédias gregas do século V a. C. e a obra homônima de Antímaco de Cólofon, escrita no século IV a. C. No entanto, a sua maior fonte de inspiração é a *Eneida*, de Virgílio. Prieto (2006) defende que o principal modelo foi a *Eneida* pelos seguintes motivos: começando pela mesma quantidade de livros, passando pelas referências de trechos inteiros citados e há até mesmo trechos copiados ou parafraseados.

> O seu constante ponto de referência para alcançar a excelência poética é, naturalmente, a *Eneida*. […] O poema virgiliano é continuamente evocado, reelaborado e emulado através de episódios, personagens, pormenores temáticos e modos de expressão. Trata-se de um modelo amado e admirado, suscetível de guiar e estimular a criatividade, mas que também desencoraja por se afigurar inatingível. (CITRONI *et al*, 2006, p. 864).

[35] O termo *patriótico* foi usado por Citroni *et al*e por isso também o usamos aqui. Entretanto, julgamos necessário ressaltar que o usamos não sem ressalvas, entendendo que ele diz respeito muito mais aos processos modernos de formação dos estados nacionais. Aqui, *patriótico* tem para nós a conotação da construção de uma identidade romana, identidade essa afinada aos interesses de uma elite tradicional.

O debate acerca da influência de Virgílio é bastante acalorado e não há um consenso sobre o tema. Ettore Paratore (1983) argumenta que Estácio se reduziu a uma imitação superficial, não somente em relação a Virgílio, mas também de Ovídio e das tragédias de Sêneca. Já Maria Helena Ureña Prieto (2006) defende que a *Tebaida* possuía um forte estilo narrativo, às vezes copiando, recriando e transbordando os modelos da *Eneida.* Além de Virgílio, também Valério Flaco, Ovídio, Sêneca e Lucano serviram fonte e inspiração para o poeta napolitano. De acordo com Paratore (1983), na composição das *Silvas* ele celebra a memória de Lucano, mas, na escrita da *Tebaida*, contrapõe-se a este último poeta para poder se aproximar dos elementos mitológicos sugeridos por Valério Flaco. A partir dessas informações, entendemos que as referências de Estácio foram inúmeras, não somente copiando modelos fechados, mas adaptando-os conforme lhe fossem convenientes.

No prefácio, Estácio elogia o governo de Domiciano e cria uma imagem positiva da dinastia Flaviana. Em tal ocasião, o escritor diz adiar a vontade de cantar os grandes feitos da corte na qual era cliente, pois ainda não possuía idoneidade suficiente para tal ato glorioso. Segundo Citroni *et al* (2006), a *Tebaida* tinha o objetivo, com a narração do conflito entre irmãos Etéocles e Polinices pelo trono de Tebas, de reavivar na memória do povo romano a guerra civil em torno da sucessão imperial ocorrida entre 68 e 69 d. C, envolvendo Otho, Galba e Vitélio, e legitimar os Flávios e a sua chegada ao poder como a solução do que poderia vir a ser a ruína de Roma.

Alguns anos depois de ter concluído a *Tebaida,* Estácio se dedicou a um novo poema, também de caráter mitológico e nos moldes épicos. Surge então a *Aquileida*, sua segunda obra, iniciada em 95 d. C. com a pretensão de contar a vida de Aquiles, herói da *Ilíada*, poema épico de Homero que narra a guerra de Troia. Porém, devido à sua morte, Estácio interrompe a obra no seu segundo livro, quando Aquiles é chamado por Ulisses para regressar a Troia (CITRONI *et al,* 2006).

Novamente, no proêmio, justifica-se diante de Domiciano, confessando que não se sentia pronto para narrar todos os seus gloriosos feitos. A *Aquileida*, de acordo com Citroni *et al* (2006, p. 868), "[...] revela a capacidade de Estácio de tratar com mais leveza a matéria épica, e de introduzir notas sentimentais e elegíacas, difíceis de encontrar na *Tebaida*." A sua principal fonte de inspiração, é claro, foi Homero. Além de Homero, Estácio seguiu os moldes das *Heroides* de Ovídio. Inspirou-se neste último para trabalhar com o estilo elegíaco e, apesar de não possuir a delicadeza e a originalidade de Ovídio, o poeta napolitano consegue trabalhar com os temas dos

sentimentos de forma bastante natural (CITRONI *et al*, 2006). Ettore Paratore (1983) também reconhece a diferença entre a *Aquileida* e a *Tebaida*, argumentando que a primeira se vale de um tom mais festivo, vivo e garboso que não são encontrados na segunda.

A épica virgiliana também volta a ser um importante referencial para o esse trabalho de Estácio. Porém, desta vez, Mota (2002) nos informa que são tão presentes tanto a prática da *imitatio* quanto da *aemulatio*. A primeira é usada para firmar a "constância da forma linguística dentro de cada gênero literário, e o da aceitação de modelos" (MOTA, 2002, p. 479). Assim, a *imitatio* era responsável pela manutenção de um estilo e de fazer a obra ser reconhecida dentro de uma tradição, nesse caso, a da poesia épica. Já a *aemulatio* é a prática de se inovar dentro de certa tradição ou gênero, de alterar a *imitatio* e permitir a originalidade que cada autor possa ter. Estácio utilizou procedimentos antigos com termos novos e, ao mesmo tempo, se valeu de palavras antigas em formas contemporâneas e diferentes de importantes modelos, como o de Virgílio. Por exemplo: a forma *Achilli* é criada por Virgílio para designar o herói Aquiles e na *Aquileida* "Estácio recusa, porém, os procedimentos adoptados por Virgílio, e opta por grafar sempre *Achillis*" (MOTA, 2002, p. 481). Enfim, cabe dizer, Bernardo Mota (2002) entende que Estácio também opta por sonoridades mais helênicas do que latinas, intencionando criar uma atmosfera grega, melhor adaptada ao tema de sua narrativa.

Percorridas as duas outras obras de Estácio pode-se dedicar às *Silvas*, os poemas que foram integrados ao *corpus* documental desta pesquisa. O título da obra, *Silvae*, possui traduções para o português como *As Silvas*. O significado desse título é incerto, mas seu sentido pode ser o de "bosques", "florestas" ou "madeiras". Para Citroni *et al* (2006) e Paratore (1983), o vocábulo *silva* pode significar também "matéria-prima" a ser trabalhada ou ainda algo que é feito ou esboçado às pressas. É possível pensar, a partir disso, que tal título foi escolhido por Estácio para justamente poder indicar o caráter de uma coletânea, de uma variedade de poemas ou, até mesmo por se tratarem de poesias de encomenda e ocasião (a seguir definiremos melhor tal gênero), o que às vezes precisava ser feito de última hora, assim que fosse pedida.

Composta por trinta e dois poemas, a obra se divide em cinco livros, sendo os quatro primeiros escritos e publicados entre 92 e 95 d.C. e o quinto, também escrito neste período, fora publicado após a morte de Estácio. Não possuímos informações de acrescentou, eliminou ou alterou trechos e/ou poemas.

As *Silvas* representam uma dobra na forma e no estilo do autor: compostos entre o intervalo de escrita e publicação da *Tebaida* e da *Aquileida*, ambos inseridos na já sólida tradição da épica, são poemas de encomenda e de ocasião, gênero ou maneira de escrever que teria se popularizado com a chegada de inúmeros escritores à capital em busca de divulgar seus trabalhos. O próprio Marcial, que será apresentado na próxima subseção, mesmo escrevendo epigramas, pode ser inserido nesse grupo de autores dos dois primeiros séculos que sobreviviam às custas de seus trabalhos literários encomendados por qualquer um que tivessem como pagar por eles.

Tais poemas ficaram assim conhecidos, pois eram encomendados pela nova elite do império[36] que, quase sempre, são personalidades próximas à corte imperial (senadores, cavaleiros ricos, provinciais e até mesmo libertos e seus filhos) para serem recitados em ocasiões específicas, como jantares, recepções, casamentos ou despedidas. Esses escritos eram, quase que invariavelmente, destinados a um amigo, um protetor ou patrono. O casamento, o nascimento, a despedida para uma viagem, um consolo para alguém enlutado (podendo o morto ser um familiar, um escravo, um cliente ou até mesmo um animal muito estimado), o elogio de uma *uilla* ou de uma estátua, enfim, as mais diversas situações poderiam se tornar motivo para um pedido e a composição de um poema (NEWLANDS, 2002; NAGLE, 2004; CITRONI *et al*, 2006).

Depois de encomendadas, na sua maior parte as poesias de Estácio poderiam ser recitadas para os convidados nas ocasiões preparadas por homens ricos na cidade de Roma, podendo ter motivos políticos ou somente interesses festivos. Normalmente, os festejos oferecidos eram divididos em três partes: a recepção dos convivas; depois tinha lugar a *coena*, na qual o jantar era servido; e, por fim, a *comissatio*, que "[...] era a última parte do banquete, podendo se estender noite adentro, e onde bebia-se o vinho, ouvia-se música e declamavam-se poemas e peças retóricas de cunho político, filosófico ou anedótico, normalmente em favor dos anfitriões." (TAMANINI, 2014, p. 16). Para Mário Citroni *et al* (2006), as *Silvas* sugerem que na sociedade em que ela estava inserida, a cidade de Roma do final do primeiro século, a poesia gozava de um alto prestígio. Citroni *et al* chega a tal conclusão pois entende que, por etiqueta ou interesse, Estácio dedica os poemas aos indivíduos que os encomendou e afirma que eles eram verdadeiros amantes das letras, dando relevo à cultura literária e, por vezes,

[36] Essa "nova elite" é caracterizada por grupos que alcançaram poder econômico a partir do I século a. C e também puderam desfrutar de alguns postos políticos. A nomenclatura se deve ao fato de tais grupos não pertenciam às famílias tradicionais romanas, ligadas, sobretudo, à aristocracia senatorial e política.

considerando-os legítimos poetas. Decorar e prestigiar a vida pública e privada das pessoas às quais os poemas eram dedicados pode indicar-nos que a poesia também era um instrumento para propagandear a imagem dessas personalidades.

Como sugerem Citroni *et al* (2006) e Paratore (1983), acreditamos que os poemas, após serem recitados nessas ocasiões, eram selecionados e editados para formarem a coletânea escrita. Essa informação pode ser valiosa por oferecer duas possibilidades de interpretação. Editar e publicar aqueles poemas que eram ouvidos apenas por um pequeno grupo de pessoas pode denunciar, em primeira instância, a ambição de Estácio de ser divulgado para um público mais amplo, sendo recitado em outras ocasiões, lido e relido por pessoas que não necessariamente os encomendaram. Em segundo lugar, a edição e divulgação das *Silvas* em forma escrita poderiam aumentar o alcance e a consistência das homenagens que era feitas por Estácio e, consequentemente, alargar o campo de influência e o reconhecimento dos encomendadores. Nos dois casos, também podemos ver a possível intenção de seus poemas serem lidos pela posteridade, seja para a divulgação dos trabalhos do poeta, seja para aumentar o prestígio social daquelas pessoas que os pediram e os financiaram.

Assim como nas suas outras obras, Domiciano, sua família e suas relações afetivas são saudadas pelo poeta. O próprio poema que analisaremos no terceiro capítulo narra a tentativa de tornar eunuco o menino Earinus, protegido de Domiciano e de sua esposa. Craig Arthur Williams (2010) defende que tanto o imperador como a imperatriz mantinham uma relação de amor e amizade com o garoto. Os poemas, mais ainda do que a *Aquileida* e a *Tebaida*, demonstram a sua devoção pelos imperadores da dinastia Flaviana e, sobretudo, por Domiciano:

> Alguns deles [dos poemas] destinam-se a homenagear Domiciano por ocasião da inauguração de uma estátua equestre, por ocasião da 17ª investidura como cônsul, ou pela construção de uma nova estrada. Um dos poemas destina-se a agradecer ao imperador um jantar na corte pára qual Estácio tivera a honra de ser convidado, junto com vários senadores e cavaleiros. (CITRONI *et al*, 2006, p. 869).

É nas *Silvas* que também se encontram os maiores elementos para compor uma biografia de Estácio, explica Prieto (2006). Apesar das pouquíssimas autorreferências e das raras menções aos seus familiares, o quinto livro pode ser considerado o mais íntimo, no qual se pode encontrar o canto fúnebre para o pai e o filho. O terceiro poema

do supracitado livro refere-se ao seu pai na ocasião do seu falecimento,[37] enquanto que o quinto poema também do quinto livro é um lamento pela morte de seu filho adotivo.[38] Já no terceiro livro das *Silvas* encontramos um poema que expõe uma demonstração de afeto à sua esposa Cláudia, que era relutante à ideia de Estácio voltar a morar em Nápoles.[39]

Quanto ao estilo usado na composição das *Silvas*, consideramos necessário fazer alguns apontamentos. Quase todo o seu conteúdo foi composto em versos hexâmetros, sendo que apenas quatro poemas foram escritos em versos falécios e dois em estrofes líricas inspiradas nas tipologias de Horácio (HARVEY, 1998; CITRONI *et al*, 2006; PRIETO, 2006). De acordo com Betty Rose Nagle (2004), a forma escolhida por um autor na antiguidade para compor suas narrativas denuncia os assuntos e natureza daquilo que será narrado, bem como pode indicar algumas das possíveis intenções do autor. No caso das *Silvas*:

> [...] a maioria dos poemas são compostos em hexâmetro dactílico,[40] o metro tradicional para a poesia de louvor realizado nos festivais gregos e, é claro, o metro por excelência da épica antiga […] a escolha de Estácio pelo metro da épica para esses supostos poemas ocasionais improvisados, então, marca-os como obras sérias destinadas a manter a memória dos seus assuntos viva para a posteridade (NAGLE, 2004, p. 4).[41]

A bibliografia consultada para escrever esta subseção nos informa sobre a incomensurável contribuição que as *Silvas* representam para o estudo da sociedade e da literatura romana. Apresentando uma variada gama de assuntos que perpassavam a vida social e cultural romana em finais do primeiro século, as *Silvas* "cantam acontecimentos entre amigos e bodas; descrevem balneários, casas de campo, objectos de arte, etc.; celebram festas públicas. Acima de tudo, prestam culto ao imperador." (PRIETO, 2006, p. 99).

---

37 O carme *Lament for my father*, na versão inglesa, encontrado em NAGLE, 2004, p. 165-175. Já na versão latina o poema recebeu o título de *Epicedion in patrem suum*.

38 Em inglês *Lament for my adopted son* (NAGLE, 2004, p. 176-179); em latim *Epicedion in puerum suum.*

39 O quinto poema do terceiro livro foi intitulado por Betty Rose Nagle (2004, p. 117-121) como *To my wife*. Entretanto, na versão latina consultada para essa dissertação, Estácio não atribuiu nome para o mesmo poema.

40 Verso de seis pés (conjunto de sílabas) no qual a primeira sílaba é longa e as duas seguintes são breves.

41 "[...] the majority of the poems are composed in dactylic hexameter, the meter traditional for the praise poetry performed at Greek festival and, of course, the meter par excellence of ancient epic […] Statius' choice of the meter of epic for these supposedly improvised occasional poems, then, marks them as serious works intended to keep the memory of their subjects alive for posterity".

As inovações no campo literário também são uma das marcas da obra. De acordo com Leoni (1961), dos três poetas épicos do primeiro século da nossa era, Tito Sílio Itálico (26-101), Gaio Valério Flaco (45-85) e Públio Papínio Estácio (40-96), somente o último consegue inovar. Na tentativa de voltar aos grandes poetas, conforme os ensinamentos de Quintiliano, os dois primeiros conseguem somente uma imitação retórica de Virgílio. Estácio inova, sobretudo nas *Silvas,* obra em que consegue unir a poesia e o sentimento em poemas de ocasião, com interesse histórico e biográfico. As contribuições literárias das *Silvas*, como já apontado, podem ser percebidas também quando "Estácio adiciona a cultura de panegírico dos concursos gregos de poesia nos quais ele e seu pai participaram", além de que "[...] foi o primeiro poeta romano a dedicar poemas inteiros à descrição de obras de arte ou arquitetura." (NAGLE, 2004, p. 3-5).[42]

Se hoje as *Silvas*, como as outras obras de Estácio, sofrem um esquecimento para o estudo do mundo romano (PRIETO, 2006),[43] as menções a elas, bem como suas traduções e apropriações, fizeram com que fossem lidas, admiradas e até mesmo imitadas por séculos. Se na Antiguidade foi citado e elogiado pela sétima sátira de Juvenal, na Idade Média Estácio é estudado e usado por escritores e dramaturgos como, Dante Alighieri e Geoffrey Chaucer. Sua fluência, erudição e vigor narrativo na *Tebaida* e *Aquileida* fazem com que seja constantemente comparado a Virgílio, Homero, Ovídio e Lucano. Dante chega a substituir os escritos virgialianos pelas obras de Estácio, às vezes confundindo os dois escritores. Já no caso das *Silvas*, seus manuscritos foram esquecidos por tempo indeterminado, talvez por séculos, e retomados em 1417, quando o também napolitano Poggio Bracciolini os encontrou em um códice, junto com uma cópia dos *Punica*, de Sílio Itálico. Tem-se notícia de que suas obras foram admiradas desde o Renascimento até o século XVIII, quando o cardeal italiano Guido Bentvoglio fez uma tradução da *Tebaida*.

---

[42] "Statius adds the strain of panegyric from Greek poetry contests in which he and his father participated [...] was the first Roman poet to devote entire poems to descriptions of works of art or architecture."

[43] Tal tendência é percebida nas obras em língua portuguesa. Em inglês Estácio possui uma incomensurável fortuna crítica, sendo amplamente debatidos aspectos literários, linguísticos, históricos, sociológicos e culturais de sua produção. Renomados pesquisadores dedicaram seus olhares para as obras do poeta, dentre eles Carole Newlands (2002; 2009); Johannes Smolenaars, Harm-Jan van Dam, Ruurd Nauta (2008); Kathleen Coleman (2003). Para uma visão geral sobre os trabalhos acerca de Estácio consultar o compêndio publicado no ano passado pela Brill (DOMINIK, W. J, NEWLANDS, C. E, GERVAIS, K, 2015). Especificamente, no que tange às *Silvas*, ver o interessante ensaio de Coleman (2010).

Concluindo, entendemos que as *Silvas* constituem-se com um importante documento para o estudo da sociedade, da cultura e da história de Roma de finais do século I, uma vez que:

> [...] constituem um documento extraordinariamente importante em relação aos gostos, aos ideais, aos valores, aos estilos de vida e da alta sociedade que rodeia a corte de Domiciano, e à imagem que essa sociedade pretende transmitir de si própria – uma imagem de moralidade e de laboriosa lealdade para com o príncipe, mas também de disponibilidade para desfrutar do luxo correspondente a uma aristocracia imperial e para cultivar os prazeres de uma requintada convivência social em que o *otium*, nutrido pela literatura e pelas artes, tem um papel essencial. (CITRONI *et al*, 2006, p. 871)

2.1.2 Marcial e os *Epigramas*

O segundo autor utilizado em nossa análise é Marco Valério Marcial (*Marcus Valerius Martialis*), nascido por volta de 39 d.C. na cidade de Bílbilis, região da atual Espanha. Ainda em Bílbilis, contou com uma formação de alto nível, provavelmente se dedicou às letras e à retórica num centro de estudos financiado pela sua família. Tal informação assinala que sua família certamente não levava um estilo de vida modesto. Mesmo assim, isso só pode ser especulado, devido ao fato de que não temos acesso a nenhuma referência sobre os seus pais. Depois de passar a maior parte de sua vida em Roma, volta à sua terra natal, tendo falecido entre 102 e 104 (CITRONI, 2006; PARATORE, 1983; PARRA, 2010).

Como acreditava que a poesia era sua vocação e que seu trabalho seria o de escritor, Marcial não via perspectivas de se tornar um artista na província em que vivia, já que Roma era o único lugar para sobreviver às custas de sua poesia. Quando se mudou para Roma, entre os anos de 50 e 60 d. C, aproximadamente, foi logo protegido por Sêneca e Lucano, que eram também hispânicos e, provavelmente, já o conheciam em Bílbilis. Também ricos escritores de Roma, como é caso de Sílio Itálico e de Plínio, o Jovem, se afeiçoaram a Marcial e lhe garantiram proteção e favores (HARVEY, 1998; PRIETO, 2006). Há ainda registros de que teria feito amizade e sofrido influências de outros autores latinos, como Juvenal, Frontino e Quintiliano (PRIETO, 2006; CITRONI *et al*, 2006).

Nos primeiros anos em Roma, Marcial goza de uma boa vida proporcionada pelo seu contato com Sêneca, filósofo muito próximo ao imperador Nero. Depois da Conjuração de Pisão, a família dos Sênecas é perseguida e Marcial se vê obrigado a viver em silêncio entre os anos de 65 e 80 d. C. Nesse período, contou com o apoio e

proteção de Quintiliano, que o aconselhou a seguir carreira de advogado. Segundo Citroni *et. al.* (2006), Marcial não aceita e defende que sua verdadeira profissão seria a poesia.

Em Roma, sua vida assemelha-se bastante com a de Estácio: manteve sua sobrevivência na capital do império às custas da sua atividade literária, sendo

> "[...] essencialmente um cliente. Seus rendimentos não alcançam os padrões de riqueza estipulados pelos romanos. Assim, vive e sobrevive em Roma como poeta e usufrui dos diversos favores obtidos de seus *patroni*." (BIAZOTTO, 1993, p. 93).

Suas relações em Roma lhe renderam os títulos de *tribunus*, *eques* e *jus trium liberorum*, porém isso não garantiu que houvesse uma mudança em seus rendimentos, continuando pobre até a sua morte. Possivelmente possuiu uma pequena propriedade rural, escrevia para sobreviver, dependendo de seus patronos e da venda de seus livros (HARVEY, 1998). Cristina Pimentel (2001) e Renata Lopes Biazotto (1993) vão ao encontro dessas colocações afirmando Marcial mudou-se para Roma com o desejo de enriquecer por meio do seu trabalho de escritor, desejo que nunca alcançou. Amanda Giacon Parra (2010, p. 66) também assinala como era o cotidiano de Marcial enquanto cliente: "Toda manhã recolhia a *sportula*, quantia destinada aos *cliens* pelos *patroni*. Para seu sustento, pede apoio a vários poderosos da sociedade romana, dentre os quais destacam-se: Arrúncio Estela, Plínio o Jovem, Juvenal, Quintiliano e Frontino."

Os próprios epigramas podem nos oferecer valiosas informações sobre as condições socioeconômicas de Marcial. É possível ver em seus epigramas diversas reclamações em relação à sua condição social, ao fato de ser obrigado a sobreviver por relações de clientelismo, uma vez que ele mesmo se considerava um artista e por isso mesmo perderia muito tempo com as obrigações e os afazeres de cliente. Podemos observar esses dados no epigrama 108, do livro I, no quinto epigrama do livro II e nos epigramas 70 e 24 encontrados, respectivamente, no décimo e no décimo primeiro livro. Como já apontado por Biazotto (1993), também verificamos nos epigramas 42 e 79 (livro IV), 43 (livro VI) e 92 (livro VII) a posse de alguns bens por parte de Marcial: um escravo, um *villa* em Tibur e uma propriedade em Nomentum. Podemos inferir também, por meio dos epigramas 62 e 78 do livro V, que o poeta oferecia alguns jantares e até mesmo presenteava alguns de seus conhecidos, como visto no 49 do livro VII.

Ainda que a sua vida e sua atividade literária foram tão próximas às de Estácio, escrevendo no mesmo período e na mesma cidade, sendo financiados pelos mesmos

protetores, trabalhando por vezes com temas parecidos e, inclusive, até representando os mesmos personagens (como é o caso do garoto Earinus), Marcial e Estácio não se mencionaram em suas. Citroni *et al* (2006) chega a afirmar que o próprio fato de Marcial querer romper com a poesia épica e fazer chacota dela pode demonstrar uma propaganda implícita negativa contra aquele que poderia ser seu concorrente. Haveria aí realmente um possível desafeto ou uma possível competição, uma vez que disputavam o mesmo público? Acostumados a trabalhar com o registro, nós, historiadores, por vezes esquecemos de um fator tão importante quanto aquilo que foi escrito, documentado, registrado: o não-dito. Essa relação entre Marcial e Estácio, ou falta dela, pode corroborar o argumento de que a cidade de Roma em finais do primeiro século seria um ambiente literário competitivo e que abrigaria diversos escritores a procura de um lugar onde pudessem divulgar suas obras, conforme já enunciamos anteriormente.

Plínio, o Jovem, afirma em uma de suas cartas (*Ep.* 3.21) ter doado dinheiro para que Marcial retornasse a Bílbilis quando não mais encontrou um ambiente favorável para si em Roma. Tal episódio enseja a possibilidade de Marcial e Plínio terem tido entre si uma relação de mecenato, além da de clientelismo. O costume, como pode indicar a carta pliniana, era mais comum na época de Augusto, tendo ficado esquecido em finais do primeiro século (SULLIVAN, 1991; CITRONI *et al*, 2006; PARATORE, 1983). Nessa mesma carta, Plínio reconhece o talento e a fidelidade de Marcial, expondo também um epigrama no qual o poeta dá conselhos de como se relacionar com Plínio. O escrito pliniano também nos permite enxergar que Marcial teria gozado de certo reconhecimento do seu trabalho, algo que era desejado por ele. Apesar de elogiar justamente um poeta que o dedica seus escritos, o que, a nosso ver, aponta para uma autopromoção de Plínio, entendemos que essa carta representa como a elite romana podia receber os escritos de Marcial: com admiração e, ao mesmo tempo, receio de sua linguagem e temas "maliciosos".[44]

Depois dessa breve exposição biográfica, cabe agora nos determos aos escritos de Marcial. Provavelmente, dispomos hoje de todos os epigramas escritos por ele. Divididos em quinze livros, os mais de 1500 epigramas de Marcial foram compostos aproximadamente entre 80 e 102/104 e tratam dos mais variados temas e

[44] Reservaremos a segunda seção deste capítulo para um estudo mais aprofundado das relações entre Plínio o Jovem e Marcial. Renata Biazotto (1993) também oferece uma discussão complexa sobre as relações entre os dois escritores, assim como uma visão mais ampla dos círculos de amizade e sociabilidade nos quais Marcial se inseria, especificamente da página 68 a 85.

comportamentos sociais, valendo-se de linguagem realista, irônica e picante, ligada ao entretenimento e à diversão (BIAZOTTO, 1993; CITRONI, 2006). Seus poemas trazem uma representação bastante elaborada da sociedade romana, retratando os mais diversos tipos de indivíduos: beberrões, gulosos, avarentos, hipócritas, esposas devotadas ou não, praticantes de homoerotismo, exibicionistas, delatores.

Sobre o gênero epigramático, pode-se defini-lo genericamente como uma poesia curta, que trata de um tema cotidiano ou não (amor, política, festejos) e possui um tom jocoso. É claro que, como qualquer generalização, essa definição não consegue abarcar tudo o que foi escrito sob o signo do epigrama. Desse modo, discor-se-á agora sobre as criações, transformações e modelos do gênero epigramático. Muito antes de Marcial dedicar sua vida à escrita de epigramas, eles surgiram na Grécia, por volta do século VII a.C:

> Inicialmente designava uma inscrição em material duro, objecto ou monumento, e fornecia dados, de forma concisa e breve, sobre quem os dedicava ou a quem eram dedicados, a quem pertenciam ou quem, no caso específico de se tratar de uma inscrição funerária, ali repousava. Progressivamente, porém, o epigrama foi conquistando o terreno da literatura, sobretudo por meio do epitáfio poético ou do poema votivo inscrito num monumento. (PIMENTEL, 2001, p. 15).

Os primeiros epigramas literários foram atribuídos a Simónides de Ceo, entre os séculos VI e V a.C. Depois, autores como Eurípides, Platão, Aristóteles, Calímaco e Meleagro se enveredaram, uns mais, outros menos, pelos caminhos da escrita epigramática. Já no século III a.C. os temas se alargam: das homenagens e louvores, passa-se a falar do amor, das festas, do vinho; aparecem em suas linhas descrições de objetos de arte e de construções arquitetônicas, começa-se a trazer dedicatórias de amor ou desafeto. Em Roma, no final da República e início do Império, o cotidiano e o caráter anedótico e mordaz se juntam a essa miscelânea de temas, além de serem inclusos assuntos políticos, seja na forma de crítica ou de apoio ao indivíduo a quem o epigrama era dedicado. Na língua latina foram escritos por Catulo, Licínio Calvo e Hélvio de Cina, entre outros. Também personalidades ligadas ao poder político central como César, Bruto e Augusto podem ser identificadas como aqueles que se aventuraram na escrita de alguns epigramas romanos. Nesse período, os versos já vão além do dístico elegíaco: passam pelo hexâmetro, pelo hendecassílabo falécio, pelo trímetro jâmbico (PIMENTEL, 2001).

Nesse contexto, quando Marcial se dedica à escrita dos seus epigramas, havia inúmeras referências na literatura grega e latina com as quais ele poderia dialogar. O

poeta anuncia no seu primeiro livro a rede de antecessores do gênero que influenciaram a sua escrita. De acordo com Ettore Paratore (1983), esse era um costume romano, acentuado no principado flaviano, de acreditar que um autor só poderia fazer sucesso se se alinhasse aos autores que o precederam e manifestasse publicamente tal influência. Nesse sentido, Marcial declara no prefácio do livro I:

> Que a fama me custe menor preço e o espírito mordaz seja última coisa a ser apreciada em mim. Fique bem longe da inocuidade dos meus gracejos o glosador maligno e não se substitua ao autor dos meus epigramas: procede indignamente quem mostra talento à custa de um livro alheio. A sinceridade brejeira das palavras, isto é, a linguagem dos epigramas, dela me escusaria, se fosse meu o exemplo: é que assim escreveu Catulo, assim [Domício] Marso, [Albinovano] Pedão, assim [Lêntulo] Getúlico, assim qualquer um se quer ser lido de fio a pavio. (*Epig.* 1.pref.).[45]

Esses homens viveram e escreveram em Roma entre os séculos I a.C e I d.C. Certamente, entre todos os autores citados, Catulo foi quem mais exerceu influência sobre o epigramatista. Nas palavras de Citroni *et al* (2006), Marcial usa majoritariamente o dístico elegíaco em doze de seus livros, mas também e em menor quantidade o dístico falécio e o escazonte, porque todos os três eram preferidos do próprio Catulo e foram os que mais empregou. Além desses autores declarados, Marcial teria sido atravessado também pelas influências de Ovídio, pois, como deduz Citroni *et al* (2006), a conciliação de um estilo elegante e sofisticado com a linguagem e aspectos maneiristas teria vindo das leituras das elegias ovidianas. Nesse sentido, Marcial se aproxima ainda mais de Estácio, uma vez que, como anteriormente enunciamos, as *Silvas* também teriam sido inspiradas pelos escritos de Ovídio.

Com esses temas e estilos principais definidos, Marcial se apropria deles, neles investe tempo e imaginação, mas também os transforma, redefinindo alguns de seus caracteres fundamentais. Representa todo tipo de indivíduo, cria um clima de cumplicidade em intimidade com o leitor e leva à perfeição a técnica do final inesperado. Na verdade, Marcial utiliza todas as tendências criadas até o seu tempo, cria outras e desenvolve uma representação crítica da vida no Império Romano (PIMENTEL, 2001).[46] Vejamos então, de maneira mais aprofundada, as inovações que Marcial desenvolveu.

---

[45] "Mihi fama uillius constet et probetur in me nouissimum ingenium. Absit a iocorum nostrorum simplicitate malignus interpres nec epigrammata mea scribat: inprobe facit qui in alieno libro ingeniosus est. Lasciuam uerborum ueritatem, id est epigrammaton linguam, excussarem, si meum esset exemplum: sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedo, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur."

[46] A discussão acerca das origens do epigrama pode ser vista também em RIBEIRO JR, 2014, p. 75-88.

Faz-se necessário apontar que dos escritores referenciados pela pena de Marcial no prefácio do seu primeiro livro nenhum deles encarou o epigrama como sua vocação e dedicou-se unicamente ao gênero epigramático, somente o próprio Marcial o fez. Isso pode estar relacionado ao fato da escrita epigramática ser considerada um gênero menor na literatura greco-latina, frente à poesia épica e à tragédia. Depois de sofrer uma sofisticação pelas mãos de Catulo, que é o primeiro a conseguir elevar o epigrama ao patamar de um gênero literário, definindo regras, métrica e temas próprios, é Marcial que assume o compromisso de equipará-lo aos outros gêneros que gozavam de maior atenção e fama (SULLIVAN, 1993). Da mesma maneira que Calímaco e Catulo já haviam feito, Marcial defende o estatuto literário do epigrama e ainda cria outros paradigmas que vão além desses dois. Por exemplo, ao contrário de Catulo, Marcial argumentou que a forma breve seria "[...] a modalidade literária que permite representar nas suas inumeráveis facetas, uma realidade quotidiana multiforme e cheia de contrastes e de contradições." (CITRONI *et al*, 2006, p. 879).

Essa capacidade de refletir a vida tal como ela é vivida e sentida pelas pessoas comuns vai além da forma ou da métrica, mas, para Marcial, o próprio conteúdo do epigrama seria mais adequado do que o dos gêneros ditos maiores. A crítica de Marcial é sobre a forma grandiosa, longa, fastidiosa, mas também sobre a temática mitológica, tão comum à épica e tragédia. Assim, o poeta reivindicava que seus epigramas aderiam e louvavam à vida e à experiência reais (CITRONI *et al*, 2006).

Essa nova postura frente tanto a forma como aos temas do epigrama surtiu outros efeitos para além da escrita e composição dos seus versos. O próprio consumo desses versos se daria de outro modo, o que influencia também na recepção das mensagens e representações neles veiculadas. Para Paratore (1983), as composições breves e mordazes permitiam que pudessem ser decoradas e repetidas em qualquer lugar e por qualquer pessoa, coisa que era impossível com um poema longo, como a *Eneida*, por exemplo. Assim, a dedicação exclusiva ao epigrama pode estar relacionada ao fato de poder partilhar em uma escala mais ampla as suas ideias, ou ainda as ideias daqueles que encomendavam seus epigramas. Citroni *et al* (2006) também concorda com essa hipótese, entendendo que o publico desejado por Marcial deveria ser maior do que o desejado pela épica e pela tragédia por dois motivos: o primeiro, já apontado por Paratore, a brevidade dos poemas; o segundo seria a sua linguagem leve, cômica e descontraída que colaboraria para atingir públicos de variadas extrações sociais, seja na capital ou nas províncias, já que a tradição da poesia épica e trágica se embasava numa

escrita que exigia erudição, atingindo um publico bem mais restrito. Citroni *et al* chega a afirmar que os trabalhos de Marcial junto ao epigrama inaugura nova relação com a recepção da cultura literária em Roma.

Em relação à divulgação, as publicações em forma de livro também transformaram esse panorama: antes de publicar em códices, seus epigramas já circulavam e gozavam de êxito, eram lidos em salões, banquetes e teatros, copiados e plagiados. Quando começa a publicar se multiplicam os leitores, sua popularidade cresce e ultrapassa limites sociais e geográficos. Os livros de Marcial tornam-se protagonistas da vida literária romana (CITRONI *et al*, 2006). Logo, quanto à recepção, Marcial também inaugura um novo momento na literatura latina:

> Marcial oferece uma imagem extraordinariamente viva da presença da literatura na vida quotidiana da Roma imperial, uma presença intensa e alargada aos mais diversos níveis, desde o escravo e o soldado até ao senador. O diálogo vivo que o autor, ao longo de toda a sua atividade, mantém com o público – os leitores em geral, os amigos e os protetores, através dos quais procura obter uma adequada inserção dos seus epigramas na vida cultural de Roma – é um dos traços mais característicos da sua obra. Pela primeira vez, um público diversificado e potencialmente ilimitado de leitores anônimos dispõe de tanto espaço num texto literário e, como nunca antes acontecera, tem-se a noção de clara corresponsabilidade desse público quanto à definição da poética do autor e quanto às características do próprio texto. (CITRONI *et al*, 2006, p. 881).

Como expomos quando apresentamos a ACD, tais aspectos, como a recepção e distribuição dos textos, tornam-se importantíssimos para compreender as formas discursivas nas quais as representações dos eunucos se manifestavam. Ainda sobre a produção e a distribuição dos seus poemas em forma escrita, o livro I nos traz importantes informações:

> Logo no primeiro epigrama ele se apresenta e se louva, dizendo ser conhecido já no mundo todo. No epigrama seguinte, faz propaganda de seus epigramas. Estes eram em *codex* (pergaminho) e não de *uolumen* (papiro) e anuncia seu *bibliopola/librarius*, uma espécie de livreiro que comprava os manuscritos e vendia cópias dele, sem haver lucro para o autor em relação à venda de cada cópia. No epigrama 3 ele faz referência à uma tenda no bairro de Argileto, onde seus livros eram vendidos. (RIBEIRO JR, 2014, p. 82).

Cristina Pimentel explica o porquê de o poeta frisar o material em que seus livros eram escritos:

> Marcial refere às vantagens da edição do seu livro no formato de *codex*, em pergaminho, sobre o formato de *uolumen*, em papiro: maior resistência (o que permite levá-lo para qualquer lado), menor volume (o pergaminho escrevia-se de ambos os lados, o papiro apenas num).

> A publicidade justifica-se pela ainda tímida aceitação do *codex* nesta época. (PIMENTEL, 2000, p. 50).

Depois dessas considerações, podemos adentrar ao conteúdo dos epigramas e de como, quando e sob quais influências seus livros foram publicados e que consequências tais publicações trouxeram para a vida de Marcial.

Em relação ao conteúdo, Renata Biazotto (1993) nos informa que os epigramas de Marcial normalmente tratavam de uma variedade de assuntos, tinham inúmeros objetivos e eram lidos em diversas ocasiões. Eles poderiam ser dirigidos a alguém real ou imaginário e geralmente eram oferecidos como presentes a amigos e protetores, podendo também ser recitados em locais públicos. Por vezes, ao representar certo personagem, a crítica ou a bajulação não é dirigida a um indivíduo, mas ao comportamento que tal personagem representa: a cobiça, a gula, os interesses políticos disfarçados, a embriaguez excessiva. Por exemplo: Marcial utiliza o nome Thais para se referir às prostitutas de forma geral, ou ao ato de se prostituir, ou ainda para introduzir o assunto da prostituição, e não relaciona isso estritamente a uma cortesã chamada Thais. Essa postura é também defendida por José Dejalma Dezotti (1990) e Amanda Giacon Parra (2010), entendendo que as construções jocosas dos epigramas de Marcial não é mais contra uma pessoa específica, mas contra tipos sociais.

No ano de 80, foram publicados trinta e três epigramas que louvavam os jogos promovidos por Tito e a inauguração do anfiteatro Flávio, que recebeu na Idade Média o seu nome atual: Coliseu. Esses jogos, que duraram cerca de cem dias e reuniram provavelmente pessoas de todas as partes do Império, inspiraram os epigramas que foram reunidos no *Liber de Spetaculis* (Livro dos espetáculos) e hoje integram o primeiro livro da obra *Epigramas*. Nesse livro é possível verificar a devoção à dinastia Flaviana, denunciando uma possível relação clientelista entre o poeta e a *domus* imperial. Como agradecimento e reconhecimento às bajulações feitas no livro, Tito ofereceu-lhe uma boa quantia em dinheiro e concedeu-lhe o *ius trium liberorum*.[47] Também o título de *tribunus militum* foi-lhe dado na mesma ocasião (CITRONI *et al*, 2006; PRIETO, 2006). Ainda cabe destacar que os poemas foram selecionados para

[47] A partir de uma legislação de Augusto, os homens livres no território do Império Romano eram compelidos a ter, ao mínimo, três filhos. Aqueles que não os tivessem, por qualquer que fosse o motivo, poderiam pedir diretamente ao imperador o *ius trium liberorum*, uma espécie de dispensa em relação a tal lei. No caso de escritores e poetas, o *ius trium liberorum* era concedido caso eles escrevessem uma obra que o imperador avaliasse ter alguma importância estética, como aconteceu com Marcial. Entretanto, parece quase evidente, que a dispensa da obrigação de gerar os três filhos se daria a partir de uma troca de favores, seja uma exaltação ao imperador em um dos seus escritos, seja pelas relações de clientelismo ou amizade.

integrar tal livro e que este nome, *Liber de spetaculis* ou *Liber spetaculorum*, foi atribuído não por Marcial, mas posteriormente e possivelmente na modernidade (IZAAC, 1961a; PARATORE, 1983).

Junto ao *Liber de spetaculis*, após cerca de cinco anos, Marcial publica os *Xenia* e os *Apophoreta*, que atualmente compõem, respectivamente, os livros XIII e XIV da sua obra. Nesses, o poeta se dedica a composição de dísticos hexâmetros e pentâmetros que narram "os bens e presentes que se ofereciam e trocavam quer em banquetes, quer durante os *Saturnalia*[48]." (PIMENTEL, 2001, p. 9).

A partir daí, Marcial entra num ciclo profícuo de criação. Publica quase que um livro por ano. Do primeiro até o décimo segundo livro, Marcial mantém a prática da bajulação a quem o protege ou a quem encomenda seus epigramas. Dentre eles estão senadores e cônsules, cavaleiros, advogados e ricos proprietários de terra; também destacados escritores, como Quintiliano, Plínio o Jovem, Sílio Itálico, Frontino e Juvenal. As relações de amizade e clientelismo estão intrinsecamente entrelaçadas nesses livros. Alguns deles são dedicados a indivíduos específicos:

> [...] os livros primeiro, segundo, oitavo e décimo segundo são precedidos por prefácios em prosa: o prefácio ao segundo serve para dedicar o livro ao conterrâneo Deciano; o prefácio ao oitavo serve para dedicar o livro ao imperador Domiciano; o ao décimo segundo para dedicar o livro ao amigo Prisco. (PARATORE, 1983, p. 705).

Nos epigramas compreendidos nessas publicações, o estilo é quase sempre cômico ou satírico, com perspicaz crítica aos modelos de vida e comportamento que Marcial ou seus encomendadores condenam. Mas os poemas vão além disso: encontramos epigramas funerários, autobiográficos, celebrativos, adulatórios, obscenos. A obscenidade de alguns epigramas pode ser uma forma do poeta se manter ligado com a realidade e a linguagem cotidiana, ouvida nas ruas da cidade de Roma. Segundo Pimentel (2000), o epigramatista declarava-se adepto do *latine loquoi*, uma expressão que pode significar "latim autêntico", no sentido de falar e expor sem rodeios, não evitar vocábulos menos educados, nem debochados ou obscenos. Diversos estudiosos (IZAAC, 1961; PARATORE, 1983; HARVEY, 1998; PIMENTEL, 2000; CITRONI *et al*, 2006; PRIETO, 2006; SULLIVAN, 1993), consideram tais epigramas reunidos nos livros de I a XII um retrato bastante vivo e multifacetado da sociedade que lhe foi contemporânea.

---

[48] Festas em honra ao deus Saturno que aconteciam em dezembro.

Vemos a necessidade de detalhar melhor alguns acontecimentos que influenciaram a escrita e publicação dos livros citados. Do I ao IX livro, os elogios e a bajulação a Domiciano só aumenta e a relação íntima de Marcial não só com Domiciano e sua família, mas também com Tito é constantemente citada. Porém, o X livro é importante para entendermos como o centro do poder imperial permeou as produções de Marcial. Nas palavras de Citroni *et al* (2006, p. 875):

> O livro X é publicado poucos meses antes da morte de Domiciano (em 96) e devia conter muitas adulações ao soberano – em constante crescimento desde os primeiros livros até o livro IX -, mas Marcial preferiu substituí-lo por uma segunda edição (a única que chegou até nós), expurgada de todos os elogios a Domiciano, e publicada em 98, quando Trajano já era imperador.

Além desse fato, a morte de Domiciano causa uma reconfiguração na forma em que Marcial escrevia e publicava seus livros: no XI repudia as adulações feitas anteriormente ao imperador morto e declara imediatamente seu apoio ao novo *princeps*, Nerva. Os livros XI e XII, além do apoio à dinastia antonina, representada por Nerva e Trajano, trouxeram alguns conteúdos de difamação ao último imperador da dinastia Flaviana, Domiciano.

No governo de Trajano, iniciado em 98 d.C., os escritores e as pessoas mais ligadas aos imperadores flávios são deixados de lado nas políticas de proteção da corte e sofrem certo silenciamento. Assim, todas essas transformações políticas colocaram Marcial em dificuldades, pois, mesmo louvando os novos imperadores, o clima de desconfiança e de infidelidade prevaleceu. Marcial foi obrigado a voltar para sua cidade natal e viver longe da cidade que lhe rendeu fama e a qual proporcionou uma fermentação literária. De volta à Bílbilis, encontrou a proteção de Marcela, uma viúva que admirava seus escritos. Confessa no livro XII, escrito na Hispânia, seu desgosto de estar na província, onde lhe faltam bibliotecas, teatros, tertúlias e, principalmente, o público. O décimo segundo livro, publicado já entre 101 e 102 d.C., narra a rusticidade onde vive, sobrando ainda algumas críticas àqueles que esbanjavam riqueza em Roma (PARATORE, 1983; CITRONI *et al*, 2006).

Paratore (1983) argumenta que as contribuições de Marcial atravessam séculos e chegam a influenciar epigramatistas do Renascimento. Na Idade Média, antologias em códices dos poemas de Marcial, ao lado dos de Catulo, se tornam famosos, mesmo que em restritos círculos. A acidez tornou-se elemento intocável da composição epigramática. Mário Citroni *et al* (2006) nos informa que a própria denominação atual

do gênero se deve a Marcial: dos vários vocábulos utilizados na antiguidade para nomear os epigramas (*epigrammata*, *hendecasyllabi*, *idyllia*, *eclogae*) o poeta adota o primeiro:

> […] e o grande êxito da sua obra vai impor a terminologia moderna, onde "epigrama" identifica essencialmente um poema que possui caracteres afins aos das poesias de Marcial, tais como, a sua natureza ligada a uma dada circunstância concreta, antes de mais e, depois, a inventiva cómico-satírica e a tendência a colocar no fim uma tirada espirituosa – tudo características típicas de Marcial. (CITRONI *et al*, 2006, p. 878).

Ainda, vale dizer, junto com Maria Helena Prieto (2006), que a grande fama que gozou na antiguidade e no medievo fez com que a obra seja até hoje utilizada em diversos estudos linguísticos e literários e, em menor escala, históricos. Suas traduções tornaram-se comuns depois do século XVIII e até o século XXI seus epigramas já foram traduzidos para diversas línguas europeias.

2.1.3 Suetônio e As vidas dos doze césares

Por fim, apresentar-se-á agora o último autor que será investigado neste trabalho. Trata-se de Caio Suetônio Tranquilo (*Gaius Suetonius Tranquillus*). É provável que tenha nascido em Hipona, na atual Argélia, no ano de 70 d. C. Em Roma, exerceu a advocacia e a carreira equestre e dedicou-se também aos estudos de gramática e de erudição. Estas informações são confirmadas por uma epígrafe encontrada em Hipona, cujo túmulo pode ter pertencido a Suetônio (CITRONI *et* al, 2006). Sem data muito bem definida, sua morte aconteceu entre os anos de 140 e 150 d. C., de acordo com Paratore (1983). Já Andrea Lúcia Dorini de Oliveira (1996) pontua o óbito de Suetônio no ano de 141. Contudo, essas datas são sempre informadas com ressalvas devido à escassez de dados fornecidos pela documentação antiga.

Em relação ao seu pai, a biografia que Suetônio escreveu sobre o imperador Otho nos traz algumas informações. O excerto abaixo é retirado do trecho no qual o biógrafo narra o conflito civil ocorrido entre 68 e 69 d. C, evento esse que contou com seu pai como *tribunum militum*:

> Meu pai, Suetônio Leno, tomou parte nesta guerra na qualidade de tribuno augusticlavo da décima terceira legião. Contou várias vezes, mais tarde, que Óton, mero particular ainda, já votava uma tal aversão à guerra civil que, ao ouvir um dia, à mesa, alguém falar da morte de Cássio e Bruto, fremiu de horror. E que não teria, em absoluto, marchado contra Galba, se não estivesse convencido de que tudo se

> poderia arranjar sem a necessidade de recorrer à luta. (SUETONIO, Oth. 22).[49]

Pode-se entrever aí que Suetônio faz uma ligação íntima entre seu pai e o imperador, vinculando até mesmo uma visão positiva de Otho. Seu contato com os imperadores e os círculos sociais da corte imperial serão melhor esclarecidos adiante.

Em Roma, foi protegido por Plínio o Jovem e por Septício Claro. De acordo com Oliveira (1996), Plínio o Jovem teve grande influência sobre a vida pessoal e nas relações políticas de Suetônio. Talvez o maior exemplo seja a seguinte carta de Plínio a Bébio Hispânico:

> Tranquillus, meu amigo, quer comprar uma pequena terra, que se diz um amigo teu quer vender. Rogo-te que faças o preço ser justo, sem o que a aquisição não será prazerosa. Um mau negócio é sempre ingrato, sobretudo porque parece acusar o comprador de parvoíce. Nessa pequena terra, se o preço o agrada, muitas coisas seduzem meu caro Tranquillus, a vizinhança da cidade, a comodidade da estrada, as dimensões convenientes da casa, a extensão média do domínio, próprio para distrair sem absorver. (PLÍNIO O JOVEM apud OLIVEIRA, 1996, p. 29).

Além disso, escreve Citroni *et al* (2006) que em 100 d. C, graças a Plínio, Suetônio recebeu o mesmo cargo que o pai, *tribunus militum*. Tal cargo foi recusado, talvez pelo fato de Suetônio desejar se dedicar à carreira de escritor. Já em 112, Plínio teria lhe conseguido o título de *ius trium liberorum*, o que faria Suetônio entrar em contato íntimo com a corte de Trajano. Prieto (2006) defende que a influência de Plínio junto a Trajano foi crucial para proteger Suetônio e inseri-lo nas relações cotidianas do imperador. Tais relações entre Suetônio e Plínio serão também melhor discutidas na segunda seção deste capítulo. Citroni *et al* (2006, p. 971) também descreve outros cargos que foram ocupados por Suetônio:

> Apesar de mutilada, a epígrafe encontrada em Hipona revela que, não obstante certos encargos menores que nos são quase totalmente desconhecidos, Suetônio chegou a ocupar três postos de prestígio: o posto de *a studiis* (adido do imperador para cuidar dos seus interesses e das suas obrigações culturais, ou talvez dos arquivos imperiais); o posto de *a bibliothecis* (encarregado das bibliotecas públicas) e de *ab epistulis* (chefe da secretaria imperial, com o encargo de redigir a correspondência oficial). É possível que tenha ocupado os dois primeiros cargos durante o principado de Trajano. O último, particularmente importante, ocupou-o durante o principado de Adriano.

---

[49] "Interfuit huic bello pater meus Suetonius Laetus, tertiae decimae legionis tribunus angusticlauius. Is mox referre crebro solebat Othonem etiam priuatum usque adeo detestatum ciuilia arma, ut memorante quodam inter epulas de Cassi Brutique exitu cohorrueti; nec concursurum cum Galba fuisse, nisi confideret sine bello rem transigi posse.".

Septício Claro, assim como Suetônio, era também da ordem equestre. Foi outro que, por meio de suas influências, garantiu que Suetônio continuasse a trabalhar na corte imperial durante o governo de Adriano (117-138 d. C.). Conforme indica a biografia de Adriano na *História Augusta*, Septício foi prefeito da guarda pretoriana no mesmo triênio em que Suetônio foi secretário de Adriano. Igualmente é a *História Augusta* que narra o momento em que Suetônio e Septício são demitidos da corte devido às acusações de excessiva intimidade com a imperatriz Sabina. Não é possível confirmar se isso de fato ocorreu ou se foi por motivo de desavenças políticas com o imperador. Não há informações significativas sobre Suetônio depois desse episódio, somente de que teria se dedicado exclusivamente ao exercício da escrita literária. A relação entre Septício e Suetônio teria sido tão próxima e até mesmo de tamanho respeito que o segundo lhe dedica o que seria depois considerada a sua melhor obra: *As vidas dos doze césares* (CITRONI *et al*, 2006; PARATORE, 1983; PRIETO, 2006).

Para Mário Citroni *et al* (2006) o cargo de secretário influenciara a escrita das obras suetonianas, pois pôde consultar os arquivos imperiais. No principado de Adriano e com continuidade nos governos antoninos, era comum que esses cargos (*a studiis*, *a bibliothecis* e *ab epistulis*) fossem entregues a escritores, tanto latinos quanto gregos. Isso pode indicar a intenção por parte dos imperadores de que os arquivos do palácio e do senado pudessem ser usados e divulgados por tais autores. Não se pode descartar a possibilidade de, com isso, fazerem propaganda de seus feitos e de seus antecessores. Demonstraremos adiante como esse foi o caso de Suetônio.

A partir dessas informações, consideramos apropriado tratar agora da produção literária de Suetônio. Dos inúmeros escritos do autor, apenas dois chegaram até a atualidade com trechos consideráveis: *As vidas dos doze césares* e *Acerca dos homens ilustres* (*De uiris illustribus*). Trataremos agora da segunda e, noutro momento, d'*As vidas dos doze césares*, que foi escolhida como fonte para o estudo do nosso objeto.

Acerca dos homens ilustres é uma coletânea que narra vidas de diversos escritores latinos e a maioria desses escritos se perderam antes de chegar até nós. A obra é homônima de um trabalho escrito por outro biógrafo, Cornélio Nepos (Gália, 100 a. C. - Roma, 25 a. C.). Suetônio certamente se inspirou nela, sendo possível reconhecer algumas características semelhantes entre as duas obras.

Escrita e publicada sob o governo de Trajano, *Acerca dos homens ilustres* possuía cinco seções: a primeira dedica aos poetas, a segunda aos oradores, a terceira trata da

vida dos historiadores, a quarta é sobre filósofos e a última é dedicada aos gramáticos e aos retores. Esta última, da qual nos chegaram os maiores trechos, porta vinte e uma biografias de gramáticos desde finais do século II a. C. até Valério Probo, que viveu na segunda metade do século I. Já das dezesseis biografias de retores, restam apenas cinco. A obra traz biografias breves e esquemáticas, num estilo que prioriza a catalogação de informações, sem uma preocupação em retratar a produção artística ou elementos psicológicos, nem caracterizar elementos estilísticos e literários ou reconstruir seus ambientes intelectuais. Nem os grandes autores, como Virgílio e Horácio, mesmo Suetônio elogiando seus escritos, recebem tratamento mais sofisticado. A estrutura do trabalho segue sempre o mesmo modelo: primeiramente encontrava-se um índice, depois um breve contexto da literatura latina no período, seguido dos dados biográficos dos autores e, por fim, a citação de suas obras. Porém, Suetônio dá atenção a informes econômicos, sociais e institucionais (como escolas, bibliotecas e mecenato) das atividades de professores, poetas e estudiosos. Até hoje, por conter esses dados elencados agora, *Acerca dos homens ilustres* é consultada para o estudo de escritores latinos.

Segundo Paratore (1983) haveria um prefácio escrito por Plínio, o Jovem em forma de poema, hoje perdido. As inspirações de Suetônio, além do já mencionado Cornélio Nepos, seriam também Varrão e Higino. As biografias escritas sob o período helenístico e em grego também exerceram influência sobre a pena de Suetônio, assim como a grande circulação de libelos de cunho obsceno e escandaloso.

Passemos agora ao livro de Suetônio que integra o nosso *corpus* documental. Escrita entre os anos de 119 e 121 d. C., *As vidas dos doze césares* foi mais ampla em relação à *Acerca dos homens ilustres*, no sentido de o autor se dedicou mais meticulosamente aos detalhes narrados. Publicada em oito livros, debruçou-se sobre a vida dos doze primeiros imperadores romanos. Os seis primeiros volumes foram escritos um para cada biografado, sendo eles Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero; o sétimo livro tratou da vida de Galba, Otho e Vitélio; e o último volume da vida de Vespasiano, Tito e Domiciano. Para a análise que será feita em nosso trabalho foi eleito apenas o sexto, sobre Nero, por representar as relações deste com o seu escravo Esporo, castrado sob ordens de Nero.

César e Augusto foram privilegiados, desde o maior volume de documentação recolhida até a preocupação com pormenores. As demais biografias têm um tom mais sumário e documentação mais pobre. Domiciano pode ter sido escrita com o auxílio de

fontes orais (CITRONI, 2006), acontecimento que pode nos indicar duas coisas: a proximidade temporal (a biografia escrita entre 119 e 121, Domiciano governou de 81 a 96), o que favoreceu o contato com pessoas que o conheceram e com ele conviveram, ou impossibilidade de consultar os arquivos, uma vez que fora demitido por Adriano. Prieto (2006) nos informa de que o fato de as biografias serem bem documentadas e não fazerem cópias das obras de historiadores anteriores é resultado da consulta e uso de memórias, panfletos libelos, correspondência dos imperadores, arquivos do senado e até grafites encontrados em algumas vias romanas.

Para Citroni *et al* (2006), o título ao qual temos contato se aproxima muito do original, o que é garantido por diversas traduções gregas e exemplares bizantinos que circularam na Antiguidade e no Medievo. Já o prefácio, a dedicatória a Septício e as informações sobre o início da vida de César foram perdidos.

Assim como o epigrama, a biografia era vista como gênero menor, uma parte integrante do gênero histórico, consagrado por autores como Cícero, Tácito e Tito Lívio. Mas não se pode se esquivar do fato de que *As vidas dos doze césares* tratou de temas históricos e políticos. Influenciado talvez pela leitura de Tácito, que na *Vida de Agrícola* e nos *Anais* defende:

> [...] que a nova ordem monárquica, em virtude da qual o curso dos acontecimentos dependia em larga medida das opções pessoais do soberano, fazia com que o historiador inevitavelmente se ocupasse da ação, do pensamento e do caráter de cada imperador. É essa precisamente a matéria-prima do gênero biográfico. (CITRONI *et al*, 2006, p. 975).

Entretanto, necessita-se frisar, que diferentemente de Tácito e Plutarco (também autor de biografias), Suetônio não reflete como prioridade as vicissitudes políticas, mas faz uma espécie de "exame" de personalidade dos seus biografados (CITRONI *et* al, 2006).

A estrutura cronológica é privilegiada, assim como das outras biografias que lhe eram contemporâneas. Neste sentido, inicia-se a narrativa da vida de "cada César" pelas suas condições familiares e sua ascendência, passando pelo nascimento, depois pela educação, expondo a vida política antes deles se tornarem imperadores e, em seguida, de que maneira chegaram ao cargo político mais importante de Roma e, enfim, a morte. Nos anos de governo, se ocupa detidamente dos detalhes de cada imperador, somente com Galba, Otho é Vitélio é que podemos notar uma quebra nesse esquema. Em relação à vida pública, Suetônio narra as medidas que cada um tomou em relação à Itália, às

províncias e à Roma, expondo os espetáculos que promoveram. Já no que tange à vida privada, o autor recheia suas biografias com informações sobre o casamento, a vida conjugal, os filhos naturais e adotivos, também são elencados os modos e hábitos à mesa, bem como no sexo, deixando escapar, por vezes, seu próprio julgamento em relação a tais aspectos. São muito marcadas, como observa Citroni *et al* (2006), as virtudes e vícios, seja no âmbito público ou privado.

Em relação ao estilo adotado, Citroni *et al* (2006) e Paratore (1983) nos esclarecem alguns pontos. As narrativas são irregulares, de modo que alguns pontos recebem um grande enfoque e outros apenas são citados. Nota-se que a narrativa também deixa a desejar por ser suprimida pelas fontes numerosas, o que resulta numa prosa expositiva e uma atenção maior à catalogação dos fatos do que propriamente sua narração. Apesar desse estilo simples e seco, Suetônio consegue criar, em certos momentos, uma tensão dramática. Também o emprego de termos administrativos, financeiros, militares e teatrais mostra muitas expressões correntes no início do segundo século e que poderiam estar perdidas sem a recolha de Suetônio.

> Como prosador, a sua característica é, no fundo, precisamente a de não emular a prosa artística da historiografia, que cultivava um grau de elevação distante da linguagem comum e era matizada por rasgos poéticos e intenções arcaizantes. Deste modo, Suetônio pretendia deliberadamente colocar-se na tradição da prosa técnica romana, que não aspirava à beleza estilística, mas à precisão e à clareza. (CITRONI *et al*, 2006, p. 975).

Ainda sobre o estilo, Citroni *et al* (2006) aponta que Suetônio se difere de Lívio e Tácito, que usam tom unitário e coerente, com um léxico cuidadosamente selecionado. O tom tradicional de Tácito, atento às fontes documentais e historiográficas, é também combatido pelo tom cotidiano e mais livre dos libelos literários usados por Suetônio. Ter recorrido a tais fontes menos formais, assim como elementos da tradição oral, não era uma atitude bem vista pelos historiadores. Além disso, era comum que a historiografia não citasse os documentos aos quais consultou, mas que os recriasse dentro de sua própria narrativa, o que diferia bastante não só dessa obra em questão, mas de todas as outras obras de Suetônio. Ao limitar-se a descrever e conhecer os fatos, a narrativa d'*As vidas dos doze césares* distanciava ainda mais Suetônio de um historiador tradicional, "[...] que pretendia tocar emotivamente o leitor, para o convencer sobre determinada interpretação dos fatos, a fim de orientar seu juízo histórico e moral, bem como o seu comportamento como cidadão." (CITRONI *et al*, 2006, p. 980). A pouca referência a outros personagens, ao contexto histórico e a

acontecimentos muito conhecidos e já trabalhados por outros intelectuais (como a conquista da Gália ou a conjura de Pisão) finaliza as críticas que Suetônio poderia receber de seus contemporâneos. Porém, se era desvalorizado pela historiografia diplomática e política, seja na antiguidade ou na modernidade, Suetônio veio a ser valorizado pelos historiadores da mentalidade, do cotidiano, da cultura, já que os pormenores por ele narrados oferecem inúmeros dados sobre o caráter institucional e cotidiano, os costumes, os vestuários e os hábitos romanos que eram omitidos pela historiografia.[50]

A imagem que *As vidas dos doze césares* veicula do império é de uma aceitação do principado como realidade política de fato. Citroni *et al* (2006) entende que a tradição da escrita em anais, usada por Tácito, indica uma perspectiva de interpretação histórica conforme a tradição republicana. Logo, a própria forma em que Suetônio escolheu escrever pode denunciar sua aprovação ao modelo político em que vivia. Não se pode esquecer de que era protegido por homens muito próximos às elites políticas do principado e era empregado direto do próprio imperador, o que provavelmente criava interdições sobre o que exporia sobre o sistema político vigente.

Do mesmo modo, como bem mostra Oliveira (1996), Suetônio vincula nas suas biografias uma imagem de um bom governante, o que seria o imperador ideal, o *optimus princeps*. Tal ideal de imperador coincide com o de Plínio o Jovem, desenhado em seu *Panegírico.* As figuras mais positivas são as de Augusto, Tito e Vespasiano. Adriano também é bem visto e vinculado à tradição de *optimus princeps* ilustrada por Trajano (CITRONI *et al*, 2006; OLIVEIRA, 1996). De acordo com Paratore (1983), devido ao regime político estar nas mãos de Adriano, encaminha-se para uma fase ainda mais autocrática, na qual a difamação de imperadores que tiveram uma postura diferente da de Adriano era recorrente. Para Oliveira (1996), as personalidades de Nero e Domiciano são as mais depreciadas, vinculando-as ao contra-ideal do *optimus princeps*: o *tyrannus*. Enetendemos, a partir disso, que é muito claro o tom propagandístico d'*As vidas dos doze césares*.

Nas palavras de Mário Citroni *et al* (2006) não é fácil definir o público para o qual *As vidas dos doze césares* foi escrita e nem quem a leu. Mas podem ter tido contato com ela os senadores e integrantes da ordem equestre e, principalmente, daqueles que

[50] Um trabalho que reflete de forma mais detida as relações entre a biografia e a história na antiguidade é a dissertação de mestrado de Danielle Chagas de Lima, intitulada *Gênero biográfico e historiográfico na Roma antiga: os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito*. Ver, na lista de referências, LIMA, 2012.

trabalhavam na máquina administrativa do estado, para ter conhecimento sobre o passado dessas instituições. Também não se descarta que as polêmicas veiculadas sobre figuras públicas poderiam atrair um público mais amplo, interessado no entretenimento que a obra poderia oferecer. Para Paratore (1983), é possível que os autores da *História Augusta* a tenham lido, mesmo preservando alguns aspectos bem diferentes.

Além dessas duas obras por nós expostas, várias outras tiveram Suetônio como seu autor:

> Sabe-se de várias fontes, entre as quais o elenco dos escritores de Suetônio publicado na enciclopédia grega de Suda (século X), que o autor escreveu obras de erudição histórica sobre os costumes e instituições: *Acerca dos jogos dos gregos* (obra em grego, da qual subsistem fragmentos extensos), *Acerca das festas e dos espetáculos romanos*, *Acerca do ano romano* (obra sobre cronologia e calendário), *Acerca dos usos e dos costumes*, *Acerca dos cargos e dos ofícios* (na administração do império). Escreveu também obras do tipo lexicográfico, tais como *Acerca dos nomes e dos tipos de vestuário e Acerca das palavras ofensivas* (obra em grego, da qual se conservam fragmentos extensos); e biografias, nomeadamente *Acerca das cortesãs famosas* e *Acerca dos reis*. […] Há ainda notícia de uma obra sobre os sinais diacríticos usados pelos gramáticos gregos e latinos (de que se conserva um fragmento), outra sobre a vida política de Cícero (em resposta a um escrito calunioso da autoria de um gramático grego) e outra ainda sobre defeitos físicos (CITRONI *et al*, 2006, p. 972-973).

Vemos, com a exposição de tais informações sobre a *Acerca dos homens ilustres* e sobre *As vidas dos doze césares*, que a erudição histórica e filológica, associada à investigação de vidas passadas, sobretudo escritores e chefes políticos, presentes em Varrão, Cornélio Nepos, Higino e na cultura helenística, também podem ser notadas nos escritos de Suetônio. Apesar das críticas recebidas, não há como negar que o autor esteve afinado com as produções biográficas de seu tempo.

* * *

Entendemos que foi possível vislumbrar nesta primeira seção alguns dos principais aspectos que envolveram as vidas e as carreiras literárias de Estácio, Marcial e Suetônio, bem como suas obras e, o que mais nos importa, dos seus trabalhos que serão analisados no terceiro capítulo. Concluímos, a partir disso, com alguns apontamentos.

Percebe-se que a malha de relações pessoais, políticas e intelectuais que é criada em finais do I e início do II século é importante para entender não somente de onde

partiam os discursos presentes nas fontes e a quem se destinavam, mas também que foram essas relações que permitiram que tais discursos fossem construídos nas fontes. Estácio e Marcial, facilmente conectados pelas suas vidas, temas e obras, se ligam também a Suetônio pelas preocupações políticas que perpassam suas vidas e seus textos, além das relações interpessoais que são bastante próximas. É preciso ressaltar que os três autores estiveram, cada qual à sua maneira, ligados ao sistema político do principado, muitas vezes próximo ao seu maior centro de poder: o imperador, a corte imperial e o senado.

Temos que pontuar, igualmente, que uma reflexão, mesmo que breve, sobre gêneros literários e os estilos aos quais os autores se dedicaram pode ir muito além da mera informação sobre aspectos secundários da documentação ou que seria esse um trabalho para os pesquisadores das áreas de literatura e linguística. Viu-se que as escolhas estilísticas de Estácio, Marcial e Suetônio dizem muito sobre o conteúdo de suas obras, o público ao qual pretendiam atingir e suas possíveis intenções.

Finalmente, pode-se notar que os textos antigos vão muito além de uma simples representação de temas, personagens e acontecimentos. Eles participaram de uma engenharia social que tinha propósitos retóricos, funções pedagógicas e por vezes moralizantes, intenções propagandísticas e, principalmente, interesses políticos e de poder que representam os desejos e fobias não só da elite, mas especialmente dela.

2.2 Plínio, o Jovem: a grande peça do mosaico literário romano

Como ficou evidente na **Tabela 2** (página 78), Estácio e Marcial possuem vários pontos em comum, incluindo tanto as suas biografias como a escrita e publicação de suas obras usadas nesta dissertação como fontes (*As Silvas* e *Epigramas*, respectivamente). Em contrapartida, Suetônio viveu em Roma ao mesmo tempo em que Estácio e Marcial, porém *A vida dos doze césares* foi escrita e publicada entre 119 e 121 d.C., vinte e quatro anos depois da última publicação d'*As Silvas* e cerca de quatorze anos após a publicação do último livro de *Epigramas*.

Além dessa lacuna temporal, é notório que Suetônio publicou seus trabalhos e biografias sob a dinastia Antonina, enquanto Estácio e Marcial levaram suas obras a público sob a dinastia Flaviana. Tais informações, à primeira vista, não soam importantes. Entretanto, a literatura produzida por Estácio e Marcial estava intimamente

ligada aos interesses da dinastia Flaviana, especialmente à corte domiciana.[51] Suetônio, igualmente, quando escreve *A vida dos doze césares*, estava muito próximo do interesses políticos e culturais da corte imperial, principalmente nos governos de Trajano e Adriano.

Para lidar com os dois problemas (o primeiro relativo ao distanciamento temporal entre as fontes e o segundo ligado a diferentes interesses políticos e ideológicos que atravessavam os escritos dos três autores aqui estudados) os conceitos de *intertextualidade* e *interdiscursividade* emergem como uma abordagem frutífera. Desse modo, esta seção debruçar-se-á sobre a carreira política e intelectual e os escritos de Plínio o Jovem, um magistrado romano que desenvolveu o papel de uma ponte entre as produções literárias da dinastia Flavia para a Antonina. Assim, para que se entenda o contexto intelectual e ideológico no qual as representações dos eunucos foram escritas e, especialmente, qual pôde ter sido a recepção da elite romana acerca delas, algumas considerações serão feitas a partir de agora sobre as relações entre as vidas e as obras de Plínio, Estácio, Marcial e Suetônio, guiadas pela produção bibliográfica de alguns pesquisadores que têm estudado o tema.[52]

Quando Bruce Gibson escreveu um capítulo para *A Companion to Latin Literature* sobre a literatura romana no Alto Império, ele apontou que:

> […] os autores flavianos tais como Valério Flaco, Estácio e Sílio são naturalmente conectados por meio de figuras como Marcial (cuja carreira de escritor começou sob Tito e terminou sob Trajano) e Plínio (que conheceu Marcial e Sílio) com autores dos reinados de Trajano tais como Tácito e Suetônio, ambos correspondentes de Plínio e Juvenal (abordado por Marcial em sua poesia). (2005, p. 70).[53]

Nesse pequeno excerto, Gibson permite-nos vislumbrar que Plínio, o Jovem, tinha um lugar proeminente no contexto literário romano desse período. Além dos autores citados por Gibson, Plínio mantinha relações políticas e/ou de amizade com senadores e homens ricos e influentes como Domitius Tullus, Domitius Apolinarius e

---

[51] No terceiro capítulo, na seção 3.3 *Entre os céus e a Terra: representações do eunuco Earino em Estácio e Marcial*, tais ligações entre Domiciano e os dois poetas serão melhor esclarecidas.

[52] Tais considerações acerca das relações entre nossas fontes e Plínio o Jovem foram desenvolvidas na Faculty of Classics, na University of Cambridge, pela sugestão do Dr, Christopher Lyall Whitton. Esta seção foi escrita durante o estágio desenvolvido na Inglaterra, realizado com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), na modalidade de Bolsa de Estágio e Pesquisa no Exterior (BEPE, processo nº 2015/00869-2).

[53] "[…] Flavian authors such as Valerius Flaccus, Statius and Silius are naturally connected through figures such as Martial (whose writing career begun under Titus and ended under Trajan) and Pliny (who knew Martial and Silius) with authors from the reigns of Trajan such as Tacitus and Suetonius, both correspondents of Pliny, and Juvenal (addressed by Martial in his poetry)." (GIBSON, 2005, p. 70).

Baebius Macer. Tais relações encontram-se documentadas nas cartas que Plínio trocou como diversos homens romanos, depois editadas e publicadas em nove livros. Plínio também tinha ligações muito próximas com o imperador Trajano, a quem dedicou um grande discurso laudatório para agradecê-lo pela sua indicação como cônsul de Ponto Bitínia (o *Panegyricus*) e também publicou um livro inteiro (Livro X) apenas com correspondências trocadas entre ele e este imperador. Dessa maneira, as *Cartas* de Plínio formam um rico *corpus* documental que pode ser usado para entender o ambiente literário, as relações de amizade, patronagem e clientelismo, bem como o contexto social e histórico da sociedade Roman na virada do primeiro para o segundo século d.C.

Segundo Sherwin-White, as cartas romanas emergem num formato maduro, com características próprias e refinamento literário "na correspondência entre de Cícero e seus amigos" (1996, p. 1).[54] Christopher Lyall Whitton (2013) observa que, além dos modelos clássicos em prosa, como as cartas de Cícero e Sêneca, Plínio também teve a sua disposição as *Epístolas* de Horácio, escritas em hexâmetros, bem como *Tristia* e *Espitulae ex Ponto* de Ovídio, que carregavam modelos elegíacos.

Também é possível ver que Marcial e Estácio poderiam ter oferecido modelos para Plínio: a publicação das *Epístolas* ocorreu entre 96 e 108 d.C.; os quinze livros de Marcial foram escritos e publicados entre 80 e 104; e *As Silvas* de Estácio, por sua vez, entre 92 e 96. Trazendo tais dados em mente, observa-se que Plínio, Marcial e Estácio estavam produzindo suas obras literárias ao mesmo tempo. Whitton (2013) mostra que indubitavelmente Plínio conheceu pessoalmente ambos os autores e seus escritos provavelmente influenciaram algumas características das suas *Epístolas*: as vívidas representações da sociedade romana em Marcial, assim como a poesia de ocasião e a descrição ecfrática, características comuns em Estácio poderiam estar no campo de visão de Plínio quando escreveu as cartas, organizou-as em coletâneas e as publicou: "Nenhum destes poetas é um ponto de referência tão penetrante quanto Cícero, mas juntos eles servem como um lembrete que o quadro geral de referências de Plínio se estende para além da prosa, e é mais amplo do que cartas para autopromoção." (WHITTON, 2013, p. 4).[55]

Entre os três autores que têm suas obras tomadas como fonte neste estudo, Estácio é único que não é mencionado nas *Epístolas* de Plínio e também não foi

[54] "[...] in the correspondence of Cicero and his friends".

[55] "None of these poets is so pervasive a point of reference as Cicero, but together they serve as a reminder that Pliny's generic frame of references extends more widely than prose, and more widely too than self-proclaimed letters."

destinatário de nenhuma delas. Entretanto, é possível desenhar alguns valiosos paralelos entre suas obras. As *Silvas*, coletânea de poemas de Estácio, têm diversas características que podem ser analisadas numa perspectiva comparada com a coleção de cartas de Plínio.

Muitos estudiosos têm observado que Plínio tinha em mente alguns textos de Estácio quando escreveu e organizou suas cartas para publicação (GIBSON and MORELLO, 2012; MYERS, 2005; NEWLANDS, 2009; WHITTON, 2013). Como foi enunciado no acima, Christopher Whitton observa que Plínio teria conhecido Estácio, e os poemas deste sobre as *uillas* dos seus patronos poderiam ter inspirado aquele. Assim, inicia-se esta seção comparando Plínio e Estácio e seus textos sobre as propriedades romanas.

Silvas 1.3 é um elogio encomiástico à luxúria da propriedade de Manilus Vospicus. A *uilla* em questão ficava localizada às margens do rio Anio, próximo a, e ocupava ambos os lados do mesmo. O poema conecta a patrono de Estácio, sua propriedade e suas práticas filosóficas enquanto um epicurista. Nessa esteira, Sara Myers (2005) chama nossa atenção para os versos nos quais o poema enaltece a *uilla* por se propícia às atividades filosóficas:

> *Scilicet hic illi meditantur pondera mores;*
> *hic premitur fecunda quies, virtusque serena*
> *fronte gravis sanusque nitor luxuque carentes*
> *deliciae, quas ipse suis digressus Athenis*
> *mallet deserto senior Gargettius horto.*
> (*Silv.* 1.3.90-94)

Este tratamento dispensado à filosofia epicurista pode ser visto também em outro poema destinado a Polius Felix, elogiando sua propriedade Surrentum: *hic ubi Pierias exercet Pollius artes/seu volvit monitus quos Gargettius auctor* (*Silv.* 2.2.112-3). Shackleton Bailey em sua tradução das *Silvas* para o inglês (LOEB, 2003) adiciona que essa referência a Epicuro dá-se porque Polius poderia ter traduzido ou escrito obras com reflexões de cunho epicurista.

Ambos os excertos (*Silvas* 1.3 e 2.2) podem dizer-nos sobre a forma que Estácio construía a *uilla* como um lugar para o desenvolvimento de pensamentos filosóficos. Assim, como afirma Myers, Estácio legitima o estilo de vida de seus patronos reforçando que "[...] a riqueza e a cultura da *uilla* tornam possível o *otium* necessário

para os estudos literários que tanto poetas quanto patronos perseguem" (2005, p. 109).[56] Myers também observa que os traços de luxúria e riqueza em excesso são contrabalanceados com qualidades que representam os ideais epicuristas de calma, tranqüilidade e reflexão: *placidus*, 1.3.22; 2.2.9, 13, 140; *aeterna quies*, 1.3.29; *tota quies*, 41; *fecunda quies* 91; *mira quies*, 2.2.46; *placidam quietem*, 140; *viripacem* 3.1.66.

Já nas cartas plinianas 2.17 e 5.6, é também descrito o *otium* oferecido por suas propriedades de uma maneira similar. O estilo de vida proporcionado em suas próprias *uillas* é propício para o desenvolvimento de suas habilidades intelectuais, políticas e literárias. Nas palavras de Myers (2005), ambas as cartas são um instrumento para Plínio construir um retrato de si mesmo como político, patrono, advogado, proprietário de terras e, principalmente, autor literário. A última carta de Plínio que encontramos sobre suas propriedades é 9.7, remetida a Voconius Romanus e discorre sobre as construções nas *uillas* tanto de Plínio como de Voconius.

Por último, segundo Myers (2005), essas obras de Estácio e Plínio podem ser vistas como um programa literário de auto-apresentação, bem mais claro nas cartas de Plínio, uma vez que ele escreve sobre suas próprias propriedades. Os dois autores trazem maneiras de compreender a prática literária com lazer e, ao mesmo tempo, como autopromoção dos seus ideais ou de seus patronos.

Ainda é possível perceber outro ponto em comum entre Estácio e Plínio, o Jovem, lembrado por Carole Newlands (2009): o vulcão Vesúvio e sua erupção acontecida em 79 d. C. Tema de discussões de diversos autores latinos, Vesúvio não foi o primeiro vulcão a despertar o interesse de escritores. No caso Etna, por exemplo, vulcão localizado na Sicília, que desde o ano de 396 a.C entrou em erupção diversas vezes, Píndaro, Lucrécio e Virgílio se debruçaram sobre o desastre para narrar e dramatizar sobre tais acontecimentos. No caso específico do Vesúvio, foi outro autor-fonte quem primeiro citou sua erupção: Marcial. Com o seu notório humor resignado, o epigramatista cria uma perspectiva que suaviza o terror vivenciado pela erupção do Vesúvio (*Epig.* 4.44). Tanto Estácio como Plínio preferiram também suavizar o acontecimento, mas para isso escolheram um modelo narrativo já muito experimentado por Plínio: a carta. De acordo com Newlands (2009), os dois autores escolheram a carta,

[56] "[...] wealth and villa culture make possible the *otium* necessary for the literature studies that both poet and patrons pursue." (MYERS, 2005, p. 109).

pois nela era implícita a ideia de *amicitia*, tópico que era usado geralmente para tratar de questões que precisavam ser amenizadas.

Nas epístolas 6.16 e 6.20, escritas por volta de 106 e 107, Plínio o Jovem narra a erupção do Vesúvio a pedido de Tácito. Este, entusiasmado com a ideia de incluir algumas informações sobre Plínio, o Velho, em suas *Historiae*, pede a Plínio, o Jovem, que envie dados e eventos sobre vida do seu tio, que morreu na erupção. Ressalta-se, nas cartas, como o ambiente geográfico teria influenciado o tio de Plínio a escrever sobre história natural.

Já Estácio dedica as *Silvas* 3.5 e 4.4 para narrar o mesmo evento. A primeira, escrita em modelo de carta à sua esposa que vivia em Roma, é um convite para ela retorne a viver em Nápoles com Estácio. Para fazer propaganda da região, não nega a destruição causada pelas lavas vesuvianas, mas sublinha o potencial de regeneração da região e de sua população (*Silv*. 3.5.72-80). A segunda carta, enviada a Vitorius Marcellus, importante e rico romano com interesses literários,[57] reforça os dons literários de Estácio e usa a geografia da região, seus montes (incluindo o Vesúvio) e sua paisagem para corroborar o argumento de que o ambiente é favorável para sua criação e escrita. O uso do ambiente para autopromoção ou promoção dos patronos já foi visto logo acima em ambos os autores quando falou-se do tema da *uillas* (*Silv.* 1.3 e 2.2; *Ep.* 2.17 e 5.6), o que nos leva a pensar que a prática poderia recorrente na literatura romana daquele período.

Carole Newlands (2009) conclui a partir da comparação dos dois autores que modelos de Estácio certamente influenciaram a forma que Plínio viu e descreveu o desastre natural acontecido na região de Pompeia e Herculano:

> Ao lidar com a erupção do Vesúvio, Plínio e Estácio mostram que a epístola era um meio ideal e flexível para a escrita da história recente na era imperial [...] perseguiram, no caso do Vesúvio, uma estética de decoro enquanto usavam a erupção para autorreflexão e autopromoção literárias. Na verdade, as *Epístolas* de Plínio, embora escritas em prosa, são indiscutivelmente as herdeiras mais imediatas das *Silvas* na literatura latina (NEWLANDS, 2009, p. 121).[58]

No caso de Marcial, percebe-se ele é mencionado apenas uma vez nas cartas de Plínio (*Ep*. 3.21): quando este recebeu as informações sobre a morte do primeiro. Ela foi

---

[57] De acordo com Newlands, Quintiliano teria dedicado a Vitorius Marcellus sua *Instituto Oratoria.*

[58] "Pliny and Statius handle the eruption of Vesuvius show that the epistle was an ideal, flexible medium for writing about recent history in the imperial age [...] pursued in the case of Vesuvius an aesthetic of decorum while using the eruption for literary self-reflection and promotion. Pliny's *Epistles* indeed, though written in prose, are arguably the most immediate heirs of the *Silvae* in Latin literature".

escrita como um pequeno necrológio e foi remetida a Cornelius Priscus, pro-cônsul da Ásia por volta de 120 d.C. A carta ajuda-nos a datar a morte de Marcial entre 102 e 104 d.C, uma vez que, de acordo com Sullivan (1991) e Sherwin-White (1996), ela teria sido escrita aproximadamente em 104 d. C.

Nessa ocasião, Plínio mostra um entusiasmo moderado pelo talento poético de Marcial, como pode-se ver em: "*Erat homo ingeniosusacutus acer, et qui plurimum in scribendo et sales haberet et fellis, neccandoris minus*" (*Ep.* 3.21.1). A mesma carta também sugere que Plínio e Marcial poderiam ter tido uma relação de patrono e cliente, uma vez que o Plínio teria pago ao epigramatista as despesas de sua viagem de retorno à Bílbilis, na Espanha, por volta de 98 d.C, quando se retirou de Roma: "*Prosectus eram viatico secedentem; dedram hoc amicitiae, dedram etiam versiculis quos de me compuisit*" (*Ep.* 3.21.2). Plínio se refere aos versos que foram escritos em *Epigramas* 10.20, citando a segunda parte desse poema, a partir do verso 12, em sua carta a Priscus. Reproduz-se aqui o epigrama em sua totalidade:

> Este livrinho, não muito douto e pouco
> sisudo, mas, mesmo assim, nada grosseiro,
> leva-o, Talia minha, ao eloqüente
> Plínio: breve é o esforço de superar
> a íngreme vereda através de Suburra.
> Aí logo verás um Orfeu
> chapiscado a dominar seu teatro de água,
> e as admiráveis feras e a ave real,
> que levou o raptado Frígio ao Tonante;
> aí uma pequena casa de teu Pedão
> tem insculpida uma águia de menor envergadura.
> Mas vê lá se, toldado pelo vinho, não bates,
> a destempo, a esta eloqüente porta.
> Ele dedica os dias inteiros à exigente Minerva,
> a preparar, para os ouvidos dos centúnviros,
> o que as gerações vindouras vão poder
> Comparar até os livros do Arpinarte.
> Mais seguro é chegar com as tardias lucernas.
> Esta é a tua hora, quando delira Lieu,
> Quando reina a rosa, quando se umedecem os cabelos:
> então, até os austeros Catões seriam capazes de me ler.

Como anota John Henderson (2001), esta epístola é paradigmática e carrega uma importante pista para entender como Marcial foi lido sob os governos antoninos. Intimamente conectado com a dinastia Flaviana, como se viu na primeira seção deste capítulo, Marcial necessitava que algo ou alguém qualificasse e apresentasse sua literatura para os novos tempos, uma vez que ele caiu em descrédito quando da morte de seu maior protetor: o próprio Domiciano:

> O Marcial domiciano está morto, mas – como Menandro reencarnou em Terêncio (César em Suetônio, *Vida de Terêncio*) – Marcial vive – 'repartido' em um Plínio "marcializado". Revisado, purgado, limpo, revivido para a saudável Roma de Trajano (HENDERSON, 2001, p. 82).[59]

Após inserir um excerto do epigrama 10.20 em sua própria carta a Prisco, Plínio afirma ao final que Marcial necessitava de uma memorização digna dos versos que fez. Os versos seguintes desenvolvem, como destaca Henderson (2001), um papel legitimador, imortalizando os escritos de Marcial através da autoridade intelectual e política de Plínio junto a Trajano e os membros da elite das dinastias antoninas:

> [...] ele [Marcial] me deu o máximo nesse presente, pronto para dar mais se ele tivesse poder. E ainda, que maior presente pode ser dado a uma pessoa que glória, elogio e imortalidade? **Então, o que ele escreveu não será imortal?** Talvez não o seja. Ao mesmo tempo, ele o escreveu como se o fosse ser. (*Ep.* 3.21.6. Grifos adicionados).[60]

No trabalho de Peter White (1975) é possível encontrar um estudo sobre as pessoas que integraram o mesmo círculo de relações de Plínio e Marcial. Por exemplo, Licinius Sura foi amigo do primeiro e patrono do segundo. Assim como Plínio, o Jovem, Sura era advogado e senador, o amigo e conselheiro mais próximo de Trajano e três vezes cônsul (SHERWIIN-WHITE, 1966; GIBSON; MORELLO, 2012). Ele foi o destinatário de uma carta de Plínio (4.30), na qual Plínio reflete sobre o lago Como. Já nos epigramas de Marcial, Sura aparece três vezes. Na primeira no epigrama 1.49, no qual Marcial elogia sua terra natal, Espanha, e também seu compatriota: Sura, assim como Marcial, era espanhol. Os outros poemas nos quais o epigramatista bajula Sura são 6.64 e 7.47. Assim como White aponta, acreditamos que Sura pode ter sido um dos interlocutores de Marcial e Plínio junto a Trajano, favorecendo a divulgação dos epigramas de Marcial no novo cenário político e também literário.

Ainda na esteira das reflexões de Peter White (1975), também os senadores Domitius Apollinarius (*Epig.* 4.86; 7.26, 89; 10.30; 11.15. *Ep.* 2.9, 5.6) e Baebius Macer (*Epig*.10.18; 12.98. *Ep.* 3.5) podem ser vistos como patronos de Marcial e, ao

---

[59] "Domitianic Martial is dead, but – like Menander transmigrated in Terence (Caesar in Suetonius, *Life of Terence*) – Martial lives on – 'halved' in *Martialled* Pliny. Revised, purged, cleansed, revived for Trajan's healthy Rome."

[60] [...] he did give me the very maximum in this gift, ready to give more if he had power. And yet, what greater gift can be given a person than glory-praise-immortality? So then, what he wrote isn't going to be immortal? Maybe it won't. All the same, he wrote it as if it was going to be. (*Ep.* 3.21.6).

mesmo tempo, amigos de Plínio. Isso aponta para como tais relações patronais, intelectuais e políticas podem ter ajudado a carreira de Marcial, bem como a leitura de seus escritos tanto por homens da elite, como das camadas mais populares, desde o governo de Domiciano até o de Trajano.

Sobre a escrita epigramática, gênero que atravessou toda a carreira literária de Marcial, Sullivan (1991) sugere que Plínio fez uma certa defesa da prática tanto quanto dos escritores do que ele chamava de "poemas breves" ou "versos leves". Em *Epístolas* 7.9, na qual o destinatário Fuscus Salinator recebe uma resposta sobre quais atividades literárias ele deveria se dedicar no seu período de lazer, Plínio sugere, em primeiro lugar, a prática de tradução do grego para o latim, ou vice versa (*Ep*. 7.9.2). Depois, Plínio aconselha Fuscus a procurar relaxamento praticando poesia, não com poemas, mas com epigramas, uma vez que esses poderiam aceitar os mais diversos tipos de experiências humanas, como "nossos amores e desafetos, nossa indignação, compaixão e humor" (7.9.13).[61] Nessa mesma carta, Plínio envia para Fuscus um pequeno epigrama escrito por ele próprio. Tendo em vista as características e os assuntos tratados nos epigramas de Marcial que foram expostos na primeira seção deste capítulo, bem como a proximidade entre Marcial e Plínio explicitada há pouco na intertextualidade dos escritos de ambos, acredita-se que Plínio tinha em mente os epigramas de Marcial quando sugeriu tal gênero para os momentos de lazer de Fuscus.

Roy Gibson e Ruth Morello (2012) salientam que outra característica também era compartilhada entre Marcial e Plínio: suas obras seguem o modelo de coletânea. Isso significa que ambos, após escrever suas cartas ou epigramas para ocasiões distintas, eles os organizavam em conjunto para publicá-los. Este é também o modelo encontrado *n'As Silas* de Estácio. Finalmente, as duas coleções, *Epístolas* e *Epigramas*, mesmo formando um amplo emaranhado de diferentes temas, assuntos, sujeitos e estilos, podem oferecer significados mais uniformes e gerais se "[...] lidas dentro do contexto no qual autor as organizou" (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 37).[62] No caso específico de Marcial isso se tornará mais evidente no terceiro capítulo, quando serão analisados os seus poemas escritos para Earino.

Diferentemente de Marcial e Estácio, Suetônio é mencionado tanto quanto destinatário de diversas cartas de Plínio. Suetônio recebeu quatro cartas de Plínio: a

---

[61] Tradução a partir da versão inglesa da Loeb Classical Library (1969): "[...] our loves and hatreds, our indignation, compassion and wit". Original: "*Recipiunt enim amores odia iras misericordium urbanitatem, omnia denique quae in vita atque etiam in foro causisque versantur*" (*Ep*. 7.9.13).

[62] "[...] read within the context which the author arranged for them.".

primeira (*Ep.* 1.18) foi escrita por Plínio em resposta a Suetônio sobre um sonho que ambos tiveram e os deixaram perturbados por seu conteúdo; na segunda, *Epístolas* 3.8, Plínio responde ao pedido de Suetônio para um título de tribuno a um de seus parentes; em seguida, a carta 10 do quinto livro, na qual Plínio exige que o biógrafo publique uma obra que já está finalizada; e, por fim, *Epístolas* 9.34, carta que traz um pedido de Plínio para que Suetônio o aconselhe em uma ocasião em que um de seus libertos deseja ler uma de suas cartas numa sessão de leitura numa propriedade de Plínio. Além dessas cartas, Suetônio é tomado como assunto em três outras cartas de Plínio. A primeira, 1.24, é uma carta endereçada a Bébio Hispânico para que ele favoreça Suetônio na compra de uma pequena fazenda. As duas outras são cartas trocadas entre Plínio e Trajano: numa Plínio pede ao imperador que conceda a Suetônio o *ius trium liberorum* (10.94) e noutra encontra-se a resposta afirmativa de Trajano a esse pedido (10.95).

Para analisar as conexões entre Plínio e Suetônio, este tópico se iniciará com as considerações de Roy Gibson (2014) sobre os intelectuais citados pelo primeiro. O objetivo de Gibson nesse ensaio é comparar as diferentes perspectivas sociais, autores e atividade literária em Plínio e Suetônio. Para fazer tais comparações, ele usa as categorias encontradas em *Acerca dos homens ilustres*, de Suetônio: poetas; historiadores (incluindo biógrafos); oradores; filósofos; e professores/escritores de gramática e retórica. Nesse quadro de homens ilustres, quando tomamos os homens nomeados nas cartas de Plínio, a primeira conclusão a que chegamos é de que nas categorias de poetas e, principalmente, oradores, a figura que aparece como principal intelectual, "[...] em termos de pura visibilidade – é o próprio Plínio, o Jovem." (2014, p. 205).[63]

As semelhanças entre as *Epístolas* de Plínio e *Acerca dos homens ilustres* de Suetônio podem ser analisadas por intelectuais que mais aparecem em suas respectivas obras. Tomando-se aquelas categorias com um recorte temporal, por exemplo, vê-se que ambos os escritores não dispensam grande atenção a intelectuais, especialmente poetas e oradores, que escreveram no período Julio-claudiano. Entretanto, eles dão especial atenção para os escritores e oradores de fins da República e do período de Augusto. No que tange ao principado Flaviano e aos escritores que lhes são contemporâneos, Plínio e Suetônio os mencionam de maneira díspar: enquanto Plínio conecta-se a si mesmo com a maioria dos escritores recentes, por meio apoio pessoal e político, patronagem ou

[63] "[...] in terms of sheer visibility – is Pliny the Younger himself."

promoção; Suetônio parece que simplesmente não demonstra interesse acerca dos mesmos. Como Gibson (2014, p. 214) escreve, esse fato pode ser esclarecido porque, "evidentemente, Plínio queria dar especial atenção aos seus associados e protegidos, e colocar-se como o centro do renascimento literário pós-Domiciano na oratória e na poesia." [64]

Outra grande diferença que se nota é a perspectiva que cada um dos autores analisa os homens ilustres. Gibson (2014) pontua que, devido ao fato de Plínio, o Jovem ter uma carreira senatorial e trabalhar no ambiente literário romano patrono, o viés exposto em suas cartas pertence às classes mais abastada de Roma. Suetônio, por sua vez, fez carreira como equestre e trabalhava na burocracia imperial sob os governos de Trajano e de Adriano, não era patrono, mas, pelo contrário, era cliente do próprio Plínio. O que se torna claro nesse contexto é que Suetônio evidencia interesse na mobilidade social alcançada por meio do talento literário, exposto, por exemplo, na obra suetoniana *Gramáticos*:

> Dessa forma, o entusiasmo geral foi despertado, e um grande número de mestres e professores se reuniram em Roma, onde eles eram tão bem recebidos que alguns avançaram da mais baixa condição para a dignidade senatorial e para as mais altas magistraturas (SUETÔNIO, Gram. 25.3 *apud* GIBSON, 2014, p. 219).[65]

Na perspectiva de Gibson, isso era uma grande diferença entre o biógrafo e o epistológrafo, porque enquanto para o primeiro o contraste entre nascimento e *status* era alcançado por meio da literatura, o segundo acreditava que nascimento, talento e caráter eram suporte um para o outro:

> Onde Plínio aparentemente pensa as hierarquias de Roma com uma pirâmide com fronteiras fixas entre cada categoria [...] Suetônio é um pouco mais interessado na permeabilidade dessas fronteiras. Como tal, ele é um importante e valioso contrapeso para a visão senatorial da sociedade oferecida por Plínio e outros membros da sua classe. (2014, p. 229).[66]

---

64 "Evidently, Pliny wished to give especial attention to his associates and protégés, and – just as importantly – to place himself as the centre of a post-Domitianic literary revival in oratory and poetry."

65 "In this way general enthusiasm was aroused, and a great number of masters and teachers flocked to Rome, where they were so well received that some advanced from the lowest estate to senatorial dignity and to the highest magistracies."

66 "Where Pliny apparently thinks of Rome's hierarchies as a pyramid with firms boundaries between each rank [...] Suetonius is rather more interested in the permeability of those boundaries. As such, he is an important and valuable counterweight to the 'senatorial' view of society offered by Pliny and other members of his class."

Em outra obra, escrita em conjunto com Ruth Morello (2012), Roy Gibson faz algumas observações sobre a amizade entre Plínio e Suetônio. Quando eles analisam o vocabulário sobre amizade nas *Epístolas,* percebem que termos como *noster*, *amici* ou *amicae* e *contubernalis* eram usados por Plínio para descrever conhecidos. *Noster*, por exemplo, poderia ser usado para indicar sentimentos de cordialidade, enquanto *contubernalis* poderia ser associado com familiaridade. Este último é útil para o entendimento dos laços entre Plínio e Suetônio.

A epístola 1.24 foi endereçada a Bébio Hispânico, provavelmente um rico comerciante ou proprietário de algumas terras (SHERWIN-WHITE, 1966), pedindo que Bébio ajudasse Suetônio na compra de uma pequena propriedade, ajudando-o a conseguir pagar um preço justo. O primeiro verso dessa carta nos indica: "*Tranquilus* ***contubernalis meus*** *vult emere agelum, quem venditare amicus tuus dicitur*" (*Ep.* 1.24.1). O excerto acima, por um lado, pode nos apontar que Plínio sentia alguma simpatia e também nutria certa amizade por Suetônio; por outro lado, o fato de Plínio interceder junto a Bébio com o objetivo de facilitar os negócios de Suetônio pode sugerir laços de patronagem entre os dois. Entende-se, assim como defendem Gibson e Morello (2012), que o vocábulo *contubernalis* pode ser um mecanismo chave para suavizar as relações de poder entre cliente e patrono.

> Na carta 1.19, por exemplo, Plínio escreve para Romatius Firmus em virtude de um presente em dinheiro o suficiente para que o destinatário desta carta suba para a classe dos equestres no censo. Em 1.24 ele apoia o desejo de Suetonio de comprar uma pequena fazenda. Em 2.13 ele recomenda Voconius ao destinatário dessa carta. Todos os três são *contubernales* de Plínio. (GIBSON & MORELLO, 2012, p. 140).[67]

Da mesma forma, as cartas 94 e 95 do décimo livro podem ser lidas sob o viés do clientelismo a amizade se levarmos novamente em conta o termo *contubernalis*. Na carta 10.94, Plínio pede a Trajano o *ius trium liberorum* em favor de Suetônio: "*Suetonium Tranquillum,* ***probissimum honestissimum eruditissimum virum****, et mores eius sectus studia iam pridem, domine, in* ***contubernium*** *adsumpsi, tantoque magis diligere coepi quanto nunc proprius inspexi"* (*Ep.* 10.94.1. Grifos adicionados). Esse

[67] "In 1.19, for example, Pliny sets out for Romatius Firmus for the reasons for a gift of sufficient cash to bring his addressee up into the equestrian census bracket. 1.24 backs Suetonius' wish to buy a small farm, 2.13 recommends Voconius to its addressee. All the three are Pliny's *contubernales*."

verso pode evidenciar certa proximidade entre os dois escritores, o que não deixa de lado a hipótese de que Plínio também intercede por Suetônio para expor (é importante lembrar o caráter público dessas cartas, uma vez que Plínio as publicou em coletâneas) a relação de poder existente entre os dois. Já na carta 10.95, vê-se que Trajano atende ao pedido de Plínio.

Por meio da carta 5.10, também destinada a Suetônio, Tristan Power (2010) entende que *Acerca dos homens ilustres* pode receber outra datação. O período de publicação dessa obra é comumente marcado em 117 d.C, mas Power sugere que ela tenha acontecido entre 105 e 106 d.C, quando Plínio, o Jovem menciona na carta uma obra de Suetônio que já estaria pronta, entretanto o biógrafo ainda está inseguro quanto a sua publicação. Power lista duas razões para Plínio ter sido informado que Suetônio estava escrevendo *Acerca dos homens ilustres*: 1) Suetônio poderia ter enviado partes de sua obra ainda em fase de escrita para que Plínio pudesse ler e aconselhá-lo, uma prática que era comum nesse período; 2) Suetônio também poderia ter dado alguma leitura pública de certas seções da obra próximo da data na qual Plínio escreveu sua carta 5.10.

Em *Acerca dos homens ilustres*, quando é narrada a biografia de Virgílio, Suetônio afirma que quando a *Eneida* foi publicada, Virgílio também reclamou de que essa obra poderia ainda não estar acabada, mesmo alguns de seus contemporâneos garantindo que a mesma estava em perfeitas condições de publicação. As expressões usadas por Suetônio para narrar tais eventos são: *imperfectos* (inacabado, irregular) e *absolute perfecto que sunt sensu* (possuía um significado completo e acabado) (*Virg*. 39-41). Desse modo, Power reconhece as mesmas expressões na carta 5.10 sobre a obra de Suetônio ainda inacabada:

> Na epístola 5.10, por meio das palavras '*perfectum opus absolutumque est'* (§ 3), Plínio pode estar chamando a atenção de Suetônio para o exemplo do próprio objeto do biógrafo, aquele do próprio Virgílio, cujas linhas inacabadas '*imperfectos'*, mas também '*absoluto perfectoque sunt sensu'*, o que poderia identificar *Acerca dos homens ilustres* como a obra sob discussão. (POWER, 2010, p. 151.) [68]

[68] "In *Letters* 5.10 through the words '*perfectum opus absolutumqueest'* (§ 3) Pliny may be drawing Suetonius' attention to the example of the biographer's own subject matter, that of Virgil himself, whose half-lines were '*imperfectos'* but also '*absoluto perfectoque sunt sensu'*, which would identify the *Illustrious Men* as the work under discussion." (POWER, 2010, p. 151).

Uma última característica no relacionamento entre Plínio e Suetônio merece atenção aqui nesta dissertação. Nas cartas 2.17 e 5.6 (as cartas sobre as *uillas*, as quais já foram discutidas também em relação a Estácio) Plínio parece desejar que seu leitor saiba a exata localização de suas propriedades na Toscana e em Laurento. Segundo Gibson e Morello, isso pode indicar que Plínio estava em contato com as produções literárias de Suetônio nas quais o biógrafo mostrou certo interesse acerca da localização de *uillas* de famosos homens romanos. N'*A vida dos doze césares* (*Aug*. 6, 94.6-7), assim como em *Acerca dos homens ilustres* ele escreve sobre a localização da casa de Horácio: "*domusque ostenditur circa Tiburni luculum*/sua casa estava localizada nos arredores de um pequeno bosque de Tibur" (*Vita Hor.*)" (GIBSON; MORELLO, 2010, p. 227).[69]

* * *

Ao fim desta seção, pode-se compreender que Plínio o Jovem era uma peça central no mosaico da literatura romana na virada do primeiro para o segundo século d.C. Plínio ajuda a completar a lacuna presente em nossa documentação literária sobre os eunucos. Sobre Marcial, como pudemos ver, Plínio levou seu trabalho para os leitores da dinastia Antonina e, dada a proximidade de Plínio com Trajano, podemos concluir que conseguiu transformar o epigramatista num produto menos desgostoso a corte imperial que se opunha aos governos flavianos. Indiretamente, Plínio também fez que os modelos literários e os temas de Estácio pudessem ser lidos em suas próprias cartas mesmo depois da morte do poeta napolitano. E Suetônio teve um relacionamento muito próximo com Plínio, ora sendo favorecido e protegido sob os governos de Trajano e Adriano por meio da intercessão de Plínio, ora sendo apresentado como cliente de Plínio.

Desse modo, o estudo sobre Plínio torna possível entender, mesmo que de forma não muito nítida ou completa, como Marcial e Estácio foram vistos, lidos e interpretados depois de suas mortes, principalmente pelos homens romanos das classes superiores. Plínio pode ser entendido como uma chave de leitura sobre os relacionamentos entre textos e leitores no período aqui estudado. Acima de tudo, *Epístolas* mostram uma importante ferramenta para entender muitas formas de

---

[69] "*domusque ostenditur circa Tiburni luculum*/ 'his house is pointed out in the environs of the small grove of Tibur' (*Vita Hor.*)" (GIBSON and MORELLO, 2010, p. 227).

intertextualidade e interdiscursividade no Principado Romano, ao menos no c[illegible]e Estácio, Marcial e Suetônio.

Capítulo 3

CAPÍTULO 3
Os eunucos: corpos que pesam?

As representações dos eunucos encontradas nas fontes puderam ser divididas em três grupos. Não acredita-se que essa divisão seja interna às fontes, desejada pelos autores ou que retrata os modelos de se tornar eunuco em Roma. Tais grupos foram criados durante o processo de pesquisa, reunindo os trechos das fontes conforme se notou que eles podem artificialmente ser relacionados entre si. Para cada grupo dedica-se uma seção deste último capítulo.

No entanto, criou-se uma seção extra para dedicar-se somente à discussão dos *galli* e o culto de Cibele e Átis, sendo esta a primeira das quatro que compõem este capítulo. Isso foi necessário porque na maioria das vezes em que os autores latinos mencionam os *galli* ou qualquer outro eunuco, eles têm em mente a história de Átis e Cibele (VOUT, 2007). Além disso, nos textos de Marcial e Estácio, a referência aos *galli* e a Átis para descrever qualquer homem que tenha se castrado é muito comum.

Em seguida, a segunda seção reflete sobre as representações dos sacerdotes do culto de Cibele, os *galli*, todas encontradas nos epigramas de Marcial. Já na terceira seção deste capítulo, analisar-se-á outro grupo de representações bem mais específico, feitas por Estácio e Marcial. Serão trabalhados os poemas que esses dois autores escreveram acerca do menino Earino, *puer delicatus* da família de Domiciano. Finalmente, a quarta e última seção tratará de Esporo, escravo que Nero emasculou para poder com ele se casar, representado por Suetônio e Dion Cássio.

Antes de adentrar a análise das representações dos eunucos, cabe aqui informar uma questão importantíssima para este trabalho: os possíveis métodos pelos quais os homens no principado romano poderiam ser castrados. O médico grego Paulo de Égina viveu e escreveu diversas obras versando sobre medicina e cirurgia durante o século VII d.C. A sua obra *Epitome medica* (*Enciclopédia médica*, nome atribuído por seus tradutores ingleses do século XIX) traz preciosas informações sobre a prática da castração. De acordo com Christer Henriksén (1997) o relato a seguir, escrito em grego e com traduções imediatas para o latim, foi resultado de estudos de Paulo feitos a partir da análise de textos romanos e pelas experiências de castração vistas e conhecidas por ele sob o Império Bizantino. Apesar da distância temporal, Henriksén acredita que pode ser fiel aos métodos empregados pelos romanos:

> Existem dois métodos, aquele que envolve o esmagamento, e outro pela excisão. O método de esmagamento é executado assim: crianças, enquanto ainda são bem jovens, são colocadas em um tanque como

> água quente. Então, como os corpos estão relaxados, os testículos são pressionados no mesmo tanque com os dedos até eles evanescerem, sendo dissolvidos, não mais aparecendo firmes ao toque. O método da excisão é executado da seguinte maneira: a pessoa que será castrada é colocada de costas sobre um banco, e o escroto com os testículos é pressionado para baixo com os dedos da mão esquerda; quando esticado, dois cortes retos são feitos com uma faca, um para cada testículo. (PAULUS AEGINETA, *Epitome medica*, 6.68).[70]

3.1 Um estranho mutilado dentro de casa: o culto de Átis e Cibele

Os *galli*, sacerdotes do culto da deusa Cibele, tornaram-se assunto e tema de diversos epigramas de Marcial. Escritos entre 80 e 104 d.C, esses epigramas são uma valiosa fonte para o estudo da sociedade romana nesse período, tanto quanto suas práticas religiosas e, como se verá adiante, corporais e de gênero. Estácio não mediu esforços para vincular a imagem de Earino a Átis, do mesmo modo que Marcial também o fez.

A partir da análise dos epigramas nos quais os *galli* são representados, pode-se estudar o seu relacionamento com a religião no contexto romano, e como seus corpos são usados no discurso de Marcial como uma forma de regular não apenas as noções de corpo masculino e feminino em Roma, mas também a identidade religiosa romana. Como apontado há pouco, uma breve problematização sobre Cibele e seu amante, Átis, tomará lugar agora.

A história de Átis, namorado da deusa Cibele, bem como a sua castração, são representadas em diversos textos latinos, sendo os mais conhecidos aqueles de Ovídio (*Fast*. 4.223) e Catulo (63). Herinksén (1998) explica que devido a Átis ser um jovem de extrema beleza, Cibele se apaixona por ele e exige dele um voto de castidade. O rapaz quebra esse voto e trai a deusa com uma ninfa. Cibele, por sua vez, ao saber da traição, assassina a ninfa, o que faz Átis entrar em estado de loucura: ele acaba cortando seu próprio pênis e morrendo por causa do seu sangue que se esvaiu da ferida aberta com uma faca. A história de Átis conta ainda que sobre o local onde se concentrou o sangue dele, um jardim de violetas floresceu.

---

[70] Todas as traduções de trechos em línguas estrangeiras encontradas nesta dissertação foram realizadas pelo seu autor. A tradução deste trecho de Paulo de Égina foi feita a partir da versão em inglês, traduzida do grego por Christer Henriksén:"There are two methods, the one involving crushing, the other excision. The method of crushing is performed thus: children, while still quite young, are placed in a vat of hot water. Then, as the bodies are relaxed, the testicles are pressed in the same vat with the fingers until they evanesce and, being dissolved, no longer appear firm to the touch. The method of excision is performed in the following way: the person who is to be castrated is placed on his back on a bench, and the scrotum with the testicles is pressed down with the fingers of the left hand; when stretched, two straight cuts are made with a knife, one for each testicle."

O culto a Átis e Cibele, originalmente seguido na Frígia, chegou em Roma por volta do ano 204 a. C. Cibele foi introduzida em Roma durante as guerras Púnicas, como Cícero relata em seu discurso *De Haruspicum responsis* (13.27). Tito Lívio também descreve a introdução do culto na capital do império durante o mesmo período. Ele também conecta a chegada da deusa com profecia que teria sido encontrada nos livros Sibilinos, nos quais se afirmava que somente a importação da *Magna Mater* poderia expulsar qualquer inimigo estrangeiro e assim dar fim ao período de guerras. O relato de Lívio descreve o evento desde o transporte a imagem de Cibele do Oriente até sua chegada. Assim que Cibele chega a Roma, seu culto e imagem são alocados no templo de Vitória, sendo que apenas em 191 a.C viriam a ter um templo próprio no Palatino.

> Aproximava-se já o momento das eleições quando chegou a Roma uma carta do cônsul Públio Licínio. Seu exército, dizia ele, fora atingido por grave doença, e não teria podido sustentar-se se um mal igualmente virulento, ou mais, não se abatesse sobre o inimigo. Estando ele próprio enfermo e incapaz de vir presidir as eleições, proclamaria Quinto Cecílio Metelo para conduzi-las, caso o Senado concordasse, na qualidade de ditador. Era de interesse do Estado, acrescentava, desmobilizar o exército de Quinto Cecílio, que de momento para nada servia com as tropas de Aníbal já recolhidas aos quartéis de inverno. Tão grande era a veemência do mal que invadira o acampamento que, a não se liberar rapidamente os soldados, talvez nenhum deles sobrevivesse. O Senado permitiu ao cônsul fazê-lo, no interesse do Estado e em consciência.
>
> Por essa época, em Roma, os cidadãos se sentiram invadidos de um escrúpulo religioso, porquanto se encontrara nos livros sibilinos, consultados a propósito da freqüência excepcional das chuvas de pedra caídas naquele ano, uma predição segundo a qual se poderia expulsar a qualquer momento um inimigo estrangeiro que trouxesse a guerra à Itália se se transportasse a Mãe do Ida de Pessinunte para Roma. Tal predição, descoberta pelos decênviros, impressionou tanto mais o Senado quanto os embaixadores encarregados de levar uma oferenda a Delfos relataram, também eles, que em seus sacrifícios a Apolo Pítio as entranhas se mostraram invariavelmente favoráveis e que o oráculo respondera que uma vitória ainda maior que aquela cujo butim lhes permitia trazer a oferenda estava iminente para o povo romano. Ao conjunto de razões próprias a lhes dar a mesma esperança, acrescentavam a inspiração de Cipião, que parecera pressagiar o término da guerra reclamando a província da África. Assim, para apressar uma vitória prefigurada pelos livros do destino, pelos presságios e pelos oráculos, examinavam e discutiam os meios de transportar a deusa para Roma. (TITO LÍVIO *apud* PARRA, 2010, p. 36).

Entretanto, de acordo com Jaime Alvar (1994), a integração da deusa oriental ao culto publico romano não aconteceu de forma simples:

> Cibele, introduzida por decisão aristocrática, representa assim um perfil popular que expressa a *concordia ordinum*, o consenso dos grupos sociais frente ao trâmite sagrado para expulsar o invasor cartaginês. A história de Cibele em Roma reproduzirá a tensão do conflito de classes e a contradição da conduta do grupo dominante entre a marginalidade e integração do culto. (ALVAR, 1994, p. 163).[71]

Depois que a construção do próprio templo de Cibele chegou ao fim, o culto foi integrado ao calendário oficial e a festa em sua honra e a Átis tomou lugar entre os dias 15 e 27 de março. De acordo com Parra (2010), no primeiro dia aconteciam as preparações para o início das celebrações; os seis dias seguintes eram ocupados pelo então chamado *castus matris deus*, um período de abstinência que requeria restrições alimentares e proibição de práticas sexuais, momento no qual todos os participantes representavam ritualmente a dor de Cibele por ter perdido seu companheiro Átis. No dia 22 a cerimônia *intrat arbor* era realizada, na qual os participantes carregavam até o santuário da deusa alguns instrumentos próprios dos rituais: a siringe, um tipo de flauta feita com caule de cana, também conhecida na Antiguidade como flauta de Pã; a verga, uma vara flexível de madeira ou metal; címbalos; tímpanos e flautas duplas amarradas a pequenos galhos. No dia 24, o *dies sanguinis*, os homens que se consagrariam à deusa eram castrados, tornando-se *galli*, e:

> "[...] seguindo o exemplo de Átis, os fiéis se flagelavam ao som dos instrumentos rituais. A alegria voltava a reinar nas festividades somente no dia 25 quando Átis ritualmente voltava a viver. O dia 26 era um dia de repouso chamado *requietio*. E dia 27 havia a cerimônia da *lavatio*. (PARRA, 2010, p. 38).

Embora haja inúmeras versões, a história de Átis mais conhecida é a que foi narrada por Catulo, no poema 63. Entende-se que, neste momento, é importante tecer alguns comentários sobre o texto de Catulo, pois, como Caroline Vout (2007) sublinha, qualquer relato poético subsequente sobre a castração de homens escrito em Roma provavelmente teria como referência a história de Átis e, especialmente, a versão de Catulo sobre o amante de Cibele.

O poema de Catulo foi escrito no final da primeira metade do século I a.C. e pode ser dividido em duas partes, de acordo com dois discursos proferidos por Átis no decorrer da narrativa:

---

[71] "Cibeles, introducida por decisión aristocrática, presenta así un perfil popular que expresa La concordia ordinum, el consenso de los grupos sociales ante el sacro procedimiento para repeler al invasor cartaginés. La historia de Cibeles en Roma reproducirá la tensión del conflicto de clases y la contradicción conductual del grupo dominante entre la marginalidad e integración del culto."

> [...] o primeiro discurso no início do poema (12-26) que celebra extaticamente a chegada de Átis e seus companheiros ao Monte Ida, a terra natal da deusa [Cibele]; e o segundo discurso que predomina em toda a segunda metade do poema (50-73) no qual Átis, agora percebendo o que ele tinha feito por sua loucura e devoção por Cibele, lamenta a sua auto-castração, a partida da sua confortável terra natal e a maníaca jornada sobre o mar para uma inóspita e montanhosa terra. (HARRISON, 2004, p. 523-524).[72]

É importante observar que tal divisão também marca dois estágios na narrativa de Catulo: o primeiro no qual Átis é possuído por um incontrolável entusiasmo com a deusa e executa o terrível ato de auto-castração e, o segundo, quando ele recupera a sua consciência e a possessão divina é cessada. Ambos os estágios rememoram, de acordo com Stephen Harrison (2004), *As bacantes*, peça de Eurípedes escrita por volta de 405 a.C, cuja figura de Agave mata e esquarteja seu próprio filho e depois percebe a monstruosidade de seus atos.

Numa leitura comparada entre *As bacantes* e o poema 63, é possível perceber que Catulo se inspirou nas ambiguidades de gênero construídas por Eurípides em sua peça.

> [o poema de catulo] ecoa a invocação ritual de Dionísio que as bacantes de Euripides representam o deus cantando ao final do paródias das *Bacchae*. Pode-se adicionar que ambos indivíduos representados [Átis e Dionísio] são, de maneira similar, ambíguos em seu gênero. Átis é um macho (ou homem) castrado agora tratado como fêmea (ou mulher), enquanto que a ambivalência de gênero de Dionísio é, obviamente, um tema principal na peça Eurípides. (HARRISON, 2004, p. 525).[73]

As semelhanças entre Átis de Catulo com outras obras da tradição grega não terminam aí. *Medeia*, outra obra de Eurípides, também escrita em meados do século V a.C, a personagem principal que dá o nome à peça lamenta duas vezes o fato de ter deixado seu pai e sua terra natal por Jasão (166-7; 483-5). O confronto entre Oriente e Ocidente é exposto tanto em Eurípides como em Catulo: Medeia é representada como uma bárbara que não aceitou a cultura ocidental de Corinto, assim como Átis é levado da Grécia ao Monte Ida através da possessão causada pela paixão por Cibele. O monte,

---

[72] "[...] the first speech at the poem's beginning (12-26) which celebrates ecstatically the arrival of Átis and his companions at Mt Ida, the home of the goddess, and the second speech which dominates the poem's second half (50-73) in which Attis, now realising what he has done in his madness and devotion to Cybele, regrets his self-castration, his departure from his comfortable home and his manic journey over the sea to an inhospitable and mountainous land."

[73] "[...] echoes the ritual call of Dionnysus which Euripides' Bacchants represent the god as singing at the end of the parodos of the *Bacchae* (152-3) One might add that both individuals represented as speaking are similarly ambiguous in gender: Átis is a castrated male now treated as a female, while the gender ambivalence of Dionnysus is of course a major theme in Euripides' play."

como afirmado acima por Harrison, é uma terra inóspita e de difícil acesso localizada na Frígia oriental. Harrison também nota que em Catulo 64, poema subsequente ao que narra a história de Átis, o lamento de Ariadne é tão familiar quanto o do amante de Cibele. Então, "Na verdade, Átis é um estranho exemplo da espécie de heroínas literárias abandonadas, apesar de que ele não é estritamente mulher e também não tenha sido realmente abandonado." (HARRISON, 2004, p. 527).[74] Caroline Vout (2007), da mesma forma, reforça o argumento que a história de Átis carrega inseguranças culturais e identitárias que acometiam a sociedade romana e se refletia nos escritos destes autores, como no caso de sua jornada para longe de sua terra, o que poderia ser uma metáfora para o grande fluxo de pessoas estrangeiras adentrando o território da cidade de Roma, bem como sua ambiguidades de gênero, representada pela sua emasculação.

Dessa maneira, uma vez que os *galli* possuíam no material literário pós-Catulo uma representação que quase sempre se inspirava no mito de Átis e Cibele relatado pelo próprio Catulo, os *galli* também quase sempre teriam suas identidades construídas sobre o solo das ambiguidades. Como se verá abaixo, Marcial torna tal questão um assunto evidente em seus epigramas. O menino Earino também tem sua história e seu relacionamento com o imperador Domiciano atravessados por tensões e ambivalências. Do mesmo modo, é possível perceber que Átis e, por conseguinte, os *galli*, ocupavam um espaço de destaque no culto à deusa Cibele, mesmo que suas imagens não eram popularmente aceitas sem ressalvas no contexto social e religioso romano:

> O eunuquismo ritual que caracteriza o *galli* encontra uma justificativa na história mítica de Átis [...] Embora que no período republicano Átis tenha sido excluído da religião oficial, o culto da Magna Mater [Cibele] no Palatino ainda foi celebrado de acordo com a forma original por um clero dedicado a sua divindade ao ponto de autocastrar-se em sua honra. (BIANCHI, 2004, p. 11).[75]

Ainda que as versões mais comuns atribuam a Átis a fundação do sacerdócio dos *galli*, esxiste uma variação grega da história que relata que, depois de se castrar e sangrar até a morte, Átis "[...] é encontrado pelos sacerdotes Grande Mãe (*antistites matris magnae*), que o sepultaram em seu templo e então instituíram os ritos anuais para

---

74 "In fact, Átis is a strange example of the species lamenting abandoned literary heroine', though he is not strictly female and has not strictly been abandoned."

75 "L'eunuchismo rituale che caratterizza i Galli trova una giustificazione nella vicenda mitica di Átis [...]. Anche se in epoca repubblicana Átis fu escluso dalla religione ufficiale, il culto della Magna Mater all'interno del Palatino venne comunque celebrato secondo le forme originarie da un clero dedito a tal punto alla propria divinità da arrivare ad autoevirarsi in suo onore."

comemorar a sua morte (*Commentarii in Vergilium Aeneid*, 9.115)." (ROSCOE, 1996, p. 199).[76] Impossível saber se realmente os *galli* já existiam enquanto servos de Cibele e só depois instituíram a castração para relembrar a morte do amante da sua deusa. O que torna ainda mais complexa essa questão é que o culto de Cibele remonta ao período pré-histórico, não havendo material literário ou arqueológico suficiente para endossar uma ou outra versão (ROSCOE, 1996).

Mesmo com as manifestações de Átis e dos *galli* na literatura latina parecerem comuns às formas de vivenciar as transexualidades nos dias atuais, Will Roscoe (1996, p. 196) previne os leitores mais desavisados: "Ao contrário da figura moderna da travesti, no entanto, os *galli* eram parte de uma religião estatal oficial romana com manifestações em todas as partes do mundo greco-romano e em todos os níveis da sociedade".[77] O que também não quer dizer que os sacerdotes castrados e o próprio culto da *Magna Mater* desfrutassem de privilégios ou que estivessem isentos de críticas mordazes durante o período do Império Romano. Isso ficará bem claro nas análises que serão feitas mais tarde.

Assim, após essa breve discussão em torno da figura de Átis, seu relacionamento com Cibele e as conexões que o casal tem como os *galli* e sua castração, entendemos que não seria possível desenvolver uma análise apreciável das representações forjadas por Marcial acerca dos sacerdotes aqui estudados. Isso feito, podemos adentrar os epigramas.

3.2 Os *galli*: religião, gênero, identidades e experiências corporais

No seu segundo livro, Marcial - com o intuito de afastar as críticas de um certo Clássico, acusando-o de não ser um bom poeta - opõe seus próprios epigramas ao galiambo, verso com um metro específico entoado pelos *galli* durante os rituais do culto de Cibele e Átis:

> *Quod nec carmine glorior supino*
> *nec retro lego Sotaden cinaedum,*
> *nusquam Graecula quod recantat echo*
> ***nec dictat mihi luculentus Átis***
> ***mollem debilitate galliambon***
> *non, sum, Classice, iam malus poeta.*
> (Epig. 2.86.1-6, Grifos nossos)

[76] "[...] is found by priests of the Great Mother (*antistites matris magnae*), who bury him in their temple and then institute annual rites to commemorate his death (*Commentarii in Vergilium Aeneid*, 9.115)."

[77] "Unlike the modern figure of the transvestite, however, galli were part of an official Roman state religion with manifestations in every part of the Greco-Roman world and at every level of society."

> Porque me não gabo de poemas para ler nos dois sentidos,
> nem leio da frente para trás o amaricado Sótades,
> **nunca uso a futilidade grega que o eco repete,**
> **nem o legante Átis me dita**
> o galiambo de débil delicadeza,
> nem por isso, Clássico, sou um mau poeta.

O que é interessante observar, antes de uma análise interna do próprio epigrama, é que o poema 63 de Catulo também foi escrito em metros galiâmbicos. Assim como Shackleton Bailey (1993) afirma, o uso do galiambo por Marcial pode ser entendido como uma forma de fazer chacota com os seus autores mais tradicionais: os *galli*. Como se percebe nos versos grifados, o poeta menciona esse tipo de metro para desqualificar seus autores, assim como Catulo poderia ter usado esse mesmo modelo para criar atribuir uma carga ainda mais jocosa e estranha às suas linhas sobre Átis:

> A história de Átis, sequestrado e castrado pelos *galli*, ou sacerdotes de Cibele, é memoravelmente recontada por Catulo em um poema (63) composto no metro que carrega o nome desses sacerdotes: galiâmbicos. O metro parece sempre ter sido caracterizado afeminado. (WILLIAMS, 2004, p. 260).[78]

No epigrama seguinte, Marcial fez duras críticas ao equestre Dídimo, cuja masculinidade é desqualificada e, para tal, o epigramatista usou os eunucos, a figura de Átis e os sacerdotes de Cibele:

> *Spadone cum sis euiratior fluxo,*
> *et cuncubino mollior Celaenaeo,*
> *quem sectus ululat matris entheae Gallus,*
> *theatra loqueris et gradus et edicta*
> *trabeasque et Idus fibulasque censusque,*
> *et pumicata pauperes manu monstras.*
> *Sedere in equitum liceat na tibi scamnis*
> *uidebo, Didyme: non licet maritorum.*
> (Epig. 5.41).

> Embora sejas mais efeminado que um eunuco frouxo,
> e mais mole que o amante de Celenas [Átis],
> por quem uiva o Galo castrado que a grande Mãe inspira [Cibele],
> - falas de tetros, de plateias, de edictos,

78 "The story of Átis, kidnapped and castrated by the *galli*, or priests of Cibele, is memorably recounted by Catulo in a poem (63) composed in the meter bearing the name of those priests: galliambics. The meter always seems to have been gendered as effeminate."

> de mantos dos cavaleiros, de idos, de fíbulas e do rol dos bens,
> e apontas os pobres com a mão polida a pedra-pomes.
> Se tens licença para te sentares nos bancos dos cavaleiros,
> hei-de ver, Dídimo: não a tens para os dos maridos.

Marcial zomba de Dídimo acerca do uso dos assentos em anfiteatros e assembleias aos quais ele tinha direito de ocupar, medida implementada por Augusto por meio de um edito. A comparação ao *gallus* para fazer uma crítica mordaz a homens romanos, aristocráticos ou não, não era incomum (isso pode ser visto nos epigramas analisados abaixo),e , de acordo com Peter Howell (1995), a referência à Átis, no verso 2, pode aludir ao mito de que ele era castrado para evitar que se pudesse casar com outra mulher.

Fica claro no epigrama reproduzido acima que Dídimo é relacionado à feminilidade e moleza ou falta de virilidade. Não só pela comparação com os eunucos, mas, também, como se lê no verso 7, pela preocupação em demasia com os cuidados estéticos. Nesse sentido, entende-se que se Dídimo pode ocupar a função política a ele delegada (*eques*), ele não possui os requisitos necessários para ser marido, pois, pelo fato de Marcial enfatizar sua falta de virilidade, não poderia representar aquele ideal aristocrático de homem exigido pelos seus pares.

Também, aprofundando mais a interpretação do epigrama, o termo *marido* (*maritus*, em latim) também carrega o dever (ou virtude?) de tornar-se pai, elemento fundamental para o cidadão romano, uma vez que isso garantiria a geração de futuros herdeiros ou cidadãos que seriam responsáveis não só pela manutenção do patrimônio familiar, mas, da mesma forma, da *urbs*. Esse epigrama traz um elemento essencial para se pensar as questões referentes à masculinidade, discutidas já no primeiro capítulo deste trabalho, e como os romanos a ligavam à cidadania e ao corpo: apenas um cidadão poderia gozar de seus direitos políticos.

Aqui é importante relembrar os ideais de masculinidade pelos romanos, ou melhor, pela elite romana, já discutidos no primeiro capítulo, na subseção *"É possível modificar as relações de gênero modificando somente as mulheres?"*, uma vez que Dídimo pertencia à ordem equestre. Também se faz necessário dizer que tal ideal é comungado por alguns epigramas de Marcial que estão sendo analisados aqui. Família e *pater familias* são importantes para entender a educação e a construção de uma cidadão; era no lar que um romano alcançava as virtudes que o fariam um bom homem: *grauitas*,

pietas e *simplicitas*. O *pater familias* desempenhava o papel do primeiro educador por meio do *patria potestas*, o poder sobre os filhos. Desta maneira, ser homem, cidadão e nascido livre em Roma era intrinsecamente ligado ao ato de casar-se e se tornar um *pater familias*, como Paul Veyne escreveu (1990, p. 52): "Sendo o casamento um dever cívico e uma vantagem patrimonial, tudo que a velha moral exigia dos esposos era que executassem uma tarefa definida: ter filhos, cuidar da casa." Já é notório para a historiografia sobre a antiguidade que esse ideal defendido por Veyne é bastante rígido e limitado, porém, acredita-se que tal ideal ainda está presente no seio da elite romana, como será possível ver por meio dos epigramas.

De qualquer forma, a definição de Veyne vai ao encontro das interessantes considerações de Saller (1999), ainda que parcialmente. Entretanto, o segundo reflete mais profundamente sobre o papel desenvolvido pelo *pater familias* na sociedade romana, afirmando que apenas pouquíssimas vezes textos legais e jurídicos conectam o conceito às relações familiares, estando mais próximo da definição do que poderia ser um bom administrador das suas propriedades, crianças e esposa. Assim, o conceito estaria mais ligado a manutenção de propriedades (urbana, rural, doméstica ou seus próprios escravos) do que das funções exercidas pelo marido. Analisando o termo em comparação ao de *mater familias*, Saller explica que a esposa, cumprindo o papel de *families mater* (mais conectado à honra e à castidades) também poderia tornar-se administradora de sua própria propriedade. A diferença fundamental entre tais conceitos, além daquelas já mencionadas, seria que o *pater* possuiria também o *potestas*, o que não poderia ser atribuído às mulheres.

O ponto central da questão é que para tornar-se *pater* o homem precisava ser viril no sentido em que os romanos (da mesma estrato social que Dídimo) interpretavam a masculinidade, ligado aos ideais do *mos maiorum*, representando o comando, não apenas em relações políticas e sociais, mas também em relação à família ou ao sexo. Saller ajudar a pensar que com ou sem casamento, adequando ao ideal jurídico de *pater familias* ou não, Dídimo é exposto ao ridículo em contraposição à imagem dos eunucos.

Mas é necessário atentar para o fato de que não é qualquer imagem. Marcial poderia apelar para as prostitutas, mulheres infiéis ou praticantes de homoerotismo passivo para efeminar Dídimo, mas escolheu justamente os *galli* e, de certa forma, o culto de Cibele. Logo, Marcial faz Dídimo transitar entre um grupo abjeto na sociedade romana e seus conceitos de masculinidade (os eunucos, v. 1), outro grupo, também

execrado da religião oficial romana (Átis, os *galli* e os próprios rituais do culto de Cibele, v. 2-3) e entre a ordem equestre (v. 4-7), mostrando o corpo dos eunucos como uma figura que serve de referência para pensar a cidadania e o masculino em Roma, definindo Dídimo e, ao mesmo tempo os homens castrados, como o extremo limite do que poderia ser um homem, a última fronteira que ele poderia romper antes de tornar-se uma mulher: a extirpação de sua genitália (WILLIAMS, 2010). Por outro lado, não se pode afirmar que Dídimo era um homem completo em relação às suas obrigações como um marido, o provedor de uma prole romana. Assim, o eunuco não é mera escolha, mas é justamente por seu corpo mutilado exercer um estranhamento maior do que poderia exercer a comparação à uma mulher, por exemplo.

Continuando a análise dos epigramas que trabalham com o vocábulo *gallus*, há um epigrama que figura entre as primeiras publicações de Marcial que pode ser lido em comparação com outro poema já publicado próximo ao fim de sua carreira:

> *Quae tibi non stabat praecisa est mentula, Glypte.*
>
> *demens, cum ferro quid tibi? gallus eras.*
>
> (Epig. 2.45).
>
> Cortaste o teu membro, que não se endireitava, Glipto.
> Pateta, para que precisavas do ferro? Já eras eunuco.
>
> *Curandum penem commisit Baccara Raetus*
> *rivali medico. Baccara Gallus erit*.
> (Epig. 11.74).
>
> Bácara da Récia deu a verga para tartar
> a um médico rival. Bacará um Galo ficará.

Em ambos os epigramas é mencionada a castração cirúrgica. Em 2.45, *ferro* em latim, traduzida pela versão portuguesa como também como *ferro* e pela versão britânica como *faca* (*knife*) sugere que o método usado na castração de Glipto foi o da excisão. No poema 11.74, Bácara foi castrado por um médico. Entretanto, para ambos os casos, entende-se que se usou a excisão, uma vez que o esmagamento era executado em crianças.

Sobre o epigrama 2.45, é relevante se atentar para as colocações de Williams (2004) que afirmam que o verso 2, no momento em que usa a expressão *praecisa est*, poderia estar se referindo ao corte ou circuncisão, criando um duplo escárnio à experiência de Glipto: a crítica à castração de homens em Roma, sobretudo após a proibição estabelecida por Domiciano, o que poderia ser um problema para os ideais de

masculinidade e, consequentemente, feminilidade; e também uma sátira às práticas judaicas, sugerindo uma piada com alguns costumes corporais estrangeiros. A zombaria é acentuada, ainda no primeiro verso, pelo uso do termo *mentula*, uma palavra vulgar usada para se referir a pênis. A palavra aparece quarenta e quatro vezes em toda a obra de Marcial, geralmente associada às gozações feitas pelo poeta a diversos homens (WILLIAMS, 2004).

Ainda acerca do primeiro epigrama, também pode ser interpretado que havia a possibilidade do homem intervir em seu próprio corpo com o objetivo de habitar outros territórios de existência que não se localizava exatamente nas noções de gênero polarizadas de homem e mulher. O personagem zombado pelas palavras de Marcial decidiu amputar suas genitálias mesmo já não sendo um homem viril. Glipto não tinha a necessidade de transformar-se em eunuco, já que ele não usava seu pênis ou este não poderia entrar em ereção: *quae tibi non stabat*, também no primeiro verso, pode aludir à impotência.

Dois outros detalhes (seriam apenas detalhes?) podem corroborar esta ideia. O primeiro diz respeito ao nome Glipto que, como sublinham Henriksén (1998) e Williams (2004), sugere outra ironia, pois a versão grega desse nome tem uma raiz cognata com o verbo *glypho*, que pode ser traduzido como "esculpir" ou "entalhar". Mesmo em forma de piada, vê-se a possibilidade de se "auto-esculpir", do homem em questão estar procurando alterações estéticas para seu próprio corpo. Tal interpretação leva-nos ao segundo epigrama e ao segundo detalhe: essa ideia pode ser reforçada quando se lê o epigrama 2.45 junto ao 11.74. Mesmo que separados por uma distância temporal razoável, é indubitável a semelhança entre os dois, desde a mesma quantidade de versos e a proximidade métrica, passando pelo mesmo assunto, até a utilização do vocábulo *gallus* e a referência às práticas corporais dos sacerdotes de Cibele criar um tom ainda mais jocoso. Assim, não se poderia descartar a possibilidade de que tanto Glypto quanto Bacchara procuraram procedimentos cirúrgicos para experimentarem novos corpos e vivências de gênero. Para que não haja super-interpretação dos epigramas, um cuidado anunciado na introdução deste trabalho por meio da obra de Umberto Eco (1997), não se deve apelar para tal leitura. De qualquer forma, Marcial usa os *galli* aqui de forma clara: são o espelho cristalino de que a castração é um desvio, um erro de um impotente (Glipto) ou o castigo vindo de um inimigo (o médico de Bacchara).

O octogésimo primeiro epigrama do terceiro livro de Marcial carrega um outro exemplo de como os *galli* são usados por Marcial para criar situações ridículas e risíveis com homens que transgrediram as normas regulatórias de gênero:

> *Quid cum femineo tibi, Baetice galle, barathro?*
> *haec debet meDions lambere língua viros.*
> *abscisa est quare Samia tibi mentula testa,*
> *si tibi tam gratus, Baetice, cunnus erat?*
> *sastrandum caput est: nam sis licet inguine gallus,*
> *sacra tamen Cibeles decipes: ore vir es*
> (Epig. 3.81)
>
> Que tens que ver, ó galo Bético, com sorvedoiros de mulher?
> Esta língua deve lamber, a meio, os homens.
> Por que razão te foi cortado, com um caco de Santos, o membro,
> se tão agradável te era, Bético, a rata?
> O que se te deve castrar é a cabeça: embora, pelo membro, sejas galo,
> Frustras, no entanto, os ritos de Cíbele: és homem pela boca.

Aqui Marcial também coloca a figura do *gallus* e seu corpo castrado a serviço da construção discursiva de uma imagem do homem. Para desqualificá-lo moralmente, o personagem se entrega aos prazeres de fazer sexo oral em mulheres (*cunnum lingere*), o que poderia ser uma marca de passividade e para um homem romano, o epigramatista implicitamente estabelece a imagem do homem ativo como exemplo. Parker criou o quadro abaixo para se ter uma noção mais clara das práticas sexuais e suas qualificações numa escala pensada pela elite romana:

	Orifício		
	Vagina	**Ânus**	**Boca**
Ativo			
Atividade	*Futuere*	*Paedicare*	*Irrumare*
Pessoa (*vir*)	*Fututor*	*Paedicator/Paedico*	*Irrumator*
Passivo			
Atividade	*Futui*	*Paedicari*	*Irrumari/Fellari*
Pessoa			
Homem (*Pathicus*)	*Cunnilinctor*	*Cinaedus/Pathicus*	*Fellator*
Mulher (*Femina*)	*Femina*	*Pathica*	*Fellatrix*

Figura 3: Quadro de atividades sexuais e seus agentes. PARKER *apud* FEITOSA, 2005, p 101

A partir desses dados, Feitosa (2014) aponta que para esse grupo social romano havia uma escala de humilhação que dependia da prática e do agente. A menos vexatória seria a penetração pela vagina, que já colocava todas as mulheres em condição inferior aos homens; seguida da penetração pelo ânus e; por fim, a mais humilhante seria a penetração pela boca. A estabilidade requerida entre ser um homem (carregar seus órgãos genitais) e controle (ser ativo nas relações sociais, políticas e sexuais) é quebrada quando se olha para a possibilidade de também obter e oferecer prazer por meio da prática da cunilíngua e não necessariamente pelo pênis. Amanda Giacon Parra (2010) argumenta que essa crítica traz implicitamente uma sátira ao próprio exercício do sacerdócio de Bético, uma vez que ele desagradaria Cibele por manter relações sexuais com humanos, sejam eles mulheres ou homens.

O personagem zombado no epigrama 3.81 não escolhia o sexo/gênero do indivíduo com quem praticava a felação e, atribuindo aos sacerdotes do culto de Cibele a falta de atividades sexuais, Marcial escarnece as hierarquias de práticas sexuais romanas daquele período.

No epigrama seguinte Marcial também usa os *galli* e a sua emasculação para zombar tanto do culto de Cibele como das práticas sacerdotais pertencentes a ele, por meio da figura de Lupo:

Pauper amicitiae cum sis, Lupe, non es amicae
et queritur de te mentula sola nihil.
illa siligineis pinguescit adultera cunnis,
convivam pascit nigra farina tuum.
incensura nives dominae Setina liquantur,
nos bibimus Corsi pulla venena cadi;
empta tibi nox est fundis non tota paternis,
non sua desertus rura sodalis arat;
spledet Erythraeis perlucida moecha lapillis,
ducitur addictus, te futuente, cliens;
octo Syris suffulta datur lectica puellae,
nudum sandapilae pondus amicus erit.
i nunc et miseros, Cybele, praecide cinaedos:
haec erat, haec cultris mentula digna tuis.

Pobre embora para os amigos, Lupo, não o és para a amante,
e só o teu vergalho de ti se não queixa.
Engorda essa pega com pães pachachóides,
negra farinha come o teu convidado;
para a dama se filtram sécias de inflamar a neve,
bebemos nós turvos copos de corso veneno;
compraste uma noite, e não toda, com a fazenda paterna,
um camarada desvalido ara um campo que não é seu;
refulge a rameira, reluzente de eritreias gemas,
é preso por dívidas, enquanto fodes, um cliente;

> uma liteira, levada por oito sírios, à cachopa é dada,
> um amigo numa padiola será um peso nu.
> Anda agora, Cibele, e mutila os maricas desgraçados,
> este sim, este vergalho é que merecia as tuas facas.
> (Epig. 9.2)

Aqui vê-se novamente a figura do *gallus* como um parâmetro para o desregramento, não só no âmbito religioso, mas também social e amoroso. É importante notar que, assim como os personagens criados por Marcial para representar comportamentos por ele desaprovados (prostitutas, beberrões, efeminados), a figura do *gallus* torna-se um catalisador para quase que qualquer tipo de anomalia percebida pelo epigramatista no mundo romano:

> Marcial deseja no fim do epigrama que Cibele castrasse em seus ritos esse homem. Seria viável, por exemplo, afirmar então que Marcial define aí os emasculados dos ritos de Cibele como pessoas que não tivessem tanto prestígio na vida pública, pessoas desregradas, que não soubessem cumprir suas obrigações no âmbito público e agissem com muitos sentimentos em relação ao amor. (PARRA, 2010, p. 108-109)

A infertilidade dos eunucos de Cibele também aparece em dois epigramas de Marcial que, como acima feito, precisam ser analisados em conjunto, pois um complementa o sentido do outro:

> *Capones.*
> *Ne nimis exhausto macresceret iguine gallus,*
> *amisit testes. Nunc mihi gallus erit*
>
> Capões.
> Para não emagrecer com excessivas canseiras de amor, o galo
> perdeu os testículos. Agora terei em casa um Galo.
> (Epig. 13.63)
>
> *Idem.*
> *Succumbit sterili frustra gallina marito.*
> *Hunc matris Cybeles esse decebat auem.*
>
> Mesmo tema.
> Em vão se aninha a galinha debaixo do estéril marido:
> esta ave deveria consagrar-se à Mãe Cibele.
> (Epig. 13.64)

A gozação neste par de epigramas se encontra, como bem observa Parra (2010), no trocadilho feito por Marcial como a idêntica grafia de *gallus* tanto para o sacerdote de Cibele quanto para o animal. No primeiro epigrama, o poeta induz o leitor a pensar que está escrevendo sobre os sacerdotes da deusa. Também o título do epigrama, *Capones*, corrobora a confusão. Porém, para acentuar a debilidade em relação a geração

de filhos e provocar o riso, Marcial usa no segundo epigrama a expressão *gallina marito*. No que se verá nas seções seguintes, a tema da infertilidade foi uma das grandes maneiras pelas quais os autores-fonte utilizaram para ridicularizar os eunucos.

Para pensar as questões de identidade religiosa e suas relações com gênero e sexualidade sob o Principado, além dos epigramas já apresentados, o poema que segue se mostra com uma rica fonte. O epigrama abaixo informa sobre o sacrifício de um bode em honra a Baco realizado por um camponês, sob a tutela de um arúspice etrusco. Por sugestão do sacerdote, quando o camponês corta os testículos do animal, uma hérnia aparece, o que poderia representar um mau auspício. Na mesma hora o camponês remove a hérnia acreditando ser isso que prescreviam os antigos rituais e, com isso, o epigrama tem um desfecho nada feliz:

Vite nocens rosa stabat moriturus ad aras
hircus, Bacche, tuis uictima grata focis;
quem Tuscus mactare deo cum uellet aruspex,
dixerat agresti forte rudique uiro
ut cito testículos et acuta falce secaret,
taeter ut inmundae carnis abiret odor.
Ipse super uirides aras luctantia pronus
dum resecat cultro colla premitque manu,
ingens iratis apparuit hirnea sacris.
Occupat hanc ferro rusticus atque secat,
hoc ratus antiquos sacrorum poscere ritus
talibus et fibris numina Prisca coli.
Sic, modo qui Tuscus fueras, nunc Gallus aruspex,
Dum iugulas hircum, factus es ipse caper.
(Epig. 3.24)

Culpado de ter roído uma vide, permanecia junto do altar, destinado a [morrer,
certo bode, ó Baco, vítima agradável aos teus sacrifícios.
Um arúspice etrusco, como ao deus a desejasse imolar,
tinha dito a um camponês, homem forte e rude,
que rapidamente cortasse, com a foicinha afiada, os testículos do [animal,
para que o repugnante odor se afastasse daquela parte imunda.
Enquanto o fulano, curvado sobre o altar verdejante,
apertava <contra o solo>, com uma mão, o pescoço reinante <do [bode> e retalhava <a parte> com uma faca,
eis que surge uma hérnia enorme, que indignou a divindade.
O rústico, munido do ferro, agarra-a e corta-a,
convencido de que isto prescreviam os antigos rituais de sacrifício
e de que com tais oferendas carnais se honravam os cultos ancestrais.
Assim, tu, que há pouco era um arúspice galo,
já que, ao degolares um bode, te tornaste tu próprio um bode castrado.

Aqui o epigramatista apresenta um ritual de sacrifico ligado à antropomancia, uma prática arraigada nas províncias orientais que tinha como objetivo desvendar o

futuro por meio das entranhas de um animal (MONTERO *apud* PARRA, 2010). Como apontam John Scheid (1993) e Amanda G. Parra (2010), a religião romana era baseada em ritos e o bom relacionamento entre os deuses e os homens dependia da perfeita execução dos mesmos. Marcial pode expor com este epigrama que havia uma ligação entre o cumprimento dos rituais com exatidão e as maneiras pelas quais um sacerdote ou arúspice da religião pública romana poderiam ser identificados. Ao tutelar um sacrifico de forma incorreta, o arúspice é rebaixado por Marcial ao nível de *gallus*. Neste caso, o corpo do eunuco é usado não somente para ajudar a definir o que poderia ser um homem ou uma mulher em Roma, uma questão de gênero. Aqui seu corpo serve também de exterior constitutivo para definição do que deveria ser a religião oficial ou o qual deveria ser o papel de um sacerdote/arúspice.

Parra, ao analisar este epigrama, salienta os diversos elementos estranhos à religião oficial que compõem o sacrifício narrado por Marcial:

> Essa prática [antropomancia] é produto de antigas influências da aruspicina etrusco-romana. O arúspice é identificado por Marcial como um *Turcus*, etrusco, e faz alusão às pessoas que viviam no bairro etrusco de Roma, ou seja, não se tratava de um sacerdote tradicional, cidadão romano por excelência. O arúspice então, diz a um homem forte e rude (*agresti forte rudique uiro*) para que cortasse os testículos do animal, então, outro ponto deve ser observado. Não era competência de um 'camponês forte e rude' auxiliar nos rituais, utilizar uma faca sacrificial, enfim, havia várias coisas incomuns aos rituais romanos. (PARRA, 2010, p. 112-113).

Além disso, a fato de o poema narrar justamente a extirpação dos testículos do bode traz à tona a questão dos rituais de iniciação promovidos no culto de Cibele. A mutilação de um órgão tão importante para os homens aristocráticos romanos só poderia se dar dentro dos moldes da religião, também aristocrática e romana, que admitia apenas esse tipo de procedimento executado em um animal oferecido à divindade, na caso Baco. A auto-castração é colocada, ao mesmo tempo, como metáfora para o erro no que tange à questão ritual, mas também elucida fato de que a emasculação de um homem para o sacerdócio é justamente a entrega de si e de seu corpo para o serviço da deusa Cibele. Marcial trabalha como uma linha tênue, plástica, perigosa que, da mesma forma que evidencia a monstruosidade dos atos dos *galli* em relação às percepções romanas, também revela o procedimento elementar para alçar o homem (geralmente escravo, liberto ou estrangeiro) ao mais alto grau na hierarquia do seguidores do culto de Cibele e Átis.

Essa forma de valorização da religião por meio da desqualificação de uma outra

religião não terminou com Marcial ou com os defensores da religiosidade durante o principado de Domiciano. Para Will Roscoe (1996), os ataques aos *galli* que partiam da religião oficial romana continuariam efetivos no início do cristianismo. Ainda que o objetivo era desqualificar o paganismo, as críticas cristãs ao culto de Átis e Cibele focavam os seus sacerdotes. Nada mais propício, assim como o fizeram Marcial e outros autores latinos, que utilizar dos corpos desses eunucos para criar clima de abjeção ao que estes escritores queriam atacar.

> Estes homens infames, com seus corpos impuros, corruptos e poluídos eram ninguém menos que os *galli*, sacerdotes dos deuses Cibele e Átis, cuja religião de mistérios constituiu um dos principais rivais do cristianismo primitivo. Vez ou outra, os apologistas cristãos citavam os *galli* como representantes de tudo o que abominavam na cultura e na religião pagãs. E de todos os ultrajes do *galli*, nenhum os horrorizou mais do que a forma radical com que eles transgrediram as fronteiras do gênero. Uma vez ou outra, apologistas cristãos citou o galli, como representante de tudo o que abominava na cultura pagã e religião (ROSCOE, 1996, p. 207).[79]

* * *

Evidenciou-se nesta seção que os *galli* foram assunto em diversos dos epigramas de Marcial e que o autor deles zombou por diversos motivos. A criação satírica do poeta expõe ao ridículo indivíduos que não necessariamente se castraram ou sequer existiram. A abordagem discursiva permitiu, no entanto, inferir que os *galli* serviam como um contra-ideal de corpo e comportamento em dois assuntos principais: na manutenção das masculinidades romanas e na reificação de normas religiosas consideradas por Marcial como adequadas. Retomando Vout (2007), pode-se se pensar nas questões enfrentadas pelos próprios autores neste período, principalmente por Marcial: o poeta é também um estrangeiro que necessita manter-se no universo político, social, religioso, sexual e depende de sua produção literária para tal. O enfrentamento de Marcial aos *galli* revela muito mais do próprio Marcial do que dos eunucos, expondo as tentativas romanas discursivas de criação e manutenção de identidades (religiosa, de gênero, romana) num contexto de rica hibridização e transformação das experiências vividas em Roma.

---

[79] "These infamous men, with their impure, unchaste, polluted bodies, were none other than the *galli*, priests of the gods Cybele and Attis, whose mystery religion constituted one of early Christianity's major rivals. Time and again, Christian apologists cited the galli as representative of all they abhorred in pagan culture and religion. And of all the outrages of the galli, none horrified them more than the radical manner in which they transgressed the boundaries of gender."

3.3 Entre os céus e a terra: representações de Earino nos poemas de Marcial e Estácio

Depois da análise dos *galli* representados nos epigramas de Marcial, agora se dará análise de um eunuco em específico: Earino. O garoto foi escravo de Domiciano, que o castrou e o empregou na sua corte como copeiro, tendo havido uma relação afetivo-erótica entre os dois. Tais eventos foram objeto aos quais alguns escritores clássicos dedicaram seus versos. Estácio, no poema 4 do seu terceiro livro d'*As silvas*, *Capilli Flavi Earini*,[80] e Marcial, em alguns poemas do seu nono livro de epigramas (11, 12, 13, 16, 17 e 36) foram os que mais se dispuseram a fazê-lo. Há, também, uma ligeira referência a Earino na *História de Roma* de Dion Cássio quando este autor menciona o porquê Domiciano teria proibido, entre 82 e 83, a castração de homens no território do império romano: se trataria apenas uma provocação ao seu irmão Tito, imperador que o antecedeu, que era muito afeito aos eunucos (DION. CASS. 67.2.3).

As obras de Estácio e Marcial são importantes para estudar não apenas eventos ligados a Earino, mas, do mesmo modo, questões relacionadas à corte imperial domiciana, às práticas político-ideológicas de seu principado e às tensões e papéis de gênero que a cercavam. Nesta segunda seção pretende-se refletir sobre as representações construídas pelos dois poetas sobre Earino, seu corpo e sua castração; considerando também como tais representações criam uma imagem com significados diversos e, por vezes, contraditórios acerca dos eunucos, da corte imperial e das identidades de gênero em voga no referido período.

As três obras supracitadas são as únicas que foram localizadas que trazem dados sobre uma possível biografia de Earino, mesmo que ela só seja possível de forma bastante fragmentada. Devido a isso, acredita-se que durante a análise dos textos de Marcial e Estácio esses dados serão trabalhados.

Os seis epigramas de Marcial sobre Earino dissertam sobre três assuntos: 9.11, 12 e 13 celebram o nome do eunuco; 9.16 e 17 narram a oferta e o envio dos cabelos de Earino ao templo de Esculápio, em Pérgamo; no último epigrama, 9.36, o garoto e Domiciano são comparados aos seus correspondentes celestiais, Ganimedes e Júpiter, respectivamente. Os cinco primeiros epigramas teriam sido apresentados a Earino e a Domiciano como um libelo, apenas o epigrama 9.36 que teria sido escrito depois desses

[80] Este título não é original. Não se tem acesso ao título que Estácio teria atribuído ao poema e nem se o autor o fez. O título aqui mencionado foi atribuído por algum copista medieval desconhecido e, numa tradução livre, pode ser lido em português como *Os cabelos de Earino*.

eventos e inserido novo livro 9 quando Marcial o organizou para publicação (HENRIKSÉN, 1998).

Silvas 3.4 também trabalha quase que com os mesmo temas que Marcial abordou nos seus epigramas. De acordo com estudiosos como David Vessey (1973) e Gabriel Laguna Mariscal (1992), o poema de Estácio pode ser dividido em três partes, cada uma com assuntos específicos e transições entre tempo e espaço. A primeira parte acontece em Roma, no tempo presente e compreende os versos 1-20, nos quais Estácio faz três invocações: sobre o cabelo de Earino (1-5); a segunda sobre o deus Esculápio (6-11); e a última a respeito de Pérgamo, terra natal de Earino (12-20). Esse "prefácio" ainda termina com uma grande referência enaltecedora de Domiciano. Na segunda parte do poema, Estácio faz um tipo de descrição etiológica: ele se desloca para o passado para narrar a trajetória de Earino, desde quando ele é encontrado por Vênus em Pérgamo (21-46), trazido por ela para Roma e introduzido no palácio de Domiciano (46-64) e, finalmente, narra a emasculação de Earino, feita por Esculápio e auxiliada por Vênus (65-77). A última parte da narrativa retorna ao presente e à cidade de Roma. É neste trecho que acontece o corte dos cabelos do *puer* e o envio ao templo de Esculápio em Pérgamo (78-98), finalizando com o poema com uma prece de Earino à Esculápio para que ele conceda eterna juventude a Domiciano (99-106). Mariscal afirma que essa estrutura é uma técnica comum usada em todo o decorrer das *Silvas*, nas quais o início e o fim dos poemas versam sobre temas contemporâneos e o trecho central faz uma digressão ao passado em forma de um relato etiológico e mitológico: "remonta ao passado e se caracteriza por um importante componente fantástico, frente a certo realismo da descrição do presente." (MARISCAL, 1992, p. 306).

As páginas das *Silvas* indicam que foi o próprio Earino que encomendou o poema para Estácio:

> *Earino praeterea, Germanici nostri libertus, scit quam diu desiderium eius moratus sim, cum petisset ut capillos suos, quos cum gemmala pyxide et speculo ad Permenum Asclepium mittebat, versibus dedicarem.* (Silv. 3.pref.17-20).
>
> Além disso, Earino, liberto de nosso Domiciano, sabe quanto tempo eu adiei o pedido dele, quando ele me pediu para dedicar em versos o cabelo que ele estava enviando a Esculápio em Pérgamo juntamente uma caixa decorada com jóias e um espelho.[81]

[81] A tradução do prefácio do terceiro livro de *Silvas* bem como do poema 3.4 foi feita pelo autor desta dissertação a partir da versão editada e traduzida do latim para o inglês por D. R. Schackleton Bayle, publicada em 2003. A tradução se deu por meio da comparação com o original em latim.

Em contrapartida, não se possui nenhuma informação se Marcial recebeu algum pedido desse tipo para escrever seus epigramas. Henriksén (1997) afirma que há a possibilidade de Earino ter pedido a ambos os poetas, mas também que Marcial poderia ter se sentido compelido a escrever os poemas sobre Earino quando ele descobriu que Estácio estava escrevendo o poema dele. Isto parece provável, já que escrever sobre o relacionamento entre Earino e Domiciano seria uma grande oportunidade de bajular o imperador, seja pelo pedido do *puer* ou por iniciativa própria. Assim, o epigramatista poderia ter visto nesse evento a oportunidade de compor alguns versos e aproximar-se ainda mais dos acontecimentos do palácio e da família imperial. Lembra-se aqui das discussões efetuadas no capítulo 2 desta dissertação, nas quais se enfatizou que era uma prática comum nesse período a leitura pública de obras ainda em construção para que o autor pudesse medir a recepção de seus escritos entre seus pares e patronos. Também foi mencionado no referido capítulo que Marcial e Estácio trabalhavam com poesias de ocasião, podendo um ter sabido que o outro tinha elaborado alguns escritos sobre o menino Earino.

Como Caroline Vout (2007) afirma, o prefácio do terceiro livro das *Silvas*, sugere que o poema é tão destinado a Domiciano e sobre sua atuação como imperador como sobre Earino, pois a motivação para a escrita do poema seria inspirada nos dois. Vout também defende que os epigramas de Marcial seguem a mesma proposta: elogiar o *puer delicatus* do *princeps* era uma forma de elogiar também o próprio *princeps*. Nesse sentido, "[...] se a oferta de Earino foi tão notável quanto podemos imaginar, logo, parece provável que os poetas contemporâneos colaborariam espontaneamente para celebrá-lo" (HENRIKSÉN, 1997, p. 292).[82]

As tensões de gênero acerca de Earino e seu corpo foram um tema comum para os dois autores-fonte. Algumas palavras usadas tanto por Estácio como por Marcial podem explicar melhor tais tensões. Nos epigramas 9.11-13 essas ambiguidades de gênero aparecem. Nestes epigramas é feita uma adulação ao nome de Earino, baseado na proximidade do nome do menino com termo grego *ear* (εαρ) e sua transliteração para o latim como *verna* (em português, primavera). Aproveita-se agora para reproduzir o primeiro epigrama.

Nomen cum violis rosisque natum,

[82] "[...] if the offering of Earino was such a notable event as we may suspect, then it seems likely that contemporary poets would have come forward spontaneously to celebrate it."

quo pars ótima naminatur anni,
Hyblam quod sapit Atticosque flores,
quod nidos olet alitis superbae;
nomen nectare dulcius beato,
quo mallet Cibeles puer vocari
et qui pocula temperat Tonanti,
quod si Parrhasia sones in aula,
respondent Veneres Cupidinesque;
nomen nobile, molle, delicatum
versu dicere non rudi volebam;
sed tu, syllaba contumax, rebellas.
dicunt Eairinon tamen poetae,
sed Graeci, quibus est nihil negatum
et quos ῞Αρες ῎Αρες decet sonare:
nobis non licet esse tam disertis,
qui Musas colimus severiores.
(Epig. 9.11).

O nome, com violetas e rosas nascido,
com que se nomeia do ano a melhor parte,
que tem o sabor do Hibla e de áticas flores,
que tem o odor do ninho da ave soberana;
nome mais doce que o néctar divino,
apelido que mais quereria o efebo de Cíbele
e o que faz a mistura nas taças do Tonante,
ao qual, se entoado no átrio parrásio,
respondem as Vénus e os Cupidos;
nome nobre, terno, delicado,
com versos não rudes eu o queria cantar,
mas tu, teimosa sílaba, rebelde te mostras.
Pronunciam Eiarino, todavia, poetas,
mas só os gregos, a quem nada se proíbe
e se permitem cantar ῞Αρες ῎Αρες :
não nos é lícito tamanho atrevimento,
pois cultivamos Musas muito rigorosas.

Nesse epigrama, Marcial dá um senso de feminilidade ao nome do eunuco no décimo verso: "*nomen nobile, molle, delicatum*". Enquanto a palavra *nobile* (nobre) conecta Earino ao contexto da corte de Domiciano, como aponta Christer Henriksén (1998), *molle* e *delicatum* são usados para ligar o *puer* e seu nome aos estereótipos elitistas de delicadeza e ternura associados à feminilidade ou efeminação, como escreveu Caroline Vout (2007). De acordo com Craig A. Williams (2010), termos como *molle* e *mollitia*, empregados para descrever um homem nesse contexto literário romano, podem sugerir que um indivíduo não é completamente masculino.

Silvas 3.4 também apresenta esses termos. Nos dois primeiros versos Estácio já o usa:

Ite, comae, facilemque, precor, transcurrite pontum,
ite coronato recubantes molliter auro, ite;
(Silv. 3.4.1-2. Grifos adicionados.)

Vá, mecha de cabelo, rápido, eu rogo, através do mar calmo
vá, deitado delicadamente sobre a grinalda de ouro, vá!

No verso em destaque, o autor relata que as mechas de cabelo foram enviadas para Pérgamo acompanhada de jóias. Estácio usa, não por acaso, *molliter* ao lado de *auro*, o que pode significar duas coisas: por um lado, como defende Gabriel Laguna Mariscal (1992), *molliter* pode aludir à moleza de Earino ou à sua feminização devido à castração em contraste com a dureza de *auro* (ouro); por outro lado, as duas palavras no mesmo verso sugerem a intensificação da feminilidade do menino, uma vez que *auro* poderia estar ligado aos ornamentos tradicionalmente associados às mulheres romanas. Também é possível ver a ocorrência das duas palavras usadas no mesmo verso novamente quando Estácio está narrando a vinda de Earino para Roma, acompanhado por Venus:

Dicitur Idalios Erycis de vertice lucos
dum petit et molles agitat Venus aurea cycnos.
(Silv. 3.4.21-22)

Disse como a Venus dourada estava dirigindo
seus delicados cisnes dos altos de Eryx para os bosques idálicos

Versos depois Estácio relata a chegada de Earino ao palácio de Domiciano, conduzido por Vênus. O acontecimento é narrado como um casamento, se valendo também de termos, porém fica clara a sua vinculação com a efeminação do garoto, sendo ele considerado a noiva do *princeps*:

tunc proprior iam cura deae, quae forma capillis
optima, quae vestis roseos accendere vultus
apta, quod in digitis, collo quod dignius aurum.
Norat caelestes oculos ducis ipsaque taedas
iunxerat et plena dederat conubia dextra.
(Silv. 3.4.50-54)

ela [Vênus] se aproxima para melhor arrumar os seus cabelos,
que vestido se melhor para acender seu rosto rosado,
que ouro é o mais digno em seus dedos e em seu pescoço.
Bem, ela conhecia os olhos celestes do líder [Domiciano]
ela juntou as tochas de casamento e lhe deu sua noiva generosamente.

Como defende Laguna Mariscal, não se pode imaginar que tais descrições se restringem apenas ao acontecimento, mas que a escolha das palavras no poema de

Estácio intensificam a caracterização de Earino como um indivíduo que confunde, com seu corpo e suas práticas, os papéis de gênero:

> [...] *molles* retoma o motivo da *mollitia*, recorrente nesta *Silva* e provavelmente alusivo ao efeminamento de Earino (recorde-se que *mulier* compartilha da raiz de *mollis*; e que *mollis* pode significar "feminino" em Estácio. (MARISCAL, 1992, p. 319).[83]

Seguindo esta ideia, pode-se entender que a representação de Earino como afeminado se deve à sua castração. *Mollire* é usado precisamente quando Estácio narra a emasculação do menino: "[...] *haud ulli puerum* ***mollire*** *potestas* / a ninguém menos foi confiado o poder de suavizar o rapaz" (Silv.3.4.69. Grifos adicionados). Levando-se em conta as afirmações de Mariscal (1992) expostas acima, poder-se-ia traduzir *mollire*, nesse contexto, como *efeminar* ou *tornar mulher*.

Entretanto, também é possível que a feminização de Earino, tanto nas *Silvas* como em *Epigramas*, se deve ao seu relacionamento amoroso com Domiciano. O termo *puer*, geralmente empregado para descrever o garoto que ocupa papel de passivo nas relações entre homens, é largamente usado pelos dois autores. Nas palavras de Williams:

> Mas enquanto tais gostos entre os romanos devem ter sido influenciados, em certa medida, por tradições pederásticas gregas, eles devem também ser entendidos no contexto romano de valorização da juventude e dos corpos jovens ligados a uma preferência estética por barbas e rostos macios; afinal de contas, ambos *puella* ("menina") e *puer* ("menino") poderiam ser usados para se referir ao objeto sexual de um homem, independentemente da idade dele ou dela, e também ao seu escravo. (2010, p. 83).[84]

Desse modo, *puer* não necessariamente significa amante ou afeminado, mas pode sugerir que o indivíduo em questão era apenas um escravo. Entretanto, em alguns trechos dos epigramas de Marcial e das *Silvas*, é comum ver a imagem de Earino associada à castração, efeminação e seu relacionamento com Domiciano por meio do

---

[83] "[...] *molles* retoma el motivo de la *mollitia*, recurrente en esta *Silva* y probablemente alusivo al efeminamiento de Earino (recuérdese que *mulier* comparte raíz con *mollis*; y que *mollis* suele significar "femenino" en Estacio."

[84] "But while such tastes among Romans must have been influenced to some extent by Greek pederastic traditions, they must also be understood in the context of a Roman valorisation of youth and young bodies connected with an aesthetic preference for smooth bodies and faces; after all, both *puella* ("girl") and *puer* ("boy") could be used to refer to a man's sexual object regardless of his or her age, and also to his slave."

termo *puer*. Por exemplo, nos versos seguintes, Marcial usa *puer* para Earino com outros dois personagens míticos: Átis e Ganimedes.

> *[...] quo mallet* ***Cibeles puer*** *vocari*
> *et qui pocula temperat Tonant*
> (Epig. 9.11.6-7. Grifos adicionados)
>
> [...] apelido que mais quereria o efebo de Cíbele [Átis]
> e o que faz a mistura nas taças do Tonante [Ganimedes]

A comparação de Earino como Átis e Ganimedes informa que a relação entre o garoto e o imperador era afetiva e sexual. Átis, como já se expôs, era um eunuco amante de Cibele. Ganimedes, por sua vez, cupido eternizado como namorado do deus Júpiter. Como se observou na primeira seção deste capítulo, Átis e sua história serviram de modelo para Marcial e Estácio caracterizarem seus eunucos. Mais adiante debruçar-se-á com mais vagar sobre a figura de Ganimedes.

No que diz respeito às comparações a Átis, o epigrama 9.11 também traz algumas delas. Isso pode ser visto logo no primeiro verso: "*nomen cum violis rosisque natum*" ("O nome, com violetas e rosas nascido"). Como escreve Henriksén (1998), na literatura latina as violetas eram consideradas as mensageiras da primavera porque eram as primeiras flores a aparecer em Roma nesse período do ano. Isso, ainda de acordo com Henriksén (1998), pode ser inferido dado que em outros textos latinos (como os de Arnóbio e Ovídio), a violeta é uma metáfora para Átis. Como mencionado na primeira seção, no solo em que se depositou o sangue esvaído pela auto-castração de Átis nasceu um campo de violetas. Isso pode se confirmar no sexto verso do mesmo epigrama, quando Marcial faz menção direta a Átis: "*quo mallet Cibeles puer vocari*" ("apelido que mais quereria o efebo de Cíbele"). A menção às rosas também se dá pelo fato de que, em Roma, tais flores eram as que desabrochavam já no fim da primavera. Há que se mencionar, ainda, que o epigramatista já denuncia, antes mesmo de citar o nome de Earino (algo feito apenas no décimo terceiro verso), que se tratava de um eunuco (HENRIKSÉN, 1998).

Estácio também faz conexões entre os dois castrados em *Silvas* 3.4. Para descrever a beleza de Earino, a deusa Venus o comparou a quatro outros *pueri*: Átis, Hilas, Endimião e Narciso:

> *nil ego, nil, fateor, toto tam dulce orbe*
> *aut vidi aut genui. cede tibi Latmanius ultro*
> ***Sangariusque puer****, quemque irrita fontis imago*
> *Et sterilis consumpsit amor. te caerula Nais*
> *mallet et apprensa traxisset fortius urna.*

> *tu, puer, ante omnes; solus formosior ille*
> *cui daberis.*
> (Silv. 3.5. 39-45. Grifos adicionados).
>
> Nada tão doce em todo o mundo
> Que tenha visto ou dado à luz, eu confesso
> Os meninos do Latmos [Endimião] e **do Sangarius** [Átis] darão livremente a você
> e aquele que a vã imagem em um fonte e um amor estéril consumiram [Narciso]
> As Naiades azul-celeste teriam preferido você e carregado a sua urna
> Com um punho mais forte para arrastá-lo para baixo [Hilas]
> Menino, você está além de todos eles;
> mais bonito que ele somente a quem você deve ser dado [Domiciano]

Aqui, antes de retomar a análise sobre a comparação com Átis, é importante discutir os significados que este elenco de jovens pode ter no poema. Hilas, segundo *Os argonautas* de Apolônio de Rodes, era um jovem que viajou com Jasão e foi seduzido pelas ninfas Naiades e, por isso, deixado pelo navio e pela tripulação que o acompanhava. Endimião foi um belo jovem amado por Selene, a deusa grega do luar e do amanhecer, castigado por Zeus a um sono eterno. Narciso, rapaz também de belíssimas feições, e até hoje sinônimo de beleza e egocentrismo no Ocidente, foi, segundo a versão de Ovídio n'*As metamorfoses*, seduzido pelo próprio reflexo e definhou até a morte se admirando. A partir desses dados, é interessante notar que os quatro jovens mencionados por Estácio tiveram as histórias narradas com fins trágicos na tradição literária greco-latina. Não pode se negar aí o teor satírico das comparações, como que se Earino, por sua experiência de castração, não encontraria final feliz em seu relacionamento com Domiciano.

Sangarius era um rio da antiga Frigia, hoje denominado rio Sakarya e localizado na atual Turquia. De acordo com Laguna Mariscal (1992), a citação do rio no excerto acima é uma metonímia para *puer* frígio, em outras palavras: Átis. Vout (2007) observa que alguns *galli*, pela ocasião da aposentadoria de um de seus companheiros sacerdote e para agradecer os trabalhos de Cibele, fizeram também uma oferta de mechas de cabelos e as enviaram para o Sangaris, acompanhadas de alguns ornamentos e acessórios usados nos rituais em honra à deusa. A informação fornecida por Vout corrobora o argumento de Mariscal de que o trecho do poema em destaque é uma referência ao culto de Cibele e ao seu namorado. Igualmente deve-se levar em conta que a manumissão dos escravos obedecia a um ritual parecido: a partir do momento em que o mestre libertava um de seus servos, este fazia um corte de cabelo para representar sua liberdade.

Quase que no final do poema Estácio descreve o envio de seus cabelos para o templo de Esculápio, o que lembra o episódio mencionado acima por Caroline Vout:

> *[...] tunc iunctis crinem incidere sagittis*
> *atque auro gemmisque locant; rapit ipsa cadentem*
> *mater et arcanos iterat Cytherea liquores.*
> *tunc puer e turba, manibus qui forte supinis*
> *nobile gemmato speculum portaverat auro,*
> *'hoc quoque demus' ait 'patriis nec gratius ullum*
> *munus erit templis, ipsoque potentius auro,*
> *tu modo fige aciem et vultus hic usque relinque.'*
> *sic ait et speculum seclusit imagine rapta.*
> (Silv. 3.4. 90-98)

> [...] em seguida, eles [cupidos de Vênus] cortaram as mechas com as
> [setas ligadas
> e colocaram-nas sobre ouro e pedras preciosas.
> A Mãe Vênus pega à medida que elas caem e unge-as, mais uma vez
> [com suas essências secretas.
> Em seguida, falou um menino da multidão
> que tinha por acaso que carregar, nas mãos viradas,
> o espelho resplandecente ornamentado com ouro:
> "Deixe-nos dar isso também. Nenhum presente será mais bem-vindo
> a esse templo nativo; ele será mais potente que o próprio ouro.
> Basta você fixar o olhar nele e deixar seu para sempre lá."
> Assim falou e fechou o espelho, capturando a imagem.

O tema do corte e oferta de cabelos está presente nos dois poetas. Marcial escreveu dois epigramas sobre o assunto nos quais menciona, do mesmo modo, a oferta das mechas acompanhadas de ornamentos. O primeiro está reproduzido a seguir:

> *Consilium formae speculum dulcisque capillos*
> *Pergameo possuit dona sacrata deo*
> *ille puer tota domino gratissmus aula,*
> *nomine qui signat tempora verna suo.*
> *felix quae tali censetur munere tellus!*
> *nec Ganymedes mallet habere comas.*
> (Epig. 9.16)

> Um espelho, conselheiro da beleza, e doces cabelos,
> como sacros, ao deus de Pérgamo ofereceu
> o menino que ao seu senhor é grato mais que a corte inteira,
> e que assinala com seu nome o tempo primaveril.
> Afortunada a terra honrada de tal presente!
> Nem de Ganimedes preferia ter a cabeleira.

O poema subsequente continua relatando o mesmo episódio:

> *Latonae venerande nepos, qui mitibus herbis*
> *Parcarum exoras pensa brevesque colos,*
> *hos tibi laudatos domino, rata vota, capillos*
> *ille tuus Latia misit ab urbe puer;*
> *addidit et nitidum sacratis crinibus orbem,*
> *quo Felix fácies iudice tuta fuit.*

tu iuvenale decus serva, ne pulchrior ille
in longa fuerit quam breviore coma.
(Epig. 9.17)

Venerando neto de Latona, que com ervas gentis
refreias a trama e os velozes fusos das Parcas,
estes cabelos, do senhor louvados, para ti ex-voto raro,
da Urbe do Lácio tos envia aquele teu jovem patrício;
e, com os divinos cabelos, um disco espelhante,
que foi juiz constante da ventura do seu rosto.
Guarda-lhe a juvenil graça, para mais belo não ser
de longos cabelos que de cabeleira aparada.

Os excertos de Estácio e Marcial, se comparados às observações de Vout acima mencionadas, podem reforçar a ideia de que o garoto tinha desejos de deixar os serviços de seu mestre. No caso, este mestre seria Domiciano. Se aliarmos também isso aos apontamentos de Wiliams (2010) que afirmam que quando os *pueri* deixavam de servir sexual e afetivamente aos seus senhores, tinha lugar o primeiro aparo das suas barbas e cabelos, este argumento ganha ainda mais força. Entretanto, tal ideia pode ser abalada uma vez que nem Estácio nem Marcial mencionam como e quando se deu a manumissão de Earino ao longo de seus textos. Se Estácio escreveu o prefácio do terceiro livros das *Silvas* quando Earino já não era mais escravo de Domiciano[85], ele não menciona que isso aconteceu na ocasião do corte dos cabelos de Earino. De uma maneira ou de outra, transparece aí uma possibilidade do garoto estar infeliz com a sua condição. Ou, o que é mais provável, Estácio e Marcial enaltecem esse evento da história do *puer* de Domiciano ao mesmo tempo em que relatam, implicitamente, a sua reprovação às práticas sexuais e afetivas do imperador.

A menção ao templo de Esculápio em Pérgamo, local para onde foi enviado o cabelo de Earino, também pode ser uma referência à história do casal divino da Frígia, já que na Antiguidade Pérgamo era um grande centro do culto de Cibele e Átis (VOUT, 2007).

Discutidos os *links* feitos entre Earino e Átis pelos autores-fonte, dedica-se agora a problematizar as comparações entre o garoto e Ganimedes, *puer delicatus* mitológico do deus Júpiter.

Ganimedes sempre foi um personagem comum nos epigramas de Marcial para descrever garotos escravos que serviam aos interesses sexuais de seus donos. Isso pode ser visto quando se atenta para os epigramas 5.55; 2.43; 3.39; 10.98 e 11.104. Estácio

[85] "*Earino praeterea, Germani nostri libertus*"; "Earino, liberto de nosso Domiciano" (v. 17).

também usou a figura do *puer* de Júpiter em suas obras, como a *Aquileida* (HESLIN, 2005), mas o *Silvas* 3.4 é um caso especial.

O que se deve mencionar, porém, é que as comparações feitas entre estes dois *pueri* por Estácio e Marcial não se deram ao acaso ou simplesmente para dar mais matizes às suas construções de papéis de gênero, mas obedece à ideologia imperial estabelecida por Domiciano. Segundo Carole Newlands (2002), tal ideologia se valeu dos poetas que viviam às custas dos seus patronos para construir uma imagem enaltecedora de Domiciano e suas políticas em relação à Roma. Em todos os cincos livros das *Silvas*, mesmo quando Estácio não se refere ao imperador, vê-se presente construções literárias para criar uma figura do *princeps* como bom governante, marido e homem público. Marcial também usa seus epigramas para elaborar representações positivas acerca de Domiciano e sua corte. Dessa maneira, elementos mitológicos e, acima de tudo, a corte imperial são evocados constantemente sob o pretexto de propagandear o governo de Domiciano. Além disso, mas de forma alguma menos importante, questões referentes às sexualidades e aos papeis de gênero são utilizadas e combinadas com temas religiosos para criar uma representação positiva sobre alguns eventos que poderiam desqualificar a imagem imperial de Domiciano e, consequentemente, sua autoridade e seu poder.

Nesse sentido, a castração de Earino ocupa um lugar paradoxicalmente importante no contexto da construção da ideologia imperial de Domiciano. Por um lado, como já tem-se problematizado neste estudo, o corpo emasculado de Earino é um problema para os autores antigos conseguirem criar e manter uma imagem séria e coerente da corte imperial e das normas regulatórias de gênero esperadas pelos romanos e, especialmente, pelo casal imperial: Domiciano e Domícia. Por outro lado, Earino se torna uma ferramenta fundamental e um personagem central para aumentar e legitimar o poder de Domiciano. Earino e seu corpo-problema saem de uma zona de abjeção tanto das hierarquias políticas romanas como das hierarquias dos gêneros para ocuparem um lugar entre os deuses: Marcial e Estácio construíram paralelos entre Earino e Ganimedes.

Porém, nessa comparação, tanto Estácio como Marcial constroem uma imagem do eunuco que obedece à ideologia de divinização de Domiciano. Em tal ideologia Domiciano é representado como Júpiter e a imperatriz Domícia como Juno. Nesse sentido, Earino é colocado como o copeiro do casal imperial, o que o eleva ao nível divino de Ganimedes.

Newlands (2002) defende que representar Earino como Ganimedes era tão importante quanto à associação de Domiciano a Júpiter, uma questão central para a divinização do imperador ainda vivo. David Vessey (1973) explica que a aproximação entre Earino e Ganimedes é extremamente significativa para dar ao casal imperial uma imagem de divindades.

Estácio representa o casamento de Domiciano e Domícia com harmonia, diferentemente do mito no qual a deusa Juno, muito ofendida pelo relacionamento entre Ganimedes e seu esposo Júpiter, torna-se ciumenta e agressiva. O excerto acima, dos versos das *Silvas*, mostra a intenção de Estácio em representar Domícia não apenas como a versão terrena de Juno, mas como superior à deusa, uma vez que ela aprovaria o romance entre o imperador com o eunuco.

> *Pergame, pinifera multum felicior Ida,*
> *illa licet sacrae placeat sibi nube rapinae*
> *(nempe dedit superis illum quem turbida semper*
> *Iuno uidet refugitque manum nectarque recusat),*
> *at tu grata deis pulchroque insignis alumno*
> *misisti Latio placida quem fronte ministrum*
> *Iuppiter Ausonius pariter Romanaque Iuno*
> *aspiciunt et uterque probant. nec tanta potenti*
> *terrarum domino diuum sine mente uoluptas.*
> (Silv. 3.4.12-20).
>
> Pérgamo, de longe mais afortunado que as folhas dos pinheiros de Ida,
> Embora Ida se orgulhe sobre as nuvens de um abuso divino
> (Com certeza ele deu o menino [Ganimedes] aos deuses superiores
> A quem Juno sempre olha com desconfiança, recuando sua mão e
> [recusando o néctar)
> Mas você tem o auxílio dos deuses, especialmente elogiado por seu
> [justo curandeiro.
> Você enviou ao Lácio um servo cujo Júpiter ausônio [Domiciano]
> e a Juno romana [Domícia] respeitam gentilmente, ambos aprovando;
> E, com a aprovação dos deuses,
> o senhor da terra [Domiciano] está tão satisfeito

Neste excerto se nota que quando levado de Pérgamo para Roma, Earino é aceito tanto por Domiciano quanto por Domícia. Sabe-se que na história divina Juno reprova veementemente relacionamento de Júpiter com Ganimedes. No caso da história de Estácio, Domícia é representada como superior à própria deusa, uma vez que não desaprova o relacionamento entre Earino e Domiciano. Isso também fundamenta a representação da imperatriz como a esposa que respeita as decisões de seu marido e age com gentileza para preservar a harmonia do casal.

Como Estácio menciona (verso 15) que Juno sempre olhou com desconfiança para o *puer* e que ela recusava o seu néctar. Nesse verso o autor está se referindo à função de copeiro desempenhada por Ganimedes, que o incumbia de servir a mesa do casal divino com vinho. Porém, a palavra usada por Estácio é *nectar*, com traduções para o português como *néctar* ou *mel*, e não *vinum*, o que seria mais óbvio. Gabriel Laguna Mariscal (1992) esclarece que o uso da palavra *nectar* denuncia, quando se trata da literatura latina desse período, um contexto erótico da cena representada. Assim, pode-se entender que Juno, além de estar enraivecida com a presença do menino, também se recusa a compartilhar das experiências erótico-afetivas acontecidas entre o deus e Ganimedes.

Se o imperador corresponde a Júpiter nas *Silvas* e na formulação e propagação de sua ideologia imperial, ele precisa ter um copeiro assim como o seu correspondente celeste, "[...] o relacionamento entre Earino e Domiciano é sugestivamente sexualizado" Earino é descrito por Venus como 'um escravo para o amor palatino' (*Palatine famulus amori*; 38)." (NEWLANDS, 2002, p. 107).[86] Nesse sentido, o relacionamento sexual entre o imperador e o eunuco, segundo Carole Newlands (2002) apresenta o ponto central de todas as tensões no poema: Ocidente e Oriente, passado e presente, moral tradicional e moral contemporânea, masculino e feminino, e, por fim, o poder e, ao mesmo tempo, a submissão de Earino.

Entretanto, os demais relatos latinos não retratam o comportamento de Domícia enquanto esposa solícita ou passiva em relação ao seu casamento com Domiciano, como foram os casos de Suetônio e Dion Cassio. Marcial, no seu último epigrama dedicado ao eunuco, é um dos autores que representam a imperatriz de modo diferente ao de Estácio, especialmente em relação a Earino:

Viderat Ausonium posito crine ministrum
Phryx puer, alterius gaudia nota Iovis:
'quod tuus ecce suo Caesar permisit ephebo,
tu permitte tuo, maxime rector' ait;
'iammihi prima latet longis lanugo capillis,
iam tua me ridet Iuno vocatque virum.'
cui pater aetherius 'puer o dulcissime', dixit,
'non ego quod poscis, res negat ipsa tibi:
Caesar habet noster similis tibi mille ministros
tantaque sidereos vix capit aula mares;
at tibi si dederit vultus coma tonsa viriles,

[86] "[...] the relationship between Earinus and Domitian is suggestively as a sexual one; Earinus is described by Venus as 'a slave to Palatine love' (*Palatine famulus amori*; 38)."

quis mihi qui néctar misceat alter erit?'

Ao ver o escanção ausónio de cabelo cortado ao todo [Earino],
disse o jovem frígio, no enlevo do outro Jove [Jupiter]:
"Estás a ver o que o teu César permitiu ao favorito;
permite-o também ao teu, ó supremo senhor.
Já a longa cabeleira me oculta a penugem primeira,
já de mim troça a tua Juno e másculo me chama."
"Ó rapazinho dulcíssimo", lhe respondeu o pai celeste,
"não sou eu, é a situação a recusar o que pedes:
escanções iguais a ti tem o nosso César mil
e o grande palácio mal abarca os jovens celestiais,
mas se o corte do cabelo te der um rosto viril,
que o outro me restará para misturar o néctar?"
(Epig. 9.36.2-6)

Aqui, Marcial representa o ciúme de Juno como uma metáfora e a razão para do corte dos cabelos de Earino. Garthwaite (1994) sugere que, no epigrama acima reproduzido, Domícia ridiculariza Earino porque ele mascara , com seus longos cabelos a sua masculinidade e sua entrada na adolescência, representada pelo aparecimento de sua barba. A barba poderia indicar que o menino estava se tornando um homem, assim as relações homoeróticas com seu senhor deveriam ter um fim. Garthwaite defende que aqui há um ponto muito diferente no namoro entre Earino e Domiciano, uma vez que Júpiter não emascula Ganimedes para continuar seu relacionamento sexual com o garoto.

No caso de Estácio, ele não expõe diretamente a diferença entre as duas histórias. Como anota Caroline Vout (2007), Estácio faz uso de uma ferramenta muito mais ardilosa, provavelmente temendo o perigo da exposição de suas (talvez) reais concepções sobre o relacionamento entre o menino e o imperador: ele coloca, lado a lado, as duas versões, a de Juno enraivecida e a de Domícia calma e passiva. Mesmo que não tenha feito como Marcial, Estácio deixa claro aos seus leitores a diferença entre tais relacionamentos, deixando para os receptores de seu poema a função de pensar o quão estranho era o relacionamento de Domiciano e Earino e, consequentemente, a reação de Domícia (VOUT, 2007).

Sobre o processo de castração de Earino é Estácio quem oferece a única informação que se possui.

olim etiam, ne prima genas lanugo nitentes
carperet et pulchrae fuscaret gaudia formae,
ipse deus patriae celsam trans equora liquit
Pergamon. haud ulli puerum mollire potestas
credita, sed tácita iuvenis Phoebeius arte

leniter haud ullo concussum vulnere corpus
de sexu transite iubet. tamen anxia curis
mordetur puerique timet Cytherea dolores.
nondum pulchra ducis clementia coeperat ortu
intactos servare mares; nunc frangere sexum
atque hominen mutare nefas, gavisaque solos
quos genuit Natura videt, nec lege sinistra
ferre timent famulae natorum pondera matres.
(Silv. 3.4.65-77)

Uma vez o deus da sua terra também deixou a grandiosa Pérgamo para
atravessar o mar para que a primeira barba não desfigurasse suas
[bochechas brilhantes
e escurecesse as alegrias de sua beleza.
A ninguém menos foi confiado o poder de suavizar o rapaz,
do que à habilidade silenciosa filho de Febo [Esculápio]
que gentilmente pediu a este corpo para deixar o seu sexo,
não sendo ferido com qualquer corte
No entanto, Vênus está atormentada pela preocupação, temendo que o
[garoto pudesse sofrer.
Ainda não havia começado a clemência do nosso nobre líder
para manter os meninos intactos desde o nascimento.
Agora é proibido suavizar o sexo e mudar a masculinidade;
a natureza se regozija em ver apenas aqueles que ela criou.
Nunca mais uma lei perversa fará as mães de escravos
temerem suportar o fardo dos filhos.

Para Henriksén (1997), o verso 70, "*leniter haud ullo concussum vulnere corpus*" / não sendo ferido com qualquer corte", indica que a castração de Earino teria ocorrido pelo método de esmagamento, e não excisão.[87] Se a afirmação de Henriksén estiver correta, tal forma de narrar a castração pode ter sido escolhida por Estácio para fazer com que o episódio parecesse menos agressivo aos olhos dos leitores. Não muito afeitos à prática da emasculação, os romanos se horrorizavam com o relato de Catulo sobre a castração de Átis (violenta, sangrenta e que o levou à morte). Carole Newlands (2002) explica que este não é o único ponto instigante da narrativa deste excerto que merece atenção. Esculápio, cultuado no Oriente como deus da medicina, sendo o seu culto não desconhecido em Roma e seguido por diversos sujeitos, especialmente nos grupos menos elitistas, é o responsável pela supressão dos testículos de Earino. O poeta invoca as habilidades cirúrgicas do deus da medicina para criar um ar de que o processo foi realizado com cuidado e perícia, sem causar maiores danos ao corpo do menino.

[87] Shackleton Bailey, numa nota de rodapé de sua tradução das *Silvas*, escreve que esses versos provam que Earino não teria sido castrado. É difícil confirmar esse raciocínio, uma vez que Bailey não oferece nenhum outro dado, apenas faz tal afirmação. Tanto na literatura especializada quanto na documentação antiga consultada para escrever esta dissertação, não se encontrou nenhum outro autor, clássico ou moderno, que endossasse esse argumento.

Assim, a castração de Earino foi, em primeiro plano, gentilmente executada, sem nenhum aspecto estranho ou monstruoso. Da mesma forma, Estácio faz questão de fazer referência a uma divindade de origem estrangeira, afastando esse tipo de procedimento do cotidiano e das práticas religiosas romanas.

Além disso, Laguna Mariscal (1992) pontua que a palavra "*olim*" que inicia o trecho da *Silva* que tratará justamente da castração é uma marca lexical que introduz uma fábula, uma história fantasiosa e imaginária. Tal palavra é correspondente à expressão que inicia a maioria dos contos de fadas modernas: *era uma vez*. Isso coloca o relato da emasculação de Earino longe do universo real, distanciando mais uma vez o episódio do cotidiano romano.

Outro fator que se deve considerar na análise desse excerto de *Silvas* 3.4 é o problema de lidar com um assunto delicado como o da castração, uma vez que os poemas de Estácio e Marcial tinham a obrigação de bajular o eunuco de seu patrono, Domiciano. Isso se dá por dois motivos: primeiro, o tema já era espinhoso em si, já que as representações dos eunucos na literatura latina, como se tem visto aqui, são todas jocosas e desqualificam as experiências dos mesmos; em segundo lugar, Marcial e Estácio tinham que lidar com o fato de que estavam tendo que bajular o *puer delicatus* castrado de Domiciano, este que havia proibido a castração há mais ou menos uma década antes da escrita dos textos.

No final do trecho que narra a castração, Estácio faz questão de deixar explícita a lei de Domiciano contra a emasculação (versos 73 a 77), como uma maneira de provar que Earino era um caso excepcional e que o imperador não tinha nenhuma ligação com o que aconteceu com o garoto. Além disso, Estácio frisa que a partir da lei nenhum outro menino teria que deixar sua masculinidade ou suavizar seu sexo, que a castração só foi possível porque acontecera antes da clemência de Domiciano reconhecer tais práticas como crime. De acordo com Henriksén (1997), se Earino foi castrado pelo método de esmagamento, isso deve ter acontecido por volta dos dois ou três anos de idade e, para que o *princeps* não desobedecesse à sua própria lei, antes de 82/83 d. C. Todavia, Ombreto Pederzani (1992) explica que mesmo depois da proibição, os eunucos ainda eram comuns em Roma e as castrações não deixaram de existir, sendo difundidas em todo o território do império. O que pode confundir qualquer interpretação é que Estácio narra a castração do menino logo após a chegada dele ao palácio de Domiciano no Palatino. De qualquer maneira, Estácio coloca a castração de Earino num contexto

mítico: a emasculação só foi realizada devido ao desejo de Vênus e pelas mãos de Esculápio.

Sobre a influência de Vênus nesse processo, a deusa do amor é colocada, alguns versos antes do relato da emasculação, como a responsável, visto que a divindade ficou maravilhada com a beleza pueril de Earino e, para mantê-la intacta, entrega aos cuidados de Esculápio. Os versos 21-25 de *Silvas* 3.4 relatam a chegada de Vênus ao templo de Esculápio em Pérgamo, onde a divindade se depara com o garoto e se dá o seguinte trecho:

> *hic puerum egregiae praeclarum sidere formae*
> *ipsius ante dei ludentem conspicit aras.*
> *ac primum subita paulum decepta figura*
> *natorum de plebe putat; sed non erat illi*
> *arcus et ex umeris nullae fulgentibus umbrae.*
> *miratur puerile decus, uultumque comasque*
> *aspiciens 'tune Ausonias' ait 'ibis ad arces*
> *neglectus Veneri? Tu sordida tecta iugumque*
> *seruitti uulgare feres? Procul absit: ego isti*
> *quem meruit formae dominum dabo. uade age mecum,*
> *uade, puer: ducam uolucri per sidera curru*
> *donum immane duci; nec te plebeia manebunt*
> *iura: Palatino famulus deberis armori.*
> (Silv. 3.4.26-38)

> Ela vê um menino, brilhando com a estrela beleza inigualável,
> brincando diante do altar do próprio deus.
> Enganada à primeira vista por um breve momento,
> ela crê que ele é um dos seus filhos;
> mas ele não tinha nenhum arco e nem tons radiantes saltando de seus [ombros.
> Ela pergunta a sua graça juvenil, olhando para seu rosto e cabelo
> e diz 'Irás para as torres ausônias negligenciado por Vênus?
> Terás uma habitação desprezível e um jugo de comum servidão?
> Longe! Eu devo dar esta beleza ao senhor que a merece.
> Venha agora comigo, menino, venha!
> Eu voarei com você através das estrelas
> na minha carruagem alada até o líder, um presente de dádivas.
> Nenhuma servidão comum espera por você,
> você está destinado a servir com dignidade no Palatino.

Como se vê, o relacionamento de Domiciano e Earino começa pelas bênçãos de Vênus, deusa que escolhe o garoto para servir o imperador. Em outras palavras, como Perderzani (1992) mostra, Estácio não representa o imperador como agente da castração, mas que apenas recebeu o *puer* sua divina compreensão, dentro de sua própria casa, dedicando a ele seu amor e sua família.

Essa questão poderia ser agravada devido à lei existente contra a castração de meninos e escravos promulgada pelo próprio Domiciano. A lei de Domiciano que proibiu a castração é provavelmente do ano 82 ou 83. Ela vem acompanhada da reedição outra antiga lei que também fixa rígidos papéis de gênero, a *Lex Scatinia*. Esta foi:

> [...] criada em 227 a.C. com o objetivo de punir com a morte todo aquele que submetesse um cidadão ao estupro violento. No final da República e início do Principado, a lei era aplicada apenas nos casos de tentativas e/ou estupros de rapazes livres (*stupro cum pueri*), incidindo sobre o adulto responsável pelo estupro e sobre o cidadão romano que assume o papel passivo. Em ambos, a penalidade era o pagamento de dez mil sestércios, o que leva Cantarella a afirmar que a *Lex Scatinia* "*no era absolutamente respetada*." (FEITOSA, 2014, p. 143).

Na reedição de Domiciano, tornou-se mais severa a punição também para matronas que cometessem adultério. Assim, o principado de Domiciano se caracteriza pela tentativa de regular condutas corporais e de gênero por meio de atos legislativos. Porém, tais medidas, não só de Domiciano, não tiveram um efeito prático:

> A castração tinha sido há muito tempo uma marca física de escravidão (de escravos trazidos de fora do império) e de devoção religiosa nos então chamados cultos orientais. Embora Domiciano e Nerva tivessem banido a castração dentro das fronteiras do império e Adriano tivesse feito dela um crime capital para o castrador e o castrado, as leis evidentemente não se aplicavam àqueles castravam a si mesmos, e a prática continuou, como tinha sido por centenas de anos, entre os *galli*, sacerdotes e devotos de Cibele (*Magna Mater*), Atargatis e a deusa cítica. (CANER, 1997, p.398-399)[88]

Como se mencionou no início desta seção, a proibição da emasculação é citada tanto por Dion Cássio (67.2.3) como também por Suetônio (*Dom.* 7). Nas obras de Marcial e de Estácio, essa lei domiciana é trazida à tona em lugares estratégicos. Para J. P. Sullivan (1991), o fato de Marcial não mencioná-la até as proximidades do ano de 94, provavelmente no mesmo ano em que Earino envia seus cabelos a Pérgamo, pode indicar certa crítica ao imperador e seu relacionamento com um eunuco, à contradição

[88] "Castration had long been the physical mark of slavery (of slaves brought in from outside the empire) and of religious devotion in the so-called oriental cults. Although Domitian and Nerva had banned castration within the borders of the empire and Hadrian had made it a capital offense for both castrator and castrated, the laws evidently did not apply to those who had castrated themselves, and the practice continued, as it had for hundreds of years, among the "Galli" priests and devotees of Cybele (Magna Mater), Atargatis and the Scythian goddess."

de suas medidas e ao fato de transgredir normas sociais e normas regulatórias de gênero vigentes àquela época.

Há, ainda, outro interessante argumento defendido por Garthwaite (1994). No epigrama 9.2, não por acaso, Marcial introduz o assunto da castração. Tal epigrama já foi analisado na seção anterior deste capítulo (página 135) por tratar dos celebrantes do culto de Cibele. Não se vê a necessidade de reproduzi-lo novamente.

No epigrama é narrada a prece de Lupo, um patrono que não dispensa a devida atenção aos seus dependentes e aos seus clientes, à Cibele não castrar seus jovens acólitos. Marcial encerra o epigrama dizendo é o próprio Lupo que merece ser castrado. Garthwaite se pergunta se esse final é uma metáfora para Domiciano que desconsidera seus clientes (que poderiam ser poetas próximos à corte, como Marcial e Estácio), suas próprias leis e ainda emascula um jovem menino com a intenção de mantê-lo como *puer delicatus*.

No fim de *Silvas* 3.4 pode-se ver um caso parecido. Quando Earino envia seus cabelos ao templo em Pérgamo, o menino faz também uma prece a Esculápio para preservar a eterna juventude de Domiciano.

> *At puer egrerius tendens ad sidera palmas,*
> *'his mihi pro donis, hominum renovare iuventa*
> *atque orbi servare velis. hoc sidera mecum*
> *hoc undae terraeque rogant eat, oro, per annos*
> *Iliacos Pyliosque simul, propriosque penates*
> *Gaudeat et secum Tarpeia senescere templa*
> *Sic ait, et motas miratur Pergamos aras.*
>
> Mas o incomparável garoto, estendendo suas mãos às estrelas
> "Em troca desses presentes, doce protetor da humanidade,
> Que você queira, se eu tenho tanto para merecer,
> Renovar a juventude do nosso senhor e preservá-lo para o mundo.
> As estrelas pedem isso junto a mim, e as águas as terras também.
> Deixe-o, eu peço, passar pelos anos Ilian e Pylian,
> regozijando-se de sua própria casa e o templo Tarpeian envelhecerem
> [junto com ele"
> Assim falou, e Pergamo imaginou que os altares tremeram.
> (Silv. 3.4.99-106).

Tal excerto remete a outro trecho do poema. Antes de narrar a emasculação de Earino, Estácio relata que o menino teria sido castrado para preservar-lhe a beleza e os traços jovens:

> *Care puer superis, qui praelibare verendum*
> *nectar et ingentem totiens contingere dextram*
> *electus, quam nosse Getae, quam tangere Persae*
> *Armeniique Indique petunt! o sidere dextro*
> *edite, multa tibi divum indulgentia favit.*

> *olim etiam, ne prima genas lanugo ninentes*
> *carperet et pulchrae fuscaret gaudia formae,*
> *ipse deus patriae celsam trans aequora liquit*
>
> garoto querido dos supremos, escolhido para saborear
> primeiro o néctar venerado e tocar tantas vezes aquela poderosa mão,
> a mão do Getae procura conhecer e persas e armênios, os índios para
> [tocar
> Oh, nascido sob uma estrela da sorte, os deuses têm preferido você
> Uma vez também o próprio deus de sua terra
> Deixou a grandiosa Pérgamo para atravessar o mar
> para que a primeira barba não estrague suas bochechas brilhantes e
> escurecer alegrias da sua beleza.
> (Silv. 3.4.60-67)

Laguna Mariscal (1992) afirma que Estácio, através da prece de Earino, sugere que Domiciano também merecia ser castrado, como uma espécie de crítica às ações do imperador. Laguna ainda adiciona que o poeta napolitano Estácio poderia ter sido forçado a retornar à Nápoles por ordens de Domiciano. Em *Silvas* 3.5, o poema seguinte ao de Earino, escrito em forma de carta para convencer a sua esposa a morar com ele em Nápoles, Estácio não confirma tal evento, mas também não deixa claros os motivos que o fizeram deixar Roma.

Tais representações de Earino nos textos de Marcial e Estácio tornam evidente que escrever sobre o menino castrado que era amante do imperador era um grande desafio. Como se pode ver, as imagens de Earino são contraditórias, uma vez que os poemas enaltecem alguns aspectos de sua história e de seu relacionamento com Domiciano, mas também elaboram críticas irônicas em relação a tais acontecimentos. Tal variação nas representações, ora bajulando, ora criticando, pode ser entendida como uma prática já antiga muito para Estácio e Marcial: a crítica segura. Para Frederick Ahl (1984), o *safe criticism* já era usado pelos gregos desde o século V a.C. e em Roma, principalmente no período aqui crítica segura nada mais era do que a propriedade dos autores "[...] se expressarem como relativa segurança" (AHL, 1994, p. 207).

Deve-se levar em conta que Domiciano tratou seus opositores, fossem eles poetas, filósofos, oradores com mãos firmes: o exílio e a perseguição eram práticas comuns no principado domiciano. Caroline Vout (2007) defende que essa combinação entre a extrema bajulação e as críticas implícitas era uma característica intrínseca do gênero panegírico, especialmente nos autores satíricos e nos poemas de ocasião. Vout ainda afirma que não se trata de simpatizar ou não com o objeto representado ou com quem encomendou o texto, mas que seria uma questão estilística muito em voga neste

momento, pois a escrita de Marcial e Estácio "[...] sugere que a poesia deles não é sobre a autenticidade do sentimento. É uma performance virtuosa em excelência literária" (VOUT, 2007, p. 171).[89]

* * *

Assim, entende-se que as representações de Earino fabricadas por Marcial e Estácio expressam a identidade de gênero do eunuco sempre em mudança: num momento é divinizada e assexuada, comparada à figura celestial de Ganimedes; noutro é desqualificada e sexualizada, pela sua castração e sua relação com Domiciano. A identidade do *puer* não é fixa, mas é constantemente reelaborada nos discursos que narram e enaltecem os eventos da corte imperial. Dessa maneira, a imagem de Earino como é vista em Marcial e Estácio pode ser pensada uma crítica às próprias condições nas quais os autores se encontravam:

> Isso levanta a questão do que pode significar desejar um corpo castrado e para um eunuco exibir desejo. Isso, por sua vez, torna possível uma reavaliação das maneiras pelas quais o corpo do eunuco ou um corpo masculino mutilado, que exibem permanentemente sua falta de potência de potência masculina, ou sua masculinidade comprometida, podem funcionar como uma metáfora para a própria situação dos poetas em ter que prostituir seus princípios e escrever para agradar seus patronos. (VOUT, 2007, p. 169).[90]

3.4 Gênero e casamento entre homens: o caso de Nero e Esporo

Geralmente, as críticas ao casamento entre dois homens era direcionada ao parceiro que necessitava, consequentemente, desempenhar o papel de esposa. Isso pode ser interpretado como esforços de construir e proteger ideais de masculinidade – e, por conseguinte, de feminilidade – que criam um lugar no qual o *vir*, o romano nascido livre é visto como modelo de dureza, controle e austeridade. Assim sendo, o problema não era necessariamente desempenhar um papel submisso no relacionamento, mas que o lugar de submissão era reservado à mulher. Entretanto, como incluir um eunuco nesse

---

[89] "[...] suggests that their poetry is not about authenticity of feeling. It is a virtuoso performance in literary excellence." (VOUT, 2007, p. 171).

[90] "It raises the question of what it might mean to desire a castrated body and for a eunuch to exhibit desire. This in turn makes possible a reassessment of the ways in which the body of the eunuch or wounded male body, which permanently display its lack of masculine potency or compromised manhood, can function as a metaphor for the poet's own situation in having potentially to prostitute his principles and write to please his patron."

sistema? Que lugar é reservado a um corpo mutilado e "impotente" nessas negociações identitárias e de gênero? De que maneira Suetônio trabalhou com esses modelos? Propõe-se que, a partir da análise das representações de Esporo, essas concepções acerca do casamento e da família romana podem ser diversificadas.

Para dar contra dessas interrogações, esta última seção buscará analisar a versão sobre o casamento de Nero e Esporo na obra *De Vita Caesarum*. Para tal, a princípio discutir-se-á brevemente como que o matrimônio entre homens é representado por outros autores clássicos como Cícero, Juvenal e Marcial. Num segundo momento, refletir-se-á sobre a história de amor entre o eunuco e o imperador narrada por Suetônio, comparando-a com a versão de Dión Cássio.

Marcial também tece críticas aos casamentos acontecidos entre homens no fim dos anos 80 d.C, como pode-se ver no seu primeiro livro de epigramas:

> *Aspicis incomptis illum, Deciane, capillis*
> *cuius et ipse times triste supercilium*
> *qui loquitur Curios adsertoresque Camillos?*
> *nolito fronti credere: nupsit heri.*
>
> Vês, Deciano, aquele tipo de cabelos desgrenhados
> de quem até tu temes o austero cenho
> que fala dos Cúrios e dos Camilos libertadores?
> Não te fies na cara: até ontem fez de noiva.
> (Epig. 1.24)

Não se possui informações se Deciano era um personagem real ou não, apenas sabe-se que o nome Deciano é usado por Marcial para caracterizar alguém com personalidade austera e honrada. Isso fica evidente se olharmos para as vezes que Marcial faz uso desse nome no livro I: no epigrama 1.8, Deciano é um respeitável estóico, enquanto que no epigrama 1.39 ele é um homem com características virtuosas e austeras. Entretanto, no poema transcrito acima, o personagem é criticado por assumir o papel de passivo numa relação homoerótica.

Shackleton Bailey (2003), Caroline Vout (2007) and Craig Williams (2010) sublinham o fato de que neste epigrama Deciano é provavelmente um filósofo com uma conduta austera no âmbito público, mas que no âmbito da vida privada desempenha papéis menos nobres. De acordo com Vout, é possível inferir tal explicação por meio da apresentação visual que o poeta faz de Deciano:

> *Aspicis* (você vê?) nos alerta para a descrição a seguir que se baseia no padrão de cores usado no retrato dos filósofos na arte e na literatura. Filósofos estão carrancudos e despenteados - sem se preocupar com o

> corpo em favor do pensamento superior (VOUT, 2007, p. 157. Tradução nossa). [91]

Também cabe mencionar que o poema aponta para o fato de Deciano estar ocupando o papel de passivo ou de mulher nessa relação, conforme indica a conjugação usada por Marcial do verbo *nupere*, no último verso do epigrama. Isso pode ser confirmado por uma nota de rodapé encontrada na tradução lusitana do primeiro livro dos epigramas:

> A tradução é possível, dado que Marcial revela a homossexualidade passiva do fingido virtuoso dizendo que *nupsit heri*, isto é, usando o verbo *nubere* que se emprega apenas quando o sujeito é mulher. Para o casamento de um homem empregava-se a expressão *uxorem ducere*. (Epig. 1.24. nota 54).

Entretanto, tal análise não prova que Deciano realmente tenha contraído matrimônio com outro homem, mas, como observa Williams (2010), que o epigrama pode estar apenas evidenciando práticas passivas de homens moralistas da sociedade romana. De qualquer forma, os signos e expressões comuns ao casamento romano são aqui utilizados para criticar homens com comportamentos efeminados.

Em outro epigrama, encontrado no livro 12 e escrito provavelmente em 102 d.C, Marcial descreve o casamento entre Calístrato e Afro:

> *Barbatus rigido nupsit Callistratus Afro*
> *hac qua lege viro nubere virgo solet.*
> *praeluxere faces, velarunt flammea vultus,*
> *nec tua defuerunt verba, Thalasse, tibi*
> *dos etiam dicta est. nondum tibi, Roma, videtur*
> *hoc satis? expectas numquid ut et pariat?*
>
> O barbudo Calístrato desposou o robusto Afro
> segundo lei que une a donzela a um homem.
> Acederam-se tochas, cobriu-se o rosto com o véu,
> e nem te faltaram os teus cantos, Talassião.
> Fixou-se até o dote. Não te parece, Roma,
> que já chega? Esperas, se calhar, que ele até dê à luz?

Neste epigrama, Calístrato é descrito no primeiro verso como barbado, o que, segundo Williams (2010), também pode sugerir pretensões filosóficas. Afro é *rigido*/robusto, provavelmente se referindo à sua função ativa no relacionamento (WILLIAMS, 2010). Ainda, cabe dizer, tem-se que atentar para o fato de Calístrato não ser mais um *puer*, como no caso de Earino, já que Marcial evidencia que ele possui uma

[91] *Aspicis* (do you see?) alerts us to the visual description to follow which draws on the standard palette of philosopher-portraits in art and literature. Philosophers are frowning and unkempt – unconcerned with the body in favour of higher thinking. (VOUT, 2007, p. 157).

barba logo no início do poema. Calístrato carrega, no decorrer do epigrama, todo o peso da ridicularização feita por Marcial e não o noivo, Afro.

Aqui se vê também os símbolos e os componentes do casamento tradicional romano estão presentes na descrição da cerimônia: o *flammeum*, véu matrimonial de cor alaranjada aparece no terceiro verso; no quinto verso trata-se do dote oferecido; as tochas que acompanham o cortejo dos nubentes são mencionadas no terceiro verso e até mesmo "[...] entoaram-se os cânticos (licenciosos), a Talássio ou Talassião, deus romano do casamento (por vezes identificados como Himeneu), enquanto 'ela' se dirigia ao marido" (PIMENTEL *apud* EPIGRAMAS, 2004, p. 123). No último verso, deve-se atentar para o fato de Marcial zombar da incapacidade de Calístrato e Afro terem filhos, coisa comum apenas no casamento entre homem e mulher.

Como se vê, o matrimônio tradicional romano é referenciado a todo o momento, numa tentativa de evidenciar o quão estranha ou imprópria é tal união. No dois últimos versos, Marcial questiona à cidade de Roma se tais práticas já não extrapolaram seus limites, o que sugere que o matrimônio entre Calístrato e Afro não foi um evento localizado na sociedade romana, mas que mereceria a atenção de todos os habitantes da *urbs*.

No caso de Juvenal (c. 55-127), que escreveu suas sátiras em fins do I e inícios do II século, também encontramos menções jocosas ao matrimonia entre homens. Na sua segunda sátira, o poeta traz ataques a Graco, um aristocrata romano recém casado com um trombeteiro. O evento contou com uma grande celebração e um dote de quatro mil sestércios foi oferecido. A cerimônia, como se vê abaixo no verso em destaque, foi reconhecida publicamente e os noivos receberam os votos de felicidades de todos:

> *Quadringenta dedit Gracchus sestertia dotem*
> *cornicini, sive hic recto cataverat aere;*
> ***signatae tabualae, dictum "felicter",*** *ingens*
> *cena sedet, gremio iacuit nova nupta mariti*
> (Juv. 2. 117-120).
>
> Graco ofereceu um dote de quatrocentos mil sestércios a um trombeteiro, ou talvez ele tocasse flauta. **Assinaram o contrato nupcial; foram-lhes desejados os "parabéns".** Muitos convidados se sentam à mesa, no colo de seu marido se senta a recém-casada.

Contudo, o que parece ser algo que Juvenal apenas menciona, logo é criticado alguns versos abaixo. A desaprovação à união entre dois homens emerge quando o

satirista narra uma cerimônia no vale Quirinal na qual um homem toma a outro como marido.

> [...] *interea tormentum ingens nubentibus haeret,*
> *quod nequeant parere et partu retinere maritos.*
> *sed melius, quod nil animis in corpora iuris*
> *natura indulget: sterilis moriuntur, et illis*
> *turgida non prodest condita pyxide Lyde,*
> *nec prodest agili palmas praebere luperco.*
> (Juv. 2.137-142).
>
> [...] Enquanto isso aqueles que tomam seu marido se preocupam enormemente com o sofrimento de não ser capaz de dar à luz e retê-lo com o parto. Mas é melhor do que a natureza não conceda quaisquer direitos às almas dos corpos: morram estéreis e não adianta qualquer coisa com a caixa de pomadas de Lide e nem adianta apresentar as palmas para da mão para ágil Luperco.

Neste excerto o *leitmotiv* para criticar o matrimônio entre homens é o fato de que o casal não poderia ter filhos (verso 138). A crítica continua no verso 140, no qual Juvenal menciona a esterilidade de Lídio. Isso fica ainda mais evidente quando Juvenal cita os rituais lupercos, no último verso. Sobre isso, uma nota de rodapé da versão inglesa das sátiras (LOEB, 1969) esclarece que

> "[...] os *luperci* eram um misterioso sacerdócio que em determinados dias corriam ao redor do pomério vestidos em peles de cabras e batiam em qualquer mulher que eles encontrassem com correias também de pele de cabras com o objetivo de produzir nelas fertilidade." (RAMSAY, 1969, p. 28).[92]

Para Williams (2010), esse excerto é colocado um pouco distante do casamento de Graco para que a sátira não seja exatamente vinculada ao homem que, pela quantia de dinheiro gasto, deveria ser pertencente à elite. Também tem-se que atentar para o fato de que quatrocentos mil sestércios era a quantia necessária para um homem tornar-se senador em Roma. Talvez Juvenal desaprovasse a ideia de doar o montante a indivíduos com o intuito de torná-los senadores. Mesmo que essa tenha sido a intenção do autor, ele faz uso da prática do matrimônio entre homens para desqualificar tal ato.

Essas representações da união entre homens seguindo rituais tradicionais e oficiais usadas por autores latinos são importantes para fornecer um pano de fundo à análise do relacionamento de Nero com Esporo. Os textos de Marcial e Juvenal analisados aqui compreendem um período próximo ao qual *A vida dos doze césares* foi

[92] "[...] the Luperci were a mysterious priesthood who on certain days ran round the pomoerium clad in goat-skins and struck at any woman they met with goat-skin thongs in order to produce fertility."

escrita. Nestas referências observadas, mesmo que brevemente, o que prevalece são duas críticas: ao homem que desempenharia o papel feminino na relação e ao fato de que dois homens não poderiam gerar filhos.

Segundo Williams, "[...] um (talvez *o*) propósito fundamental do casamento formal entre romanos nascidos livres era a produção de crianças legítimas" (2010, p. 280).[93] A palavra *matrimoniun* é derivada de *mater*, o que pode sugerir que o casamento, pelo menos no ideal aristocrático-tradicional, era identificado como a criação de uma mãe, a função básica da esposa nesse tipo de união. E o termo *patrimonium*, por seu turno, é derivado de *pater*, o que pode indicar a propriedade que precisava ser transferida de pai para filho.

> Em suma, o *matrimoniun* pode ser descrito como um contrato privado entre um homem e uma mulher (e suas famílias) que tinha ramificações legais específicas. Um casamento entre dois homens, enquanto pode ter tido o mesmo significado no âmbito privado com um casamento tradicional entre o marido e sua esposa – e pode assim ter permitido entendimentos ou renegociações privadas das estruturas que constrangiam o *vir* – poderia não ter tido o mesmo no espaço público, e, acima de tudo, *status* legal [...] O problema fundamental não era que dois homens uniram-se um ao outro, mas que um homem era pensado necessariamente para desenvolver o papel de noiva. (WILLIAMS, 2010, p. 281)[94]

Tendo isso mente, pode-se passar a análise do casamento do eunuco aqui estudado. Esporo is mencionado por Suetônio em cinca trechos da biografia de Nero. Para os objetivos desta pesquisa o primeiro deles é o mas importante e toma-se a oportunidade para reproduzi-lo em sua totalidade:

> Sem falar das suas relações sexuais com homens livres e das libidinagens com mulheres casadas, deflorou uma virgem vestal, Rúbia. Muito pouco faltou para que não desposasse a sua liberta Ateia. Visando a isso, subornara personagens consulares para que jurassem ser ela oriunda de estirpe real. Esforçou-se, mesmo, por transformar em mulher, arrancando-lhe os testículos, o jovem Esporo. Carregou-o em régia pompa, observando todos os ritos esponsálicos, e o tratou como verdadeira mulher. Não foi sem espírito que alguém, a propósito, asseverou "que o gênero humano estaria bem contente se o

---

93 "[...] uma (perhaps *the*) fundamental purpose of formal marriage between freeborn Romans was the production of legitimate children."

94 In sum, *matrimoniun* can be described as a private contract between a man and a woman (and their families) that had specific legal ramifications. A marriage between two men, while it might have had the same meaning in private as a traditional marriage between husband and wife – and might thus have permitted private understandings or renegotiations of the structures that publicly constrained *viri* – could not have had the same public and, above all, legal status [...] The fundamental problem was not that two men joined themselves to each other, but that one man was thought necessarily to play the role of the bride."

> pai de Nero, Domício, tivesse tido uma semelhante esposa". Paramentou esporo com os adornos das imperatrizes, conduziu-o em liteira e o acompanhou às assembleias e aos mercados na Grécia e, mais tarde, em Roma, as sigilárias, cobrindo-o a cada passo de beijos. Prostituiu seu pudor a tal ponto que, maculados quase todos os membros do seu corpo, imaginou, enfim, como uma espécie de divertimento, cobrir-se com uma pele de fera e fazer-se encerrar num cubículo, de onde se lançava, ao sair, às virilhas de homens e mulheres atados a um poste. Depois de saciada a sua raiva, abandona-se ao seu liberto Dorífero, que chegou a ser sua mulher, como Eporo o fora também: e imitava com gritos e gemidos as virgens que estão sendo violentadas.
>
> *Super ingenuorum paedagogia et nuptarum concubinatus Vestali uirgini Rubriae uim intulit. Acten libertam paulum afuit quin iusto sibi matrimonio coniungeret, summissis consularibus uiris qui regio genere ortam peierarent. Puerum Sporum exectis tetibus etiam in muliebrem naturam ransfigurare conatus cum dote et flammeo per sollemnia nuptiarum celeberrimo officio deductum ad se pro uxore habuit; extatque cuiusdam non inscitus iocus "bene age potuisse cum rebus humanis, si Domitius pater talem habuisset uxorem." Hunc Sporum, Augustarum ornamentis excultum lecticaque uectum, et circa conuentus mercatusque Graeciae ac mox Romae circa Sigillaria comitatus est identidem exosculans.*
> *Suam quidem pudicitiam usque adeo prostituit, ut contaminatis paene omnibus membris nouissime quase genus lusus excogitaret, quo ferae pelle contectus emitteretur e cauea uirorumque ac feminarum ad striptem deligatorum inguina inuaderet et, cum affatim desaeuisset, conficeretur a Doryphoro liberto; cui etiam, sicut ipsi Esporo, ita ipse denupsit, uoces quoque et heiulatus uim patientium uirginum imitatus.*
>
> (Suet. *Nero.* 28; 29.1)

É importante salientar que o excerto acima está alocado na parte do texto em que são narrados todos os vícios, os crimes e luxúria do imperador. O lugar no qual Suetônio insere a história do casamento de Esporo e Nero é uma evidência da desaprovação de tais práticas, além de já apontar o lugar em que os eunucos ocupam no discurso do biógrafo. O enredo compreendido entre os capítulos 26 e 38 são dedicados aos *scelera* de Nero, ou seja, seus crimes. Assim, como Richard Lounsbury (1991) pontua, Suetônio não narra esses eventos numa perspectiva exclusivamente temporal, mas prevalece a narrativa por tipos, ou *per species*: a *petulantia*, a *libido*, a *luxuria*, a *avaritia* e a *crudelitas*.

Ainda vale lembrar que Lounsbury (1991) informa que, dentro do trecho dedicado aos crimes e vícios, Esporo toma um lugar de destaque biografia de Nero. É possível perceber, numa rápida leitura, que a história do escravo castrado tem mais espaço na obra do que outras, como por exemplo: a história sobre Acte, uma liberta com quem

Nero se casou; o estupro que Nero cometeu contra a vestal Rubria; a narrativa acerca do relacionamento incestuoso do imperador com Agripina, sua própria mãe. Como Caroline Vout (2002) sublinha, estas informações não são apenas detalhes, mas mostra que, na construção discursiva sobre a imagem de Nero – imagem esta jocosa, difamadora e, em certa medida, moralista - , Suetônio desejava dar uma atenção especial uma especial atenção a Esporo e seu papel na corte imperial.

No excerto apresentado, assim como nos casos de Juvenal e Marcial analisados acima, termos como *flammeo* (véu) e *dote* (dote oferecida pela família) evidenciam a proximidade da cerimônia narrada por Suetônio do casamento tradicional entre homens e mulheres. K. B. Bradley (1978), em seu comentário acerca da biografia de Nero, reforça que essas menções podem ter sido aí colocadas com o intuito de o autor salientar a estranheza do evento, justapondo os modelos tradicionais do matrimônio à representação da extravagância do enlace entre Nero e Esporo. Segundo Williams (2010), Suetônio usaria tais termos porque Nero desejaria expor a relação até mesmo fora de Roma, e para isso tornou o seu casamento um ato público aos moldes tradicionais.

Dión Cássio (ca. 155-229 d.C) também representa o matrimônio do imperador e do eunuco. Mesmo tendo escrito sua obra em finais do século II d.C, torna-se importante para entender a própria representação feita por Nero.

> Agora Nero chamou Esporo de "Sabina", não meramente porque, devido à sua semelhança com ela teria sido feito eunuco, mas porque o garoto, como a senhora, tinha sido casado solenemente com ele na Grécia, Tigelino introduzindo a noiva, como a lei exigia. Todos os gregos fizeram uma celebração em honra ao seu casamento, proferindo todos os bons desejos habituais e até pedindo para que filhos legítimos pudessem nascer deles. Depois que Nero teve duas concubinas ao mesmo tempo, Pitágoras para desempenhar o papel de seu marido, e Esporo o da esposa. O último, além das outras formas de tratamento, era chamado como "senhora", "rainha", e "amante". (DION CASSIO. 63.13.1).[95]

[95] A tradução do grego para o inglês foi feita por Ernest Cary, com texto estabelecido por Herbert Baldwin Foster, sob a encomenda da Loeb Classical Library. Aqui, traduziu-se o excerto a partir da versão inglesa, que se segue: "Now Nero called Sporus "Sabina" not merely because, owing to his resemblance to her he had been made a eunuch, but because the boy, like the mistress, had been solemnly married to him in Greece, Tigellinus giving the bride away, as the law ordained. All the Greeks held a celebration in honour of their marriage, uttering all the customary good wishes even to extent of praying that legitimate children might be born them. After that Nero had two bedfellows at once, Pythagoras to play the role of husband to him, and Sporus that of wife. The latter, in addition to other forms of address, was termed "lady", "queen", and "mistress".

A partir da obra de Edward Champlin (2003) sabe-se dos casamentos anteriores de Nero. A primeira esposa de Nero foi Otávia, mulher de família nobre. Popea Sabina foi a segunda esposa do imperador, tendo falecido e sido deificada no verão de 65 d.C. No ano seguinte, Nero teria se casado com Messalina; e, no ano de 67, ele formalmente estabeleceu os votos matrimoniais com Esporo.

Suetônio não menciona se Nero realmente se casou com Esporo devido à sua semelhança com Sabina. A comparação entre a segunda esposa de Nero e o escravo castrado feita por Dion Cassio enseja novamente o assunto da inabilidade de Esporo gerar filhos legítimos. Caroline Vout (2007) escreve que Sabina foi um símbolo de fertilidade desde que Otávia não tinha gerado nenhum filho para o casal imperial. Otávia foi condenada à morte por Nero, que precisava de um herdeiro, e o *princeps* iniciou um *affair* com Sabina em 58 d.C. Contudo, a fertilidade de Popeia não foi o suficiente para manter seu casamento e Nero a matou mesmo ela estando grávida, como aponta um dos escritos de Tácito (16. 6).

Se Nero se separou de Otávia devido à sua infertilidade seria, ao mínimo, irônico pensar que ele tenha se casado com Esporo e, depois, com Dorífero: primeiramente, os ex-escravos eram e, em segundo lugar, Esporo tinha se tornado infértil por causa da sua castração. Isso corrobora o argumento de que o eunuco era verdadeiramente parecido com Popeia Sabina e, como Champlin (2003) argumenta, o que fez Nero se casar com Esporo e castrá-lo seria sua paixão imortal por ela. Vout (2007) observa que, nas narrativas antigas sobre a vida de Nero, Nero possuía um gosto extravagante para arte, o que leva a autora a acreditar que Esporo e seu corpo teriam sido a mais grotesca criação de arte do imperador: um homem transformado em mulher e, pior, imperatriz. Vout também informa que na descrição de Esporo feita por Suetônio, especificamente no verso "*Augustarum ornamentis excultum*" (Nero, 28.2), o termo *escultum* sugere uma referência ao mármore e pode significar também "delicadamente trabalhado" ou "cuidadosamente polido". Tais referências podem indicar que o biógrafo queria dar um tom de trabalho artístico (estranho) ao eunuco e sua castração.

O nome de Esporo, assim como o de Earino, também pode indicar mais uma sátira à sua infertilidade. Sobre isso, sabe-se que "Plutarco [*Quaest. Rom.* 103] relata que o adjetivo latino *spurious* se acreditava ter sido derivado de uma palavra sabina supostamente usada como um termo para designar abuso em referência à crianças

ilegítimas." (WOODS, 2009, p.79).[96] Além disso, D. Woods e Edward Champlin argumentam que *Sporos*, a versão grega deste nome, poderia significar *semente* ou *sêmen*. Nessa esteira, "[...] pode não ser para todos os paladares, mas chamar um garoto como boy Esporo após arrancar seus testículos tinha o significado de uma piada" (CHAMPLIN, 2003, p. 149).[97]

A cerimônia narrada por Dión Cássio também carrega uma sátira mordaz ao fato de Nero e Esporo nunca poderem ter filhos. Após o casamento consumado, o seguinte verso "Todos os gregos fizeram uma celebração em honra ao seu casamento, proferindo todos os bons desejos habituais e até pedindo para que filhos legítimos pudessem nascer deles." (DION. CASS. 63.13) sugere que Dion Cássio queria reforçar a anomalia daquela união. Ambos Dion Cassio e Suetônio, afirmam que a cerimônia e a exibição dos recém-casados aconteceram na Grécia, talvez numa tentativa discursiva de distanciar tal prática dos modelos matrimoniais romanos, colocando-os num lugar onde havia também a prática da pederastia.

Contudo, é importante lembrar, que Suetônio relata a volta do casal para Roma, depois de sua jornada à Grécia, e se exibe para os romanos durante as sigilárias. Champlin (2003) e Vout (2002) entendem que a referência à *Sigillaria* situa Esporo, sua castração e seu casamento com Nero num contexto e num sistema simbólico subversivo das saturnálias.

As *Saturnalia* eram um festival que acontecia em dezembro no qual as hierarquias tradicionais romanas eram viradas de cabeça para baixo: escravos eram colocados em liberdade; senhores agiam simbolicamente como escravos; gladiadores e soldados se fantasiavam com roupas das matronas romanas; um "Senhor do Desgoverno" era eleito o rei da comédia por sete dias, dando ordens desregradas. Macróbio, um escritor cristão do quarto século d.C, informa que as *Sigillaria* tomavam lugar nos últimos dias das saturnálias, entre 21 e 22 de dezembro (MACRÓBIO, 1.10.24 apud VOUT, 2002).

Sigillaria era também uma região da cidade de Roma onde eram vendidas objetos de terracota e cera para se presentear amigos, conhecidos e familiares durante as celebrações das *Saturnalias*. Em diverso desses presentes as representações de sacrifícios humanos e mutilações eram bastante comuns (VOUT, 2002). Isso pode

[96] "Plutarch [*Quaest. Rom.* 103] reports that the Latin adjective *spurious* was believed to have been derived from a Sabine word allegedly used as a term of abuse in reference to illegitimate children."

[97] "It may not be to everyone's taste, but calling a boy Sporus after cutting off his testicles was a meant as a joke."

sugerir que a inserção do casamento no contexto das sigilárias ou no bairro *Sigillaria* é uma metáfora para a castração de Esporo devido à imolação ou mutilação da sua masculinidade, feita por ordens de Nero para simplesmente satisfazer à sua luxúria. A sátira é evidente no discurso suetoniano: "Esporo – o homem transforma em mulher, o liberto que se tornou imperatriz – era uma piada para as *Saturnalia*, desfilando nas *Sigillaria*." (CHAMPLIN, 2003, p. 149. Tradução nossa).[98]

* * *

A análise do casamento entre Nero e Esporo pode sugerir que a ordem familiar e sexual romana era construída sobre o casamento entre homens e mulheres. Foi possível inferir que o problema com o matrimônio entre dois homens era fundamentado num sistema de gênero no qual se precisou excluir por meio de sátiras e piadas relacionamentos que não se conformavam a essas regras. O corpo de Esporo foi colocado por Suetônio numa região na qual ele não poderia carregar filhos em seu ventre por não ser uma mulher - apesar dessa ter sido a tentativa de Nero -, mas também não poderia fecundar outra pessoa, uma vez que ele era castrado e, outrossim, seu cônjuge era homem. Mais que ser uma pessoa anômala, seu corpo expõe as normas regulatórias de gênero estabelecidas pelo casamento romano tradicional. Este, por sua vez, foi exposto como uma construção discursiva que aponta para a artificialidade e a historicidade dos papéis de gênero na sociedade romana dessa época.

[98] "Sporus – the man turned into a woman, the freedman become empress – was a joke for *Saturnalia*, paraded around the *Sigillaria*." (CHAMPLIN, 2003, p. 149.).

Conclusão

CONCLUSÃO
ou a sílaba rebelde

sed tu, syllaba contumax, rebellas.
mas tu, teimosa sílaba, rebelde te mostras.
(MARCIAL. Epig. 9.11.12)

O objetivo desta dissertação foi entender como e se os corpos dos eunucos puderam encarnar formas diferentes e opostas às normas regulatórias de gênero na sociedade romana entre os anos de 80 a 121 d.C. Chegando à sua conclusão, este trabalho elenca alguns dos resultados obtidos e procura também refletir sobre as questões colocadas pelo peso do corpo dos eunucos aos romanos e, da mesma forma, a nós.

O primeiro capítulo reviu algumas posições sobre as teorias de gênero e estudos *queer* e colocou o problema da abordagem do corpo dos eunucos. No segundo capítulo, a discussão se voltou para a antiguidade, buscando compreender as formas pelas quais os textos de Estácio Marcial e Suetônio foram construídos, distribuídos e consumidos. Acredita-se que o segundo capítulo pôde criar uma imagem mais ampla das fontes aqui usadas, fortalecendo a análise sobre os eunucos no terceiro capítulo.

A abordagem da ACD permitiu ver imagens, representações e relações de poder em diferentes gêneros literários, como foi evidenciado na pesquisa realizada sobre os epigramas de Marcial, os poemas de Estácio, as biografias de Suetônio e as cartas de Plínio, o Jovem. Nestes quatro autores, o que se tornou muito claro foi a influência de questões políticas sobre suas obras, especialmente em relação à corte imperial. Estácio, Marcial e Suetônio e seus textos foram melhor compreendidos por meio do estudo de Plínio e, consequentemente, pôde-se espiar como a representação que eles construíram dos eunucos foi lida em alguns momentos da História romana.

O conceito de intertextualidade também ajudou a compreender as tensões de gênero presentes nas obras literárias e como o corpo dos eunucos eram vistos, representados e materializados. Para descrever alguns eunucos, as fontes usaram inúmeras referências a outros escritores antigos, como se viu no decorrer do terceiro capítulo. Assim, vê-se o corpo dos eunucos, de forma geral, sempre conectados às imagens produzidas em Catulo 63, principalmente no caso mais óbvio: os *galli* representados por Marcial.

Mas também Estácio recorre às imagens do namorado de Cibele para caracterizar seu personagem de *Silvas* 3.4. Como se notou, a caracterização de Earino seja talvez a que torne seu corpo mais estranho dentre os eunucos estudados aqui. O seu corpo, aparência física e comportamento são comparados a diversos personagens da tradição literária greco-latina: os belos jovens amantes (Hilas, Endimião, Narciso) são relembrados; os *galli*, assim como a figura de Átis, são constantemente colocados ao seu lado; os cupidos de Vênus, criaturas mitológicas assexuadas e com aparência de crianças são usadas para descrevê-lo; a representação do *puer delicatus* Ganimedes é trazida para um local bem próximo da representação de Earino (não só por Estácio, mas também por Marcial). Dessa maneira, Earino é uma espécie de confusão, de mescla de referências intertextuais que se sobrepõem para compor uma imagem que quase nunca se faz nítida, uma anomalia (aumentada pelo relacionamento com Domiciano e Domícia) em termos de corpo e de gênero.

Talvez as referências aos *galli* e a Attis podem ser o maior exemplo nas nossas fontes do uso da intertextualidade como ferramenta para criar um espectro de horror e estrangeirismo sobre os eunucos. Marcial, tanto quanto Estácio, fez conexões extensas entres os eunucos por ele representados com os sacerdotes e o amante de Cibele. Como também visto no terceiro capítulo, estudiosos com Caroline Vout e Carole Newlands ligam essas comparações à influência da obra de Ovídio e, especialmente, Catulo. Isso se deu, pode-se dizer, de forma parecida em Estácio, Marcial e Suetônio, uma vez que o poema 63 de Catulo buscou referências femininas e masculinas para caracterizar Átis.

A intertextualidade poderia ser uma ferramenta, como Vout (2007) sublinha, para inserir o texto numa tradição passada, criando uma impressão de que autores mais antigos teriam usado os mesmos tropos, figuras de linguagem, metáforas, representações e discursos para desqualificar a prática da castração; o relacionamento sexo-afetivo entre homens e eunucos; o matrimônio ocorrido fora dos padrões oficiais.

Nessa esteira, pode-se concluir que a figura do eunuco era um problema que esses autores antigos tinham que lidar. No caso de Earino, Marcial e Estácio foram muito cuidadosos, já que Domiciano era muito próximo tanto dos autores como do eunuco. Criticar um eunuco que era amante do imperador, consequentemente também criticando o próprio *princeps*, era um grande desafio e eles precisaram encontrar caminhos menos comuns para fazê-lo, como a prática da crítica segura para fazer uma laudação que não mostrasse um conflito entre suas crenças (sociais, políticas, religiosas e de gênero) e os atos de Domiciano. Por outro lado, Suetônio escreveu *A vidas dos doze césares* mais de

sessenta anos após a morte de Nero, o que o permitiu escrever críticas deliberadas, com intenções políticas.

Os eunucos, por sua vez, eram também um problema para os romanos em geral. Imperadores, escritores e políticos criaram discursos que ora criticam, ora elogiam o corpo dos eunucos. Ficou óbvio que as críticas eram mais numerosas que os elogios. Entretanto, mesmo quando algum autor escrevia textos para elogiar determinado eunuco eram criados também recursos para afastá-los das identidades, da religião, do casamento e dos corpos (masculinos ou femininos) romanos.

As tentativas de estrangeirização dos eunucos podem ser vistas nos três autores: Estácio afirma que a castração de Earino foi feita no Oriente, conduzida por uma divindade também oriental. Os *galli* são sempre colocados em xeque pelo local de origem de seus cultos, mesmo que Cibele já gozava de bastante aceitação em Roma. Marcial reitera, mais de uma vez, as diferenças entre os rituais religiosos realizados pelos *galli* daqueles realizados por outros sacerdotes. Suetônio faz questão de colocar o casamento de Nero e Esporo próximo às práticas pederásticas gregas.

Dentre as diversas causas que motivaram Estácio, Marcial e Suetônio a fazer tais representações, uma dela parece mais aceitável: os eunucos incomodavam, escarneciam e transbordavam muitas normas (não apenas as de gênero) na sociedade romana e escrever sobre eles significava escrever sobre algo que era reconhecido como abjeto e repugnante.

> Referências antigas aos eunucos expressam a crença de que os eunucos constituíam uma grotesca raça de gênero indeterminado. Fundamentalmente, a castração conferia uma marca de alteridade sobre o castrado: "*tertium... semivirgi enush abent*" (Pliny, H.J. 11, 49). (ROSCOE, 1996, p. 197)

Entende-se, então, que escrever sobre eles era escrever sobre algo excêntrico, diferente, mas de uma forma negativa. Os corpos dos eunucos, a partir das análises feitas, são usados para tornar outros assuntos tão repugnantes como seus corpos e suas experiências. Deve ser por isso que quando Dión Cássio narra a história da disputa pelo trono de Roma entre Otho e Galba, ele faz questão de frisar que os dois lutaram tanto para saber quem herdaria o legado nefasto de Nero que chegaram até mesmo a se apaixonar por Esporo e disputar com quem ele deveria se casar.

Pela análise dos epigramas de Marcial pôde-se ver que os *galli* tinham seus corpos usados para reafirmar preceitos não apenas da identidade masculina, mas também de cidadania e da religião romana. Estes indivíduos são assim desqualificados

pelo discurso de Marcial, expostos à construções ideológicas que sustentavam formas identitárias e privilégios.

Também se tornou evidente que a presença dos eunucos assusta, é estranha, não se encaixa facilmente nos modelos mais bem definidos de masculinidade e feminilidade. Earino talvez seja o caso limítrofe dessa condição desses corpos na sociedade romana: sendo quase que obrigados a tornar o menino castrado e seu relacionamento com o casal imperial algo menos estranho aos leitores. Viu-se, pelo estudo do *corpus* documental que os autores precisavam enunciar os corpos dos eunucos como algo estranho e/ou indesejável, algo que fugia à hegemonia e de alguma forma perturbava a manutenção da mesma. Earino, seu corpo e sua identidade de gênero multifacetada são colocados à serviço da propagação das ideias imperiais, dos privilégios assegurados àqueles que se beneficiariam das representações estabelecidas por Estácio e Marcial. O eunuco, ao mesmo tempo, é retaliado e utilizado pelo "imperialismo" romano. Como Vout afirma, a beleza e a figura divina de Earino construída por Estácio e Marcial não era comum em Roma. Geralmente, as representações de homens emasculados os descreviam "[...] como horrendamente inventados e flácidos, até deformados". (VOUT, 2007, p. 198).[99]

Acredita-se, a partir do estudo, que as maneiras pelas quais o sexo era materializado na sociedade romana daquele tempo estão além das normas regulatórias de gênero. Essas maneiras passavam pelo casamento tradicional: todos os autores analisados, de uma forma ou de outra, expunham críticas às relações matrimoniais que não se alinhassem à norma elitista, sejam tais relações entre dois homens ou entre um homem e um eunuco. Também, derivada desta primeira, a gravidez pode ser identificada como uma das formas pelas quais o sexo era naturalizado em Roma: os eunucos, por não poderem nem engravidar (não eram mulheres), nem serem pais (eram castrados) expõem uma construção discursiva reiterada inúmeras vezes pelas fontes. Por fim, a religião também pode ser vista com uma forma de criar e reificar papeis de gênero e experiências corporais fixas.

Ainda cabe ressaltar que o estudo aqui feito tentou fugir de uma possível colonização que pudesse ser feita pelas fontes e, ao mesmo tempo, buscou não colonizá-las. Nesse sentido, entendemos que as perguntas feitas aos textos permitiram trabalhar metodologicamente as representações dos eunucos, mas também se lembrou que os mesmos textos foram escritos por homens e para homens e, principalmente, financiados

[99] " hideously made-up and flabby, deformed even".

por cidadãos. Ser homem e ser cidadão, como se evidenciou no decorrer do texto, estavam intimamente imbricados no contexto romano.

Cabe perguntar também que tipo de representação de si seria possível se os próprios eunucos deixassem algum relato de suas experiências corporais e identitárias. E, ainda mais, por que nenhum registro desse tipo foi preservado?

Finalmente, tem que se esclarecer que um dos problemas foi justamente não tentar reificar as identidades masculinas e femininas já tão citadas e reiterados por Estácio, Marcial e Suetônio. O maior intento foi visibilizar as experiências dos eunucos, não numa tentativa de pensar um terceiro gênero ou uma identidade para os eunucos, pois isso nada mais seria que uma terceira essencialização. O potencial *queer* dos eunucos reside exatamente em ser dissidência, ser uma descontinuidade em relação aos modelos de homem e mulher. Como escreveu Marcial sobre o nome de Earino, acredita-se que os eunucos eram justamente a sílaba rebelde que teimava em desobedecer às narrativas normalizadoras na antiguidade, sejam elas literárias, sejam elas de caráter sexual e de gênero.

Os textos de Marcial, Suetônio e Estácio, que citam e reiteram corpos e identidades a todo o momento, foram aqui usados para desconstruí-las. A historicização das fontes e suas representações dos eunucos permitiram visualizar existências não essencialistas e não essencializadas pelos autores. Reunindo neste trabalho tais existências, acredita-se que a heterosexualidade como algo natural ou trans-histórico, - construída pela heteronormatividade como um dos maiores monumentos de memória no Ocidente - pode ser minada, exposta às experiências que provam que o masculino e o feminino se formaram, no caso específico analisado nesta dissertação, por meio de exclusões, abjeções e opressões.

Referências

REFERÊNCIAS

- Textos antigos

DIO CASSIUS. **Roman History.** Book LXIII. With an English translation by Earnest Cary, on the basis of the version of Herbert Baldwin Foster. Loeb Classical Library. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1993.

JUVENAL. **The Satires of Juvenal.** Edited and translated by Susanna Morton Braund. Loeb Classical Library. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 2004.

LIVY. **Vol. XI, Books XXVIII-XXXIX.** With an English translation by Evan T. Sage. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London : W. Heinemann, 1936.

MARCIAL, Marco Valério. **Epigramas.** v.I. Lisboa: edições 70, 2000a.

_____. **Epigramas.** v.II. Lisboa: edições 70, 2000b.

_____. **Epigramas.** v.III. Lisboa: edições 70, 2001.

_____. **Epigramas.** v.IV. Lisboa: edições 70, 2004.

_____. **Épigrammes.** Tome I (livres I-VII) Texte établi et traduit par H.J. Izaac. 2ª ed. Paris, Les Belles Lettres, 1961a.

_____. **Épigrammes.** Tome II (livres VIII-XV) Texte établi et traduit par H.J. Izaac. 2ª ed. Paris, Les Belles Lettres, 1961b.

_____. **Epigrams.** Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Vol. I. Loeb Classical Library. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1993a.

_____. **Epigrams.** Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Vol. II. Loeb Classical Library. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1993b.

_____. **Epigrams.** Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Vol. III. Loeb Classical Library. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1993c.

STATI, P. Papini. **Silvae**. New York: Oxford University Press, 1990.

STATIUS, P. P. **Silvae**. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Loeb Classical Library. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 2003.

_____. **The Silvae of Statius.** Tradução de Betty Rose Nagle. Bloomington: Indiana University Press, 2004.

SUETÔNIO. **A vida dos doze césares.** Tradução de Safady-Garibaldi. 3. Ed. São Paulo: Athena, 1959.

_____. **Vies des douze Cesares.** Tome I (César et Auguste). Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Les Belles Letres, 1954.

_____. **Vies des douze Cesares.** Tome II (Tibère, Caligula, Claude et Néron). Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Les Belles Letres.

_____. **Vies des douze Cesares.** Tome III (Galba, Othon, Vitellius, Vespasien et Domitien). Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Les Belles Letres.

_____. **Life of Caesars**. With an English translation by J.C. Rolfe ; introduction by K.R. Bradley. Loeb Classical Library. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1998.

TACITUS. **Annals**. Book XVI. Loeb Classical Library. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1956.

PLINY THE YOUNGER. **Letters and Panegyricus.** With an English translation by Betty Radice. Loeb Classical Library. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1969.

- Referências em geral

AHL, Frederick. The art of safe criticism in Greece and Rome. **American Journal of Philology.**105. 1984. p. 174-208.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz.O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Ano 4, Nº19, Rio de Janeiro, 2009**.** Disponível em: http://tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4973:o-tecelao-dos-tempos-o-historiador-como-artesao-das-temporalidades&catid=36&Itemid=127

_____. História: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007. 256 p.

_____. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, C. J. S; SANTIAGO, I. M. F. L; NUNES, M. L. S. **Gênero e práticas culturais:** desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 23-34. Disponível em http://books.scielo.org/id/tg384/02, acessado em 02 de outubro de 2014, às 18h18min.

ALVAR, Jaime. Escenografia para un recepción divina: la introducción de Cibeles em Roma. In: **Dialogues d'histoire ancienne**, Année 1994, Volume 20, Numéro 1 p. 149–169.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira; prefácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo:** fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. v. I. 309 p.

_____. **O segundo sexo:** a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. II. 501 p.

BIAZOTTO, Renata Lopes. **O viver urbano em Roma:** uma leitura de Plínio o Jovem e Marcial. 283 f. Dissertação (Mestrado em História). Unesp – Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 1993.

BOYLE, A. J. Introduction: reading Flavian Rome. In: BOYLE, A. J; DOMINIK, J. W. **Flavian Rome:** Culture, image, text. Leiden, Netherlands: Brill, 2003. p. 1-67.

BONDIOLI, Nelson de Paiva. **Religião romana nas fronteiras da romanidade:** um estudo sobre a construção e manutenção de identidades romanas durante o principado Júlio-Claudiano. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. Assis, 2014. 148 f.

BRASIL. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil:** ano de 2012. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRADLEY, K. B. **Suetonius' *Life of Nero*: an historical commentary.** Bruxelles: Latomus, 1978.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia:** a Escola dos *Annales* (1929-1989). Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992, 154 p.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; LESSA, Fábio de Souza; THEML, Neyde. **Olhares do corpo.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 208 p.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151- 172.

_____. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

_____. Introduction: acting in concerting. In: _____. **Undoing gender.** New York: Routledge. 2004. p. 1-15.

_____. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu.** 42. jan/jun, 2014. p. 249-274.

CANER, Daniel F. The Practice and Prohibition of Self-Castration in Early Christianity **Vigiliae Christianae**. Vol. 51, No. 4. Nov/1997. p. 396-415.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARLO, Agustin Millares. **Historia de la literatura latina.** México: Fondo de Cultura Económica, 1976. 325 p.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; PINTO, Renato. Introdução: uma breve reflexão a respeito dos estudos sobre o homoerotismo. In: **Métis: história & cultura.** v. 10, n. 20, jul./dez. 2011. p. 7-14.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da História.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 65-119.

CHAMPLIN, Edward. **Nero.** Massachusetts: Harvard University Press, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **À beira da falésia:** a História entre incertezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFGRS, 2002.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 1991, vol.5, n. 11. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext Consultado em 09/08/2011.

CITRONI, Mário. et. al. **Literatura de Roma Antiga.** Tradução de Margarida Miranda, Isaías Hipólito e Walter de Souza Medeiros. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. 1286 p.

COLEMAN, Kathleen M. "Recent scholarship on the *Thebaid* and the *Achilleid*: an overview." In. Statius: **Thebaid** Books 1–7, ed. and trans. by D. R. Shackleton Bailey, 9–37. Loeb Classical Library. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2003.

_____. "Parenthetical remarks in the Silvae." In: **Colloquial and Literary Latin**, ed. by Eleanor Dickey and Anna Chahoud, 292–317. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROUCHER, Karina. Queeryng Near Eastern Archaeology. In: **World Archaeology.** Vol. 37, nº 4. Dec/2005. pp. 610-620. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/40025096. Acessado em 03/10/2013, as 13h26min.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: http://www.priberam.pt/dlpo/. Acesso em: 29/01/2015, às 08h06min.

DEZOTTI, José Dejalma. **O epigrama latino e sua expressão vernácula.** Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). São Paulo: Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1990.

DOMINIK, W. J, NEWLANDS, C. E, GERVAIS, K. (Ed.) **Brill's campanion to Statius.** Leiden; Baston: Brill, 2015.

DOSSE, François. **A história em migalhas:** dos *Annales* à Nova História. Tradução de Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992, 267 p.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?:** movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 304 p.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio: Izabel Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001. 320 p.

FAZENDO GÊNERO 10: desafios atuais dos feminismos. **Anais eletrônicos.** Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/site/anaiscomplementares. Consultado em: 28/01/2015, às 00h21min.

FEITOSA, Lourdes Conde. **Homens e mulheres romanos:** o corpo, o amor e a moral segundo a literatura amorosa do primeiro século (Ovídio e Petrônio). 97 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP. Assis, 1994.

_____. Teoria da História e a questão de gênero na antiguidade clássica. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (Orgs.). **Narrar o passado, repensar a história.** Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2000. p. 235-251.

_____. História, gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia-USP.** São Paulo, 2003, n 13. p. 101-115.

_____. **Amor e sexualidade:** o masculino e o feminino em grafites de Pompeia. São Paulo: Annablume – FAPESP, 2005. 168 p

_____. Gênero e sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. In: **História: questões e debates.** Ano 25, nº 48/49. Curitiba-PR: Editora da UFPR, 2008a. p. 119-135.

_____. Paixão e desejo na sociedade romana: interpretações historiográficas. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; SILVA, Glaydson José da; MARTINS, Adilton Luís (org.). **História Antiga:** contribuições brasileiras. São Paulo: Annablume – FAPESP. 2008b. p. 79-92.

_____. O amor entre iguais: o universo masculino na sociedade romana. In: ESTEVES, Anderson Martins; AZEVEDO, Kátia Teonia; FROHWEIN, Fábio. **Homoerotismo na Antiguidade Clássica.** Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, 2014. p. 137-153.

FEITOSA, Lourdes Conde; GARRAFFONI, Renata Senna. *Dignitas* and *infamia:* rethinking marginalized masculinities in early principate. In: **Stud. hist.**, Salamanca, 28, 2010, p. 57-73.

FEITOSA, Lourdes Conde; RAGO, Margareth. Somos tão antigos quanto modernos? Sexualidade e gênero na antiguidade e na modernidade. In. FUNARI, Pedro Paulo Abreu; RAGO, Margareth (Orgs.). **Subjetividades antigas e modernas.** São Paulo: Annablume, 2008. p. 107-121.

FERREIRA, Antônio Celso. História e Literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares. In: **Pós-História.** Assis, SP, 1995, v. 4. p. 23-44.

_____. A fonte fecunda. In: BASSANEZI, Carla Pinsky; luca, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto: 2009, p. 61-92.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7 ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 1988. 149 p.

_____. **História da sexualidade II:** o uso dos prazeres. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984. 333 p.

_____. **História da Sexualidade III:** o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 246 p.

_____. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. 239 p.

_____. **Microfísica do poder.** Tradução e organização de Roberto Machado. 17ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da (Orgs.). **Amor, desejo e poder na antiguidade:** relações de gênero e representações do feminino. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2003. 390 p.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Representações do corpo nas paredes pompeianas. In: BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; LESSA, Fábio de Souza; THEML, Neyde. **Olhares do corpo.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 167-172.

GARTHWAITE, John. The panegyrics of Domitian in Martial Book 9. **Ramus.** Vol. 22. Nº 1. 1994. p. 78-102.

GIARDINA, Andrea (org.). **O homem romano.** Trad. de Maria Jorge Vilar Figueiredo. Lisboa: Editora Presença, 1992.

GIBSON, Bruce. The High Empire: AD 69–200. In: HARRISON, S. (org). **A companion to Latin literature.** Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2005. p. 69-79.

GIBSON, Roy K. Suetonius and the *uiri illustres* of Pliny the Younger. In: POWER, Tristan; GIBSON, Roy K. (eds). **Suetonius the Biographer:** studies in Roman Lives. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 199-230.

GIBSON, Roy G; MORELLO, Ruth. **Reading the *Letters* of Pliny the Younger:** an introduction. Cambridge: Cambridge University Press. 2012.

GOMES, Gisele Ambrósio. História, mulher e gênero. **Revista Virtú.** Nº 10, jul-dez de 2010. s/p. Disponível em http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-E-G%C3%8ANERO.pdf, Acessado em 10 de setembro de 2014, às 12h44min.

GRIMAL, Pierre. **A civilização romana**. Lisboa: Edições 70, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed., 1 reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 102 p.

HARLAN, David. A História Intelectual e o retorno da Literatura. In: RAGO, M.; GIMENES, R. **Narrar o passado, repensar a História.** Campinas: Ed. Unicamp, 2000, p. 15.

HARRISON, Stephen. Alterating Attis: Ethnicity, Gender and Genre in Catullus 63. **Mnemosyne**, Fourth Series, Vol. 57, Fasc. 5, 2004. p. 520-533.

HARTOG, François. **Evidência da história:** o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme J. Freitas e Jaime A. Clasen. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011. p. 39-42.

HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica grega e latina**. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HEKMA, Gert. Uma história da sexologia: aspectos sociais e históricos da sexualidade. In: BREMMER, Jan (Org.). **De Safo a Sade:** momentos da história da sexualidade. Tradução de Cid Knipel Moreira. Campinas: Papirus, 1995. p. 237-263.

HERDERSON, John. On Pliny on Martial on Pliny on Anon... (Epistles 3.21/Epigrams 10.19). **Ramus.** V. 30. Nº 1. 2001. p. 56-87.

HENRIKSÉN, Christer. Earinus: An Imperial Eunuch in the Light of the Poems of Martial and Statius. **Mnemosyne**, Fourth Series, Vol. 50, Fasc. 3 (Jun., 1997), pp. 281-294.

_____. **Martial, Book IX:** a commentary. Vol. 1. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis. 24:1. 1998.

HESLIN, P. J. **The transvestite Achilles:** gender and genre in Statius' *Achilleid*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2005.

HOWELL, Peter (Ed). **Martial, The Epigrams Book V.** Warminster, UK: Aris & Philips, 1995.

IZAAC, H. J. Introduction. In: MARTIAL, Marcus Valerius. **Épigrammes.** Tome I (livres I-VII) Texte établi et traduit par H.J. Izaac. 2ª ed. Paris, Les Belles Lettres, 1961.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. Documento e História: a memória evanescente. Em PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo, Contexto, 2009. p. 9-27.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira e César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

KUEFLER, Mathew. **The manly eunuch:** masculinity, gender ambiguity, and Christian ideology in the late antiquity. Chicago e Londres: University Chicago Press, 2001.

LAMAS, Marta. Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma. **Proposta.** Nº 84/85. Março/agosto de 2000. p. 12-25.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 313 p.

LEONI, G. D. O período pós-clássico. **A literatura de Roma**. 6ª ed. São Paulo: Safady, 1961. p. 103-126.

LIMA, Danielle Chagas. **Gênero biográfico e historiográfico na Roma antiga:** os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito. 207 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp – Campinas, 2012.

LOUNSBURY, Richard C. *Inter quos et Sporus erat*: the making of Suetonius' 'Nero'. In: HAASE, Wolfang; TEMPORINI, Hildegard (eds.). **Aufstieg und Niedergangder Römischen Welt.**Band II. 33.5. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1991. p. 3748-3779.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. In: **Educação em Revista.** Belo Horizonte, nº 46. p. 201-218. Dez. 2007.

_____. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 96 p.

MARISCAL, Gabriel Laguna. **Estacio, *Silvas* III.** Introducción, edición crítica, traducción y comentario. Madrid: Fundación Pastor de los Estudios Clásicos, 1992.

MYERS, Sara. *Doctia Otia:* garden ownership and configurations of leisure in Statius and Pliny the Younger. **Arethusa.** Vol. 38. 2005. p. 103-129.

MOTA, Bernardo. Estácio, Aquiles e a *Aquileida.* In: NASCIMENTO, Aires A. (Org.). **De Augusto a Adriano:** actas do colóquio de literatura latina. Lisboa: EVPHROSINE/Centro de Estudos Clássicos, Faculdades de Letras de Lisboa. 2002. p. 479-484.

MURISON, Leslie Charles. Cassius Dio on Nerva Legislation (68.2.4): nieces and eunuchs. In: **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte.** Bd. 53, H. 3. 2004. pp. 343-355. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/4436733. Acessado em 15/01/2013, as 09h54min.

NAGLE, Betty Rose. Introduction. **The *Silvae* of Statius.** Bloomington: Indiana University Press., 2004. 244 p.

NEWLANDS, Carole. The eruption of Vesuvius in the *Espistles*of Statius and Pliny. In. MILLER, J.F; WOODMAN, A.J. (eds.) **Latin historiography and Poetry in the Early Empire.** Leiden/Boston: Brill, 2009. p. 105-121.

_____. **Statius' *Silvae* and the poetics of Empire.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002.

OLIVEIRA, Andrea Lúcia Dorini de Oliveira. **Poder e mito:** o Principado na perspectiva da literatura latina (Tácito, Suetônio e Plínio, o Jovem). 147 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis, 1996.

PANTEL, Pauline Schmitt. **História das mulheres no Ocidente:** a Antiguidade. Tradução de Maria Helena Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Cidade do Porto: Edições Afrontamento, 1991. 531 p.

PARATORE, Ettore. **História da literatura latina.** Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1983.

PARRA, Amanda Giacon. **As religiões em Roma no Principado:** Petrônio e Marcial. Dissertação (Mestrado em História). Assis, SP: Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, 2010. 145f.

PEDERZANI, Ombretto. L'imperatore e l'eunuco: note di comento a Stat. *Silv*. 3,4. **Athenaeum.** v. 80, nº1. 1992. P. 79-95.

PEDRO, Joana Maria. Um diálogo sobre mulheres e história. **Revista Estudos Feministas.** Vol.11 nº.2. Florianópolis. Julho/Dezembro. 2003. p. 509-512.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História.** v. 27, nº 54. São Paulo, 2007. p. 281-300

PIMENTEL, Cristina de Souza. Introdução geral. In. MARCIAL, Marco Valério. **Epigramas**. Tradução de Delfim F. Leão; Paulo S. Ferreira e José L. Brandão. v.I. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 9-18.

PINTO, Renato. **Duas rainhas, um príncipe e um eunuco:** gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana. 254 f. Tese (Doutorado em História). IFCH – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2011.

PRIETO, Maria Helena Ureña. **Dicionário de literatura latina**. Lisboa/São Paulo: Verbo, 2006.

POWER, Tristan. Pliny, *Letters* 5.10 and the Literary Career of Suetonius. **JRS.** 100, p. 140-162. 2010.

RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu.** n.11, 1998, p.89-98.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 160 p.

RIBEIRO JR, Benedito Inácio. Estudos *queer* e antiguidade: o caso dos *galli* de Cibele representados por Marcial. In: **Anais do X Ciclo de Estudos Antigos e Medievais; XIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais; V Jornada Internacional de Estudos Antigos e Medievais.** Londrina: UEL, 2014. CD ROM. p. 75-88.

_____. O homoerotismo na antiguidade romana: algumas considerações sobre o debate historiográfico. In: **Caderno de Resumos e Anais do 6º Seminário Brasileiro de História da Historiografia - O giro linguístico: balanços e perspectivas.** 6º Seminário Brasileiro de História da Historiografia - O giro linguístico: balanços e perspectivas, 2012, Mariana. Ouro Preto: EDUFOP, 2012.

ROSCOE, Will. Priests of the Goddess: Gender Transgression in Ancient Religion Author(s). **History of Religions**. Vol. 35, No. 3. Fev/1996. p. 195-230.

SALIBA, Elias Thomé. Pequena história do documento: aventuras modernas e desventuras pós-modernas. Em PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo, Contexto, 2009. p. 309-328.

SALLER, R. *Pater Familias, Mater Familias*, and the Gendered Semantics of the Roman Household. **Classical Philology**. The University of Chicago Press, v. 94, nº 2. p. 182-197. Apr. 1999.

SMOLENAARS, Johannes, VAN DAM, Harm-Jan, NAUTA, Ruurd. **The poetry of Statius.** Leiden: Brill, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da História:** novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 63-95.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995. P. 71-99.

_____. Gender: still a useful category of analysis? **Diogenes.** 57: 7, 2010. p. 7-14. Disponível em: http://dio.sagepub.com/content/57/1/7. Acesso em: 26 de outubro de 2014, às 22h:57min.

SHERWIN-WHITE, A. N. **The Letters of Pliny:** a historical and social commentary. Oxford: Clarendon Press, 1996.

SILVA, Fernando Cândido da. 'Homossexualidade na Bíblia Hebraica ou uma historiografia bicha?'. In: **Trilhas da História.** Três Lagoas, v. 1, nº 1: jul-nov 2011. p. 9-22.

_____. Uma alegoria *queer* para o "Reino dos céus": subversões da metodologia exegética patrística. **Bagoas.** n. 08. 2012. p. 35-52

SMITH, Bonnie. **Gênero e História:** homens, mulheres e prática histórica. Tradução de Flávia Beatriz Rossler. Bauru, SP: EDUSC, 2003. 494 p.

SPARGO, Tamsim. **Foucault e a Teoria Queer.** Tradução de Vladimir Freire – Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2006. 67 p.

STEVENSON, Walter. The rise of eunuchs in Greco-Roman aniquity. In: **Journal of the History of Sexuality.** Vol. 5, nº 4. Abril de 1995, p. 495-511. Disponível em: http://www.jstor.org.stable/4617200. Acessado em 15/11/2012, às 14h33min.

SULLIVAN, J. P. **Martial:** the unexpected classic – a literary and historical study. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TAMANINI, Andréia. *Epula priuata*: Lívia e a performance de gênero na *domus augusti*. **Cadernos NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade.** v 7, nº 1. 2014. p. 12-22.

TELLES, Marcus Vinícius de Moura. O problema da narrativa na historiografia: dos antigos desencontros às recentes convergências. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.** São Paulo, 2011.

VESSEY, David. **Statius and the *Thebaid*.** London: Cambridge University Press, 1973.

VEYNE, Paul. **A sociedade romana.** Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. **Sexo e poder em Roma**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 253 p.

VOUT, Caroline. **Power and eroticism in Imperial Rome.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. Nero and Sporus. In: Jean-Michel, CROISILLE; PERRIN, Yves.**Neronia VI: Rome à l'époque néronienne. Instutions et et vie politique, économie et societé, vie intellectuelle, artistique et spirituelle. Actes du VI Colloque international de la SIEN (Rome, 19-23 mai 1999).** Bruxelles : Éditions Latomus, 2002. p. 493-502.

WHITE, Hayden. **Meta-história:** a imaginação histórica do século XIX. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1992.

WHITE, Peter. The friends of Martial, Statius, and Pliny, and the dispersal of patronage. **Harvard Studies in Classical Philology.** 70: 1975. p. 265-300.

WHITMARSH, Tim. Ancient History Through Ancient Literature. In: ERSKINE, Andrew (Org.). **A companion to ancient history**. Blacwell Publishing. 2009.

WHITTON, Christopher Lyall. **Pliny the Younger:** Epistles Book II. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

WILLIAMS, Craig Arthur. **Martial Epigrams Book Two:** Introduction, Translation, and Commentary. New York: Oxford University Press, 2004.

_____. **Roman homosexuality:** Ideologies of Masculinity in Classical Antiquity. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2010. 471 p.

WOODS, D. Nero and Sporus. **Latomus Revue d'Études Latines.** 68, 2009.p. 73-82.